
JOSHUA HARRIS
CAVE
MAIS FUNDO
O QUE VOCÊ ACREDITA? POR QUE ISSO IMPORTA?

Mais de quarenta anos de tetraplegia têm ressaltado para mim o incomparável valor do conhecer – conhecer realmente – as doutrinas da fé cristã. Este livro revela como a doutrina bíblica é um caminho para que a mente e o coração entendam a Deus. Se você está procurando "aquele único livro" que o impelirá a andar na estrada da fé de um modo que você não andou antes, este é o livro. Eu o recomendo solenemente!

Joni Eareckson Tada, autora,
Fundadora e presidente de
International Disability Center,
Agoura Hills (California)

Neste livro, Joshua Harris, meu amigo há muitos anos, explica os elementos básicos da teologia cristã de uma maneira que todos podemos entender. Se você está cansado de promessas exageradas e quer a verdade essencial, este livro é para você. Enquanto as modas religiosas surgem e desaparecem, as verdades consideradas neste livro permanecem.

Donald Miller,
autor de Blue Like Jazz

Quando o apóstolo Pedro disse: "Humilhai-vos, portanto, sob a poderosa mão de Deus... lançando sobre ele toda a vossa ansiedade, porque ele tem cuidado de vós", ele estava deixando implícito que pessoas humildes são destemidas. Elas têm coragem de manter-se firmes, com humildade, em favor da verdade. Gosto da expressão "ortodoxia humilde". Aprecio muito Joshua Harris. Quando se unem (Joshua e a ortodoxia humilde), como o fazem neste livro, isso resulta em um testemunho proveitoso, humilde e corajoso da verdade bíblica. Obrigado, Joshua, por cumprir tão bem a conversa no escritório de Al Mohler.

John Piper, Presidente de Desiring God
Pastor da Bethlehem Baptist Church,
Minneapolis

Por meio de uma autobiografia vívida, o pastor Harris conduz os leitores em uma jornada pela teologia bíblica sem a qual, ele descobriu tardiamente, não poderia viver. Esta é uma leitura humilhante, inspiradora e revigorante.

J. I. Packer, autor de
O Conhecimento de Deus

Josh diz que este livro é "seu deleitar-se em teologia à sua maneira simples". Depois de lê-lo, posso dizer que é também uma defesa popular da importância da teologia e, ao mesmo tempo, uma introdução a ela. Gostei muito de lê-lo. E minha mente começou imediatamente a pensar em maneiras como eu poderia usar este livro. Josh me deu uma nova ferramenta! É interessante, bem escrito e muito bem ilustrado. Josh foi novamente bem-sucedido em nos dar um livro que é claro, envolvente, direto, consistente, fácil de ler, correto, teocêntrico, equilibrado e engraçado – e tem figuras!

Mark Dever, autor,
pastor principal, Capitol Hill Baptist Church,
Washington DC

Este livro é incrível! É uma consideração tangível e pessoal na teologia. Eu o daria a qualquer cristão que deseja entender a sua fé.

Lecrae, artista hip-hop

Somos dois rapazes que têm sido profundamente abençoados e influenciados pelos livros e exemplo de Josh. Por isso, ficamos entusiasmados com este livro e pela maneira como Deus o usará para transformar uma geração. É uma leitura sincera e cativante. Nele aprendemos coisas sobre nosso Irmão mais velho que nunca aprendemos nos vinte e um anos anteriores! Contudo, o mais importante é que aprendemos coisas a respeito do Salvador que nos fez amar ainda mais profundamente a Ele e a sua Palavra. Obtenha este livro. Leia-o. E junte-se a nós em uma jornada para redescobrirmos aquilo é sempre verdadeiro.

Alex e Bratt Harris, autores de Do Hard Things

No site Boundless, apreciamos ver jovens adultos cultivando um novo desejo de crescer cada vez mais como seguidores de Cristo. Poucos escritores abastecem esse desejo como Joshua Harris. Com humildade, humor e honestidade, este livro mostra a diferença que um fundamento pode fazer – quão vulnerável você pode ser quando o seu fundamento é fraco; e quão transformado você pode ser quando está disposto a aprofundar-se.

Ted Slater, editor, Boundless.org
Focus on the Family



EDITORA FIEL

Cave Mais Fundo
Traduzido do original em inglês
Dug Down Deep por Joshua Harris

Copyright © 2010 by Joshua Harris

Publicado por Multnomah Books, uma marca de Crown Publishing Group, uma divisão de Random House, Inc., 12265 Oracle Boulevard, Suite 200 Colorado Springs, Colorado 80921 USA

Todos os direitos para tradução em outros idiomas devem ser contratados através de: Gospel Literature International - P.O. Box 4060, Ontario, California 91761-1003 USA

A presente edição foi feita com a permissão de Multnomah Books, uma marca de Crown Publishing Group, uma divisão de Random House ,Inc.

Copyright © 2010 Editora Fiel
Primeira Edição em Português: 2011

Todos os direitos em língua portuguesa reservados por Editora Fiel da Missão Evangélica Literária

Proibida a reprodução deste livro por quaisquer meios, sem a permissão escrita dos editores, salvo em breves citações, com indicação da fonte.

Presidente: James Richard Denham III
Presidente Emérito: James Richard Denham Jr.
Editor: Tiago J. Santos Filho
Tradução: Editora Fiel
Revisão: Tiago J. Santos Filho
Diagramação: Layout Produção Gráfica
Capa: Rubner Durais
ISBN: 978-85-8132-009-0

EDITORA FIEL

Caixa Postal 1601
CEP: 12230-971
São José dos Campos, SP
PABX: (12) 3919-9999
www.editorafiel.com.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Harris, Joshua
Cave mais fundo : o que você acredita? por que isso importa? / Joshua Harris ; [tradução Editora Fiel]. -- São José dos Campos, SP : Editora Fiel, 2011.

Título original: Dug down deep.

1. Teologia dogmática - Obras de divulgação
I. Título.

11-14180 CDD-230

Índices para catálogo sistemático:
1. Teologia dogmática : Obras de divulgação
230

Para Emma Grace,

Joshua Quinn e Mary Kate,

Seu pai os ama muito.
Um dia, quando forem mais
velhos, espero que leiam
este livro e entendam o que
escrevi nele para vocês.
Não tenho maior esperança
para cada um de vocês
do que vê-los edificar
sua vida em Jesus.

Sumário

Agradecimentos 11

1 O Meu Rumspringa 15

"Todos somos teólogos. A questão é se o que sabemos a respeito de Deus é verdadeiro."

2 Em que aprendi a cavar 37

"Escavar envolvia uma questão profunda: em que edificarei a minha vida?"

3 Perto, mas não no meu bolso 65

"Deus é totalmente diferente de mim. E isso é totalmente maravilhoso."

4 Rasgando, queimando, comendo 89

"Quando lemos a Bíblia, ela nos abre. Ela nos lê."

5 Deus com um umbigo 119

"Jesus é singular. Ele veio fazer algo que ninguém poderia fazer."

6 Uma maneira de ser bom novamente....151

"Por muito tempo, as novas de que Jesus morreu meus pecados não tinham verdadeiro significado."

7 Como Jesus salvou Greg Eugene Harris.....183

Como a redenção realizada fora de Jerusalém deu vida a um jovem em uma praia da Califórnia?"

8 Mudado, mudando, a ser mudado 223

"A santificação é uma obra; mas é uma boa obra, o privilégio do redimido."

9 O invisível tornado visível 257

"O plano de Deus sempre foi um plano de grupo: Ele se revela por meio de seu povo."

10 Ortodoxia humilde.....289

"Isto é o que reduz a minha arrogância mais rapidamente do que qualquer outra coisa: tentar viver a verdade que possuo."

Agradecimentos

Agradecimentos especiais a...

Steve e Ken e a equipe da WaterBrook Multnomah e da Random House por seu apoio.

Moby Dick's House of Kabob por me alimentar, à Whole Foods e à Kentland's Starbucks pelo espaço para escrever.

Bob e Sharron por tornarem possível aquela manhã na praia.

O amável povo da Covenant Life Church, que torna o pastorado um grande prazer. Agradeço-lhes pela maneira como me apóiam, me encorajam e oram por mim.

Todos os pastores da Covenant Life Church por me permitirem investir o tempo necessário para terminar este livro. Muito obrigado, Kenneth, Gran e Corby, por tudo que fizeram e suportaram durante esse tempo.

Todos aqueles que leram o livro e deram sugestões: Robin, Ken, Greg, Heather, Amy, Josh, Brian, Isaac e Jeff.

C. J. Mahaney pelo papel insubstituível que você desempenhou nesta história.

Eric pela visão de ortodoxia humilde e por estimular-me a escrever.

Justin, que me encorajou três anos atrás, na conferência Together For the Gospel, a "escrever um livro monótono". Bem, aqui está o livro, irmão! E você foi tão gentil, que leu e criticou cada página. Muito obrigado, Lane, por seu apoio gracioso.

John por insistir, no porão da casa de Al, a transformar em livro a mensagem Ortodoxia Humilde.

Mark pelo almoço e a ajuda na preparação do Sumário.

Meus amigos Collin, Justin, Tullian e Greg, que me ouviram falar incessantemente sobre o meu estilo de redação, os títulos e os resumos. Que Deus responda as orações de vocês em Asheville.

Meu editor, David, por permitir-me experimentar, dar-me espaço para escrever de modo diferente e por ter sempre uma visão para a mensagem deste livro. A Carol por seu trabalho de revisão.

Minha assistente, Katharine, por conseguir fazer sua parte, sem reuniões, e crer apaixonadamente neste livro.

Todas as pessoas que oraram por mim enquanto eu escrevia, incluindo os amigos do Facebook e do Twitter.

Sou particularmente grato a mamãe, Tim, Meg, Linda, Raul, Elisabeth, Trisha, a equipe de administração da Covenent Life Church, a família Berry, Donna e Deborah por dizerem-me constantemente que oravam por mim.

Vovó Harris por crer em Jesus durante todos estes anos.

Meu pai pelas conversas tarde da noite e por deixar-me compartilhar sua própria história.

Meus filhos – Emma, Joshua, Quinn e Mary Kate – por se mostrarem empolgados com este livro, falando comigo sobre os títulos, celebrando cada capítulo terminado e perguntando qual era o meu favorito.

Minha amável esposa, Shannon, o amor de minha vida. Obrigado por servir-me, aguentar-me e cuidar de nossos filhos todos os dias. Obrigado por deixar-me ler para você os capítulos mesmo quando você estava bem cansada. O livro está terminado, querida! Agora estou pronto para limpar o porão e ir acampar.

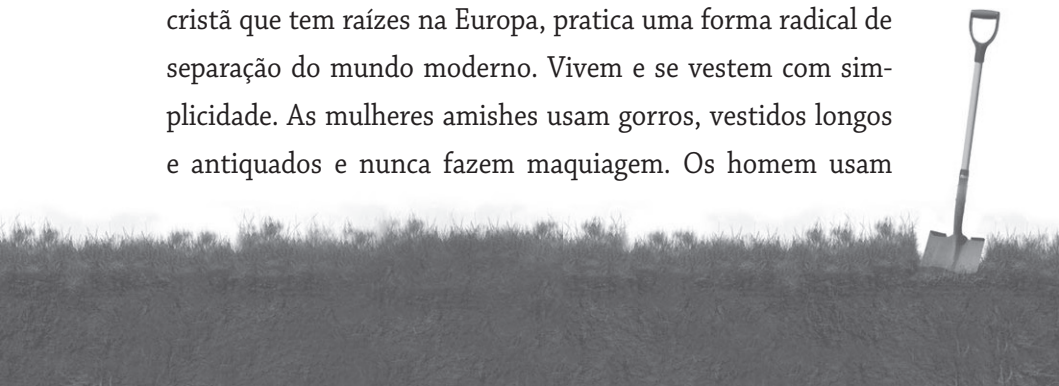
CAPÍTULO 1

O Meu Rumspringa

"Todos somos teólogos. A questão é se o que sabemos a respeito de Deus é verdadeiro."

É estranho ver uma moça amish bêbada. A parelha de um gorro amarrado ao queixo e uma lata de cerveja é bizarra. Se ela estivesse cambaleando com uma jarra de licor caseiro, isso pelo menos combinaria com seu vestido longo e antiquado. Mas, agora, ela não pode se preocupar com isso. Ela está bêbeda.
Bem-vindo ao rumspringa.

Os amishes, um povo que pertence a uma seita religiosa cristã que tem raízes na Europa, pratica uma forma radical de separação do mundo moderno. Vivem e se vestem com simplicidade. As mulheres amishes usam gorros, vestidos longos e antiquados e nunca fazem maquiagem. Os homem usam



chapéus de palha de abas largas, cabelo cortado à tigela e barba completa, com o bigode rapado.

Minha esposa, Shannon, diz às vezes que deseja ser uma amish, mas acho que isso não é verdade. Shannon alimenta sua fantasia amish quando se sente muito complicada ou está cansada de lavar a roupa. Ela acha que o trabalho seria mais fácil se tivesse apenas dois vestidos dentre os quais pudesse escolher e fossem quase idênticos. Já lhe disse que, se quisesse tentar ser uma amish, ela deveria comprar uma calça jeans e cobrir a cabeça por dez minutos, como experiência. Além disso, ela nunca me permitiria ter barba como a dos homens amishes.

Certa vez, Shannon e sua amiga Shelley dirigiram até Lancaster, na Pensilvânia, para ter um fim de semana de compras de móveis e colchas numa região de amishes. Elas ficaram numa pousada que se localizava ao lado de uma fazenda amish. Numa manhã, Shannon conversou com o proprietário da pousada, que vivera entre os amishes toda a sua vida. Ela lhe fez perguntas, esperando obter detalhes românticos sobre a vida simples, movida a carroça. Contudo, em vez disso, ele queixou-se de ter de coletar as latas de cerveja todo fim de semana.

Latas de cerveja?

"Sim", ele disse, "os adolescentes amishes deixam as latas em todos os lugares". Foi nessa ocasião que ele contou a Shannon a respeito do rumspringa. Os amishes crêem que, antes de um jovem resolver comprometer-se com a igreja amish, como

adulto, o rapaz ou a moça deve ter a chance de explorar livremente os deleites proibidos do mundo exterior. Portanto, aos dezesseis anos de idade, tudo muda para os adolescentes amishes. Eles deixam a ordenha e o cantar hinos e passam a viver como estrelas de rock devassas.

Na língua alemã da Pensilvânia, *rumspringa* significa, literalmente, "correr ao redor". É uma época de fazer qualquer coisa e tudo que você quer sem nenhuma regra. Durante esse tempo – que pode durar entre dois meses e vários anos – todas as restrições da igreja amish são suspendidas. Os adolescentes são livres para comprar em shoppings, fazer sexo, usar maquiagem, jogar videogames, consumir drogas, usar celulares, vestir-se como quiserem, comprar e guiar carros. Entretanto, o que eles parecem apreciar muito durante o *rumspringa* é reunirem-se no celeiro de alguém, ouvir música estridente e beber até caírem no chão. Cada semana, disse o homem a Shannon, ele tinha de recolher as latas de cerveja espalhadas ao redor de sua propriedade, depois das festas barulhentas dos amishes, que duravam toda a noite.

Quando Shannon voltou para casa, depois do final de semana em Lancaster, suas aspirações amishes diminuíram consideravelmente. O quadro de lindas mocinhas amishes dando-se à embriaguez tirou o brilho de sua visão idealistas quanto à vida amish. Completamos sua desilusão quando alugamos um documentário intitulado *Devil's Playground*

(o parquinho do Diabo), sobre o rito do rumspringa. A diretora de filmes Lucy Walker gastou três anos fazendo amizades, entrevistando e filmando adolescentes amish, enquanto eles exploravam o mundo exterior. Foi nesse documentário que vimos a moça amish bêbada cambaleando em uma festa de celeiro. Aprendemos que muitas moças continuam vestindo-se como amishes, enquanto se divertem nas festas – como se as suas roupas fossem uma garantia de retorno à segurança, enquanto elas exploram a vida no lado selvagem.

No documentário, Faron, um rapaz extrovertido e magro, é viciado em metanfetamina e vende drogas. Depois de Faron ser detido pela polícia, ele entrega os traficantes rivais. Quando a sua vida é ameaçada, Faron volta para casa dos pais e tenta começar a vida novamente. A fé amish é uma boa religião, ele diz. Ele quer ser amish, mas seus velhos hábitos continuam a arrastá-lo.

Uma moça chamada Velda luta com depressão. Durante o rumspringa, ela achava as festas vazias, mas, depois de se unir à igreja, não podia imaginar viver o resto de sua vida como uma mulher amish. "Deus fala comigo num ouvido, e Satanás, no outro", diz Velda. "Uma parte de mim quer ser como meus pais, a outra parte quer os jeans, o corte do cabelo – fazer o que desejo."[1] Quando fracassou em convencer seu noivo a

1 Velda, citada em "The Devil's Playground", 21C Magazine. Disponível em: <www.21cmagazine.com/issue1/devils_playground.html>.

abandonar a igreja, ela rompeu o noivado um mês antes do casamento deixou a fé amish para sempre. Como resultado, Velda foi excluída por sua família e por toda a comunidade. Sozinha, mas determinada, ela começou a cursar a faculdade.

A história de Velda é uma exceção. Entre 80% e 90% dos adolescentes amishes decidem retornar à igreja amish, depois do rumspringa.[2] Em um momento do filme, o jovem Faron comenta prudentemente que o rumspringa é como uma vacinação para os adolescentes amishes. Eles se deleitam nos piores aspectos do mundo moderno por tempo suficiente para deixá-los com nojo do mundo. Assim, fatigados e entediados, eles voltam ao reconfortante, familiar e seguro mundo da vida amish.

Sei o que significa lutar com questões de fé. Sei o que significa misturar a fé com tradições familiares a ponto de ser difícil distinguir entre um genuíno conhecimento de Deus e o conforto em um modo de vida familiar.

Cresci em uma familiar cristã evangélica. Uma família que era bastante conservadora. Sou o mais velho de sete filhos. Nossos pais nos derem educação escolar em casa, nos criaram sem televisão e acreditavam que a maneira de namorar antiga era melhor do que o namoro moderno. Os amigos de nossa vizinhança talvez até pensassem que nossa família

2 Tom Shachtman, . *Rumspringa:* to be or not to be an amish. New York: North Point, 2006. p. 251.

era amish, somente não conheciam algumas das realidades de famílias cristãs conservadoras que realizavam a escolarização doméstica. A verdade é que nossa família era mais liberal do que muitas outras que realizavam a escolarização doméstica. Assistíamos a filmes, podíamos ouvir música rock (contanto que fosse cristão ou dos Beatles) e podíamos ter brinquedos de Star Wars ou Transformers.

No entanto, assim mesmo, durante o ensino médio, eu ultrapassava as restrições de meus pais. Isso não significa que minha inconstância espiritual era chocante. Duvido que os adolescentes amishes ficariam impressionados com o meu envolvimento nos prazeres mundanos. Nunca usei drogas. Nunca fiquei bêbado. As piores coisas que fiz foram roubar revistas pornográficas, sair de casa escondido à noite com um amigo da igreja e namorar várias moças sem o conhecimento de meus pais. Embora minha rebelião tenha sido branda, em comparação, não foi a virtude que me guardou do pecado. Foi a falta de oportunidades. Estremeço de pensar no que faria se tivesse um tempo de rumspringa aprovado pelos pais.

O fato determinante é que a fé de meus pais não era a minha fé. Eu sabia como operar o sistema, conhecia o linguajar cristão, mas o meu coração não estava naquilo. Meu coração estava centrado em aproveitar o momento.

Recentemente, um de meus amigos conheceu alguém que

me conhecia no início do ensino médio. "O que ela recordava de mim?", perguntei.

"Ela disse que você era louco por moças, cheio de si mesmo e imaturo", respondeu meu amigo.

Sim, ela me conhecia, eu pensei. Não foi bom ouvir isso, mas eu não podia argumentar. Eu não conhecia nem temia a Deus. Não tinha qualquer desejo de conhecê-lo.

Para mim, a fé cristã era mais um conjunto de padrões morais do que confiança e descanso em Jesus Cristo.

No início dos meus vinte anos, vivenciei uma fase de culpar a igreja que eu frequentava por todas as minhas deficiências espirituais. As megaigrejas evangélicas são bons sacos de pancada.

Meu raciocínio era mais ou menos assim: sou espiritualmente superficial porque a pregação do pastor tem sido superficial. Não me envolvia por completo com a igreja porque eles não faziam o bastante para cativar minha atenção. Eu era um hipócrita porque todos os outros também o eram. Eu não conhecia a Deus porque eles não proviam programas suficientes; ou porque não proviam os programas corretos; ou, talvez, porque tinha programas demais.

Tudo que eu sabia é que a culpa era dos outros.

Culpar a igreja por nossos problemas ocupa o segundo lugar somente em relação ao procedimento, popular e fácil culpar os pais por tudo que dá errado conosco. Todavia, quanto

mais velho me torno, tanto menos faço ambas as coisas. Espero que isso seja, em parte, consequência da sabedoria que vem com a idade. Contudo, estou certo de que isso se dá também porque agora sou tanto pai como pastor.

Na igreja que pastoreio (a qual eu amo), alguns jovens adultos me fazem recordar a mim mesmo quando estava no ensino médio. São jovens de igreja que sabem tanto a respeito da religião cristã, porém sabem muito pouco a respeito de Deus. Alguns são passivos, completamente ambíguos em relação às coisas espirituais. Outros estão se afastando ativamente de sua fé – aborrecidos da autoridade de seus pais, amargurados quanto a uma regra ou diretriz, contando os minutos até que atinjam os dezoitos anos e possam desaparecer. Outros, não avançando de modo algum, mas permanecendo apenas para manter a aparência. Para eles a igreja era um grupo social.

É estranho estar no outro lado agora. Quando eu oro por um jovem, homem ou mulher que está se afastando de Deus; quando me levanto para pregar e me sinto incapaz de mudar um único coração; quando assento e aconselho as pessoas e parece que nada do que eu digo os removerá do pecado, lembro-me dos pastores sob cujo ministério estive em meus anos de adolescência. Devem ter trabalhado muito em sermões pensando em estudantes como eu.

Percebo agora que eles estavam fazendo o melhor que sabiam. Contudo, na maior parte do tempo, eu não os ouvia.

Durante os meus anos de ensino médio, gastei muito do tempo dos sermões dominicais passando bilhetes, examinando as garotas e desejando ser dois anos mais velho e dez centímetros mais alto, para que uma moça ruiva chamada Jenny parasse de pensar em mim como seu "pequeno irmão". Mas isso não aconteceu.

Na maior parte do tempo, eu vagueava por igrejas adultas. Como muitos dos adolescentes nas igrejas evangélicas, encontrava meu senso de identidade e comunidade no universo paralelo do ministério de jovens. Nosso grupo de jovens era engrenado para ser barulhento, ativo e engraçado. Era modelado segundo o exemplo da grande e influente Willow Creek Community Church, fora de Chicago. O objetivo era simples: exibir um show, trazer jovens à igreja e deixá-los ver que os cristãos são legais, que Jesus é legal. Tínhamos de provar que ser um cristão é, em contrário à idéia popular e a algumas passagens incômodas da Bíblia, muito divertido. Admitamos, não é tão divertido como festejar e fazer sexo, mas, apesar disso, é bem divertido.

Toda quarta-feira à noite, nosso grupo de mais de quatrocentos estudantes se dividia em equipes. Competíamos uns contra os outros e ganhávamos pontos por trazer convidados. Sendo alguém que estudava em seu próprio lar, eu era completamente inútil na categoria "trazer amigos da escola". Portanto, eu tentava compensar essa deficiência trabalhando

na equipe de dramatização ou na equipe de vídeo. Matt, companheiro de equipe, e eu escrevemos e encenamos esquetes para complementar as mensagens do pastor. Infelizmente, nosso conceito de complementar implicava apresentar esquetes que não estavam nem remotamente conectadas com a mensagem do pastor de jovens. O fato de que Matt era parecido com Brad Pitt assegurava que nossas esquetes seriam bem recebidas (pelo menos pelas moças).

O ponto alto de minha carreira no grupo de jovens aconteceu quando o pastor descobriu que eu sabia dançar e me pediu que fizesse uma personificação de Michael Jackson. O álbum *Bad* (Mau) acabara de ser lançado. Eu o comprei, aprendi todos os movimentos da dança e, quando a apresentei – como posso dizer isso com humildade? –, impressionei todas as pessoas. *Fui* mau (no bom sentido da palavra). A multidão ficou absolutamente louca. A música soava, as moças gritavam e me agarravam, em adulação, enquanto eu dançava com movimentos deslizantes dos pés e das pernas e simulava entoar com os lábios uma das mais estúpidas canções já escritas. Amei cada minuto da apresentação.

Olhando para trás, não me orgulho daquela apresentação. Eu me teria sentido melhor no que diz respeito ao meu momento *mau* se o sermão daquela noite tivesse sido sobre a depravação do homem ou algo que estivesse levemente relacionado com a apresentação. Contudo, não houve nenhuma conexão. Uma coisa não tinha qualquer relação com a outra.

Para mim, dançar como Michael Jackson, naquela noite, tornou-se uma incorporação de minha experiência num grupo de jovens, evangélico, grande e orientado por busca de interessados. Foi divertido, causou entretenimento, foi culturalmente inteligente (na ocasião) e teve muito pouco a ver com Deus. Infelizmente, tenho de dizer, gastei mais tempo estudando a dança de Michael Jackson para aquele compromisso do que o tempo que até então me fora pedido investisse em estudar sobre Deus.

É claro que isso foi primariamente culpa minha. Eu estava fazendo o que desejava fazer. No grupo de jovens, havia outros que foram mais maduros e cresceram mais espiritualmente durante seu tempo no grupo. Também não posso duvidar das boas intenções de nosso pastor de jovens. Ele tentava manter o equilíbrio entre manter os jovens frequentando a igreja e ensiná-los.

Talvez eu não me teria interessado por jovens se não tivesse sido incluído em diversão, jogos e um bom grupo. Mas ainda desejo que alguém esperasse mais de mim –de todos nós.

Eu teria ouvido? Não sei. Contudo, sei que uma visão clara de Deus, do poder de sua Palavra e do propósito da vida, morte e ressurreição de Jesus se perderam para mim em meio a todo aquele brilho e diversão.

Na Bíblia, há uma história sobre um jovem rei chamado Josias, que viveu por volta de 640 a.C. Acho que Josias talvez

se relacione comigo – ser religioso, mas ignorante quanto a Deus. A geração de Josias havia perdido a Palavra de Deus. Não estou dizendo isso apenas de modo figurado. Eles perderam *literalmente* a Palavra de Deus. Parece ridículo, mas eles tinham extraviado a Palavra de Deus.

Se você pensar nisso, reconhecerá que não era algo trivial. Não estamos falando de um par de óculos nem de um molho de chaves. O Criador do universo se comunicou com a humanidade por meio do profeta Moisés. Ele deu a sua lei. Revelou como ele era e o que desejava. Tudo isso foi cuidadosamente registrado em um rolo. Então, esse rolo, que era sobremodo precioso, foi guardado no templo santo. Tempos depois esse rolo foi extraviado. Ninguém sabe como. Talvez um sacerdote descuidado o pegou e o colocou em um lugar obscuro.

No entanto, eis o fato realmente triste: ninguém observou que o rolo estava ausente. Nenhuma busca foi realizada. Ninguém procurou debaixo do sofá. O rolo sumiu e ninguém se importou. Por décadas, aqueles que usavam o título de "povo de Deus" não tiveram realmente comunicação com ele.

Eles usavam suas vestes sacerdotais, cumpriam suas tradições em seu lindo templo, e ensinavam suas mensagens que eram tão sábias, tão discernentes, tão inspiradoras.

Entretanto, tudo isso era apenas um bafejo de ar quente, nada mais do que as opiniões deles mesmos. Ritual vazio. As vestes deles eram costumes, e seu templo era um concha vazia.

Essa história me alarma porque mostra que é possível toda uma geração viver contente no aspecto da religião e, ao mesmo tempo, ter perdido o verdadeiro conhecimento de Deus.

Quando falamos sobre o conhecimento de Deus, estamos falando sobre teologia. Em palavras simples, teologia é o estudo da natureza de Deus – quem ele é e como ele pensa e age. Mas a teologia não está no topo da lista de interesses diários de muitas pessoas.

Meu amigo Curtis diz que muitas pessoas de hoje pensam somente em si mesmas. Ele chama isso de "ego-logia". Acho que é verdade. Sei que era verdade a respeito de mim e ainda pode ser. É mais fácil ser um perito naquilo que penso, sinto e quero do que dedicar-me ao conhecimento de um Deus invisível, criador do universo.

Outros vêem a teologia como algo que deve interessar apenas aos pastores e aos eruditos. Eu costumava pensar dessa maneira. Considerava a teologia como uma desculpa que todos os tipos de intelectuais do mundo usavam para acrescentar tarefas escolares ao cristianismo.

Entretanto, aprendi que isso não é verdade. A teologia não é apenas para certo grupo de pessoas. De fato, é impossível alguém escapar da teologia. Ela está em todo lugar. Todos nós estamos constantemente "fazendo" teologia. Em outras palavras, todos nós temos alguma idéia ou opinião sobre quem

é Deus. Ophra faz teologia. A pessoa que diz: "Não posso acreditar em um Deus que manda pessoas para o inferno" está fazendo teologia.

Todos temos algum nível de conhecimento. Esse conhecimento pode ser muito ou pouco, bem instruído ou mal instruído, verdadeiro ou falso, mas todos nós temos algum conceito de Deus (ainda que seja o de que ele não existe). E todos nós alicerçamos nossa vida no que pensamos sobre o que Deus é.

Portanto, quando eu dançava girando como Michael Jackson no grupo de jovens, estava sendo um teólogo, ainda que não prestasse atenção na igreja, ainda que não estava preocupado com Jesus e em agradá-lo, ainda que estava mais preocupado com minha namorada e com a popularidade. Admito que fui um péssimo teólogo – meus pensamentos sobre Deus eram obscuros e frequentemente ignorantes. Contudo, eu tinha um conceito de Deus que direcionava a maneira como eu vivia.

Cheguei a aprender que a teologia é importante. É importante não porque desejamos obter uma boa nota em um teste, e sim porque o que sabemos a respeito de Deus muda nossa maneira de pensar e viver. O que você crê sobre a natureza de Deus – o que ele é, o que ele quer de você, e se você corresponderá ou não a ele – afeta cada parte de sua vida.

A teologia é importante porque, se temos uma teologia errada, toda a nossa vida será errada.

Sei que a idéia de "estudar" sobre Deus afeta as pessoas de modo errado. Parece fria e teórica, como se Deus fosse um cadáver de um sapo a ser dissecado em um laboratório ou um conjunto de idéias que memorizamos como provas de matemática.

No entanto, o estudo sobre Deus não deve ter essa conotação. Você pode estudá-lo como estuda um pôr-do-sol que o deixa sem palavras. Pode estudá-lo como um homem estuda a esposa que ele ama apaixonadamente. Alguém o culpa por observar tudo que ela gosta ou não gosta. Ele é insensível se deseja conhecer os desejos e os anelos do coração dela ou quer ouvi-la falar?

Conhecer não precisa ser algo frio ou sem vida. E, quando você pensa nisso, qual é exatamente a nossa alternativa? Ignorância? Falsidade?

Ou estamos edificando nossa vida sobre a realidade do que Deus é verdadeiramente ou a estamos alicerçando sobre nossa imaginação e conceitos errados.

Todos somos teólogos. A questão é se o que sabemos a respeito de Deus é verdadeiro.

Nos dias do rei Josias, a teologia estava complemente bagunçada. Isso não é surpreendente. Pessoas haviam perdido as palavras de Deus e esqueceram rapidamente como era o verdadeiro Deus.

O rei Josias era um contemporâneo do profeta Jeremias.

As pessoas chamaram Jeremias de profeta chorão, e havia muitas razões por que chorar naqueles dias. Jeremias disse: "Coisa espantosa e horrenda se anda fazendo na terra: os profetas profetizam falsamente, e os sacerdotes dominam de mãos dadas com eles; e é o que deseja o meu povo" (Jr 6.30-31).

Visto que o povo aprendeu a amar suas próprias mentiras sobre Deus, perdeu sua habilidade de reconhecer a voz dele. "A quem falarei e testemunharei, para que ouçam?", perguntou Deus. "Eis que os seus ouvidos estão incircuncisos e não podem ouvir; eis que a palavra do Senhor é para eles coisa vergonhosa; não gostam dela" (Jr 6.10).

As pessoas esqueceram-se de Deus. Perderam o gosto por suas palavras. Esqueceram o que ele tinha feito por elas, o que lhes ordenava e o que lhes ameaçava se desobedecessem. Por isso, começaram a inventar deuses para si mesmas. Os deuses que elas fabricaram lhes permitiam viver como quisessem. Era a "ego-logia" disfarçada de teologia.

Os resultados não foram agradáveis.

Teologia bagunçada leva a um viver bagunçado. A nação de Judá parecia um daqueles reality shows detestáveis que apresentam uma casa cheia de pessoas mal vestidas que dormem em qualquer lugar, traem uns aos outros e tentam vencer para ganhar dinheiro. Imoralidade e injustiça estavam em toda parte. Os ricos pisoteavam os pobres. As pessoas substituíam a adoração a Deus por adoração de divindades pagãs que exigiam

orgias religiosas e sacrifício de crianças. Todos os aspectos da sociedade, desde o casamento e o sistema jurídico até à religião e a política, estavam corrompidos.

A parte surpreendente na história de Josias é que, em meio a toda a distorção e corrupção, ele escolheu buscar a Deus e obedecer-lhe. E fez isso quando ainda era jovem (talvez quando ainda era adolescente). As Escrituras o descrevem assim: "Fez ele o que era reto perante o Senhor, andou em todo o caminho de Davi, seu pai, e não se desviou nem para a direita nem para a esquerda" (2 Rs 22.2).

O profeta Jeremias chamou o povo ao mesmo caminho reto de verdadeira teologia e obediência humilde:

> "Assim diz o Senhor:
> Ponde-vos à margem no caminho e vede,
> perguntai pelas veredas antigas,
> qual é o bom caminho; andai por ele
> e achareis descanso para a vossa alma" (Jr 6.16).

Nas palavras de Jeremias vemos uma descrição da vida do rei Josias. A geração de Josias estava deixando-o rapidamente para trás, precipitando-se nos caminhos fáceis da religião criada por homens, da injustiça e da imoralidade.

Eles não pararam para procurar um caminho diferente.

Não pararam para considerar onde terminava o caminho fácil.

Não perguntaram se havia um caminho melhor.

Mas Josias parou. Ficou na encruzilhada e considerou. E perguntou por algo que toda uma geração havia negligenciado e esquecido completamente. Ele perguntou pelas veredas antigas.

Quais são as veredas antigas? Quando o profeta Jeremias usou essa expressão, no Antigo Testamento, estava descrevendo a obediência à lei de Moisés. Hoje, porém, as veredas antigas foram transformadas pela vinda de Jesus Cristo. Ora, vemos que essas veredas antigas levavam, por fim, a Jesus. Temos não somente a verdade para obedecer, mas também uma pessoa em quem devemos crer – uma pessoa que obedeceu perfeitamente a lei e que morreu na cruz em nosso lugar.

No entanto, assim como nos dias de Jeremias, as antigas veredas ainda representam a vida baseada no verdadeiro conhecimento de Deus – o Deus que é santo, que é justo, que é cheio de misericórdia para com os pecadores. Andar nas veredas antigas ainda significa relacionar-se com Deus nos termos dele. Ainda significa receber sua auto-revelação e obedecer-lhe com humildade e temor.

Assim como o fez nos dias de Josias, de Jeremias e de cada geração após eles, Deus nos chama a andar nas veredas antigas. Ele nos convoca a retornar à teologia verdadeira. Ele nos chama, como Jeremias chamou o povo de Deus, a nos comprometermos de novo com a ortodoxia.

A palavra *ortodoxia* significa, literalmente, "opinião certa". No contexto da fé cristã, ela é uma forma de lhe dizer a acertar os seus pensamentos e opiniões a respeito de Deus. Ela significa ensinos e crenças alicerçadas nas verdades da fé, estabelecidas, provadas e amadas. São verdades que não mudam. São ensinadas claramente na Escritura e afirmadas nos credos históricos da fé cristã:

> Há um único Deus, que criou todas as coisas.
> Deus é trino: Pai, Filho e Espírito Santo.
> A Bíblia é a Palavra de Deus inerrante para a humanidade.
> Jesus é o eterno Filho de Deus, que nasceu de uma virgem.
> Jesus morreu como substituto dos pecadores, para que eles sejam perdoados.
> Jesus ressuscitou dos mortos.
> Jesus voltará um dia, para julgar o mundo.

As crenças ortodoxas são as únicas que os verdadeiros seguidores de Jesus têm reconhecido desde o começo e mantido através dos séculos. Ignore uma delas, e você ficará com algo que não corresponde com a crença do cristianismo histórico.

Quando assisti ao documentário sobre o rito amish do rumspringa, o que se destacou para mim foi a maneira como os adolescentes amishes processavam a decisão de unirem-se ou não à igreja amish. Com poucas exceções, a decisão

pareceu não ter qualquer relação com Deus. Eles não examinaram as Escrituras para verificar se o que sua igreja ensinava sobre o mundo, o coração humano e a salvação era verdadeiro. Eles não estavam lidando com teologia. Não estou sugerindo que os amishes não têm uma fé e confiança genuína em Jesus. Mas, para os adolescentes mostrados no documentário, a decisão era, em grande parte, uma questão de escolher uma cultura e um estilo de vida. Isso lhes dava um senso de pertencer. Em alguns casos, dava-lhes um trabalho estável ou lhes permitia casarem-se com a pessoa que desejavam.

Pergunto-me quantos jovens de igrejas evangélicas são como os amishes. Muitos de nós não somos instruídos teologicamente. A verdade sobre Deus não nos define nem nos molda. Temos crescido em uma cultura religiosa. E esta cultura, com seus rituais, música e valores morais, representa frequentemente o cristianismo mais do que o representam crenças específicas a respeito de Deus.

Cada nova geração de cristãos tem de fazer esta pergunta: o que estamos realmente escolhendo, quando escolhemos ser cristãos? Assistir às histórias dos adolescentes amishes ajudou-me a entender que um retorno à ortodoxia tem de ser mais do que um retorno a um modo de vida ou a tradições amadas. É claro que a fé cristã leva a vivermos de maneiras específicas e nos leva a unir-nos a uma comunidade específica. E envolve tradição. Tudo isso é bom. É importante.

Contudo, tem de ser mais do que tradição. Tem de ser relacionado a uma pessoa – a pessoa viva e histórica de Jesus Cristo.

A ortodoxia é importante porque a fé cristã não é apenas uma tradição cultural ou um código moral. A ortodoxia é verdades imutáveis sobre Deus e sua obra no mundo. Nossa fé não é um estado mental, uma experiência mística ou conceitos das páginas de um livro. Teologia, doutrina, ortodoxia são importantes porque Deus é real e tem agido em nosso mundo. E suas ações têm significado hoje e por toda a eternidade.

Para muitas pessoas, palavras como *teologia, doutrina* e *ortodoxia* são quase totalmente sem sentido; talvez, desagradáveis e, até, repelentes.

Teologia parece entediante.

Doutrina é algo sobre o que as pessoas rudes contendem.

E ortodoxia? Muitos cristãos teriam dificuldade em dizer qualquer coisa além de que a ortodoxia traz à mente imagens de igrejas antigas guardadas por homens idosos e de poucos cabelos que são ranzinzas e zangados.

Posso relacionar-me com essa perspectiva. Já fiz parte dela. Mas descobri que meu preconceito, minha "alergia à teologia" era infundada.

Este livro é a história de como vislumbrei a beleza da teologia cristã. Estas páginas são como que as anotações do diário de minha jornada espiritual – uma jornada que levou-me à compreensão de que sã doutrina está no centro do amar

a Jesus com paixão e autenticidade. Desejo compartilhar como aprendi que ortodoxia não é somente para homens velhos que anelam contemplar a Deus, que é maior, mais real e mais glorioso do que a mente humana possa imaginar.

A ironia de minha história é esta: as coisas que eram necessárias em meu relacionamento com Deus, e pelas quais eu anelava, estavam inseridas nas próprias coisas das quais eu tinha certeza de que não me fariam qualquer bem. Eu não entendia que palavras aparentemente desgastadas como *teologia, doutrina* e *ortodoxia* eram o caminho para a maravilhosa experiência, cheia de temor, de conhecer verdadeiramente a Jesus Cristo.

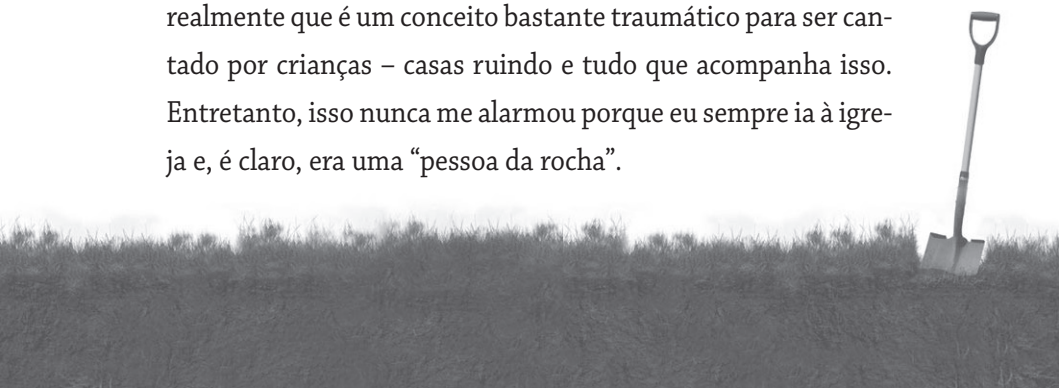
Elas contam a história da Pessoa que eu anelava conhecer.

CAPÍTULO 2

Em que aprendi a cavar

"Escavar envolvia uma questão profunda: em que edificarei a minha vida?"

Você lembra a história que Jesus contou sobre o construtor sábio e o construtor insensato? O homem sábio cavou o solo e edificou sua casa sobre a rocha. Quando veio a tempestade, a sua casa se manteve firme. O homem insensato edificou sua casa sobre a areia. Quando os ventos e a chuva chegaram, a casa foi destruída. Quando éramos crianças, costumávamos cantar essa história na Escola Dominical, completa, com movimentos das mãos. Agora, quando penso neste assunto, acho realmente que é um conceito bastante traumático para ser cantado por crianças – casas ruindo e tudo que acompanha isso. Entretanto, isso nunca me alarmou porque eu sempre ia à igreja e, é claro, era uma "pessoa da rocha".



Pelo menos, isso era o que eu pensava.

Recentemente, reli a parábola dos dois construtores, narrada em Lucas 6.44-49, enquanto estava sentado em uma praia na Flórida. Estava em férias com minha família e acordei cedo para ler a Bíblia e orar próximo ao mar. Realizar seu momento devocional tendo o nascer do sol às costas e o oceano aos pés faz com que tudo que você lê e pensa pareça realmente profundo, amplo e espiritual. Gostaria de poder ler minha Bíblia perto da praia toda manhã. Mas não há praias em Gaithersburg, no Estado de Maryland. Tenho um rádio-relógio que faz o som de oceanos, mas isso não é o mesmo que morar perto da praia.

Já li a história dos dois construtores inúmeras vezes. Já a li tantas vezes... que quase não a leio mais quando me deparo com ela nos evangelhos. Passo os olhos sobre ela. Engulo três sentenças de uma só vez porque já sei o que dizem. Não quero ler minha Bíblia dessa maneira, mas confesso honestamente que às vezes faço isso. Naquela manhã na praia, eu quase ignorei a história dos dois construtores. Quase. Talvez foi a areia entre os meus dedos. Talvez foi o som das ondas marulhando. Mas, por alguma razão, eu li a história com calma.

Quando eu li, vi na história algo que não tinha visto antes. No passado, eu pensava que o ensino principal era o de que ser um cristão é melhor do que não ser um cristão. E, em um nível bem rudimentar, eu imaginava que isso era o que o

texto significava. Nunca havia pensado sobre o que representa especificamente cavar até à rocha.

Jesus começou sua história com uma pergunta perscrutadora. Ele indagou: "Por que me chamais Senhor, Senhor, e não fazeis o que vos mando?" Essa pergunta me incomoda porque não posso fingir que não a entendo. E sinto que o Senhor está falando comigo, está falando com pessoas religiosas – pessoas que afirmam pertencer a Deus e dizem que Jesus é Senhor. Isso é interessante porque nos indica que Jesus não está apenas contrastando pessoas religiosas com pessoas não-religiosas. Não está dizendo simplesmente que os ateístas têm suas casas destruídas. Está falando com pessoas que afirmam crer em Deus.

Jesus está confrontando o blefe dos religiosos. Ele diz: por que fazer isso? Por que chamar-me de Senhor, se vocês não se importam com quem eu sou ou o que desejo, quando realmente não se importam em conhecer-me ou fazer o que digo? Em seguida, Jesus conta a história dos dois construtores e as duas casas. As casas que eles construíram representam suas vidas – suas crenças, convicções, aspirações e escolhas.

Jesus está-nos dizendo que há alicerces estáveis e alicerces instáveis sobre os quais edificamos nossa vida. Apesar de nossa intenção, é possível fundamentar nossa confiança e fé – o próprio alicerce de nossa vida – naquilo que é inseguro e defeituoso. Em areia movediça.

É fácil rejeitarmos o homem que edificou sobre a areia como alguém que não sabia nada. Mas isso acontece somente porque vemos o mau resultado de sua escolha. O homem insensato não sabia que era insensato. Na ocasião, edificar sua casa na areia talvez fazia muito sentido. Teria uma visão do oceano, bastante areia em que as crianças poderiam brincar. E, sem o desgastante serviço de escavação, seu tempo de construção seria reduzido pela metade.

Pergunto-me quantos anos o homem insensato viveu em sua linda casa antes de vir a tempestade. Algum de nós imagina que está isento de cometer esse erro? Jesus nos adverte de algo óbvio?

O construtor sábio seguiu uma abordagem diferente. Jesus disse que ele edificou sua casa sobre a rocha. Isso envolveu trabalho e esforço diligente. Exigiu mais tempo.

No entanto, ouça como Jesus descreve o que simboliza o edificar sobre a rocha. Isso foi o que eu sempre deixei escapar. O construtor sábio é aquele que vem a Jesus, ouve suas palavras e as coloca em prática. Essa atividade – essa abordagem cheia de fé em relação a Jesus – é identificada por ele como semelhante a um homem que abre uma vala profunda e edifica sobre um alicerce firme. Quando os problemas e as provações da vida chegam, a "casa" de sua vida permanece de pé.

O que me impactou naquela manhã, na praia, foi que

escavar e edificar sobre a rocha não era uma figura de ser um religioso nominal ou de conhecer a Jesus à distância. Ser um cristão significa ser um pessoa que trabalhar para estabelecer suas crenças, seus sonhos, suas escolhas e seu ponto de vista acerca do mundo sobre a verdade de quem é Jesus e o que ele fez – um cristão que se importa com a verdade, que se importa com a sã doutrina.

Doutrina é apenas uma palavra sem encanto que representa as verdades sobre as quais devemos edificar nossa vida – verdades sobre as quais todos teríamos dúvidas e não saberíamos se não tivéssemos a Bíblia. A doutrina cristã é o ensino cristão a respeito de certo número de assuntos abordados nas Escrituras: Deus, pecado, Jesus, céu, inferno, a ressurreição... e assim por diante.

Talvez você nunca pensou em doutrina neste sentido. No entanto, vir a Jesus e ouvir suas palavras envolve doutrina. Envolve conhecer e entender o que a Bíblia ensina a respeito de quem Jesus é, por que precisamos dele, como ele nos salva e nos muda. Em outras palavras, envolve conhecer a verdade teológica.

Quando Jesus fala sobre a pessoa que ouve as suas palavras, está se referindo mais do que apenas às letras em Mateus, Marcos, Lucas e João. Toda a Escritura é a Palavra de Deus. Ela é, toda, Jesus falando conosco.

Estudar essas palavras e entender o que elas significam

envolve esforço. O homem sábio cava. Essa obra é árdua e desgastante. Escavar as Escrituras envolve estudo. Exige ler, pensar e lidar, às vezes, com verdades desafiadoras.

Entretanto, o trabalho mais difícil é colocar a verdade em prática. Foi isso que Jesus ressaltou na história (sendo isso também o foco dos versículos precedentes em Lucas 6). Vir a ele, chamá-lo de Senhor e conhecer suas palavras pode não ser o bastante. Filiação em uma igreja e uma lista de crenças nunca são o suficiente. Doutrina e teologia sempre têm o propósito de ser aplicadas à nossa vida – moldar e remodelar não somente a declaração de fé, mas também as decisões práticas de como pensamos e agimos. Acumular conhecimento de edificação sobre rocha não tem qualquer valor se ainda descansamos sobre a área movediça.

Certa vez, quando meu irmãozinho Isaac tinha quatro anos, ele pegou uma pá e correu para o bosque. Minha mãe perguntou o que ele estava fazendo. "Vou cavar para fazer buracos." A história se tornou uma das favoritas de minha família, e Isaac está cansado de repeti-la. Contudo, ela é uma boa descrição do que fazemos quando estudamos e argumentamos sobre as crenças sem colocá-las em prática. Cavamos para fazer buracos.

Temos de cavar para achar uma rocha.

Sei, por experiência própria, que é possível ser um cristão e, ao mesmo tempo, viver na superfície. A superfície

pode ser a tradição vazia. Pode ser o emocionalismo. Pode ser doutrina sem aplicação. Acho que fiz tudo isso. Já gastei uma parte de meu tempo nas praias arenosas do cristianismo superficial.

Os primeiros quatro anos depois de meu ensino médio trouxeram boas mudanças em minha vida – mais notavelmente em minha vida espiritual. Não me peça que lhe diga quando fui convertido. Como muitos jovens de igreja, não tenho um dia específico em que me arrependi, pus minha confiança em Jesus e fui salvo. Para mim, não houve um momento crucial. Deus me atraiu, me instigou e me transformou por meio de inúmeras experiências pequenas e aparentemente insignificantes, decisões e amizades. Você conhece o tipo de transformação lenta sobre a qual estou falando? Você não a vê enquanto ela acontece. Contudo, depois, você olha para trás e percebe que não é mais o mesmo.

No entanto, posso identificar alguns momentos. Quando eu tinha dezessete anos, fui a um acampamento de liderança cristã em Colorado Springs. Ali, os estudantes eram diferentes dos outros cristãos que eu conhecia. Eram sérios, comprometidos. Essa talvez foi a primeira vez que estive com um grupo de cristãos que não estavam apenas tentando "se divertir" com o mundo. Esses jovens queriam pensar com seriedade sobre o mundo, trabalhar prudentemente no mundo e amar em verdade o mundo. Queriam aplicar sua mente ao estudo da Escritura

e, assim, obter uma cosmovisão cristão. Muitos deles tinham fome de Deus e de sua Palavra, o que estava em severo contraste com minha vida.

Em uma das reuniões, o diretor do acampamento pediu aos estudantes que ficassem de pé e recitassem passagens da Escritura que eles haviam memorizado. Entendi mal o pedido e, em um momento, me levantei com a Bíblia na mão e li uma passagem. Quando percebi meu erro, senti-me realmente mudo. Afundei em minha cadeira, com a face vermelha e embaraçado, enquanto os outros ficavam de pé, um após o outro, e de memória recitavam porções da Escritura. Pior do que meu mal-entendido foi a compreensão de que eu não tinha um versículo da Bíblia memorizado.

Naquele mesmo tempo, minha namorada e eu terminamos nosso relacionamento de dois anos. Foi um momento importante em minha vida espiritual. Até ao momento em que rompemos, eu não compreendia quanto o nosso relacionamento, com sua permanente tentação de ceder ao pecado, estava drenando minha paixão espiritual. Quando a distração ou a culpa daquele relacionamento acabou, comecei a buscar a Deus de um modo como nunca fizera.

Em sua tranquila e inabalável providência, Deus criou em mim um desejo crescente por conhecê-lo. Eu não tinha certeza do que fazer com esse desejo. Meu impulso (que era mistura de desejos piedosos e ambição evidente) foi tentar fazer algo

"grande" para Deus. Meu herói naqueles dias era Billy Graham; por isso, grande significava grandes multidões e grande fama (tudo isso, para Jesus, é claro).

Portanto, aos dezessete anos, acompanhava meu pai às pregações públicas. Também comecei a editar uma pequena revista para adolescentes de escolarização doméstica. Preparar mensagens e escrever para a revista teve um bom efeito em mim. Isso me impeliu a cavar.

Então, um amigo e eu assistimos a uma palestra ministrada pelo apologista cristão Ravi Zacharias no campus da Faculdade Reed. Fiquei encantado com aquele indiano, com seus brilhantes cabelos brancos, que se mostrou tão corajoso a ponto de arriscar-se em um campus muito secular, anti-Deus e falar inteligentemente sobre assunto de fé. Citou poetas e filósofos e elaborou um argumento consistente em favor da racionalidade da fé, um argumento que me afetou grandemente. Ele me pediu que meditasse, que engajasse minha mente na verdade de Deus. E fez tudo isso com uma sotaque realmente legal.

Fui conquistado. Comprei dezenas de mensagens de Ravi Zacharias em fitas cassetes. No assento dianteiro de meu carro, levava uma caixa de papelão com essas fitas e as ouvia repetidas vezes. Gastei tanto tempo com essas fitas que até comecei a pronunciar algumas palavras como um sotaque indiano (o que deve ter parecido bem estranho para as pessoas

em minhas conferências). Enquanto eu dirigia e ouvia Ravi Zacharias, sonhava em casar com uma de suas filhas e ter um sogro que me treinasse para ser o próximo grande apologista, que poderia desarmar os ateístas e céticos com extrema habilidade. (Na verdade, eu queria casar com a filha de qualquer líder cristão naqueles dias).

Obtive o famoso livro O Conhecimento de Deus, escrito por J. I. Packer. Foi o primeiro livro teológico sério que li. Packer me ensinou que não bastava saber verdades sobre Deus e a piedade e que eu precisava conhecer verdadeiramente a Deus mesmo – seu caráter e seus atributos. O estudo dessas doutrinas não era um fim em si mesmo, e sim um meio para que tivesse um relacionamento com meu Criador e Redentor. Packer me ensinou que, em vez de ser impraticável e irrelevante, a teologia é vital e importante ao viver diário. Pela primeira vez, comecei a aprender termos teológicos como propiciação, soberania e justificação.

Infelizmente, nem tudo que estudei foi tão proveitoso como o livro do Dr. Packer. Frequentemente, eu lia autores baseado no que parecia ser espiritualmente profundo, mas de elaboração obscura, também. Comecei a ler os escritos quase inúteis de alguns místicos cristãos. Estava à procura de algo, qualquer coisa, que fosse totalmente diferente do que eu considerava o mundo evangélico maleável em que eu havia crescido.

No que diz respeito a uma igreja local, achei uma "totalmente diferente" na grande congregação carismática que conheci e se localiza em uma colina que olha para o rio Colúmbia. O próprio edifício da igreja era um estrutura arquitetônica diferente de qualquer outra que já tinha visto – tinha dois domos edificados contra o lado da colina. Parecia como se Deus houvesse descido do céu e colocado duas tigelas de cereal de boca para baixo.

Amigos de minha antiga igreja caçoavam de mim falando sobre a "igreja das bolhas" com todas as suas esquisitices carismáticas. Eu não me importava com o que eles diziam. Conheci o Espírito Santo na igreja das bolhas. E, visto que só havia três membros na Trindade, julguei que isso era muito significativo.

Eu amava tantas coisas em minha igreja carismática. Amava a paixão e o zelo emocional que as pessoas tinham. Nunca tinha visto pessoas tão entusiasmadas com Deus. Elas levantavam as mãos durante o culto. Oravam por horas. Falavam com Deus e com seu Espírito tendo a expectativa que ele irromperia no mundo a qualquer momento. Para um jovem faminto por realidade espiritual, essa visão da presença e do poder de Deus era extremamente atrativa.

Eu não trocaria meu tempo naquela igreja por nada. Eu encontrei a Deus de maneiras poderosas e aprendi sobre a obra do Espírito Santo ali. Contudo, no passar do tempo, o foco

contínuo em buscar novos movimentos do Espírito começou a definhar. Eu não podia livrar-me do senso de que algo estava faltando.

Agora compreendo que ainda não havia achado aquilo que eu mais necessitava. Ainda não tinha descoberto o valor de cavar e edificar sobre a rocha. Eu estava vasculhando na superfície, remexendo, mas não cavando na sã doutrina.

Se tivesse sido atraído à minha antiga igreja por causa de alguns amigos, teria visto que em algum sentido meu foco na igreja de bolhas estava na experiência espiritual recente. Comecei a avaliar meu relacionamento com Deus em termos de euforia emocional e encontros com o Espírito Santo. Eu queria ser tombado, ser morto no Espírito. Havia simplesmente saído do evangelicalismo de teologia superficial, norteado por sensibilidade pelos interessados para o pentecostalismo de teologia inconsistente, norteado por experiências.

Quando completei vinte e um anos, papai escreveu-me uma carta cheia de conselhos paternos. Uma frase ressaltava: "Ache homens com os quais você deseja parecer e assente-se aos pés deles". Quando me tornava homem adulto, ele me lembrou que algumas lições que eu precisava muito não seriam achadas em livros. Haviam sido escritas no coração e vida de um homem piedoso. Eu precisava aproximar-me de um homem assim, para observar seu caráter e ser moldado por seu exemplo. Precisava de um mentor.

Gostei disso. Todavia, achar um mentor era algo fácil para se falar, mas difícil para se fazer. Não era como se lideres sábios e piedosos tivessem agendas em que as pessoas podiam inscrever-se "para assentar-se aos pés deles". E, de muitas maneiras, eu gostava de pensar que estava bem. As coisas estavam indo bem em minha busca das "grandes" coisas de Deus. A revista havia crescido e se tornara numa edição em cores e papel de alta qualidade, tendo mais de 5.000 assinantes. As conferências para adolescentes, que papai me ajudara a começar, se tornara relativamente popular. E, para completar, eu assinara um contrato com uma editora cristã para escrever um livro. Estava vivendo o sonho americano evangélico; estava fazendo algo grande.

No entanto, grande não equivale a profundo. Eu tinha muito a aprender.

Uma de minhas conferências de adolescentes foi patrocinada por uma pequena igreja em Lancaster, no Estado da Pensilvânia. De fato, aquela igreja hospedou minha conferência dois anos seguidos. Uma jovem senhora chamada Debbie, que fora um dos primeiros assinantes de minha revista, trabalhava como secretária da igreja e organizou o evento. Depois da conferência, gastei algum tempo com Debbie e os amigos de sua igreja. Eles eram estranhos, mas estranhos num bom sentido. O que observei primeiro foi a amizade e o senso de comunidade que pareciam compartilhar. A segunda coisa foi o

modo como falavam. Conversavam sobre graça, pecado, a obra de Cristo na cruz e a santificação; e conversavam com um ardor e uma franqueza que se destacaram para mim. Em sua conversa normal, eles usavam alguns termos teológicos que eu tinha aprendido em livros como O Conhecimento de Deus. Era como se houvessem tirado idéias doutrinárias da prateleira mais elevada, que pareciam ocupar em minha mente, e colocado-as em prática em seu viver cotidiano. Achei isso estranho, mas, ao mesmo tempo, atraente.

Acho que Debbie viu além da fachada de meu "sucesso" como jovem. Preletor cristão e escritor. Ela viu um jovem que tinha dons de comunicação, mas carecia de profundidade espiritual autêntica. Embora fosse um ano mais nova do que eu, ela pôs em operação um instinto quase materno. Estava determinada a ajudar-me.

A ajuda de Debbie veio na forma de fitas cassetes. Ela me enviou sermões pregados por um pastor chamado C. J. Mahaney, que liderava a igreja Covenent Life, em Maryland. Debbie era amiga das filhas de Mahaney, e a igreja dele ajudara a plantar a igreja que ela frequentava.

Eu já tinha ouvido pastores dinâmicos e engraçados, antes de ouvir C. J. Mahaney. Ele era singular. Sua paixão foi transmitida com uma profundidade teológica com a qual eu não estava acostumado. Seus sermões revelavam seu amor por leitura e inspiravam um amor semelhante nas pessoas

que o ouviam. Contudo, ele não fez referência a best-sellers cristãos populares; e isso me impressionou muito. Em vez disso, ele citou homens como J. I. Packer, Sinclair Ferguson, John Sott e D. A. Carson. Ele falou sobre e citou teólogos falecidos há muito, como Jonathan Edwards, Thomas Watson e João Calvino, como se ainda fossem amigos pessoais que ainda estavam vivos. Charles Spurgeon, o pastor londrino do século XIX, cuja pregação e exemplo inspiravam C. J. Mahaney, era o seu "herói histórico". John Owen era seu tutor na doutrina do pecado.

C. J. Mahaney abriu-me todo um universo de livros cuja existência eu desconhecia totalmente. Foi como descobrir que a parte mais agradável estava guardada no seu porão, mas ninguém se importara de lhe contar. Ou como uma criança que achou uma parque de diversões no quintal de sua casa.

Isso era o que eu havia anelado, mas nunca soubera como identificar. Minha alma estivera faminta pela verdade consistente, pura sobre Deus e pelas boas-novas sobre a vida, a morte e a ressurreição de seu Filho. Eu não precisava ser entretido. Não precisava primeiramente de ser derrubado em uma reunião de oração. Não precisava de informação sem vida. Precisava conhecer a Deus. Os autores que descobri falavam sobre Deus de maneiras que eu nunca ouvira. Exultavam no Deus das Escrituras que governava soberanamente o universo. Ele era um Pai amável que salvava homens e mulheres

somente por graça, tendo em vista o seu próprio louvor e glória. Seu Filho era o Salvador cuja morte expiatória resgatara pecadores da ira.

Era para essa mensagem do evangelho que C. J. Mahaney reservava sua maior paixão. Muitos pregadores e cristãos zelosos que conheço eram inflamados de entusiasmo pelo que devemos fazer para Deus. A grande paixão de C. J. Mahaney estava reservada para exultar no que Deus fez por nós. Ele amava pregar sobre a cruz e a morte de Cristo em nosso lugar, como nosso substituto.

Para alguém que havia quase nascido na igreja, achei isso surpreendentemente novo. Quanto mais eu me aprofundava, tanto mais via que as boas-novas de salvação somente pela graça, em Jesus, que morreu pelos pecados – o evangelho – era a principal mensagem de toda a Bíblia.

Pareceria completamente óbvio que isso era o âmago da fé cristã, mas era novo para mim. Comecei a ver a ortodoxia como o entesourar as verdades que apontam para Jesus e sua obra salvadora. A doutrina era a história viva do que Jesus fez por nós e o que ela significa. Sim, interessar-se por doutrina envolvia estudar. Sim, envolvia abrir livros e aprender, às vezes, palavras estranhas. Contudo, isso era a chave para conhecer verdadeiramente a Jesus.

Em uma manhã gelada de fevereiro, coloquei as últimas bagagens em meu carro – um Honda Civic hatch azul

e desgastado 1988, que tinha cheiro de mofo. Não era exatamente um tipo de carro que atrai garotas. Meus amigos o chamavam zombeteiramente de entregador de comida. Quando você é solteiro e tem vinte e dois anos, mantimentos não é uma expressão que deseja ver associada com seu carro. Mas não podia contender sobre essa descrição. Esperava apensas que meu carro rústico sobrevivesse a viagem.

Eu estava mudando para Maryland. C. J. Mahaney me convidara para um estágio em sua igreja. Eu moraria no subsolo de sua casa e seria treinado para ser um pastor. Ainda era difícil acreditar que isso acontecera. Meus pais acharam que o convite era o plano de Deus para mim. "Meu filho pode aprender com você o que não posso ensinar-lhe", papai dissera a C. J. Mahaney.

No dois anos desde que ouvi pela primeira vez as fitas de C. J. Mahaney, ele e eu desenvolvemos uma amizade pessoal. Visitei sua igreja, assisti a uma conferência que ele realizava para pastores e fiquei em sua casa. Uma conversa até tarde da noite, à mesa da cozinha, causou-me uma impressão duradoura. Conversamos sobre minha agenda de palestras, o livro que eu estava escrevendo e meus planos para os anos seguintes. C. J. Mahaney perguntou-me: "O que você edificará em sua vida?" Enquanto conversávamos, ele me encorajou a examinar os números passados como medida de sucesso e considerar o que significa edificar algo

que permaneceria além de uma conferência de fim de semana ou um best-seller.

Por trás de tudo isso, havia uma pergunta profunda que não assimilei na ocasião: sobre o que eu edificaria a minha vida?

A maior parte de minha maneira de pensar e planejar eram fundamentados em oportunidade, em meus sentimentos e no pragmatismo – naquilo que dava resultado. C. J. Mahaney estava me desafiando a assumir uma abordagem diferente e alicerçar minhas escolhas na verdade sobre Deus e o que ele estava fazendo no mundo.

Dois dias depois, quando a conferência terminou e me preparava para ir embora, esforcei-me para perguntar a Mahaney se ele me treinaria. "Quero aprender de você", eu lhe disse. O que eu não sabia era que nos meses anteriores, ele sentira que Deus direcionava sua atenção a treinar a próxima geração de pastores jovens. Meu pedido foi uma confirmação desse novo foco.

"Ficarei honrado em servi-lhe", disse C. J. Mahaney. "Vá para casa. E, se os seus pais e o seu pastor o apoiarem, conversaremos."

Menos de sete meses depois, arrumei as malas e viajei para o leste.

Precisei de cinco dias para viajar de Oregon até Maryland. Recebi uma multa em Idaho. Nem me preocupei. Estava

alegre por ter prova de que meu pequeno Honda podia realmente quebrar o limite de velocidade.

Depois que cheguei a Maryland, C. J. Mahaney me colocou para trabalhar sob um novo regime de estudo. Ele me deu livros de Iain Murray sobre Charles Spurgeon, incluindo Spuregeon v. Hyper-Calvinism e The Forgotten Spurgeon, os quais falavam sobre o grande pastor e sua posição contra o declínio da verdade do evangelho. Ele colocou em minha mãos livros sobre teologia prática, incluindo The Discipline of Grace, escrito por Jerry Bridges, e Santidade sem a qual Ninguém Verá o Senhor, escrito por J. C. Ryle. Ele me designou que ouvisse mensagens de David Powlison, um exímio conselheiro bíblico, mensagens sobre a santificação progressiva. Tornei-me o orgulhoso dono de uma cópia da Teologia Sistemática, escrita por Wayne Grudem, um grande livro-texto, e não uma agenda telefônica. Li também A Cruz de Cristo, escrito por John Stott.

Demorou um pouco para eu me acostumar a ler livros consistentes sobre teologia. Muitas vezes, enquanto lia o livro de Stott sobre a cruz, sublinhei e destaquei pontos que considerei bons, porém descobri, no final do capítulo, que John Stott estava compartilhando-os como exemplos de erro. Senti-me estúpido, mas estava aprendendo.

No entanto, indo além de apenas cavar em livros, estudei o próprio C. J. Mahaney. Vivendo com ele e sua família,

percebi o que ele era fora da visão pública – no fim do dia, quando ele estava cansado. Quando seu filho de quatro anos estava-se comportando mal. Quando as pessoas o difamavam. Aprendi que pastorear uma grande igreja não é glamoroso. Implica trabalho árduo que envolve levar constantemente as pessoas no coração – os doentes, os hesitantes, os fracos. Em tudo, vi a alegria de C. J. Mahaney – uma alegria sempre arraigada no fato de que Jesus morreu por seus pecados. Eu o ouvi confessar seus pecados. A autenticidade que testemunhei naqueles momentos me fizeram desejar o conhecimento do Deus no qual C. J. Mahaney edificava sua vida.

Por várias razões, inúmeros cristãos, em minha geração e gerações anteriores, são desconfiados de muita ênfase na doutrina. Eles chegam a equiparar a doutrina com divisões de igrejas, discurso ameaçador, arrogância e críticas furiosas. Viram quão fácil é reduzir as verdades vivificadores a fórmulas vazias. Não admiramos que eles vejam a doutrina cristã mais como um obstáculo do que como um instrumento útil no que diz respeito a cultivar um relacionamento vibrante com Jesus Cristo.

Eu entendo. Se meu coração é frio para com Deus, posso transformar a verdade mais preciosa em uma arma para atacar os outros. Isso é uma parte da razão por que acho tão instrutiva a história do construtor sábio. Isso me recorda que doutrina não se refere a mim e a meu grupo. Jesus disse que a pessoa

que escava até atingir a rocha é aquele que vem a ele. Esse tem de ser a motivação primária e final. Seguir a ortodoxia e a sã doutrina tem de começar com um coração atraído à intimidade com Jesus – e não com um sistema, uma denominação ou um livro teológico.

É fácil cometermos o erro de pensar que, se as crenças teológicas não devem ser o nosso alvo, não precisamos delas de maneira alguma. Todavia, isso não é verdade no conhecer a Jesus, assim como não é verdade em qualquer outro relacionamento. Por exemplo, tenho uma filha de nove anos chamada Emma, a quem amo muito. É absolutamente verdadeiro que informações e fatos sobre minha filha não podem jamais assumir o lugar do amor por ela. Mas isso não significa que devo evitar saber coisas sobre ela. Um parte importante de interessar-me por e cultivar um relacionamento com minha filhinha envolve a disposição de conhecer o seu caráter e personalidade, saber o que ela gosta e o que não gosta. Detalhes sobre ela – a cor de seus cabelos, a música que ela aprecia, seus talentos, temores e sonhos – são todos importantes para mim, porque ela é importante para mim. Essas verdades a respeito de minha filha poderiam ser informações vazias, mas, por descreverem uma pessoa que eu amo, enriquecem e fazem crescer meu amor por ela.

Doutrina nunca pode tomar o lugar do próprio Jesus. Contudo, não podemos conhecê-lo e nos relacionarmos

corretamente com ele sem doutrina. Essa é a razão por que doutrina nos diz não somente o que Deus fez, mas também o que as suas ações significam para nós. Um teólogo chamado J. Gresham Machen, que escreveu nas primeiras décadas do século XX, ajudou-me a entender tudo isso. Sua explicação da doutrina cristã me ajudou a ver como ela se conecta com a vida da pessoa de Jesus. Em um de seus livros, Machen explica que, embora os cristãos primitivos quisessem saber o que Jesus tinha ensinado, eles estavam primariamente interessados no que Jesus fizera. "O mundo devia ser redimido", escreveu Machen, "por meio da proclamação de um acontecimento".

É claro que ele se referia ao acontecimento da morte de Jesus, por crucificação, e de sua ressurreição dentre os mortos. Os primeiros cristãos sabiam que tinham de proclamar às pessoas esse acontecimento. Entretanto, apenas contar-lhes não era suficiente. Eles também deviam contar às pessoas o que o acontecimento significava. E isso, Machen explica, é doutrina. Doutrina é a apresentação do que Jesus fez juntamente com o significado do acontecimento para nós.

"Esses dois elementos são sempre combinados na mensagem cristã", Machen prossegue. "A narração dos fatos é história; a narração dos fatos com seu significado é doutrina. 'Sofreu sob Pôncio Pilatos, foi crucificado, morto e sepultado'

– isso é história. 'Ele me amou e a si mesmo se entregou por mim' – isso é doutrina".1

Doutrina é o significado da história que Deus está escrevendo no mundo. É a explicação do que ele fez, por que ele o fez e por que isso é importante para você e para mim.

A história de Jesus sobre os dois construtores termina com uma casa permanecendo firme em meio às tempestades e a outra casa sendo destruída. A areia não a sustentou, e a casa ruiu. O vento e a chuva sobre os quais Jesus falou podem representar dificuldade e provações na vida. Podem também ser um símbolo do julgamento final, quando toda a humanidade comparecerá diante de Jesus e prestará contas. Penso que é melhor pensarmos em ambas as coisas. Ambas acontecerão. Provações e sofrimentos nos sobrevirão. E o último dia, embora pareça distante, chegará.

Em ambos os casos, conhecer a sã doutrina e viver por ela é crucialmente importante. Por quê? Porque, no último dia, somente aqueles que creram em Cristo e viveram para ele serão livres da ira de Deus. E, no presente, quando nossa vida é abalada por sofrimento, o conhecimento pessoal do caráter e do amor de Deus é a única coisa que nos pode sustentar.

Percebi isso na vida de meu irmão mais novo, Joel, e sua esposa, Kimberly. Não muito tempo depois de casarem-se, eles

1 J. Gresham Machen,. *Christianity and liberalism*. New York: Macmillan, 1923. p. 29.

souberam que seriam pais. Você não pode imaginar um futuro papai ou futura mamãe mais felizes. E, de repente, a ultrassonografia trouxe notícias devastadoras. O pequeno coração da menininha não tinha uma das câmaras. Depois que ela nasceu, os médicos descobriram outras complicações em seu coração. O bebê Faith, como os pais a chamaram, tinha pequeníssimas chances de sobreviver. Ela lutou intensamente pela vida, mas seu pequenino coração trabalhava apenas com metade da capacidade. Somente um transplante de coração poderia salvá-la. Visto que o transplante não se realizava e o vigor de Faith começava a falhar, os médicos tentaram uma cirurgia de emergência no coração. Todavia, durante a operação, o cirurgião cometeu um erro. O coração de Faith foi perfurado, e ela morreu. Dois meses depois de vir ao mundo, a pequena Faith partiu para estar com o Senhor.

Sou oito anos mais velho do que Joel. Ver meu irmão e sua esposa passar pela tristeza de perder uma criança foi angustiante. Ou, emprestando a figura da parábola de Jesus, foi semelhante a assistir de longe à casa em que eles viviam ser atingida por um maremoto. As ondas e os ventos de sofrimento vieram como um tsunami sobre a vida deles.

Mas, quando as águas aquietaram-se, a casa da vidas deles permaneceu firme e forte. Joel e Kimberly sentiram tristeza profunda; experimentaram profunda angústia de alma. Mas permaneceram firmes porque estavam arraigados em um

profundo conhecimento de Deus. Tinham edificado a sua vida sobre a verdade.

Todo dia, durante aquelas semanas anteriores à morte de Faith, eu lia o que Joel e Kimberly haviam escrito no blog em que compartilhavam informações novas e pedidos de oração por Faith. Repetidas vezes eles escreveram sobre a confiança e a esperança que tinham na verdade da soberania de Deus. E, depois da morte de Faith, eles nunca culparam o cirurgião. Não sentiram amargura. Escreveram sobre a providência de Deus, sobre o seu controle soberano da situação, sobre a gratidão deles pelo evangelho.

Quando penso em Joel e Kimberly, não aguento ouvir pessoas dizendo que a doutrina é uma busca insignificante de fatos, figuras e fórmulas. Não há nada mais importante, mais precioso, mais seguro na vida do que conhecer e viver pela verdade de Deus.

Se a doutrina é apenas palavras em uma página, ela pode ser vista como um conjunto de regras e fórmulas sem vida. Mas, quando vemos a ortodoxia nas cores vibrantes da vida de uma pessoa – quando observamos essa pessoa aplicando a ortodoxia com humildade e alegria –, percebemos que a ortodoxia é bela. Quando vemos alguém andando nas veredas antigas e sendo levado a um profundo conhecimento de Jesus, isso nos faz querer andar também nessas veredas. Quando você testemunha a força e a segurança que resulta de escavar

na verdade doutrinária, isso o faz querer escavar, você mesmos, na própria verdade.

Este é o propósito deste livro. Escrevi na esperança de que tenha um vislumbre de quão boas e belas são as veredas antigas da ortodoxia, quão firme e valiosa pode ser para a sua vida a rocha sólida da sã doutrina.

Espero que essas páginas inspirem-no a aprofundar-se nas riquezas da teologia. Os últimos dez anos de minha vida têm sido a história de descobrir a importância, a alegria e o poder prático que procedem da doutrina cristã. A doutrina não é estéril e maçante. Não serve apenas para argumentação. Ela visa conhecermos a Deus e vivermos em plenitude.

Os capítulos seguintes são reflexões sobre várias doutrinas cristãs que tocaram minha vida de modo específico. Este livro não é uma teologia sistemática. É uma miscelânea de verdades bíblicas que achei pessoalmente significativas.

Cave mais fundo é o meu deleite em teologia escrito à minha maneira simples – não muito refinada, às vezes esquisita, não erudita, graciosa (espero) e fiel. Embora sejam verdades profundas, não pretendo nadar nas águas mais profundas da piscina. Apenas nadarei no lado mais raso. E, se isso o inspirar a mergulhar, terei cumprido meu objetivo.

Há alguns anos, retornei a minha cidade natal, em Oregon, para visitar minha família. Enquanto estive ali, vi Steve, o pastor de jovens da igreja em que cresci (a grande igreja

evangélica em que dancei como Michael Jackson). Colidimos um com o outro na seção de hortifruti do supermercado local. Eu não o tinha visto por anos. Ele me conhecera quando eu era um arrogante de treze anos e encharcava o cabelo com fixador. Agora, quando nos encontramos, eu estava casado, era um pai que dirigia uma minivan e tinha rapado o cabelo como atitude preventiva contra a calvície.

Steve não mudara. Sempre amara fazer exercícios físicos e ainda estava em forma. Seus olhos ainda estavam cheios de vida. Foi bem vê-lo. Começamos uma conversa sobre os velhos tempos. Ele me contou como as coisas iam no grupo de jovens. Muito havia mudado desde os dias em que eu estive lá, ele disse. Na última década, havia aprendido muito sobre o que os jovens realmente precisavam. Agora, disse ele, temos jovens estudando Teologia Sistemática, de Wayne Grudem, o grande livro-texto usado nos seminários. Os jovens não foram intimidados pelo tamanho do livro. De fato, gostaram do desafio. "Estes jovens estão em fervor por Deus, de um modo que você não acreditaria. Estão compartilhando sua fé com amigos. É incrível."

Naquele dia, saí do supermercado com sorrisos no rosto. Pensei em como Deus teve misericórdia de um jovem de igreja, rebelde e hipócrita como eu. Ele substituiu meu amor ao mundo pelo amor a Jesus e sua verdade. Eu havia saído do raspar a superfície de um cristianismo raso para ser um

jovem pastor que amava cavar em doutrinas. Estava aprendendo como edificar minha vida sobre a rocha e a liderar outros em fazer o mesmo.

Eu sorria, enquanto imaginava Steve e uma nova geração de jovens de igreja estudando teologia e achando isso estimulante. Tal imaginação me deixou bastante feliz. Visualizei Steve usando uma de suas camisetas de musculação e ferindo o chão com uma grande pá velha. Visualizei-o dando pás a todos aqueles jovens do grupo de moços e ensinando-os a cavar profundo.

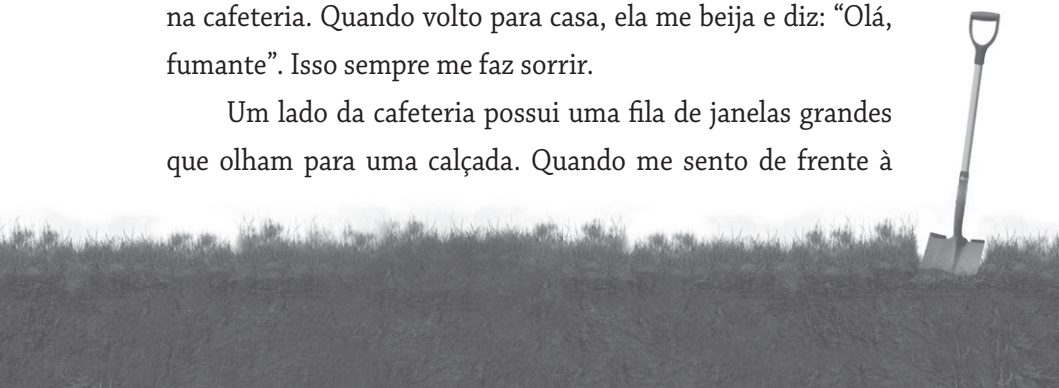
CAPÍTULO 3

Perto, mas não no meu bolso

"Deus é totalmente diferente de mim. E isso é totalmente maravilhoso."

A dez minutos de minha casa, existe uma cafeteria em que gasto boa quantidade de meu tempo. Vou lá para estudar e trabalhar em um sermão. Sento-me, geralmente, na mesa que fica no canto direito, perto de uma tomada elétrica. Se eu ficar muito tempo, o cheiro de café torrado inunda minhas roupas. O aroma é bom enquanto estou lá; mas, por alguma razão, quando saio, eu fico com o cheiro de quem fumou sem parar. Minha esposa sempre pode dizer se estive ou não o dia todo na cafeteria. Quando volto para casa, ela me beija e diz: "Olá, fumante". Isso sempre me faz sorrir.

Um lado da cafeteria possui uma fila de janelas grandes que olham para uma calçada. Quando me sento de frente à



parede das janelas, acho interessante observar as pessoas caminhando pela calçada, porque quase sempre cada pessoa usa as janelas como um espelho. Aqueles que estão do lado de fora têm de fixar propositadamente seus olhos para ver o que está no interior, quando há pouca iluminação. É mais fácil apenas olhar os seus próprios reflexos.

Se você já observou pessoas olhando para si mesmas no espelho, sabe como isso pode ser divertido. Tenho observado que as mulheres examinam-se a si mesmas rapidamente. Seus olhos movem-se para cima e para baixo em milissegundos. Muitas delas fazem beicinho. Ou arredondam os lábios como que para passar batom. Em seguida, puxam alguma parte de sua roupa e seguem adiante. Os homens são diferentes. Alguns levantam a cabeça e endireitam as costas. Outros inclinam a cabeça e estreitam os olhos, como se fossem James Dean.

Aprendi que todos têm uma face de espelho – uma expressão facial que mostramos quando examinamos a nós mesmos no espelho. É a maneira como achamos que parecemos mais atraentes. Por isso, sorrimos de certo modo, ou arqueamos as sobrancelhas, ou encolhemos as bochechas, ou levantamos a cabeça. O fato engraçado na cara de espelho é que ela parece ridícula para as outras pessoas. Se andássemos sempre com nossa cara de espelho, nossos amigos ririam de nós, e os estranhos pensariam que temos algum complexo de estrela de rock.

Assentado na cafeteria, eu vejo pessoas mostrando sua cara de espelho enquanto passam pelas janelas. Acho engraçado o fato de que elas esquecem que pessoas como eu estão no lado de dentro olhando para elas. Elas vêem somente a si mesmas.

As caras de espelho das pessoas me fizeram pensar em teologia. Contudo, deixe-me primeiramente fundamentar. O estudo da teologia envolve muitos assuntos diferentes: a igreja de Deus, o plano de salvação de Deus, a obra de Deus em nós para tornar-nos semelhantes a Jesus, citando apenas alguns. Mas, quando focalizamos a Deus mesmo – quem ele é, como ele é –, estamos tocando no *âmago* da teologia. De fato, a doutrina de Deus é chamada *teologia própria*, porque isso é o que a palavra *teologia* significa. Neste capítulo, estamos iniciando um exame das principais crenças cristãs. E acho que a doutrina de Deus, ou a teologia propriamente dita, é um bom lugar para começarmos, porque o que pensamos sobre Deus – o que entendemos sobre seu caráter e seus atributos – molda nosso entendimento de todas as outras doutrinas e da própria vida.

Não há nada mais importante do que conhecer corretamente a Deus e ter pensamentos verdadeiros sobre ele. Entretanto, não existe nada mais difícil. E isso não se dá por razões que você pode supor.

Talvez você pense que a coisa mais difícil em estudar a doutrina de Deus é o fato de que Deus é tão imenso e, por isso,

impossível de ser compreendido por nossa mente limitada. Em um sentido, isso é verdadeiro. Visto que Deus é infinito e nós somos criaturas finitas, limitadas, jamais podemos ter um conhecimento pleno de Deus. Ele é incompreensível. Ele está além de todos os limites. Mas, embora não o possamos compreender exaustivamente, podemos conhecê-lo em verdade. Isso só é possível porque Deus revelou verdades sobre ele mesmo. E, ainda que essas sejam verdades profundas e a grandeza de Deus exceda todas as medidas humanas, o que Deus revelou sobre si mesmo, em sua Palavra, é a verdade que podemos assimilar.

O que torna difícil para nós vermos a verdade a respeito de Deus, eu acho, não é sua imensidão excessiva, e sim o nosso egocentrismo avassalador. Olhar para nós mesmos é algo mais difícil de fazer do que muitos de nós imaginamos. Muitos nem sequer tentaram. Nisto somos semelhantes aos transeuntes que passavam pelas janelas da cafeteria. Em vez de olharmos através da janela da auto-revelação de Deus, para vê-lo, achamos mais fácil admirar nosso reflexo ou colocar nele as restrições de nossa existência. Nós o julgamos por nossos padrões de justiça, retidão, poder e misericórdia. Até medimos a grandeza de Deus por nossos ideais de grandeza.

O fato irônico sobre esses momentos é que frequentemente pensamos que estamos vendo a Deus. Pensamos que

sabemos algo sobre como é Deus. Contudo, estamos vendo um reflexo – um Deus que parece conosco, um Deus concebido à nossa própria imagem.

Há alguns anos, dois sociólogos chamados Christian Smith e Melinda Denton publicaram os primeiros resultados de seu estudo sobre as crenças religiosas dos adolescentes nos Estados Unidos. Não gosto muito de estudos e estatísticas. De fato, logo que alguém menciona uma estatística, reviro meus olhos. Mas, quando li as descobertas desse estudo, eles cativaram minha atenção, porque, de muitas maneiras, senti que descreviam o modo como eu via a Deus e me relacionava com ele no ensino médio; também porque as descobertas mostram que muitos imaginam que Deus é como eles gostariam que ele fosse – um Deus que atende às necessidades e desejos pessoais deles.

Em seu livro *Soul Searching*, Smith e Denton descrevem a opinião que predomina entre os adolescentes a respeito de Deus como "deísmo moralista terapêutico". Ora, isso é uma expressão complicada; deixe-me esclarecer.

Uma perspectiva *moralista* diz: se eu tenho uma vida caracterizada por moral, faço coisas boas e tento não fazer coisas más, Deus me recompensará e me enviará a um "lugar melhor" quando eu morrer. Para muitas pessoas, uma boa vida envolve não matar outras pessoas, nem roubar senhoras idosas, nem bebês. O padrão não é realmente muito alto.

Uma orientação *terapêutica* quanto a Deus afirma que a principal razão por que Deus existe é tornar-me feliz e tranquilo. Por isso, Deus é uma forma de terapia, de auto-ajuda. Ele existe para mim.

O *deísmo* afirma: Deus existe mas está distante e não envolvido em muito do que acontece. Ou poderíamos dizer: está *convenientemente* não envolvido. Ele não interromperá meus planos e não se intrometerá em meus negócios. Ele não me diz o que fazer.

"Em resumo", escrevem Smith e Denton, "Deus é algo como uma combinação de Mordomo Divino e Terapeuta Cósmico; está sempre disponível, cuida que qualquer problema que surge, ajuda profissionalmente seu povo a sentir-se melhor quanto a si mesmo, sem tornar-se muito envolvido, pessoalmente, no processo".

Eles citam uma adolescente de dezessete anos, da Flórida, que disse: "Deus é tudo ao redor de você, em todo o tempo. Ele acredita em pessoas que perdoam e fazem coisas semelhantes; está sempre ali para guiar-nos, para alguém falar com ele e ajudar-nos em nossos problemas. Mas, é claro, ele não fala de volta".[1]

Alguns de nós talvez tenha, quanto a Deus, uma descrição mais sofisticada do que a desta adolescente de dezessete

1 Christian Smith ; Melinda Denton, *Soul searching:* the religion and spiritual lives of american teenagers. New York: Oxford University Press, 2005. p. 163-165.

anos. Podemos até ter bastante conhecimento teológico para oferecer uma descrição diferente. Pergunto-me se nossa descrição funcional de Deus é muito diferente da descrição desta adolescente. Nunca ousaria chamar a Deus de Mordomo Divino ou de Terapeuta Cósmico. Mas, quão frequentemente eu o trato como se fosse isso? O modo como eu vivo prova que tenho grandes e verdadeiros pensamentos sobre Deus?

"Somos um povo moderno", escreveu J. I. Packer, "e pessoas modernas, embora nutram grandes pensamentos a respeito de si mesmas, têm pensamentos insignificantes quanto a Deus". Packer prosseguiu ressaltando: só porque Deus é pessoal (significando que podemos falar com ele, relacionar-nos com ele e conhecê-lo), isso não significa que ele é o mesmo tipo de pessoa que nós somos – "fraco, inadequado, ineficaz e um pouco patético". Packer disse: "Nossa vida pessoal é algo finito; está limitada em todas as direções, em espaço, em tempo, em conhecimento, em poder. Deus nos tem em suas mãos. Nós nunca o temos em nossas mãos. Como nós, ele é pessoal; mas, diferentemente de nós, ele é *grande*".[2]

O que vejo sobre Deus quando contemplo meu próprio reflexo? Na Bíblia (o lugar primário em que Deus se revela), vejo um Deus que é total e maravilhosamente diferente de mim.

Eu fui criado. *Deus é Criador.* Eu sou feito. Deus é aquele

2 J. I. Packer. *Knowing God.* Downers Grove, IL: InterVarsity, 1973. p. 83.

que fez todas as coisas, que criou "os céus e a terra" (Gn 1.1). Ele falou e criou o mundo a partir do nada.

Eu tive um começo. Fui concebido no ventre de minha mãe no ano de 1974. Antes, eu não existia. *Deus é eterno.* Ele não tem começo nem fim. Existe fora do tempo e do espaço. Salmos 90.2 diz: "Antes que os montes nascessem e se formassem a terra e o mundo, de eternidade a eternidade, tu és Deus".

Eu sou dependente. Preciso de ar para respirar, água para beber, alimento para comer, pois, do contrário, meu corpo morre. *Deus é auto-existente.* Ele não depende de nada fora de si mesmo. Deus tem vida em si mesmo e obtém de si mesmo sua energia infindável.[3] Ele "não habita em santuários feitos por mãos humanas. Nem é servido por mãos humanas, como se de alguma coisa precisasse; pois ele mesmo é quem a todos dá vida, respiração e tudo mais" (At 17.24-25).

Sou limitado no espaço. Só posso estar em um lugar a cada momento. *Deus é onipresente.* Ele está sempre presente em todos os lugares. "Deus é espírito" e não é limitado pelo espaço (Jo 4.24). Ele disse sobre si mesmo: "

Acaso, sou Deus apenas de perto, diz o Senhor, e não também de longe? Ocultar-se-ia alguém em esconderijos, de modo que eu não o veja? – diz o Senhor; porventura, não encho eu os céus e a terra? – diz o Senhor" (Jr 23.23-24).

3 _____. *Concise Theology:* a guide to historic christian beliefs. Wheaton, IL: Tyndale, 1993. p. 27.

Sou limitado em poder. Há limites quanto à rapidez com que posso correr, ao peso que posso levantar, a altura que posso saltar. Deus é todo-poderoso. Ele é onipotente – possui todo o poder. Nada é difícil demais para ele (Jr 32.17). Ele pode fazer todas as coisas, e nenhum de seus propósitos pode ser frustrados (Jó 42.2).

Sou limitado em conhecimento. Meu conhecimento de qualquer assunto é, no máximo, parcial. Por mais que eu estude, o meu conhecimento ainda é incompleto. Só posso saber o que observo, leio ou aprendo de outra pessoa. E minha mente pode esquecer um pouco ou tudo que aprendi. Deus sabe todas as coisas. *Ele é onisciente* – tem pleno conhecimento de todas as coisas passadas, presentes e futuras. Jó 37.16 nos diz que Deus "é perfeito em conhecimento". E Hebreus 4.13 nos diz: "E não há criatura que não seja manifesta na sua presença; pelo contrário, todas as coisas estão descobertas e patentes aos olhos daquele a quem temos de prestar contas".

Deus não é uma versão maior e melhor de mim mesmo. Wayne Grudem escreveu: "O fato não é apenas que eu existo e Deus sempre existiu, mas também que Deus existe necessariamente em um modo infinitamente melhor, mais excelente e maior. A diferença entre o ser de Deus e o nosso é mais do que a diferença entre o sol e a vela, mais do que a diferença entre o oceano e a gota de chuva, mais do que a diferença entre a calota de gelo do ártico e um floco de neve, mais do que a diferença

entre o universo e a sala em que estamos assentados. O ser de Deus é *qualitativamente diferente*".[4]

A diferença qualitativa de Deus, a sua natureza diferente, revelada em seus atributos divinos é resumida na palavra *santo*. Em uma visão, Isaías contemplou a Deus em seu trono, os anjos cobrindo os olhos e pés, clamando diante de Deus: "Santo, santo, santo é o SENHOR dos Exércitos; toda a terra está cheia da sua glória" (Is 6.3).

Eu costumava pensar na santidade de Deus somente em termos de pureza moral. No entanto, R. C. Sproul me ensinou que a santidade diz respeito primariamente a Deus ser separado de sua criação, em sua perfeição e poder. A santidade de Deus significa que ele é transcendente – que ele excede todas as limitações. O fato de que Deus é santo significa que ele está acima e além de nós.

"Quando a Bíblia chama Deus de santo", escreveu Sproul, "isso significa primariamente que Deus é transcendentemente separado. Ele está tão acima e tão além de nós, que parece quase totalmente estranho para nós".[5]

Recordo uma das primeiras vezes em que experimentei o poder prático da verdade sobre Deus em minha vida. Não foi muito depois que mudei para Maryland. Eu era solteiro,

---

4 Wayne Grudem. *Bible doctrine:* essential teachings of the christian faith. Grand Rapids: Zondervan, 1999. p. 72

5 R. C Sproul . *The holiness of God.* Wheaton, Il: Tyndale, 2000. p. 38.

desejando casar, interessado em várias moças (uma das quais era Shannon), mas incerto quanto ao tempo em que deveria iniciar um relacionamento. Estava confuso, impaciente e muito ciente de quão pouco sabia a respeito do futuro. Eu queria que Deus me dissesse o que fazer. Queria que o nome da moça fosse escrito no céu.

Nesse tempo, eu estava estudando os atributos de Deus, em particular, a soberania de Deus. Estava aprendendo que Deus tem poder e autoridade total sobre todas as coisas. Ele é soberano sobre cada molécula do universo (Hb 1.3), sobre cada reino e autoridade terrenos (Sl 47.8), sobre cada coração humano (Pv 21.1).

Um dia, eu estava caminhando e orando, quando comecei a refletir sobre Romanos 8.30. Neste versículo, Paulo descreve a soberania de Deus na salvação: "E aos que predestinou, a esses também chamou; e aos que chamou, a esses também justificou; e aos que justificou, a esses também glorificou". Fui dominado pelo pensamento de que Deus me conhecia antes de meu nascimento. As implicações admiráveis desta verdade inundaram minha mente. Para que Deus me visse através dos tempos, para que realizasse minha vida, tinha de dirigir soberanamente os incontáveis bilhões de detalhes.

Deus foi soberano na emigração de meus bisavós do Japão. Foi soberano sobre o morteiro que explodiu perto de meu

avô, na Segunda Guerra Mundial, lhe fez perder a perna e o enviou ao hospital onde conheceu minha avó. Para que Deus me visse, ele tinha de ver ambos os meus pais, todos os momentos e dias de suas vidas que levariam ao seu casamento e ao meu nascimento.

A realidade de Deus mantendo toda a história humana – incluindo minha vida insignificante e minhas pequenas perguntas – encheram-me de reverência. Deus viu perfeitamente o meu passado, presente e futuro. Ele me salvou misericordiosamente. E já prometeu que um dia serei glorificado. À luz de tudo isso, não havia razão para duvidar dele. Eu podia confiar-lhe minhas questões sobre casamento e meu futuro.

Nenhuma de minhas questões foram respondidas. Eu ainda não sabia com quem eu deveria casar. Não sabia nada sobre o meu futuro, mas fiquei cheio de um admirável senso de paz, quando refleti sobre o Deus tremendo que é soberano sobre todas as coisas.

Os atributos de Deus não são apenas uma lista de fatos e características. São verdades que instruem a crença e inspiram a fé. Deus revela verdades sobre si mesmo em sua Palavra não por causa de conhecimento, e sim por causa de relacionamento conosco. Ele nos fala sobre si mesmo para que depositemos nossa fé nele, apreciemos e adoremos a ele e não desperdicemos nossa vida com ídolos criados pelo homem. Ele quer que nossa alma se eleve em adoração e comunhão com ele – e não

que ela se corrompa na busca do pecado ou definhe em inquietação e pavor.

Deus é diferente de você e de mim. Ele é totalmente diferente. E isso é totalmente maravilhoso.

Há conforto surpreendente na compreensão de que Deus é tão diferente de você e de mim. O fato de que ele não é como nós é a razão por que podemos achegar-nos a ele para obter livramento.

Deus não pensa e não age como nós: isso é boas-novas. Quando nos convida a nos aproximarmos dele, para obtermos misericórdia e perdão, Deus mantém esta maravilhosa verdade: "Porque os meus pensamentos não são os vossos pensamentos, nem os vossos caminhos, os meus caminhos, diz o SENHOR, porque, assim como os céus são mais altos do que a terra, assim são os meus caminhos mais altos do que os vossos caminhos, e os meus pensamentos, mais altos do que os vossos pensamentos" (Is 55.8-9).

Deus não é como nós. Ele é poderoso. É imutável. Seu amor é inalterável. Ele é cheio de misericórdia (Sl 136.1). E faz o que nunca faríamos, o que nunca imaginaríamos: ele morreu por seus inimigos – "Mas Deus prova o seu próprio amor para conosco pelo fato de ter Cristo morrido por nós, sendo nós ainda pecadores" (Rm 5.8).

Certa vez, quando eu fazia compras em um shopping, observei uma mulher que trabalhava em um quiosque que vendia

bijuterias de miçangas e pedras. Ela não tinha compradores. Estava folheando uma revista. E tive um senso de que deveria falar-lhe sobre Deus. Tentando ser ousado, aproximei-me e disse: desculpe-me, mas senti que deveria dizer-lhe que Deus ama você.

Ela olhou para mim, por cima da revista, e, com uma expressão bastante chateada e desinteressada, levantou as sobrancelhas e respondeu: "Sei disso". E imediatamente voltou à sua revista. Eu congelei. Não tinha a menor idéia do que dizer em seguida; por isso, virei e saí dali.

Saí pensando duas coisas. Primeira, que fui muito mal na evangelização e que falar sobre Deus para alguém é uma maneira estúpida de começar uma conversa. Mas a segunda coisa que compreendi foi que, à semelhança daquela mulher, muitas pessoas tratam levianamente a idéia de que Deus as ama porque não têm qualquer idéia de quem ele é.

A maioria das pessoas parecem supor que o trabalho de Deus é amá-las. É claro que Deus nos ama. O que mais ele tem de fazer? Deus é fraco, pequeno e, talvez, até um pouco estúpido. Ele anela por nós. E, se lhe damos qualquer atenção – ir à igreja, fazer uma boa obra, reciclar ou, talvez, meditar enquanto ouvimos música tranquilizante –, então, fazemos-lhe um grande favor.

O amor de Deus é novas maravilhosas somente quando entendemos a transcendência divina – quando trememos ante

a santidade de Deus, quando somos aterrorizados por sua perfeição e poder. O amor de Deus é percebido como admirável somente quando compreendemos que a única coisa que merecemos verdadeiramente é a ira justa e a punição eterna por nossa desobediência e deslealdade.

Ver a Deus por aquilo que ele realmente é nos faz perguntar como o salmista: "Que é o homem, que dele te lembres E o filho do homem, que o visites?" (Sl 8.4).

Estudo diligente do caráter e atributos de Deus deve nos levar a sentir-nos mais extasiados, mais amados e mais seguros no amor de Deus. Mas isso acontece de maneira bastante surpreendente. Ficamos mais confiantes no amor de Deus por nós quando entendemos que não somos o centro do universo. Deus é o centro do universo. Ele não está se centralizando ao redor de nós e de nosso valor. Deus está centralizado em sua própria glória eterna.

Lembro-me da primeira vez que ouvi alguém expressar uma opinião bíblica de Deus centrado em Deus. Foi em Austin, no Texas, ouvindo a pregação de John Piper, na conferência Passion, organizada por Louis Giglio, em 1998. O versículo-tema da conferência era Isaías 26.8: "Também através dos teus juízos, SENHOR, te esperamos; no teu nome e na tua memória está o desejo da nossa alma". As mensagem se focalizavam no nome e na reputação de Deus.

A ironia acerca de minha participação na conferência

dedicada à glória de Deus foi que, em todo o tempo, eu estava absorvido em minha própria glória. Meu primeiro livro havia sido lançado no ano anterior; eu me perguntava constantemente se as pessoas me reconheceriam, se soubessem quem eu era. Eu amava a glória. Mas não era a glória de Deus que cativava meu coração. Eu queria a minha própria glória.

A mensagem de Piper foi um bálsamo pungente para a minha alma. Ele pregou sobre a paixão de Deus por sua glória. Explicou como o grande obstáculo para glorificarmos a Deus é uma mentalidade que começa com o homem como o ponto de partida da vida e da realidade. Com essa mentalidade, Piper disse, problemas e sucesso são definidos por nós, bem como nossos alvos e prioridades.

No entanto, a mentalidade bíblica, como Piper a chamou, é completamente oposta. Nesta, o ponto de partida é Deus. Seus direitos e seus alvos definem a realidade. Falamos em direitos humanos e direitos civis, disse Piper, mas nunca falamos sobre os direitos do Criador. Nunca havia pensado nisso. A implicação é que um problema neste universo não são aquelas coisas que desconcertam meu pequeníssimo mundo de escolhas, sexo, comida, relacionamentos, tráfego e televisão. Não, um problema neste universo é qualquer coisa que contradiz os planos e alvos do Criador.

Piper perguntou qual era realmente o enigma básico do universo. É a pergunta: por que há sofrimento neste

mundo? Não, disse Piper, não para a pessoa que tem uma mentalidade bíblica. A questão para essa pessoa centrada em Deus é: por que há qualquer bondade para um pecador como eu? Como pode Deus – um Deus justo e santo – tolerar os pecados do homem? Por que ele não nos destrói completamente?

Fiquei envergonhado em admitir que essa pergunta nunca me deixou acordado à noite. Eu tinha um conceito diminuto da santidade e da retidão de Deus e um conceito enfatuado de meu valor e dignidade.

Piper continuou a insistir na pergunta: como Deus pode ser bom e perdoar pecadores? Ele usou a ilustração hipotética de uma tentativa fracassada de terroristas que pretendiam destruir a Casa Branca e matar o presidente. Se os terroristas fossem trazidos a um tribunal, e o juiz os perdoasse, lhes desse absolvição e os deixasse seguir seu caminho, o que as outras nações pensariam desse juiz? Pensariam que ele era louco ou fora subornado. Ou, pelo menos, suporiam que ele não tinha qualquer respeito pela lei.

Isso também pode ser dito sobre a glória de Deus, afirmou Piper. Se Deus ignorasse o pecado e não trouxesse nenhuma punição, o que poderíamos pensar a respeito de seu caráter, senão que ele é imperfeito?

Então, Piper se referiu à cruz. No Calvário, Deus manifestou sua justiça e seu amor. Ele foi glorificado na morte de seu

Filho. Deus ama muito a sua glória. E quão grande foi a glória da morte e da ressurreição do único Cristo – o próprio Filho de Deus! "O fundamento de nossa salvação", disse Piper, "é o amor de Deus por sua própria glória".

Eu nunca tinha ouvido alguém falar dessa maneira sobre a morte de Jesus na cruz. Sempre ouvia os pregadores explicando a cruz em termos de meu grande valor. Sou tão valioso que Deus enviou Jesus para morrer. A pergunta com a qual John Piper terminou sua mensagem desafiou-me: "Você ama a cruz porque ela o valoriza?". E mais: "Ou você a ama porque ela o capacita a desfrutar uma eternidade valorizando muito a Deus?"

Deixei Austin com um pensamento inquietante que jamais me abandonou. Se eu amo a cruz somente por causa do que ela faz por mim, reduzo-a a um momento dedicado a mim mesmo. Todavia, a maior glória da cruz é o que ela me diz sobre Deus – um Deus de justiça e misericórdia, um Deus que ama pecadores como eu, tanto que veio morrer por mim, para que eu pudesse ser livre para conhecê-lo e adorá-lo por toda a eternidade.

Em meu grupo de jovens da escola, na época do ensino médio, costumávamos cantar uma música sobre como Deus é transcendente, mas também imanente e está perto de nós. De fato, naquele tempo eu não sabia do que tratava a canção. Eu não a entendia. As palavras diziam:

Isso é o que o diz o Alto e Sublime,
Que vive para sempre, santo é o seu nome.
"Habito num alto e santo lugar
E com o humilde de espírito".

O nosso líder de louvor colocava os rapazes e as moças a cantarem em cânone. Isso era sempre muito legal. Contudo, eu não sabia o que letra significava. De certo modo, eu sabia que as palavras da canção haviam sido extraídas de Isaías 57.15, que diz:

Porque assim diz o Alto, o Sublime,
que habita a eternidade, o qual tem o nome de Santo:
Habito no alto e santo lugar,
mas habito também com o contrito e abatido de espírito,
para vivificar o espírito dos abatidos
e vivificar o coração dos contritos.

O que esse versículo está dizendo, e o que costumávamos cantar, é a incrível realidade de que Deus que "habita a eternidade" e que é santo e transcendente – ou seja, totalmente separado de nós – é também o Deus que se aproxima de homens e mulheres que são contritos e humildes diante dele. Deus é imanente; ele está perto. Jesus é chamado de Emanuel, Deus conosco.

Eu gostaria que, então, eu entendesse as riquezas e maravilhas da doutrina que eu cantava. Aquele que é Sublime, do céu, é também aquele que está perto e vivifica os corações dos abatidos. O Deus terrível, que transcende toda a criação, condescende em habitar com o fraco, desamparado na pessoa de seu Filho. Isso é admirável.

Temos de segurar juntas essas duas verdade sobre Deus. Se soltarmos uma delas, nossa visão de Deus será distorcida. Se focalizarmos apenas a transcendência de Deus, nós o tiramos fora do cenário da vida humana. Terminamos agindo como se Deus estivesse tão distante que não será visto em lugar algum. Ou que, estando tão distante, ele não se importa se o ignoramos.

O extremo oposto é trazer Deus para tão perto que o destituímos de sua "divindade". Nestes dias, eu arriscaria dizer que esse é o erro mais comum. Muitas pessoas com quem converso não temem nem respeitam a Deus. Acham que chegaram a entender a Deus. Por isso, Deus se torna nosso camarada, nosso amigo, nosso Mordomo Divino. A proximidade de Deus é admitida como certa, e não celebrada. Ele está perto, é familiar e comum. Deus está perto, mas nós o tornamos pequeno – tão pequeno que podemos levá-lo no bolso a todos os lugares, como um amuleto de boa sorte.

Para conhecermos e nos relacionarmos com Deus como devemos, temos de lembrar que ele é *transcendente* e *imanente*.

Deus está muito acima de nós em poder e glória, mas não à parte, desinteressado e não envolvido. Ele está, como diz o salmista, à nossa mão direita, sustentando aqueles que confiam nele (Sl 16.8).

Conheci uma moça que pensava que as estrelas eram minúsculas partículas de luz acima de sua cabeça. Não estou brincando. E ela não estava no ensino elementar quando acreditava nisso. Estava na faculdade. Era uma moça delicada, amável, ruiva que falava espanhol quase perfeito. Era inteligente em muitas maneiras. Contudo, um dia, em uma conversa, ela mencionou que acabara de aprender que as estrelas estão realmente muito distante. Perguntei-lhe o que estava querendo dizer.

Ela respondeu: "Elas não estão apenas lá no alto. Não são pequenos pontos. Elas estão realmente muito distante".

Fiquei incrédulo.

"O que você pensava antes?", indaguei.

"Pensava que elas apenas estavam lá no alto, acima de nós."

Se você me perguntasse por que é importante estudar a doutrina de Deus, eu diria: pela mesma razão por que é importante saber que as estrelas não são minúsculos pontos de luz que estão acima de nossa cabeça. Quando conhecemos a verdade sobre Deus, ela nos enche de admiração. Se falhamos em entender o verdadeiro caráter de Deus, nunca seremos

tomados de admiração por ele. Nunca nos sentiremos pequenos, quando o contemplarmos. Nunca o adoraremos como deveríamos. Nuca correremos para ele em busca de refúgio, assim como nunca compreenderemos o grande amor que ele mostrou em atravessar a distância incalculável para resgatar-nos.

Há uma maneira certa e uma maneira errada de aproximar-nos da doutrina de Deus. Podemos estudar a Deus com um microscópio ou um telescópio. Um microscópio faz uma coisa bem pequena parecer grande. Mas essa não é a maneira de magnificarmos a Deus. Quando fazemos isso, somos como cientistas em um laboratório que magnificam algo minúsculo em benefício da categorização científica. Nós, porém, não somos maiores do que Deus, capazes de enumerar e dar nome às suas partes.

Em vez disso, devemos estudar os atributos de Deus como os astrônomos estudam os corpos celestes – por meio de um telescópio. As lentes do telescópio nos capacitam a ver como algo é muito maior e muito mais admirável do que imaginávamos a princípio.[6]

Quando estudamos a doutrina de Deus, deve haver um

6 Emprestei a analogia de microscópio-telescópio do sermão de John Piper intitulado "Passion for the Supremacy of God – part 1", apresentado na *Conferência Passion* de 1997. Disponível em: <http://www.desiringgod.org/ResourceLibrary/ConferenceMessages/ByDate/1997/1906_Passion_for_the_Supremacy_of_God_Part_1/>.

senso de temor em nosso coração. Devemos ser como crianças que com um telescópio contemplam um céu estrelado. Assim, ficaremos cheios de admiração ante o fato de que Alguém tão grande – tão transcendente – pode ser conhecido e visto por nós. Sentiremos corretamente como somos pequenos e insignificantes, quando compreendermos quão grande e poderoso é realmente o Deus que contemplamos.

Quanto mais você aprender quem Deus é, verdadeiramente, tanto mais incrível se tornará o convite dele para que o conheça. Quando você conhece a Deus como o infinito, todo-poderoso, santo e eterno Deus do céu, o anúncio de que ele o ama assume um significado totalmente novo. Isso não é algo esperado, não é algo vulgar. É a causa de admiração.

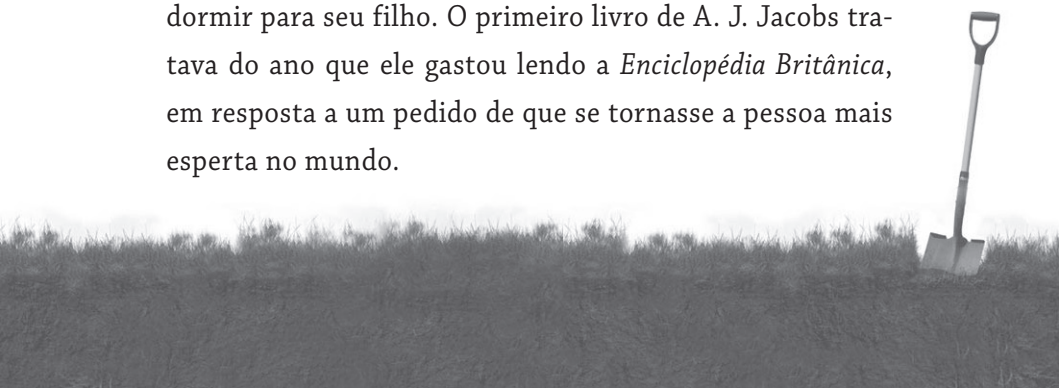
O Alto e Sublime oferece aproximar-se daqueles que são humildes. Ele enviou seu Filho para morrer a fim de que o Perfeito em santidade pudesse habitar entre nós. Deus está perto. Mas não podemos administrá-lo nem contê-lo. Ele não está em nossos bolsos. O Todo-Poderoso nos segura em *suas* mãos.

CAPÍTULO 4

RASGANDO, QUEIMANDO, COMENDO

"Quando lemos a Bíblia,
ela nos abre. Ela nos lê."

A. J. Jacobs ganha a vida sendo uma cobaia humana. Ele se coloca em experiências de vida estranhas e incomuns; depois, escreve a respeito dessas experiências. Certa vez, para um artigo da revista *Esquire* intitulado "Minha Vida Terceirizada", ele contratou um grupo de pessoas em Bangalore, na Índia, para viver por ele. Essas pessoas responderam os e-mails de Jacobs, telefonaram para seus colegas, conversaram com sua esposa e leram histórias de dormir para seu filho. O primeiro livro de A. J. Jacobs tratava do ano que ele gastou lendo a *Enciclopédia Britânica*, em resposta a um pedido de que se tornasse a pessoa mais esperta no mundo.



Um livro mais recente intitulado *The Year of Living Biblically* (O Ano Vivendo Biblicamente) segue um padrão semelhante. É a história de como Jacobs tentou seguir cada regra bíblica tão literalmente quanto possível, durante um ano inteiro. Você deve saber que Jacobs é um agnóstico. "Sou oficialmente judeu", ele escreve, "mas sou um judeu da mesma maneira que o Oliver Garden é um restaurante italiano. Isto é: não muito".[1]

Jacobs começou sua experiência com uma visita a uma livraria cristã em Manhattan. Ele precisou comprar uma Bíblia e livros de estudo suplementar. Um vendedor que tinha uma fala suave e cordial, chamado Chris, ajudou Jacobs a escolher entre os diferentes tamanhos de Bíblias e opções linguísticas. Depois, Chris apontou uma versão da Bíblia para moças adolescentes que tinha o objetivo de parecer-se exatamente com a revista *Seventeen*. "Essa versão é boa", disse Chris, "se você está no metrô e sente-se muito embaraçado por ser visto lendo a Bíblia; porque ninguém saberá que isto é uma Bíblia". A resposta de Jacobs é uma de minhas linhas favoritas em todo o livro: "Você sabe que está em uma cidade secular quando se considera mais aceitável um homem adulto ler uma revista de moças adolescentes do que ler a Bíblia".[2]

---

1 A. J Jacobs . *The year of living biblically:* one man's humble quest to follow the Bible as literally as possible. New York: Simon and Schuster, 2007. p. 4.

2 Ibid. p. 9.

Jacobs deixou a loja com duas sacolas cheias da Escritura. Em seguida, ele procedeu a leitura de toda a Bíblia em quatro semanas. Enquanto lia, anotou toda regra ou direção que encontrou – pequena ou grande. É óbvio que isso incluiu regras como os Dez Mandamentos e "ama o teu próximo", mas também incluiu as lei menores do Antigo Testamento concernentes a dietas e rituais de purificação. O objetivo de Jacobs era tomar a Bíblia tão literalmente quanto possível e colocá-la toda em prática.

Como você pode imaginar, o resultado foi hilário.

Por exemplo: como o livro de Levítico diz que o homem não deve aparar as extremidades da barba, Jacobs parou de barbear-se. Em poucos meses, ele parecia um membro da banda ZZ Top. Parou de vestir roupas feitas de fibras misturadas. Tocava uma harpa de dez cordas. Recusava-se a apertar a mão das mulheres que poderiam estar cerimonialmente impuras, porque haviam tido sua menstruação. Isso envolvia fazer às mulheres que ele conhecia indagações sobre o ciclo mensal de cada uma. (Bastante estranho é o fato de que as mulheres de seu escritório mostraram-se felizes em dar-lhe as informações em planilhas de Excel).

Talvez a atividade mais bizarra foi sua tentativa de apedrejar adúlteros. Ele fez isso tentando atirar pequenas pedras em estranhos sem que estes vissem. Evidentemente, Jacobs supôs que quase todo nova-iorquino é adúltero.

Seu livro é um artifício comercial, mas levanta perguntas sérias a respeito do que significa viver pela Bíblia. Tocar harpa e deixar a barba crescer significa viver segundo a Bíblia? E, mais importante, como devemos pensar sobre a Bíblia? A Escritura tem a autoridade de nos dizer como viver? Ou a Bíblia é apenas um conjunto de regras e rituais arcaicos que não têm qualquer significado em nosso mundo moderno?

Em um sentido, a Bíblia seria mais fácil de ser entendida, de ser manuseada, se ela fosse apenas um livro de regras sobre dietas, cuidado facial e comportamento sexual. Não sei se você já pensou nisso, mas nós, seres humanos, fazemos muito bem livros de regras. Não estou me referindo apenas a livros religiosos. Todo ano, uma nova quantidade de livros sobre dieta, estilo de vida e administração do tempo nos dizem exatamente o que comer, como exercitar-nos e como gastar nosso tempo. Compramos fielmente esses livros e lhes obedecemos como escravos. Por um mês ou dois – até percebermos que ainda estamos gordos e ainda somos desorganizados. Então, saímos à procura de um novo livro para nos dominar.

Basicamente, A. J. Jacobs lidou com a Bíblia como o livro de regras crucial. Contudo, embora tenha submetido sua vida a um livro antigo, ele não encontrou a Pessoa que falava em todo o livro. Ele não conhecia nem mesmo cria no Deus da Bíblia – o Deus que nos procura por meio de sua Palavra viva.

A Bíblia é muito mais maravilhosa, mais perigosa e mais radicalmente transformadora da vida do que um mero livro de instruções. Mas você não a entenderá, nem obterá dela qualquer benefício enquanto não crer no que ela afirma sobre si mesma. A Bíblia apresenta a si mesma como uma comunicação viva de um Deus pessoal para a raça humana – mais especificamente, para *você*.

Pare e pense nisso por um momento. Deus falando com você.

Que afirmação incrível! É nisto que se fundamenta a fé cristã – no que a Bíblia afirma sem apologia. Deus é real. Deus existe. E, como Francis Schaeffer expressou no título de um livro, "Ele não está em silêncio". Deus fala. Ele se comunica. E ordenou que suas palavras fossem gravadas em sinais e símbolos da linguagens humana – escritas e impressas em papel, formando um livro que podemos levar em nossas mãos.

Quando falamos sobre a *doutrina da Escritura*, estamos falando sobre tudo que a Bíblia nos ensina a respeito de si mesma: o que é a Bíblia, de onde ela vem, quais são as suas características e como devemos lê-la e obedecer-lhe. Entender corretamente a doutrina da Escritura é essencial para que tenhamos um fundamento sólido como cristãos. Se você não entende que Deus tem falado por meio da Bíblia, ou não crê na Bíblia, como você pode conhecer a Deus e cultivar um relacionamento autêntico com ele?

A doutrina da Escritura é singularmente importante entre as doutrinas cristãs porque ela envolve todos os outros assuntos da fé cristã. O que sabemos sobre Deus e a salvação, nós o sabemos porque Deus o revela para nós na Bíblia. Em outras palavras, só temos uma doutrina de Deus e uma doutrina da expiação, se cremos que a Escritura pode ser entendida e que ela é verdadeira (sem erros).

Portanto, a Escritura é o alicerce de toda crença da fé cristã. Efésios 2.20 nos diz que a igreja está edificada "sobre o fundamento dos apóstolos e profetas, sendo ele mesmo, Cristo Jesus, a pedra angular". Ao mesmo tempo que Jesus é pedra angular da igreja de Deus, a igreja também descansa sobre o fundamento firme do ensino e pregação dos apóstolos e profetas que são registrados na Bíblia. Deus comissionou os profetas; Jesus comissionou os apóstolos. Eles eram porta-vozes designados por Deus. Essa é a razão por que honramos os ensinos dos apóstolos e dos profetas. As palavras deles gravadas nas Escrituras constituem para nós a base de nossa fé e prática como seguidores de Jesus Cristo.

Hebreus 1.1-2 diz: "Havendo Deus, outrora, falado, muitas vezes e de muitas maneiras, aos pais, pelos profetas, nestes últimos dias, nos falou pelo Filho, a quem constituiu herdeiro de todas as coisas, pelo qual também fez o universo". A comunicação de Deus para a humanidade – primeiramente,

por meio dos profetas e, depois, por meio de Jesus – é o que a Bíblia registra. Ela nos diz quem Deus é e como ele tem agido na história da humanidade; e nos conta o significado das ações de Deus.

Embora possamos aprender algumas coisas sobre Deus por observar sua criação (Rm 1.19-20), esse conhecimento é limitado. Somos dependentes da revelação de Deus nas Escrituras. Precisamos que ele nos fale e nos revele a si mesmo.

Essa é a razão por que temos a Bíblia. Ela não é uma relíquia de uma religião antiga. Sem a comunicação de Deus na Bíblia, sem a revelação, não poderíamos conhecer a Deus nem entender sua atividade no mundo. Isso é chamado de *necessidade* da Escritura, significando que a Escritura é necessária para que conheçamos a Deus e lhe obedeçamos.

Não há espiritualidade genuína sem a Palavra de Deus. Precisamos da auto-revelação de Deus para saber como ele é. Precisamos da revelação para saber quem nós somos e por que existimos. Precisamos da revelação para explicar o nosso propósito e o significado eterno da vida neste planeta. Precisamos da revelação para saber que somos pecadores e merecemos condenação. Precisamos da revelação para conhecer as boas-novas de salvação por meio da fé em Jesus.

Sem a Bíblia, não há conhecimento salvífico de Deus. Sem a Bíblia, não saberíamos como entender o significado da cruz e da ressurreição. Sem a Bíblia, não há nada em que colocarmos

a nossa fé. Romanos 10.17 afirma: "E, assim, a fé vem pela pregação, e a pregação, pela palavra de Cristo".

As minhas recordações mais antigas relacionadas à Bíblia envolve livros em quadrinhos. Quando eu era criança, ganhei um conjunto de três livros que apresentavam a Bíblia em um formato de quadrinhos (comic-books). E eu os devorava.

Eu amava especialmente o Antigo Testamento. Mesmo sendo criança, eu tinha um senso de que o Antigo Testamento era levemente ilícito. Era como se alguém tivesse colocado um filme de ação impróprio para menores de 17 anos em meio a uma pilha de DVDs de filmes da Disney. Logo de cara, vemos que Adão e Eva estavam nus. Fiquei fascinado com a capacidade de Eva permanecer no Jardim do Éden de modo que uma folha ou um galho de uma árvore cobriam suas partes íntimas como um tipo de biquíni orgânico.

No entanto, foi o assassinato e o crime na Bíblia que atraíram a minha atenção. Quando comecei a ler a Bíblia genuína, gastava muito de meu tempo em Gênesis, Êxodo, 1 e 2 Samuel e 1 e 2 Reis. Eles falam sobre violência. Caim matou Abel. Os egípcios jogaram bebês como alimento para crocodilos. Moisés matou um egípcio. Deus matou milhares de egípcios no mar Vermelho. Davi matou Golias e ganhou uma esposa por trazer ao seu futuro sogro duzentos prepúcios de filisteus. Não posso acreditar que mamãe ficava tão feliz em que eu gastasse meu tempo cada manhã lendo sobre batalhas horríveis, prostitutas,

fratricídio, assassinatos e adultério. Que maneira de ter uma "hora silenciosa".

Cresci com um conhecimento razoavelmente firme das histórias da Bíblia, mas não tinha uma idéia clara sobre como a Bíblia se harmonizava ou qual era a sua verdadeira mensagem. Eu não entendia como as histórias emocionantes do Antigo Testamento se conectavam com as histórias menos emocionantes do Novo Testamento e com a história de Jesus.

Esse conceito da Bíblia como um conjunto de histórias desconexas, pulverizada de conselhos sábios e completada com a história inspiradora de Jesus parece bastante comum entre os cristãos. Isso é tão desventurado, pois ver a Bíblia como um único livro, que tem um único autor e um único personagem principal significa vê-la em sua beleza empolgante.

Desde que comecei a me interessar por teologia, tenho aprendido que uma parte importante de estar alicerçado na verdade é não somente crer que a Bíblia é a Palavra de Deus, mas também entender a linha histórica da Bíblia, do começo ao fim. A Bíblia é tanto doutrina como história. Ela não somente nos apresenta princípios e proposições verdadeiros, mas também usa o poder da história para nos mostrar como Deus age na história humana.

Tenho sido ajudado por livros como *Gospel and Kingdom*, escrito por Graeme Goldsworthy, e God's Big Picture, escrito por Vaughan Robert; esses livros expõem o que chamamos de

teologia bíblica. Diferentemente da teologia sistemática, que coloca juntos os ensinos da Escritura sobre temas específicos, a teologia bíblica se interessa pelo que aprendemos sobre Deus e seu plano de salvação através da linha histórica da Bíblica. A teologia bíblica nos mostra como toda a história se conecta, como o plano de Deus se desenvolve de Gênesis a Apocalipse.

Ironicamente, um dos livros mais proveitosos que já li sobre teologia bíblica é um livro para crianças intitulado *The Jesus Storybook Bible*, escrito por Sally Lloyd-Jones. Eis uma parte da introdução desse livro, que acho linda:

> Ora, algumas pessoas acham que a Bíblia é um livro de regras, que lhe diz o que deve fazer e o que não deve fazer. A Bíblia tem, certamente, algumas regras em seu conteúdo. Ela mostram como a vida funciona melhor. Entretanto, a Bíblia não fala principalmente sobre você e o que você deveria estar fazendo. A Bíblia fala sobre Deus e o que ele tem feito.
>
> Outras pessoas acham que a Bíblia é um livro de heróis, que mostra pessoas que você deve imitar. A Bíblia tem alguns heróis em sua história, mas (como você descobrirá) a maioria das pessoas apresentadas na Bíblia não são heróis, de maneira alguma. Eles cometeram grandes erros (às vezes, de propósito). Sentiram medo e fugiram. Às vezes, eles são bem malvados.
>
> Não, a Bíblia não é um livro de regras, nem um livro de heróis. A Bíblia é, quase toda, uma história.

> É uma história de aventura a respeito de um jovem Herói que vem de um país distante para ganhar de volta seu tesouro perdido. É uma história de amor a respeito de um Príncipe corajoso que deixa seu palácio, seu trono – tudo – para resgatar aquela que ele ama. É como se o mais maravilhoso conto de fadas se tornasse verdade na vida real!
> Você percebe, a melhor coisa sobre a história é esta: ela é verdadeira.
> Há muitas outras histórias na Bíblia, mas todas elas contam uma História Maior – a História de como Deus ama seus filhos e vem resgatá-los.
> A história envolve toda a Bíblia. E, no centro da história, há um bebê. Cada história da Bíblia murmura o nome desse bebê. Ele é como a peça que falta em um quebra-cabeça – a peça que faz todas as outras se encaixarem, e, inesperadamente, você pode ver um lindo quadro.[3]

Lembro-me da primeira noite em que li essa passagem para meus filhos. Senti-me tão comovido, que lágrimas encheram meus olhos. Minhas crianças, é claro, ficaram desnorteadas. "Papai, você está chorando?", elas perguntaram. Tentei explicar que estava chorando porque fiquei muito cheio de gratidão pela Palavra de Deus e por Jesus. E disse-lhes: gostaria que pudessem entender como isso é bom!

---

3 Sally Lloyd-Jones, *The Jesus storybook Bible:* every story whispers his name. Grand Rapids: Zonderkidz, 2007. p. 14-17.

A Bíblia é uma única história – a história do propósito de Deus em salvar pecadores por meio do sacrifício de seu Filho em lugar dos pecadores. As leis e rituais de dieta e de purificação dadas em Levítico, que A. J. Jacobs tentou obedecer tão meticulosamente, nunca foram dadas com o propósito de salvar, e sim para mostrar a incapacidade da raça humana de salvar a si mesma.

Somente Jesus pode obedecer perfeitamente. Em cada página da Bíblia, cada história sussurra o nome de Jesus. Quando Deus ordenou a Abraão que não sacrificasse o seu único filho, Isaque, e prometeu prover o sacrifício, Jesus, "o Cordeiro de Deus", foi anunciado por antecipação. Quando Davi derrotou Golias, a história é uma visão antecipada de Jesus – o último Vencedor, que um dia conquistará a morte em favor de seu povo.

A Bíblia é a história de Jesus (Jo 5.39-40, 46-47). É a verdade sobre Jesus. Toda a Escritura nos foi dada para conhecermos e amarmos a Jesus. A revelação bíblica visa ao nosso relacionamento com ele.

Em seu livro *God Has Spoken* (Havendo Deus Falado), J. I. Packer pergunta por que Deus nos fala por meio de sua Palavra. "A resposta verdadeiramente admirável que a Bíblia nos dá quanto a essa pergunta é que o propósito de Deus na revelação é *fazer amizade* conosco". Packer explica que Deus nos criou à sua imagem para que pudéssemos ter comunhão com ele em

um relacionamento mútuo de afeição e amor. Essa era o propósito de Deus quando criou Adão e Eva. Esse é o propósito de Deus em subverter a maldição do pecado – capacitar-nos a ser seus filhos, para nos relacionarmos com ele como Pai. "A amizade de Deus com homens e mulheres começa e se desenvolve por meio do falar", acrescenta Packer. "A revelação de Deus acontece pelo seu falar a nós, e nossa revelação a ele, pela oração e louvor. Embora eu não possa ver a Deus, ele e eu podemos ser amigos pessoais, porque na revelação ele fala comigo."[4]

Quando Deus nos fala a verdade sobre si mesmo, *por meio de histórias* e *de doutrina*, seu propósito é relacionamento. As afirmações "Deus é amor" e "Deus é santo" são proposições – são verdades doutrinárias. Mas são também profundamente relacionais. Somente por conhecer a verdade sobre quem Deus é, podemos ter um relacionamento autêntico com ele. Contudo, Deus também usa histórias para nos ensinar e nos revelar a si mesmo. A Bíblia não está limitada a um ou outro desses meios de revelação; e eles não estão em desarmonia. Por meio de ambos, Deus está falando e se revelando a nós para que o conheçamos verdadeiramente.

Em 2 Timóteo 3.16, o apóstolo Paulo diz: "Toda a Escritura é inspirada por Deus". É difícil imaginarmos uma sentença que possa comunicar mais fortemente a conexão entre Deus e

4 J. I. Packer, *God has spoken:* revelation and the Bible. Downers Grove, IL: InterVarsity, 1979. p. 50-52.

a Escritura. A Escritura não é apenas abençoada ou sancionada por Deus. Ela é inspirada por Deus. "Isso não significa que Deus fez acréscimos ao que os homens haviam escrito", disse Sinclair Ferguson, "e sim que Deus é a origem, a fonte do que foi escrito".[5] É como se, quando lêssemos, Deus mesmo falasse novamente conosco, e sua voz sussurrasse para nós.

O processo de inspiração – a maneira pela qual Deus dirigiu a redação da Escritura – não foi sempre o mesmo. Em alguns casos, com o apóstolo João, Deus falou: "Escreve" (Ap 21.5) e, em seguida, lhe instruções específicas. Todavia, na maioria dos casos, Deus agiu por meios aparentemente normais. Neemias escreveu um relato em primeira pessoa. Um escriba chamado Baruque escreveu as profecias de Jeremias. Paulo escreveu cartas. Lucas documentou o testemunho ocular de outros ao escrever seu evangelho e gastou tempo viajando com Paulo para escrever sua história da igreja primitiva, que encontramos em Atos dos Apóstolos.

Apesar disso, 1 Pedro 1.21 nos diz: "Nunca jamais qualquer profecia foi dada por vontade humana; entretanto, homens [santos] falaram da parte de Deus, movidos pelo Espírito Santo". Deus usou seres humanos para escrever sua Palavra, mas guiou a mente, as experiências e o contexto de vida deles para produzir o resultado final. Portanto, embora

5 Sinclair B. Ferguson, *Handle with care!* a guide to using the Bible. London: Hodder and Stoughton, 1982. p. 22.

os escritores estivessem no controle de si mesmos, o Espírito Santos os estava guiando a escrever as próprias palavras que Deus queria que eles escrevessem.

Algumas pessoas questionam a Bíblia porque dizem que a igreja votou a respeito de quais livros deveria incluir no Novo Testamento. Essa atitude é uma distorção do modo como chegamos a ter a Bíblia como ela é. Quando a igreja afirmou os livros que compõem a Bíblia, ela estava apenas reconhecendo o que tinha sido sempre afirmado desde os seus anos iniciais – que o Antigo Testamento e os escritos dos apóstolos e de seus associados mais próximos, os quais Jesus comissionou para ser suas testemunhas, tinham autoridade única e foram inspirados. Esses livros foram reconhecidos como o Canon, uma palavra grega que significa "bastão ou vara reta". *Canon* veio a ser usada como uma palavra de "medida" ou "regra" e "chegou a ser aplicada ao conteúdo do Novo Testamento; juntos, os livros formaram a 'regra de fé e prática' pela qual toda a igreja e os cristãos individualmente governavam sua vida".[6]

Enquanto a afirmação crucial da Escritura como Palavra de Deus seja o testemunho da própria Escritura, um segundo testemunho importante é o da igreja e dos crentes individuais através dos séculos. Quando lemos as palavras da Escritura, no Antigo e Novo Testamento, o Espírito Santo dá,

6 Ibid. p. 28.

em nosso coração, testemunho de que essas palavras são diferentes de quaisquer outras. Paulo viu o efeito disso quando pregou aos tessalonicenses. Eles receberam o ensino do apóstolo não como palavra de homens, mas "e sim como, em verdade é, a palavra de Deus, a qual, com efeito, está operando eficazmente em vós, os que credes" (1 Ts 2.13). Crentes, em todos os lugares, podem confirmar essa experiência. A Escritura fala à nossa alma com profundeza e intensidade que é inigualável.

Hebreus 4.12-13 nos diz: "Porque a palavra de Deus é viva, e eficaz, e mais cortante do que qualquer espada de dois gumes, e penetra até ao ponto de dividir alma e espírito, juntas e medulas, e é apta para discernir os pensamentos e propósitos do coração. E não há criatura que não seja manifesta na sua presença; pelo contrário, todas as coisas estão descobertas e patentes aos olhos daquele a quem temos de prestar contas". Quando lemos a Bíblia, ela nos abre. Ela nos lê. A Bíblia nos perscruta de maneira profunda. Revela nosso coração e motivações. Convence-nos e conforta-nos. Quando a lemos, o Espírito Santo confirma em nosso coração que ela é não a palavra de homens, e sim a Palavra de Deus. São palavras diferentes de quaisquer outras palavras que lemos neste mundo. São verdadeiras e eternas. Provérbios 30.5-6 diz: "Toda palavra de Deus é pura; ele é escudo para os que nele confiam. Nada acrescentes às suas palavras, para que não te repreenda, e sejas achado mentiroso".

E Jesus disse: "Passará o céu e a terra, porém as minhas palavras não passarão".

Deus honra aqueles que reverenciam e respeitam tanto a ele como a sua Palavra – aqueles que tratam as Escrituras não como meras palavras em uma página ou invenção humana, e sim como as palavras santas, inspiradas por Deus, plenas de autoridade e poderosas do Altíssimo. Deus afirmou em Isaías 66.2: "O homem para quem olharei é este: o aflito e abatido de espírito e que treme da minha palavra".

Minha história favorita de humildade diante da Palavra de Deus é a que encontramos na vida do rei Josias. Em seus dias, a lei de Deus estava perdida – esquecida por décadas. Todavia, 2 Reis 22 nos conta a história do dia em que o rolo perdido foi descoberto e trazido ao rei. Josias tinha 26 anos de idade. Foi o momento definidor de sua vida.

A Bíblia diz que Josias, ao ouvir a leitura da Palavra de Deus – ao ouvir sobre a santidade de Deus e as promessas de bênção e julgamento que ele fez ao povo, rasgou suas vestes reais. Nos tempos antigos, rasgar as vestes era um símbolo de profunda tristeza e pesar. Rasgar as vestes foi para o rei Josias um ato de humilhação – como se dissesse: "Minha posição e minha função não significam nada". Era uma declaração de tristeza e arrependimento. "Tu és Deus; tu estás certo, e eu estou errado."

Josias rasgou as vestes. E chorou.

Deus estava vendo. E a Bíblia diz que Deus ficou satisfeito. Ele disse a Josias: "Porquanto o teu coração se enterneceu, e te humilhaste... e rasgaste as tuas vestes, e choraste perante mim, também eu te ouvi". Deus prometeu mostrar misericórdia a Josias (2 Rs 22.18-20).

Acho que todas as pessoas têm perguntado: *Quando eu oro, Deus me ouve?* Mas essa história nos ensina que as perguntas que devemos fazer são: *Estou ouvindo a Deus por meio de sua Palavra? Estou ouvindo-o? Tremo diante de sua Palavra?*

"Pedi a Deus um sinal", ela disse. Isaac, meu colega pastor, e eu conversávamos com uma jovem que estava enredada em um relacionamento imoral com um namorado incrédulo. "Sei que Deus o trouxe à minha vida por uma razão", ela acrescentou.

"Como você sabe isso?", perguntei-lhe.

"Eu apenas sei", ela respondeu.

Estávamos reunidos para rogar-lhe que abandonasse seu pecado. Li três passagens bíblicas que proibiam o sexo fora do casamento ou imoralidade sexual (1 Co 6.18; Ef 6.3; 1 Ts 4.3). "Você percebe que o seu comportamento é errado?", perguntei.

"Sim, eu sei", ela respondeu. "Sei que é imoral. Estou apenas pedindo a Deus que me mostre o que fazer", ela disse. No começo daquela semana, ela acordara no meio da noite cheia de dúvidas quanto ao seu relacionamento. Talvez ela deveria rompê-lo. "Deus, por favor, me dê um sinal", ela orou.

Aquele dia era o "aniversário" deles. Enquanto dirigia para chegar ao trabalho, ela pensou: seu namorado nunca lhe enviara flores no trabalho. Ela se encaminhou para o escritório e achou ali um lindo buquê de rosas.

"Aquilo era uma mensagem de Deus?", perguntou-nos em lágrimas. "É a minha resposta?"

Achei isso irônico e disse que ela estava dominada pelo desejo de obter um sinal de Deus – um aniversário, flores, acordar no meio da noite –, quando Deus lhe falava claramente na Bíblia. Jesus disse: "Se me amais, guardareis os meus mandamentos" (Jo 14.15).

A doutrina da Escritura nos ensina a autoridade da Palavra de Deus. A Escritura tem de ser a regra final de fé e prática para a nossa vida. Não os nossos sentimentos ou emoções. Não sinais, palavras proféticas ou intuições.

O que mais Deus pode nos dar que não nos tenha dado em sua Palavra? A pergunta é: ouviremos ou não? Obedeceremos quando não gostamos do que a Bíblia tem a dizer?

Este é um momento em que nossa crença sobre a Escritura se encontra com a realidade. Aquilo que *afirmamos* crer faz pouca diferença, se não agimos de acordo com o que cremos. Suponho que muitos cristãos diriam que a Bíblia é a Palavra autoritária de Deus. Contudo, enquanto essa autoridade não muda realmente o modo como vivemos – como pensamos e agimos –, falar sobre a autoridade da Escritura é nada mais do

que parola religiosa. Estamos tratando a Palavra inspirada de Deus como uma porção de ar quente.

A Escritura tem sempre o propósito de agir em nossa vida. Quando Paulo disse que a Escritura é inspirada por Deus, ele não parou nessa afirmação. Ele disse: "Toda a Escritura é inspirada por Deus e útil para o ensino, para a repreensão, para a correção, para a educação na justiça, a fim de que o homem de Deus seja perfeito e perfeitamente habilitado para toda boa obra" (2 Tm 3.16-17).

A Palavra de Deus nos ensina como pensar. Ela nos ensina a verdade. Reprova e corrige nossa velha maneira de pensar egocêntrica. A Palavra de Deus nos educa na justiça. Tem autoridade. E, quando nos submetemos a ela, a Escritura nos capacita para boas obras. Ela nos dá o que precisamos para amar, servir e sacrificar.

A Bíblia tem valor limitado se o vemos como um livro de sabedoria antiga, esotérico e espiritualmente inspirador. Ela nos foi dada para ser obedecida e vivida. Josias deixou que a Palavra de Deus o *reformasse*. Rasgou suas vestes – um símbolo visual que diz: "Eu sou aquele que precisa mudar". Ele não mudou as palavras de Deus para satisfazer a si mesmo; antes, deixou que a Palavra de Deus modelasse a sua vida.

Quero ser como Josias. Quando minha vida discorda da Palavra, quero dizer: "Esta Palavra é verdadeira; tenho de mudar".

A maneira como nos relacionamos com as Escrituras revela como vemos o próprio Deus. A Bíblia nos fala de um homem que possuía tão baixa consideração pela Palavra de Deus que ele a queimou. Infelizmente, esse homem, chamado Jeoaquim, era filho do piedoso rei Josias. Jeoaquim se tornou rei de Judá em menos de um ano depois da morte de seu pai. Tinha 25 anos de idade e reinou por onze anos. 2 Reis 23.37 resume a vida de Jeoaquim dizendo apenas: "Fez ele o que era mau perante o Senhor".

Jeremias 36 nos revela a grave história de como Jeoaquim rejeitou a Palavra de Deus. Um rolo que continha todas as profecias de Jeremias foi trazido ao rei Jeoaquim. Ele estava em sua casa de inverno, e um fogo ardia em um braseiro perto dele. Ele ouviu a leitura da profecia, mas seu coração permaneceu insensível. Ele não tremeu. Antes, desprezou-a. Quando três ou quatro folhas do rolo foram lidas, o rei o cortou com um canivete e o lançou no fogo. Ele fez isso até que todo o rolo foi reduzido a cinzas. Jeremias 36.34 diz: "Não se atemorizaram, não rasgaram as vestes, nem o rei nem nenhum dos seus servos que ouviram todas aquelas palavras".

Esse é um quadro assustador de desconsideração arrogante para com Deus e sua Palavra. E o contraste entre Josias e seu filho Jeoaquim não poderia ser mais evidente.

Josias rasgou as vestes. Jeoaquim rasgou as palavras de Deus.

Josias era penitente. Jeoaquim era insensível.

Josias reformou sua vida depois de ouvir as palavras de Deus. Jeoaquim queimou as palavras de Deus.

A jovem sentada em meu escritório estava queimando a Palavra de Deus, enquanto a ouvia e se recusava a obedecer-lhe. Quantas vezes já fiz isso? Li a Palavra de Deus, soube ao que ela me chamava, mas recusei-me a tomar uma nova direção.

Cada geração e cada pessoa pode, à sua maneira, queimar a Palavra de Deus. Às vezes, isso acontece de modo grosseiro. Mas, às vezes, esse queimar acontece de modo sofisticado, elaborado e sutil.

A maneira mais comum pela qual as pessoas cortam e queimam a Palavra de Deus é roubá-la das qualidades que ela reivindica para si mesma. Portanto, se eu digo que, embora a Escritura seja inspirada, ela contém erros, posso até confessar grande consideração pela Bíblia, mas em essência me tornei juiz da Bíblia. Se fosse possível alguma parte da Bíblia não ser verdadeira, eu estaria em posição de escolher o que ouvir e o que não ouvir nas Escrituras.

O estudo técnico da Escritura, realizado pelos acadêmicos, pode melhorar nosso entendimento da Palavra de Deus. Mas pode ser também um pretexto para exaltar a sabedoria e opiniões do homem acima da Palavra de Deus. A inerrância da Palavra de Deus é rejeitada, mas a inerrância do conhecimento histórico, textual e científico do homem é admitida.

A Escritura é duvidada, questionada e editada, até que se torne apenas uma concha vazia. Os instrumentos e as palavras mudaram desde a época do canivete e do braseiro de Jeoaquim, mas os resultados não são diferentes. A Palavra de Deus tem sido queimada.

Você confia no que lê nas Escrituras? É bastante claro que você pode entender o que Deus deseja que você entenda? A Bíblia é tudo que você precisa? Essas não são perguntas para mestres e pastores. São questões que todo cristão que lê a Bíblia precisa responder. Algumas palavras cruciais ajudam-nos a pensar corretamente sobre a Escritura.

Inerrância. O ensino ortodoxo da igreja cristã através dos séculos tem sido o de que a Palavra de Deus, em seus manuscritos originais, é inerrante. Isso significa que a ela é totalmente verdadeira – livre de erro – em tudo que afirma. Isso está fundamentado no testemunho bíblico de que Deus nunca mente (Tt 1.2). Provérbios 30.5 afirma: "Toda palavra de Deus é pura; ele é escudo para os que nele confiam".

Em seu livro *Bible Doctrine* (Doutrina Bíblica), Wayne Grudem ressalta que Jesus não disse em sua oração: "Santifica-os na verdade; as tuas palavras são *verdadeiras*". Em vez disso, Jesus orou: "Santifica-os na verdade; a tua palavra é a verdade" (Jo 17.17).

"A diferença é significativa", escreveu Grudem, "pois esta afirmação nos encoraja a pensar não somente que a Bíblia é verdadeira no sentido de que se conforma ao mais elevado

padrão de verdade, mas também que a Bíblia é, em si mesma, o próprio padrão final de verdade".[7]

Clareza. Outra importante qualidade da Palavra de Deus é a sua clareza. Sendo crentes, o Espírito Santo ilumina nosso coração para entendermos a mensagem da Bíblia e aplicá-la à nossa vida. Ela é direta em seu significado. E naqueles casos em que um porção da Escritura é difícil de ser entendida, podemos testar nossa opinião por confrontá-la com outras partes da Escritura. Isso significa que a Escritura interpreta a si mesma. Salmos 19.7 diz: "O testemunho do SENHOR é fiel e dá sabedoria aos símplices". Embora o estudo da Palavra de Deus exija diligencia e pensamento cuidadoso, ninguém pode afirmar que ela não é clara e usar isso como motivo para ignorá-la e desobedecer-lhe.

Suficiência. Na Bíblia, Deus nos deu tudo que precisamos saber para salvação e vida eterna (Jo 5.24). A Bíblia é suficiente. Isso não significa que Deus nos disse tudo que poderíamos saber ou tudo que ele sabe. Significa que ele nos disse tudo que *nós* precisamos saber a fim de conhecê-lo verdadeiramente, achar perdão dos pecados e ter certeza da vida eterna com nosso Criador e Redentor. Quando Paulo escreveu a Timóteo, disse-lhe que as "sagradas letras", aprendidas quando criança, "podem tornar-te sábio para a salvação pela fé em Cristo Jesus" (2 Tm 3.15).

---

7 Wayne Grudem, *Bible doctrine:* essential teachings of the christian faith. Grand Rapids: Zondervan, 1999. p. 41.

Deus não quer que nossa opinião sobre a sua Palavra seja apoiada por apego sentimental ou mera emoção. Ele quer que confiemos na Bíblia porque deseja que confiemos nele. Tomar tempo para estudar a doutrina da Escritura é um esforço prático que nos enriquece espiritualmente, porque fortalece a nossa confiança na Palavra de Deus.[8]

Comer a Palavra de Deus é uma figura estranha. No entanto, isso foi o que o profeta Jeremias descreveu quando disse para Deus: "Achadas as tuas palavras, logo as comi; as tuas palavras me foram gozo e alegria para o coração, pois pelo teu nome sou chamado, ó SENHOR, Deus dos Exércitos" (Jr 15.16).

Quando leio essas palavras, imagino alguém arrancando as finíssimas páginas amassadas da Bíblia e amontoando-as na boca. É claro que Jeremias estava falando metaforicamente. Estava descrevendo sua aceitação completa da Palavra de Deus. Devemos esse mesmo apetite.

É assim que desejo ser. Contudo, ainda tenho um longo caminho a percorrer. Amo realmente a Palavra de Deus. Tenho

8 Para estudo posterior, quero sugerir a leitura dos capítulos que tratam da Escritura em um bom livro de teologia sistemática, como *Bible Doctrine*, escrito por Wayne Grudem. Ou o estudo de *"Fundamentalism" and the Word of God*, escrito por J. I. Packer, que apresenta uma afirmação abrangente da doutrina da Escritura. O excelente livro *Knowing Scripture*, de R. C. Sproul, lhe dará instrumentos práticos para a interpretação e o estudo da Bíblia. E, se você está lutando com perguntas sobre a confiabilidade da Escritura, leia *Is the New Testament Reliable?*, escrito por Paul Barnett. Não é errado ter perguntas. Todavia, é errado deixar as perguntas sem resposta e deleitar-se na dúvida quando respostas consistentes e confiáveis estão disponíveis.

provado que ela é boa. Mas, às vezes, como apenas um bocadinho. Às vezes, nem sinto que estou me alimentando. Quero deleitar-me na Palavra de Deus da maneira que Jeremias descreveu. Quero ser mais faminto do que sou.

O exemplo de Jeremias é inspirador. Ele se alimentava da Palavra de Deus. Queria ter *em* si a verdade e a vida da Escritura, que era a sua alegria e o seu deleite. E, se não olhássemos o texto bíblico mais atentamente, poderíamos supor que Jeremias não entenderia a frieza e apatia espiritual que nós, mortais inferiores, experimentamos.

Mas, quando lemos a história de Jeremias e o contexto de sua afirmação de deleitar-se na Palavra de Deus, descobrimos algo interessante. Jeremias estava em meio a depressão e queixa angustiante. Estava tão descontente, desanimado, que desejou nunca haver nascido (Jr 15.10). Ele alista todas as maneiras de sofrimento como resultado de falar a verdade de Deus. Jeremias 15.17-18 diz:

> Nunca me assentei na roda dos que se alegram,
> nem me regozijei;
> oprimido por tua mão, eu me assentei solitário,
> pois já estou de posse das tuas ameaças.
> Por que dura a minha dor continuamente,
> e a minha ferida me dói e não admite cura?
> Serias tu para mim como ilusório ribeiro,
> como águas que enganam?

Isso significa que a vida espiritual de Jeremias não era uma sequencia contínua de experiências elevadas. Em vez disso, ele estava frequentemente desanimado e abatido. Ele foi tentado a questionar a bondade de Deus. Nesse momento baixo de sua vida, ele se mostrou mais ciente do que fizera para Deus, e não do que Deus fizera por ele.

Isso parece terrível, mas, sinceramente, me encoraja. Isso me diz que a Palavra de Deus nos encontra onde estamos. Ela nos encontra em meio à dúvida. Fala conosco em meio a conflito espiritual. Talvez essa seja a sua situação. O ensino de um professor universitário deixou-lhe sentindo-se como um tolo por acreditar em um "livro antiquado e cheio de erros". Ou talvez você esteja apenas fatigado. Ler a Bíblia parece um exercício vazio.

Deus pode vir ao nosso encontro nesses momentos da vida. A Bíblia não é apenas para pessoas que se sentem fortes. Sou grato por que não temos de levar vidas perfeitas para lermos a Palavra de Deus perfeita. A vida de Jeremias nos ensina isso. Jeremias sofreu. Sentiu-se desanimado. A Palavra de Deus não é apenas para as pessoas felizes do mundo. Podemos achar alegria na Palavra de Deus e na confiabilidade de suas promessas mesmo quando não temos alegria em nosso coração.

Às vezes, temos de trabalhar para achar deleite na Palavra de Deus. Jeremias disse que, ao comermos as palavras de

Deus, elas se tornam gozo. Elas não se tornam gozo se não as lemos. Temos de prová-las e recebê-las. O fato de que isso exige esforço não deve nos desanimar. À medida que crescemos no conhecimento de quão confiável e poderosa é a Palavra de Deus, o nosso amor por ela aumenta.

Deus respondeu à queixa de Jeremias com uma repreensão amorosa, dizendo-lhe que parasse de proferir palavras indignas. Jeremias estava mais focalizado em sua própria performance e tudo que fizera para Deus.

Deus entende nossa fraqueza, mas não faz concessão à desconfiança e incredulidade. Ele deu a Jeremias esta promessa poderosa: "Eu sou contigo para te salvar, para te livrar deles" (Jr 15.20).

Deus salva. Deus livra. Isso foi verdade na vida de Jeremias. Foi verdade para o povo de Judá. É verdade para você e para mim. Somente Deus pode salvar.

Essa é a mensagem central da Bíblia. É também a chave para entendermos a Bíblia e aprendermos a amá-la como Deus quer que o façamos. A Bíblia é a história do que Deus tem feito por nós. Não a lemos para receber instruções e salvar a nós mesmos. Ela não é uma lista de regras e orientações que temos de seguir perfeitamente a fim de ganharmos acesso ao favor de Deus. A Bíblia é a história de como todo esforço humano para a salvação fracassa e de que somente a graça de Deus pode resgatar e redimir pecadores.

Muito frequentemente lemos a Bíblia do modo como o fez A. J. Jacobs quando tentou passar um ano "vivendo biblicamente". Nós a lemos procurando todas as coisas que temos de fazer. E, embora haja na Bíblia coisas que Deus nos ordena fazer, necessitamos primeiramente de ler considerando tudo que ele fez por nós. Ela é a história do Campeão de Deus, seu Filho, que veio a este mundo a fim de morrer por nós.

A Bíblia infantil de minhas crianças diz isso com mais clareza. Toda história destaca o nome desse Campeão. Jesus veio ao mundo para buscar-nos. Veio para livrar-nos. Quando entendemos isso, ler a Bíblia se torna um prazer.

CAPÍTULO 5

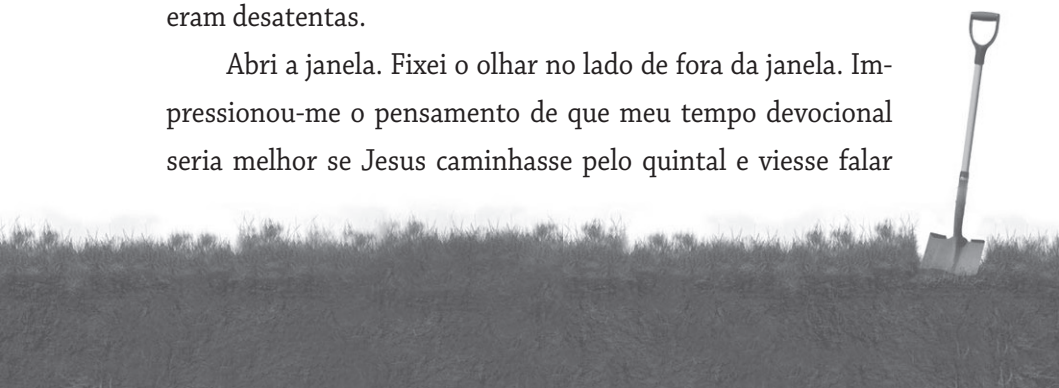
Deus com um umbigo

"Jesus é singular. Ele veio fazer algo que ninguém poderia fazer."

Em certos dias, uma névoa matutina assenta-se em nosso quintal. É como se uma nuvem perdesse sua rota e viesse descansar ali, antes de flutuar de volta para o céu. Nessas manhãs, o meu quintal, com seus dois carvalhos altos e seu gramado plano, tem um brilho nebuloso. Parece místico e encantador.

Eu leio a Bíblia e oro em uma sala que olha para o quintal. Certa manhã, quando a névoa pairava sobre o jardim, eu parecia não ser capaz de concentrar-me no que lia. Minhas orações eram desatentas.

Abri a janela. Fixei o olhar no lado de fora da janela. Impressionou-me o pensamento de que meu tempo devocional seria melhor se Jesus caminhasse pelo quintal e viesse falar



comigo. Isso daria encorajamento à minha fé. Imaginei os pés descalços de Jesus afundando na grama úmida. Não sei por que o imaginei com os pés descalços. Ele andaria até à porta lateral, defronte ao lugar em que eu estava sentado, e bateria gentilmente.

"Isso é o que gostaria que acontecesse", disse em voz alta. "Gostaria que o Senhor saísse do meio daquela névoa, viesse e se assentasse ali". A cadeira de braços do canto estava vazia. Imaginei Jesus andando até à sala quieta e assentando-se ali.

Estou vivendo há aproximadamente 1.975 anos depois que Jesus andou na terra. Às vezes, isso parece um tempo muito extenso.

Certa vez, navegando na internet, deparei-me com um jogo de personagens Bíblicos que os apresentava enfrentando-se em combate brutal. Você podia escolher lutar como Moisés, Noé, Eva, Maria, Satanás ou Jesus. Era uma versão sacrílega do antigo Street Fighter II, que costumávamos jogar na loja de conveniência 7-Eleven. Além das habilidades básicas de chutar, pular e esmurrar, cada personagem tinha seus próprios poderes especiais. Moisés podia fazer chover sapos. Eva atirava maçãs e chicoteava os inimigos com uma serpente. Noé podia convocar uma manada para pisotear as pessoas. Jesus atirava pães e peixes. Não estou inventando isso.

O jogo era inteligente, mas fora criado por pessoas que

não tinham a menor consideração pelas coisas sagradas. Infelizmente, tenho ouvido falar de grupos de jovens que celebram o jogo como uma maneira de ensinar a Bíblia aos adolescentes. Não creio que Noé lutando com Eva é o tipo de conhecimento bíblico que precisamos hoje.

Ainda que muitos não se sentiriam tranquilos em jogar esse jogo irrelevante, pergunto-me se ele não expressa uma maneira comum de pensar sobre Jesus – apenas mais um personagem no panteão de heróis bíblicos. Ele fez coisas maravilhosas, mas Elias e Moisés também as fizeram. Sabemos que Jesus é especial e temos um senso de que devemos ser gratos a ele por todo a aflição de morte na cruz, mas, no fim das contas, ele é apenas outro personagem bíblico.

C. S. Lewis disse notavelmente que Jesus é o Filho de Deus, ou um demônio, ou um louco.[1] O "tudo-ou-nada" dessa afirmação sempre me causa arrepios. Jesus é sempre o que ele afirma ser – o Deus-homem que veio redimir a humanidade –, ou ele é completamente insano, ou mesmo doente. Não há ambiguidade quanto a Jesus. Ele não pode ser um grande mestre, um maravilho exemplo moral e, ao mesmo tempo, um mentiroso e charlatão. Jesus não pode ser iluminado e ser fonte de orientação espiritual e, ao mesmo tempo, estar errado quanto à sua própria identidade.

1 C. S. Lewis, *Mere christianity*. New York: Macmillan, 1960. P. 40-41.

Isso parece um argumento incontestável para mim, mas inúmeras pessoas acham um meio de esquivar-se dele. Apegam-se a Jesus de algum modo, mas negam que ele é o Filho de Deus que deve ser obedecido ou adorado. A ginástica intelectual exigida para isso recorda-me imagens de pessoas que fazem e são capazes de enrolar ambos os pés na cabeça e prendê-los ali. Não sei por que desejam fazer isso, pois parece doloroso.

Tenho um amigo que sustenta o ponto de vista de que "Jesus não é realmente Deus, mas, apesar disso, ele é uma coisa boa". Em sua opinião, Jesus foi um homem iluminado e maravilhoso (e outros poderiam ser colocados na mesma categoria). Mais do que qualquer outro ser humano, Jesus atingiu uma conexão com o que meu amigo chamou de "espírito de Cristo". Ele acha que os elementos sobrenaturais do Novo Testamento – desde milagres até à ressurreição – foram inventados pelos amigos de Jesus. Ele crê que, embora a Bíblia seja uma grande obra de literatura e consolo espiritual, ela é apenas o resultado de erro e imaginação humana. Portanto, ele seleciona trechos da Bíblia como se estivesse comprando legumes num supermercado; e ignora o que considera manifestações "murchas e passadas" de poder sobrenatural e afirmações de divindade, pegando somente os ensinos morais, os atos de compaixão e os sofrimentos heróicos demonstrados na vida de Jesus.

"O que você acredita estava acontecendo na cruz, quando Jesus morreu?", eu lhe perguntei um dia.

"Acho que Jesus estava se opondo à injustiça", ele respondeu. "Estava demonstrando o poder do amor."

Amo meu amigo, mas suas crenças me estonteiam; não porque não as entenda, e sim porque não posso discernir por que ele se importa em tê-las. Usando o antigo ditado em referência a esse amigo, ele joga fora o bebê junto com a água da banheira . O cristianismo sem um Jesus divino, sobrenatural e todo-poderoso parece inútil para mim – menos útil do que uma coisa velha e sem proveito.

Minha pergunta é: por que gasto tempo imaginando meios de manter a frequência na igreja, a tradição cristã e a moralidade cristã, enquanto não creio em muito do que a Bíblia diz sobre Jesus, exceto que ele foi realmente um grande homem? Sei muito a respeito de grandes homens, mas, com certeza, não gastarei as manhãs dos domingos cantando sobre eles. Posso achar muitos exemplos de sofrimento inspiradores. Posso achar ensino moral em inúmeros gurus e mestres religiosos.

Se o cristianismo é uma tradição edificada sobre a fábula de um homem que conhecemos apenas por meio de relatos no quais não podemos confiar, por que uma pessoa desperdiça seu tempo, no mundo, com qualquer parte do cristianismo?

Neste capítulo, quero explorar o que os teólogos chamam de doutrina da pessoa e da obra de Cristo. Falar sobre a *pessoa* de Cristo significa abordar quem é Jesus, sua *obra*, o que ele

fez por nós. A pessoa e a obra de Cristo têm de ser mantidas juntas. Você não pode compreender a importância de uma sem a outra. Ao estudarmos ambas, aprenderemos que Jesus é diferente de qualquer outro encontrado na Bíblia ou na história da humanidade. Ele é plenamente Deus e plenamente homem. Jesus veio a este mundo para fazer algo que ninguém mais podia fazer.

Jesus Cristo é conhecido por algumas pessoas como o fundador da religião cristã. Tecnicamente, isso é verdade. Mas, para um verdadeiro cristão, que crê em Jesus como o eterno Filho de Deus que se tornou homem, parece estranho chamar a Jesus de fundador de alguma coisa. Nesse mesmo sentido, ele é o fundador do universo, havendo criado o mundo e todas as coisas viventes.

No entanto, em termos estritamente históricos, a fé cristã começa realmente com Jesus. Ele afirmava ser, e seus seguidores reconheceram que ele era, o cumprimento da fé judaica e de todas as promessas dos profetas do Antigo Testamento. Jesus se apresentou como o Messias, o "ungido", aquele que fora escolhido e capacitado por Deus para uma tarefa específica. A palavra grega que significa *messias* é *Cristo*; isso explica o nome pelo qual Jesus é conhecido. Ser Jesus o Cristo significa que ele é aquele que foi escolhido especialmente por Deus e enviado para cumprir um propósito específico.

Jesus viveu na Palestina durante o reinado de Augusto Cesar. O povo judeu era humilhado e angustiado pela presença dos dominadores pagãos. Ver a cidade santa infestada de soldados romanos afligia a alma dos judeus. Eles anelavam por liberdade e governo próprio.

Jesus, um descendente do grande rei Davi, da antiguidade, nasceu em Belém, mas foi criado em Nazaré. Cada região tem alguma cidade ou vilarejo que a região menospreza e considera remoto ou caipira. Parece que Nazaré era isso na Galiléia. Ela não tinha prestígio nem distinção. Em várias passagens dos evangelhos, lemos que pessoas falavam sarcasticamente de Nazaré por causa de sua falta de sofisticação, descrevendo-a com um lugar do qual nenhuma coisa boa poderia sair (Jo 1.46).

Jesus, assim como José, seu pai adotivo, era carpinteiro. Trabalhou em Nazaré até por volta de seus 30 anos. Depois, ele começou seu ministério público de ensino e cura. Durante três anos, ele viajou por várias cidades da Judéia. Treinou um pequeno grupo de discípulos. Ensinou nas sinagogas, bem como diante de grandes multidões. As pessoas afluíram para ele quando se divulgou a notícia de seus poderes miraculosos de curar doentes e expulsar demônios.

Ao mesmo tempo que Jesus ganhou muitos seguidores, ele fez também inimigos. Os líderes religiosos da época conspiraram contra ele para matá-lo. Tinham inveja da popularidade

de Jesus, irados por suas afirmações de ser igual a Deus e ofendidos pelo fato de que ele rejeitava as tradições e leis inventadas por homens.

Jesus foi traído por um de seus amigos mais próximos, acusado falsamente, chicoteado e executado por crucificação às mãos dos romanos.

No terceiro dia, em cumprimento da antiga profecia e de sua própria promessa, Jesus ressuscitou dos mortos. Apareceu aos seus discípulos no decorrer de mais do que um mês. Ele os comissionou a levar ao mundo as boas-novas de sua morte e ressurreição; e ascendeu ao céu.

Hoje, dois mil anos depois, um homem que nunca viajou mais do que algumas centenas de quilômetros para longe de sua cidade natal alcançou pessoas em todos os continentes do planeta. O império de Roma, sob o qual nasceu e foi morto, sucumbiu há muito tempo. Contudo, o número daqueles que juram lealdade a Cristo e o chamam de Senhor tem crescido a cada século. No Ocidente, dividimos a história com base no nascimento de Cristo. Quase dois bilhões de pessoas se declaram seguidores de Jesus.

Jesus Cristo é o personagem mais famoso, mais poderoso, mais controverso e mais revolucionário em toda a história da humanidade. Ele prometeu voltar.

A pergunta que divide a raça humana é: quem é Jesus? Essa é uma pergunta que Jesus fez aos seus próprios

seguidores. Não bastou que eles mencionassem as idéias e opiniões dos outros. Jesus lhes perguntou: "*Vós*...quem dizeis que eu sou?" (Mt 16.15 – ênfase acrescentada).

Durante o ministério de Jesus, algumas pessoas achavam que ele era um grande mestre; outros, que ele era um profeta. Não surpreendentemente, falsos ensinos sobre a natureza de Jesus se propagou com facilidade na igreja primitiva.

Um mestre chamado Apolinário ensinou que Jesus tinha um corpo humano, mas não tinha uma mente e espírito humanos. Apolinário asseverou que, embora Jesus fosse homem, ele tinha recebido um transplante de mente ou espírito de divindade. Em um nível, isso parecia uma maneira excelente de harmonizar Jesus como Deus e como homem, mas os líderes da igreja viram nesse ensino um problema sério. Jesus viera salvar todo o homem – corpo e espírito. A fim de representar-nos e salvar-nos, Jesus tinha de ser plenamente humano como a Escritura afirma. A Escritura diz que Jesus foi tornado semelhante a nós em tudo (Hb 2.17). E, depois de sua morte, Jesus ressuscitou em um corpo físico. Ele não abandonou esse corpo e retornou à forma exclusiva de espírito (Lc 24.39).

Outro mestre, chamado Nestório, argumentou que Cristo era constituído de duas pessoas separadas. Nesse ponto de vista, a pessoa divina e a pessoa humana era como colegas de quarto que compartilhavam o mesmo espaço ou como siameses que podiam comunicar um com o outro e

ter agendas diferentes. Contudo, em nenhuma passagem da Bíblia Jesus é apresentado como duas pessoas. Ele é sempre e somente uma única pessoa em todos os seus pensamentos e ações.

Uma terceira opinião errônea apresentava Jesus como um tipo de híbrido divino-humano. A sua natureza divina unia-se à sua natureza humana tornando-se uma nova natureza que não era nem Deus nem homem, e sim uma mistura de ambos. Essa idéia de que Cristo tinha apenas uma natureza é chamada de monofisismo ou eutiquianismo, nome derivado de Eutiques, que o propagou. Por que essa opinião foi um problema? Por que ela nos deixa com um Jesus menos do que bíblico que não é realmente Deus nem homem.

No Concílio de Calcedônia, em 451, os pais da igreja elaboraram uma declaração que visava corrigir os falsos ensinos, delinear claramente e salvaguardar o ensino bíblico sobre a natureza de Jesus.[2] O Credo de Calcedônia afirmava que Jesus tem duas naturezas em um única pessoa. "Ele é perfeito em divindade e perfeito em humanidade; verdadeiramente Deus e verdadeiramente homem", possuindo corpo e alma humanos. Portanto, tudo que é verdade quanto à

2 As informações sobre as opiniões errôneas quanto à natureza de Cristo foram extraídas de: Wayne Grudem, *Bible doctrine:* essentials teachings of the christian faith. Grand Rapids: Zondervan, 1999. p. 241-244.

natureza de Deus é verdade quanto à natureza de Jesus. E tudo que é verdade quanto à natureza humana é verdade quanto à natureza de Jesus. Em tudo, ele é como nós em nossa humanidade, exceto que não tinha pecado, visto que ele possui a mesma essência de Deus, o Pai. Essas duas naturezas devem "ser reconhecidas... inconfundível, inalterável, indivisível, inseparavelmente". Em outras palavras, as duas naturezas de Jesus não estão misturadas, nem mudadas; e uma não é diminuída pela outra; elas não podem ser divididas, nem separadas. Jesus é plenamente Deus e plenamente homem em uma única pessoa para sempre.[3]

Consideremos a Jesus como "verdadeiramente Deus". A Escritura nos indica de várias maneira a natureza de Jesus. A primeira maneira é o seu nascimento de uma virgem. Antes de Jesus ser concebido, Maria, sua mãe, nunca tivera relação

3 O Credo de Calcedônia afirma: "Portanto, seguindo os ensinos dos santos pais, nós, todos unânimes, ensinamos os homens a confessarem um único e o mesmo Filho, nosso Senhor Jesus Cristo, o mesmo que é perfeito em Divindade e perfeito em humanidade; verdadeiro Deus e verdadeiro homem, que possuía alma e corpo racionais, co-substancial com o Pai, de acordo com a divindade, e co-substancial conosco, de acordo com a humanidade; semelhante a nós em todas as coisas, sem pecado; gerado do Pai antes de todas as eras, de acordo com a Divindade; e, nestes últimos dias, por nós e para a nossa salvação, gerado da virgem Maria, a mãe de Deus, de acordo com a humanidade; um único e o mesmo Cristo, Filho, Senhor, Unigênito, a ser reconhecido em duas naturezas, inconfundível, inalterável, indivisível, inseparavelmente; não sendo, de modo algum, removida pela união a distinção das naturezas, mas, antes, sendo preservada a propriedade de cada natureza e concorrendo em uma única Pessoa e um única Subsistência, não partida, não dividida em duas pessoas, mas um único e o mesmo Filho, e único unigênito, a Palavra de Deus, o Senhor Jesus Cristo, como os profetas declararam sobre ele desde o começo, e como o próprio Senhor Jesus Cristo mesmo nos ensinou, e como nos legou o credo dos santos pais". Extraído de "Ancient Creeds", disponível em: <http://www.monergism.com/thethreshold/articles/onsite/ancientcreeds.html>.

sexual com um homem. A primeira pergunta de Maria, quando o anjo lhe anunciou a concepção, revela inocência e praticabilidade feminina: "Como será isto, pois não tenho relação com homem algum?" (Lc 1.34).

A resposta do anjo deixa esse milagre envolto em mistério, mas torna uma coisa inconfundivelmente certa: o menino concebido no ventre de Maria teria origem divina, celestial. "Descerá sobre ti o Espírito Santo", respondeu-lhe o anjo. "E o poder do Altíssimo te envolverá com a sua sombra; por isso, também o ente santo que há de nascer será chamado Filho de Deus" (Lc 1.35).

João Batista deu testemunho de Jesus como Filho de Deus (Lc 3.16). Ele disse sobre Jesus: "Quem vem das alturas certamente está acima de todos; quem vem da terra é terreno e fala da terra; quem veio do céu está acima de todos" (Jo 3.31). E, quando João batizou Jesus, Deus falou do céu e disse a Jesus: "Tu és o meu Filho amado, em ti me comprazo" (Lc 3.22).

Jesus também revelou sua natureza divina por meio dos milagres que realizou. Ele demonstrou seu poder sobre o corpo humano ao curar pessoas (Lc 4.40), sobre os poderes demoníacos (Mc 1.25) e sobre os elementos da natureza. "Quem é este que até os ventos e o mar lhe obedecem?" (Mt 8.27), perguntaram seus discípulos depois que ele acalmou um tempestade violenta.

Diferentemente de qualquer outro profeta mencionado na Bíblia, Jesus fez afirmações de igualdade com Deus. Ele disse: "Eu e o Pai somos um" (Jo 10.30). E falou aos líderes religiosos: "Em verdade, em verdade eu vos digo: antes que Abraão existisse, Eu Sou" (Jo 8.58). Essa foi uma afirmação audaciosa quanto à divindade. Jesus estava não somente dizendo que existia antes de Abraão, o patriarca, que vivera milhares de anos antes, mas também referindo-se a si mesmo com o eco evidente do nome divino "Eu Sou". Esse era o nome que Deus falara que Moisés desse aos filhos de Israel quando perguntassem quem o havia enviado. O argumento que Jesus defendeu não foi confuso para seus ouvintes. Eles sabiam que Jesus estava afirmando igualdade com o Deus eterno e pegaram algumas pedras para o matarem.

No livro *Salvation Belongs to the Lord* (A Salvação Pertence ao Senhor), o teólogo John Frame ressalta quão incrível é o fato de que os discípulos de Jesus tenham chegado a crer que ele era Deus. Eram todos judeus e haviam sido criados para crer que há um único Deus e que somente ele deve ser adorado. Eles não foram preparados para contemplar a Deus na forma de um homem. A idéia era absurda. "De algum modo", escreveu Frame, "durante os três anos seguintes ou mais, todos esses discípulos judeus e muitas outras pessoas são convencidas de que Jesus é Deus e merece ser adorado como Deus. Eles o conhecerem intimamente

como homem, andaram, conversaram e comeram com ele; e chegaram a adorá-lo. Isso é algo bastante admirável".[4]

Frame prossegue falando sobre o fato de que a deidade de Jesus não era debatida pelos cristãos na igreja primitiva (embora estivessem mais prontos a argumentar sobre outros assuntos teológicos). Eles não argumentavam sobre a divindade de Cristo, diz Frame, porque toda a comunidade cristã concordava que Jesus era Deus.

O apóstolo Paulo, que se encontrou com Jesus Cristo ressuscitado, disse que ele "é a imagem do Deus invisível, o primogênito de toda a criação... nele, habita, corporalmente, toda a plenitude da Divindade" (Cl 1.15; 2.9).

Quando Jesus esteve numa montanha com Pedro, Tiago e João, foi transfigurado ou mudado em forma diante dos olhos deles (Mc 9.2-13). Os três discípulos tiveram um prenúncio da glória eterna que Jesus possuiria depois de sua ressurreição. Suas roupas tornaram-se extremamente brancas. Jesus estava de pé e falava com Moisés e Elias – os dois grandes profetas do Antigo Testamento. Quando Pedro contemplou a visão, ficou extasiado (mas, infelizmente, não ao ponto de permanecer calado). Ele se ofereceu para fazer três tendas, uma para cada um deles. Em seguida, Deus, o Pai, falou do céu e deixou algo bastante claro: aquilo não era

4 John M. Frame, *Salvation belongs to the Lord:* an introduction to systematic theology. Phillipsburg, NJ: P and R Publishing, 2006. p. 131.

o encontro de três grandes heróis da fé que se reuniam para conversar. Deus falou: "A seguir, veio uma nuvem que os envolveu; e dela uma voz dizia: Este é o meu Filho amado; a ele ouvi" (Mc 9.7).

Este é meu Filho. Ele é diferente de qualquer outro, maior do que qualquer pessoa que já andou na terra. Não é um mero servo ou profeta de Deus; é o único e exclusivo Filho de Deus.

Jesus é "perfeito em Divindade e, também, perfeito em humanidade". Você já separou tempo para meditar na realidade da natureza humana de Jesus? O mundo já teve dois milênios para se acostumar com o conceito de que Deus se tornou homem. Mas, apesar de todo esse tempo, a idéia de Deus em forma humana – um conjunto de músculos, ossos e líquidos – é escandalosa. Mãos. Braços. Pelo no corpo. Glândulas sudoríferas. Como isso pode ser possível?

Esse é, sem dúvida, o grande milagre registrado nas Escrituras. A abertura do mar Vermelho não é nada em comparação com isso. Fogo vindo do céu que consumiu o altar de Elias? Isso é fichinha. Até a ressurreição de Lázaro dentre os mortos assume uma posição secundária em relação a um momento que nenhum olho humano viu. No ventre de uma virgem, uma vida humana foi concebida. Todavia, não houve o envolvimento de nenhum pai humano. O Espírito Santo, em um milagre maravilhoso demais para que a mente humana compreenda, veio sobre uma jovem (Lc 1.35). E, em uma fração de segundo

acerca do qual o cosmos ainda está atordoado, Deus encarnou. Tomou nossa humanidade.

Deus, o Filho, que existia por toda a eternidade, se tornou dependente, flutuando no fluido amniótico do ventre de uma mulher. Aquele por cujo poder todo o mundo é sustentado era nutrido por um cordão umbilical. O Deus-homem haveria de ter um umbigo.

E teve de nascer. Teve de vir à luz. Pense nisso. Quando os anjos anunciaram o nascimento de Jesus aos pastores, nos campos ao redor de Belém, eles disseram: "Hoje vos nasceu, na cidade de Davi, o Salvador, que é Cristo, o Senhor" (Lc 2.11). Quando lemos esse relato, somos distraídos pelo fato de que os anjos apareceram. E imaginamos os anjos cantando, visualizamos os pastores e as ovelhas. Contudo, nenhuma dessas coisas é verdadeiramente incrível. O que é incrível é a palavra *nasceu*.

Deus *nasceu*.

Nasceu em que sentido? Trazido do céu pelos anjos, corado e gordinho, envolvido em mantas brancas? Não. Ele nasceu por meio de um dolorido parto normal de uma mulher, que sua e grita. Teve o nascimento ensanguentado e viscoso de um ser humano autêntico. Abriu passagem e surgiu das trevas do ventre de sua mãe pelas contrações poderosas e rítmicas do útero dela.

E ali estava o Filho de Deus, coberto de fluido e sangue.

Seus pulmões enchendo-se de oxigênio pela primeira vez. Chorando. Indefeso.

O fato de que Jesus era plenamente homem é ensinado com clareza na Bíblia. Ele não somente teve uma mãe humana; ele cresceu e se desenvolveu como qualquer criança (Lc 2.52). Sentiu fome (Mt 4.2). Sentiu sede (Jo 4.7). Experimentou emoções humanas: ficou angustiado (Jo 12.17) e sentiu tristeza por causa da morte de um amigo íntimo (Jo 11.35). Também ficava cansado e precisava dormir (Lc 8.23).

Além desses exemplos, as reações que ele obtinha daqueles que o conheciam eram bem normais. Durante anos, seus irmãos não acreditaram que ele era o Messias (Jo 7.5). As pessoas de sua cidade natal pensavam nele apenas como "filho de José" e o rejeitaram como profeta (Mt 13.53-58). Evidentemente, o comportamento e a vida bastante normal de Jesus não os havia preparado para a idéia de que ele poderia ser o Messias divino.

Durante trinta anos, Jesus viveu uma vida humana cotidiana na Palestina do século I. Aprendeu o ofício de carpinteiro. Sua mãos talvez eram calejadas e ásperas por trabalhar com madeira. Ele conhecia o forte ardor do suor nos olhos. Conhecia o alívio de descansar os músculos fatigados depois de um dia cheio de trabalho.

Por que tudo isso é importante? A Bíblia nos mostra que a humanidade de Jesus é importante por causa do propósito

singular de sua missão. Jesus veio para representar a raça humana diante de Deus. Parte de sua obra na terra consistia em ser nosso sacerdote. No Antigo Testamento, o papel de um sacerdote era permanecer diante de Deus em favor do povo. Ele tinha de ser alguém do meio do povo – um deles – para que os sacrifícios oferecidos por ele a Deus fossem aceitos em favor do povo.

Hebreus nos diz que Jesus, que veio para ser nosso sacerdote e representante diante de Deus, teve de ser feito, em todos os aspectos, "semelhante aos irmãos, para ser misericordioso e fiel sumo sacerdote nas coisas referentes a Deus e para fazer propiciação pelos pecados do povo" (Hb 2.17).

A exigência de toda a raça humana não somente tornou possível Jesus se oferecer por nossos pecados, mas também nos assegura de sermos cuidados por um sacerdote que entende nossa condição. Hebreus 4.15 diz: "Não temos sumo sacerdote que não possa compadecer-se das nossas fraquezas; antes, foi ele tentado em todas as coisas, à nossa semelhança, mas sem pecado".

Jesus é como nós em todos os aspectos de nossa humanidade – em todos os aspectos terrenos, gloriosos e indelicados da existência humana. Ele tinha todas as fraquezas e desejos que nos tornam humanos. Foi tentando em cada aspecto como nós somos. A diferença está no fato de que Jesus não tinha pecado. A sua perfeição impecável possibilitou que ele pagasse o preço por nossos pecados.

Isso significa que podemos estar certos de que esperamos por e oramos a um sacerdote que nos conhece. Ele simpatiza conosco. Tem um entendimento pessoal e amável de nossas fraquezas. Ele nos diz: "Estive aí". E isso é verdade. John Frame escreveu: "Deus, que não tem corpo, assumiu um corpo na pessoa de Jesus Cristo. Deus, que não pode sofrer, tomou para si mesmo uma natureza humana, na qual ele pôde sofrer, em Cristo".[5]

Jesus é o centro, o ponto focal da fé cristã. É estranho, porém, o fato de que nós, cristãos, somos avessos a estudar e definir com clareza uma "doutrina" de Cristo. Isso não parece ser uma atitude de relacionamento. Não queremos estudar a Jesus. Queremos experimentá-lo.

Vejo essa tendência em minha própria vida. Quando penso sobre Jesus, não me sinto inclinado a perguntar: "Que verdades sobre Jesus a Bíblia me ensina? O que Jesus deseja que eu pense e creia sobre ele?" Em vez disso, sinto-me mais inclinado a tentar atingir certo estado emocional. "Sentir-me" de certa maneira a respeito de Jesus.

Não sei como descrever o sentimento que creio deveria ter sobre Jesus. Tudo que sei é que desejo realmente um sentimento profundo e significativo. Quero algo que me emocione. Não me importo com o chorar. O chorar é bom.

5 Ibid. p. 130.

O sentimento que estou procurando precisa ser profundo e intenso. Um toque de melancolia também funciona. Tristeza e rigor parecem bastante espiritual. Quero sentir como Jesus é meu amigo mais íntimo, como poderíamos ficar à toa. Quero sentir que ele gosta de mim – meus gostos, minhas sensibilidades, minha música, mina comida. Quero me sentir uma conexão profunda – do tipo que nem precisa de palavras para se expressar.

Colocar todos os meus desejados "sentimentos de Jesus" em palavras faz-me parecer uma adolescente emocional que está para deixar o acampamento de verão. Isso não é bom.

Acho que muitos cristãos estão mais interessados em achar sentimentos a respeito de Jesus do que em seguir o próprio Jesus, considerar e pensar a verdade de quem ele é.

A ironia desta abordagem norteada por sentimentos em relação a Jesus é que, em última análise, ela produz o oposto do que realmente desejamos. Emoção profunda em resposta a Jesus não é errado. Pode ser bom. Mas, para achá-la, precisamos mais do que imaginação e introspecção.

Uma das mais valiosas lições que C. J. Mahaney me tem ensinado sobre a vida espiritual é que, se você quer ter sentimentos profundos, tem de pensar com profundidade. Muito frequentemente, separamos essas duas coisas. Supomos que, se queremos ter sentimentos profundos, precisamos apenas sentar-nos por aí e, bem, sentir.

No entanto, emoção edificada sobre emoção é vazia. A verdadeira emoção – emoção confiável, que não nos desvia – é sempre uma resposta à realidade, à verdade. É somente quando estudamos e consideramos, com nossa mente, a verdade sobre Jesus que nosso coração é comovido pela profundidade da grandeza de Jesus e de seu amor por nós. Quando engajamos nossa mente no estudo da doutrina sobre a pessoa e a obra de Cristo, nossas emoções obtêm algo em que se firmar, um motivo para adorar e deleitar-se nos sentimentos apropriados de temor, gratidão e adoração.

Conhecer a Jesus e ter sentimentos corretos a respeito dele começa com o meditar na verdade sobre quem ele é e o que fez. Jesus nunca nos pergunta como nos sentimos a respeito dele. Ele nos chama a crer e confiar nele. A pergunta que ele fez aos seus discípulos é a mesma com que nos confronta: "Vós... quem dizeis que eu sou?" As perguntas verdadeiras que devem ser feitas quanto a Jesus são: você crê que ele é aquilo que diz ser? Você crê que ele fez o que disse que veio fazer?

Temos considerado a pessoa de Cristo. Agora, vejamos como isso se relaciona com a obra que ele veio fazer. No início do século XX, houve nos círculos acadêmicos e em muitas igrejas uma pressão intensa para negar a Jesus como uma pessoa sobrenatural. Em lugar desse aspecto da pessoa de Jesus, as pessoas enfatizavam os seus ensinos e o seu

exemplo. No entanto, J. Gresham Machen argumentou que Jesus era muito mais do que "a linda flor da humanidade",[6] como alguns o apresentavam. A verdadeira fé cristã sempre envolveu o olhar para Jesus como uma pessoa sobrenatural; na verdade, "uma Pessoa que era Deus".[7] Jesus não somente inspirou fé; ele era aquele em quem as pessoas colocavam sua fé.

"Se Jesus era apenas homem, como os demais homens", escreveu Machen, "então, tudo o que temos nele é um ideal. Um mundo pecaminoso necessita de muito mais do que isso. Há pouco conforto em ser informado de que há bondade no mundo, enquanto o que o mundo necessita é de bondade que triunfa sobre o pecado".[8]

Jesus é apenas um ideal? É apenas um alvo pelo qual devemos anelar? A Bíblia apresenta uma narrativa diferente. Na Escritura, a história de Jesus não é a história da bondade aparecendo inesperadamente no mundo. É a história da bondade vencendo o pecado. É a história da impiedade e da morte sendo repelidas, depostas e vencidas pelo Homem sobrenatural que veio do céu, mas nasceu na terra.

Essa foi a obra que Jesus veio realizar. Quando compreendemos quão grande e quão abrangente é, verdadeiramente,

6 J. Gresham Machen, *Christianity and liberalism.* New York: Macmillan, 1923. p. 96.
7 Ibid. p. 97.
8 Ibid. p. 103.

a missão que Jesus veio cumprir, começamos a entender quão singular ele é. A obra que ele veio realizar não é nada menos do que corrigir tudo que estava errado – em nosso relacionamento com Deus, em nosso coração, na criação, em todo o universo.

Podemos adotar pensamentos insignificantes a respeito de Jesus se limitamos aos nossos próprios interesses a opinião a respeito de sua obra. Mas, para que vejamos verdadeiramente a glória do propósito de Deus em Jesus, temos de olhar além de nossa casa, de nossa cidade, de nosso país e, até, da duração de nossa vida. O propósito de Deus é muito maior. Jesus não veio apenas para salvar-me, perdoar meus pecados e melhorar minha vida. Ele faz tudo isso, mas isso é somente uma pequena parte de uma obra muito maior.

No livro de Efésios, Paulo se gloria nas implicações cósmicas de Jesus e sua obra. Ele lista as bênçãos espirituais que temos em Jesus: adoção como filhos de Deus, redenção pelo sangue de Jesus, perdão de nossos pecados (1.3-8). Contudo, em seguida, Paulo explica o propósito crucial para o qual essas bênçãos apontam.

Qual é esse propósito? O propósito de Deus, afirma Paulo, é unir todas as coisas em Jesus, as coisas que estão no céu e as que estão terra (1.9-10). O que isso significa? E o que tão importante nisso?

Quero explicá-lo desta maneira. Digamos que eu lhe pergunte por que Abraham Lincoln é tão importante. Por que ele

tem seu retrato gravado em moedas de um centavo e em notas de cinco dólares e tem um grande memorial na cidade de Washington? O que você diria? Talvez diria que ele é um dos maiores presidentes americanos, porque emancipou os escravos e preservou a união dos estados. Mas, se eu lhe perguntasse: por que isso é tão especial? Você tentaria me apresentar uma perspectiva histórica. Explicaria que isso era extremamente importante por causa da injustiça terrível e da impiedade da escravidão. Descreveria a grande desordem e divisão causada pela Guerra Civil Americana – como um país inteiro se dividiu, como centenas de milhares de homens morreram no conflito.

O fato é que as pessoas não podem apreciar Abraham Lincoln, bem como seus talentos e realizações singulares, se não entendem as circunstâncias de sua presidência. De modo semelhante, não podemos assimilar a importância do plano de Deus para unir todas as coisas em Jesus, se não entendemos a falta de unidade e o caos que havia entre o céu e a terra causados pelo pecado do homem.

Quando o homem pecou, no princípio, o seu pecado foi um ato de traição contra Deus. Foi a terra se revoltando contra Deus. E mergulhou a terra e toda a humanidade em morte e desordem. O resultado do pecado foi que a humanidade separou-se de Deus. Nossa comunhão com o Criador foi quebrada. E a divisão não parou nesse ponto. O pecado criou divisão na própria humanidade. Colocou o homem contra a

mulher. Criou ódio e animosidade entre as raças. As guerras, genocídios e limpeza étnica que continuam a existir em nossos dias são o legado trágico do pecado.

A Bíblia nos diz que a própria criação foi afetada pela queda da humanidade no pecado. Quando vemos os terremotos e furacões, pode parecer que a criação está em guerra contra si mesma. E, de maneira bem real, ela está mesmo. Em certo sentido, nosso mundo está separado de Deus e sob maldição (Gn 3.17; Rm 8.20-21).

As perguntas que os seres humanos têm feito durante séculos são: como este mundo deteriorado, corrompido pelo pecado e dividido pode ser corrigido? Como podemos salvar-nos? Quem pode consertar tudo isso?

Deus sempre teve um plano e tomou tempo para revelá-lo. No Antigo Testamento, Deus o tornou conhecido de maneira indireta. Ele deu sinais desse plano. Mas, seu propósito crucial, era um mistério. Estava escondido. Os profetas do Antigo Testamento examinavam e perscrutavam, procurando vislumbrar o plano de Deus e determinar o tempo exato da salvação que ele prometera. Eles perguntavam; "Quem trará a harmonia? Como pode o homem pecaminoso fazer as pazes com o Deus santo? Que sacrifício nos purificará? Quem pode reconciliar as nações? Quem pode trazer paz duradoura?"

A Bíblia nos diz que, no tempo certo, Deus realizou seu

plano. "Vindo, porém, a plenitude do tempo, Deus enviou seu Filho, nascido de mulher, nascido sob a lei, para resgatar os que estavam sob a lei, a fim de que recebêssemos a adoção de filhos" (Gl 4.4-5).

Em Jesus, o eterno Filho de Deus se tornou homem. O céu e a terra foram unidos em uma pessoa – plenamente Deus, plenamente homem. Ele veio não para condenar-nos, e sim para salvar-nos. Como ele estabelece a paz? Ele se dá a si mesmo no lugar de pecadores. Como ele pode fazer isso? Porque ele é um de nós. Como ele pode enfrentar a ira de Deus por milhões e milhões de pecadores? Porque ele é o Deus eterno. Por meio de sua morte, ele remove a nossa culpa. Ele apazigua a ira de Deus, o Pai. E, por meio de sua morte e ressurreição, ele reverte a própria morte. A ressurreição de Jesus mostra que o propósito de Deus é fazer novas todas as coisas – não somente no sentido espiritual, mas também no sentido físico. A promessa de um novo céu e uma nova terra é vislumbrada no corpo humano ressuscitado e glorificado de Jesus Cristo. Na nova terra que Deus criará, todas as coisas serão novas (Ap 21.1-5).

A unidade que Jesus traz é poder total sobre todas as coisas. Efésios 1.21 diz que Deus colocou Jesus "acima de todo principado, e potestade, e poder, e domínio, e de todo nome que se possa referir, não só no presente século, mas também no vindouro". Em outras palavras, ele está no controle. Seus

inimigos são esmagados, os pecadores são punidos, e todos joelho se dobra perante ele (Ap 21.8; Rm 14.11). O mundo é unido porque todos estão obedecendo a Jesus.

Quando você contempla a perspectiva do grande quadro de quem Jesus é e o que ele veio fazer, isso o deixa pasmado. A pessoa e a obra de Jesus diferem de quaisquer outros. Abraão foi apenas um servo de Deus. Moisés foi somente um profeta em nome de Deus. Maomé é apenas um homem. Buda é apenas um mestre. Confúcio, um filósofo moral. Joseph Smith, que fundou o mormonismo, Charles Taze Russel, que fundou as Testemunhas de Jeová, e L. Ron Hubard, que fundou a cientologia, são pecadores imperfeitos como você e eu. Nenhuma dessas pessoas e nenhuma de suas filosofias e idéias pode salvar-nos. Assim como nós, eles são culpados diante de um Deus santo.

Somente Jesus pode salvar. Somente ele oferece a ajuda que está além do mundo. E isso é o que o nosso mundo precisa. Precisamos que Deus venha à terra e nos salve. Somente Jesus reivindica isso quanto a si mesmo. Somente ele morreu e ressuscitou dos mortos. Somente Jesus pode unir, e unirá, todas as coisas nele mesmo.

1 Timóteo 2.5 diz: "Há um só Deus e um só Mediador entre Deus e os homens, Cristo Jesus, homem". Um mediador é alguém que se coloca entre duas partes que se opõem e as reconcilia. Jesus é o único mediador que pode estar entre Deus

e o homem. Somente ele, por sua morte na cruz, pode reconciliar o céu e a terra.

Jesus disse: "Eu sou o caminho, e a verdade, e a vida; ninguém vem ao Pai senão por mim" (Jo 14.6).

Você já se perguntou se crer seria mais fácil se você pudesse, de algum modo, retroceder no tempo e ficar mais perto de Jesus? Se você pudesse estar mais perto dele no aspecto de tempo?

Já tive esse pensamento. Se eu apensas pudesse estar mais perto do momento em que Deus invadiu nosso tempo e espaço, tenho certeza de que minha fé seria inabalável. Ou, pelo menos, seria realmente mais forte. Talvez.

Então, me perguntei quanto tempo precisaria retroceder para obter essa diferença. Retornar mil anos não seria suficiente. Viver no século X não me faria sentir mais próximo de Jesus. Além disso, quem gostaria de viver na Era das Trevas?

Não estou nem certo de que viver poucos séculos depois de Jesus me ajudaria quanto a isso. Estou vivendo há pouco mais de 200 anos depois do primeiro presidente americano, George Washington. Pego em notas de dinheiro que retratam a imagem dele. Toda noite guardo moedas que têm a efígie dele. Meu amigo, eu moro nos arredores de Washington D.C., que tem esse nome em homenagem a ele. Sempre que desejar, posso ir até à velha casa dele em Mount Vernon. Mas não posso dizer que sinto grande conexão com George Washington.

Acredito nele no sentido de que sei que ele viveu neste mundo. Todavia, ele ainda parece alguém distante para mim.

Penso que eu seria realmente feliz se apenas pudesse ver a Jesus pessoalmente. Ser alguém que ele curou ou, talvez, ser aquele rapaz cujo alimento Jesus multiplicou para satisfazer a multidão. Isso seria legal.

No entanto, mesmo estando lá, não tenho certeza de que esse assunto de fé seria tão simples assim. Aqueles que estiveram próximos de Jesus – pessoas que se assentaram ao redor dele, tocaram-no, falaram com ele, ouviram-no pregar – também lutaram com dúvidas e incredulidade. O discípulo Tomé, somente *um dia* depois da ressurreição, recusou-se a crer que Jesus ressuscitara, se não visse e não tocasse as feridas nas mãos de Jesus (Jo 20.24-29). Algumas pessoas criticam Tomé por causa de suas dúvidas. Mas, sinceramente, qualquer um de nós agiria de modo diferente? Entendo como Tomé deve ter-se sentido. Eu também teria desejado ver a Jesus e tocar as suas mãos.

Acho que isso diz algo a respeito da constituição da alma humana. Não importa o quão perto estejamos em tempo, não importa quão direto ou íntimo seja o testemunho a respeito de Jesus, queremos mais. Queremos remover a necessidade de fé.

Então, você e eu estamos vivendo há quase 2.000 anos depois do momento histórico em que Jesus realizou milagres, morreu e retornou à vida.Temos de confiar no testemunho dos

apóstolos registrado na Bíblia. Temos de crer que Deus é capaz de capacitar pessoas a preservar e traduzir fielmente sua Palavra. Temos de crer que a mensagem foi transmitida com exatidão através do tempo e da cultura. E, às vezes, parece que isso exige muita fé.

Pense em Tomé. Ele não tinha de crer em algo que lera em um livro. Nenhuma tradução foi exigida. Nenhum estrangeiro, envolvido. Não, as pessoas nas quais ele tinha de confiar eram seus melhores amigos. Seus amigos íntimos eram testemunhas oculares da ressurreição de Jesus. Eles o viram vivo no dia anterior. Contudo, mesmo diante de tudo isso, Tomé sentiu que crer exigia muita fé. Exigia mais fé do que ele podia nutrir naquele momento.

Jesus foi paciente com Tomé. Ele é paciente conosco. E, quando ele apareceu a Tomé, disse: "Porque me viste, creste? Bem-aventurados os que não viram e creram" (Jo 20.29).

Gosto de ler essas palavras porque sei que Jesus está falando a respeito de mim – de mim, de você e de todos os outros seguidores que ele tem chamado para si mesmo desde então. É como se ele estivesse dizendo: "Sei que isso exige muita fé. Sei que você preferiria estar aqui. Sei que gostaria de estar comigo agora, para me ver. Sei que você gostaria que eu estivesse em seu quintal, entrasse e assentasse em sua cadeira. Todavia, falo com você em minha Palavra. Falo a respeito de mim mesmo. Dei-lhe meu Espírito como uma garantia do que está por vir.

Um dia, sua fé se tornará visão. Um dia, você me verá e me tocará".

Nos versículos que vêm logo depois dessa história de Tomé, o apóstolo João escreveu: "Na verdade, fez Jesus diante dos discípulos muitos outros sinais que não estão escritos neste livro. Estes, porém, foram registrados para que creiais que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus, e para que, crendo, tenhais vida em seu nome" (Jo 20.30-31).

Nunca vi a Jesus, mas creio realmente que ele é o Cristo, o Filho de Deus. E, pela graça, achei vida em seu nome.

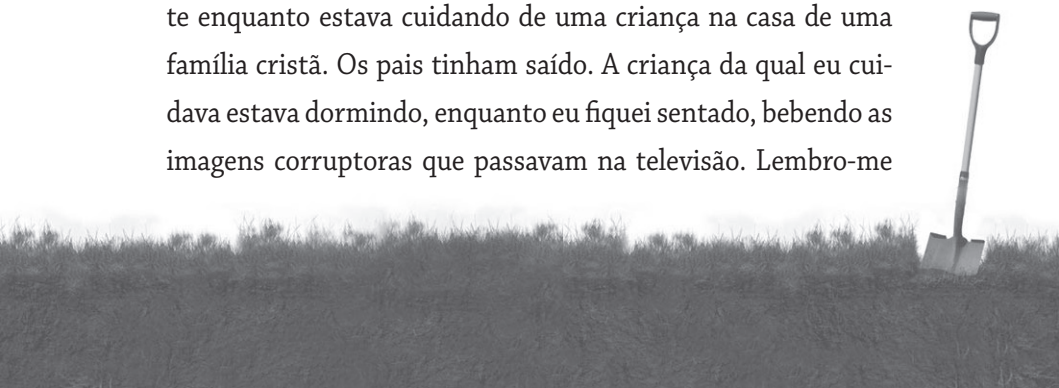
CAPÍTULO 6

Uma maneira de ser bom novamente

"Por muito tempo, as novas de que Jesus morreu por meus pecados não tinham verdadeiro significado."

Senti o peso da culpa como se ela quisesse lançar-me ao chão. Esmagar-me. Parte de mim queria que ela fizesse isso. Talvez, depois, eu não precisaria sentir-me assim. Deitei na cama. Anelei dormir – não para descansar, mas para fugir. Eu não queria ficar acordado. Não queria ficar consciente, ter de pensar sobre que pecador estúpido e hipócrita eu era!

Eu havia assistido a um vídeo pornográfico uma vez quando tinha treze anos de idade. Achei a fita de vídeo-cassete enquanto estava cuidando de uma criança na casa de uma família cristã. Os pais tinham saído. A criança da qual eu cuidava estava dormindo, enquanto eu fiquei sentado, bebendo as imagens corruptoras que passavam na televisão. Lembro-me



de voltar para casa naquele dia sentindo-me como se estivesse totalmente cheio de um filme sujo. Queria tomar um banho mais escaldante possível, para ficar limpo.

Isso foi seis anos antes disto. Senti-me sujo naquela ocasião; mas desta vez foi pior. Muito pior. Aos treze anos, não me importava com Deus. Não fingia querer agradá-lo. Todavia, desta vez foi diferente. Eu amava a Deus. Era sério no que diz respeito a servi-lo.

Eu tomara um avião até San Juan, em Porto Rico, para ser um voluntário em uma cruzada de Billy Graham. Fora ali para fazer a obra de Deus e ser parte de um momento histórico da cristandade. A cruzada evangelística estava sendo transmitida ao redor do mundo, traduzida simultaneamente em diversas línguas. Ali se reuniram cristãos famosos de vários países. Houve sessões de treinamento para jovens evangelistas. Tirei uma foto com o apologista Ravi Zacharias, com Billy Kim, o evangelista coreano, e com Cliff Barrows, o famoso diretor de música da cruzada. Fiquei a poucos metros do próprio Billy Graham e o ouvi pregar. Estava em terra santa.

No entanto, certa noite, quando o pastor em cuja casa eu estava hospedado saiu para uma reunião, caí em seu sofá e liguei a televisão. Naveguei pelos canais desatentamente. Então, passei rápido em um canal que era todo estático – as imagens eram embaçadas, difíceis de ser identificadas.

Retornei ao canal. Quando o fiz, o estático clareou por alguns segundos, e as imagens ficaram mais nítidas. Era um canal pornográfico a cabo.

Eu não desliguei a televisão. Poderia ter feito isso. Continuei a pensar nisso mais tarde, quando estava deitado na cama. Eu poderia tê-la desligado. Em vez disso, dei vazão plena aos meus desejos lascivos. Passei a hora clicando de volta àquele canal, para obter vislumbres de cinco segundos. Por alguma razão, aquilo me tornou ainda pior. Eu não havia somente assistido a pornografia. Havia desgastado o meu polegar no controle remoto e fatigado os meus olhos para ver com dificuldade as imagens vulgares.

Quando, por fim, desliguei a televisão e fui para meu quarto, a convicção de que me colocara em apuros inundou rapidamente o meu coração. Viajara toda aquela distância para me assentar na casa de um pastor e ver pornografia!?! Estava ali para fazer a obra de Deus. Desejava aprender para que Deus pudesse me usar. Que ridículo! Eu não era nada mais do que um hipócrita. Enquanto fiquei lá olhando para o teto, não pude nem orar. Finalmente, caí em sono instável.

Nessa ocasião tive um sonho.

Não lembro maior parte de meus sonhos. Mas duvido que jamais esquecerei esse sonho. Foi o sonho mais vívido e poderoso que já tive – antes e depois.

Sonhei que estava em uma sala cheia de fichários que

continham cartões de registros. Era como os fichários que as bibliotecas usavam no passado. Quando eu abria um fichário, descobria que tinha cartões que descreviam pensamentos e ações de minha vida. A sala era um sistema de registro antigo de tudo, bom ou mau, que eu já fizera.

Quando examinei os cartões que estavam sob o título "Amigos que Traí", "Mentiras que Contei" e "Pensamentos Lascivos", fiquei dominado por culpa. Momentos esquecidos há muito tempo nos quais pratiquei atos errados eram descritos em detalhes alarmantes. Cada cartão estava escrito com minha própria letra e tinha a minha assinatura. Infelizmente, meu atos errados superavam as minhas boas realizações. Tentei destruir um cartão, desesperado para apagar da memória o que tinha feito. Mas o passado não podia ser mudado. Podia somente chorar diante de meu fracasso e vergonha.

Então, Jesus entrou na sala. Ele tomou os cartões, um por um, e começou a assinar neles o seu nome. Seu nome cobria o meu e estava escrito com seu sangue.

Quando despertei de meu sonho, fiquei bastante emocionado. Nunca havia sido tão consciente de minha culpa diante de Deus e, ao mesmo tempo, da realidade de meu perdão da parte de Deus. O sonho me ajudou a ver que meu fracasso e pecado eram piores do que uma hora lasciva assistindo a pornografia. Todavia, incrivelmente, a graça e o amor de Deus

para comigo, em Jesus, eram também muito mais poderosas do que eu jamais imaginara.

Na cruz, Jesus tomou o meu lugar. Levou sobre si mesmo todos os meus pecados. As incríveis implicações da morte do Filho de Deus em *meu* lugar, por *meus* pecados, inundaram minha alma como jamais o fizera.

Os cristãos dizem que Jesus morreu por nossos pecados. Mas, o que isso significa? Por que ele teve de morrer? O que Jesus realizou por meio de sua morte na cruz? O que estava acontecendo quando ele ficou pendurado entre o céu e a terra? Que efeito essa morte tem sobre mim e sobre você hoje? O que ela muda?

Essa perguntas nos levam ao próprio âmago da fé cristã. Levam-nos ao magnificente assunto da expiação. A palavra *expiação* nos fala como homens e mulheres pecadores podem ter um relacionamento restaurado com um Deus perfeito e justo – como podemos ser unidos ou estar em harmonia com nosso Criador.

"Expiação significa fazer reparação", escreveu J. I. Packer, "apagar a ofensa e dar satisfação pelo erro praticado; portanto, significa reconciliar consigo mesmo aquele que está alienado e restaurar o relacionamento rompido".[1]

A Bíblia ensina que nosso relacionamento com Deus foi

1 J. I. Packer, *Concise theology:* A guide to historic christian beliefs. Wheaton, IL: Tyndale, 1993. p. 134.

destruído por nossa desobediência. Não somente estamos separados dele por causa da vileza de nosso pecado, mas também somos culpados diante dele e dignos de sua punição.

A pergunta teológica mais inquietante que a humanidade tem enfrentado é como um Deus verdadeiramente bom e justo pode amar e perdoar pessoas culpadas. Se Deus ignora o pecado humano, então, ele é imoral e injusto. Ou ele é uma força amoral que tem nenhum padrão. Mas Deus prometeu salvar-nos e aceitar-nos. Como pode ser isso? A resposta é a cruz.

Cresci recebendo o ensino de que Jesus morreu na cruz por mim. Entretanto, por muito tempo, essa informação não tinha verdadeiro significado para mim. De fato, era ótimo ouvir isso sobre ele. Todavia, era como gastar muito dinheiro em um dom que você realmente não quer e do qual não necessita. Mesmo depois que resolvi entregar minha vida a Deus, a cruz era um conceito vago em meu pensamento.

Tenho um recordação vívida dessa época de minha vida. Eu era um adolescente. Estava caminhando para nosso duplex marrom na Kane Road, em Gresham, no Estado de Oregon. Quando abri a porta que dava acesso da garagem para a cozinha, tive um pensamento: *eu não entendo por que Jesus teve de morrer*. Esta frase realista apenas correu por minha mente.

É estranho para mim que aquele momento fugaz estivesse tão claro em minha memória. Talvez eu estivesse me sentindo levemente perturbado por minha confusão.

Infelizmente, eu não estava muito triste devido à minha falta de entendimento quanto ao que fazer a respeito. Eu não tinha pedido a ninguém que me explicasse o que a cruz significava. Eu não lia a minha Bíblia. E não havia um senso de urgência em meu coração, não me ocorreu nenhum senso de que precisava da morte de Jesus.

Pergunto-me quantas pessoas em nossas igrejas têm hoje os mesmos pensamentos incertos a respeito da cruz. Quando comparamos o indistinto pensamento moderno com a ênfase nítida sobre a morte de Cristo apresentada nas páginas da Escritura, não podemos deixar de pensar que algo está bastante errado.

Jesus previu o tempo e a maneira de sua morte (Mt 20.17-19). Ele ensinou a seus seguidores que sua morte seria o clímax da missão terrena que ele viera realizar. Jesus disse: "O próprio Filho do Homem não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate por muitos" (Mc 10.45).

A cruz não era a frustração trágica do plano de Jesus. A hora de sua maior angústia era a hora por causa da qual ele viera (Jo 12.27). E, na noite de sua traição, Jesus instituiu o que chamamos de Ceia do Senhor – uma cerimônia que ele deu à igreja pela qual devemos lembrar sua morte. Quando comemos o pão e bebemos o cálice juntos, como recordação de seu corpo partido e seu sangue derramado por nós, proclamamos sua morte até que ele venha (1 Co 11.26). John Stott

ressaltou que esse ato comemorativo "dramatiza, não o nascimento de Jesus, nem a sua vida, nem as suas palavras, nem as suas obras, mas somente a sua morte". Stott escreveu sobre Jesus: "É por meio de sua morte que ele deseja, acima de tudo, ser lembrado. Então, é seguro dizer: não há cristianismo sem a cruz. Se a cruz não é central em nossa religião, a nossa religião não é a religião de Jesus".[2]

No livro *In My Place Condemned He Stood* (Ele Permaneceu Condenado em Meu Lugar), os autores J. I. Packer e Mark Dever dizem que não podemos entender a expiação sem uma compreensão de três coisas: primeira, a natureza trinitária de Deus; segunda, a santidade e a justiça de Deus; terceira, nossa culpa e pecado diante dele.

Isso me ajuda a entender minha confusão quanto à cruz e a obra expiatória de Jesus. Como adolescente, eu não pensara atentamente em Deus como Trindade. E, se você não entende que Deus é um só e, ao mesmo tempo, três pessoas distintas, o Pai, o Filho e o Espírito Santo, a morte de Jesus na cruz não parece nada mais do que um exemplo trágico de injustiça. E, o que é ainda pior, ela pode ser vista como a ação grosseira de um Deus que pune seu Filho inocente e insuspeito.

Uma das poucas vezes em que recordo ter ouvido uma

2 John R. Stott, *The cross of Christ*. Downers Grove, IL: InterVarsity, 1986. p. 68.

apresentação clara da cruz, durante os anos do grupo de jovens do ensino médio, foi quando um pregador contou a história de um condutor de trem que era responsável por abaixar uma ponte para que um trem suburbano passasse com segurança. Um dia, o filho do condutor veio com ele para o trabalho e, enquanto brincava, ficou preso nas engrenagens que abaixavam a ponte. À medida que o trem se aproximava, o condutor percebeu a infeliz situação de seu filho. Sem tempo suficiente para resgatar o filho, e vendo o trem aproximar-se rapidamente da ponte, o condutor tomou a comovente decisão de abaixar a ponte sobre seu filho, de modo que as pessoas passassem em segurança no trem. "E isso", disse o pregador, "foi o que Deus fez por você". Lembro-me de haver pensado: *Deus é um tolo*.

Odeio essa história. Fiquei bravo com o condutor por trazer o filho ao trabalho. Bravo com o filho por brincar no equipamento. E louco da vida com aquele pregador por contar-me a história. Ela não me fez apreciar mais a cruz. Fez a cruz parecer algum tipo de acidente cósmico que se esperava me fizesse sentir devedor e culpado.

Vários anos depois, aprendi quão inexata e inútil é a analogia do condutor para explicar a cruz. No âmago de seu erro, está a ausência da natureza trinitária de Deus.

O Pai é Deus, o Filho é Deus, o Espírito é Deus. Deus é um só em três pessoas distintas. O Pai, o Filho e o Espírito Santo têm comunhão perfeita e trabalham unânimes para

salvar homens. A obra de salvação na cruz foi a obra conjunta de todas as três pessoas da Trindade. Muitas passagens da Escritura indicam essa equipe de trabalho. Hebreus 9.14 diz: "Muito mais o sangue de *Cristo*, que, pelo *Espírito* eterno, a si mesmo se ofereceu sem mácula a *Deus*, purificará a nossa consciência de obras mortas, para servirmos ao Deus vivo" (ênfase acrescentada).

Jesus não foi uma vítima apanhada nas armadilhas da injustiça romana. Ele era Deus mesmo, que entregou espontaneamente a sua vida. Deus, o Pai, não era um divindade cruel e abusiva que não teve compaixão de seu próprio filho. Em vez disso, no mistério da Divindade, o Pai e o Filho resolveram juntos redimir a humanidade por meio de substituição. O pecado humano exigia que um preço fosse pago. Mas Deus pagaria o preço, com sua própria vida.

O Filho se tornou pecado no sentido de que ele representou a humanidade e assumiu o lugar da humanidade pecadora. Deus, o Pai, ministrou a justiça. A ira e a punição justas que a traição e a rebelião humana merecia foram derramadas sobre o Deus, o Filho. Na cruz, Deus mesmo tanto deu como recebeu o golpe.

Jesus não foi apanhado numa armadilha. Ele estava no controle. E escolheu, por causa de amor, entregar sua vida por mim. Jesus disse: "Por isso, o Pai me ama, porque eu dou a minha vida para a reassumir. Ninguém a tira de mim; pelo

contrário, eu espontaneamente a dou. Tenho autoridade para a entregar e também para reavê-la. Este mandato recebi de meu Pai" (Jo 10;17-18).

Jesus entregou sua vida. Ele amou a glória de seu Pai. O Pai amou seu Filho. E, juntos, motivados por amor a um mundo perdido, eles pagaram o maior preço para expiar o pecado.

Expiar significa fazer reparação pelos erros cometidos. Muitas pessoas podem admitir que fazem coisas erradas. A confissão mais fácil e comum no mundo é: "Admito que não sou perfeito". Mas a idéia de que nossos pecados e "imperfeições" precisam da morte terrível de um inocente – e, muito menos, da morte do Filho de Deus – parece extravagante. Temos feito coisas erradas, mas, na maioria dos casos, não pensamos que isso é importante.

Pensamos assim porque não conhecemos verdadeiramente a Deus. Não entendemos que ele é santo e justo, que ele odeia e tem de punir todo pecado e impiedade. A Escritura diz que os olhos de Deus são tão puros que ele não pode ver o mal (Hc 1.13).

Talvez você já observou na Bíblia que, ao encontrarem-se com Deus, a reação comuns das pessoas foi a de cair no chão como se estivem mortas (veja, por exemplo, Apocalipse 1.17). Contudo, você não tem o senso de que eles estão sendo melodramáticos. Eles estão certos de que vão morrer. Suas ações transmitem puro terror. Por quê? Porque vêem um Deus que

é não somente tremendo em seu poder e glória, mas também completamente justo. A Bíblia usa a palavra *santo* para descrevê-lo. Pensamos comumente em santidade como em termos de pureza moral, e Deus é santo nesse sentido. Entretanto, a palavra *santo* descreve a "separação" de Deus. Ele é completamente separado de nós. Deus é totalmente diferente e exaltado acima do homem. Não há pecado ou trevas nele. Ele é completamente bom, verdadeiro e justo.

Temos qualquer idéia sobre o que significar encontrar-nos com o Deus santo, puro e justo, do céu? Quando Isaías viu a Deus, ficou instantaneamente consciente de seu pecado e clamou: "Então, disse eu: ai de mim! Estou perdido! Porque sou homem de lábios impuros, habito no meio de um povo de impuros lábios, e os meus olhos viram o Rei, o Senhor dos Exércitos" (Is 6.5). Quando Jó ouviu a Deus falando, humilhou-se e renunciou suas exigências arrogantes (Jó 42.6). Quando Pedro se encontrou com a Jesus e viu seu poder sobrenatural e sua santidade, caiu aos pés de Jesus e rogou: "Vendo isto, Simão Pedro prostrou-se aos pés de Jesus, dizendo: Senhor, retira-te de mim, porque sou pecador" (Lc 5.8). Na presença do Deus Santo, Pedro sentiu-se desconcertado por causa da consciência de sua própria pecaminosidade.

Se não sentimos necessidade da expiação, isso talvez aconteça porque supomos que Deus tem para com o mal a

mesma atitude indiferente que nós temos. Mas ele não age assim. Deus possui ódio total e implacável para com o pecado e a injustiça. Sua reação ao pecado é ira extremamente justa. A Bíblia chama isso de ira de Deus. Algumas pessoas são repelidas pela idéia de que Deus é um Deus de ira. Mas, se você pensar um pouco sobre isso, um Deus que não odeia o mal é terrível. A verdadeira bondade odeia o mal. A verdadeira justiça e retidão tem de manter-se em oposição contra a injustiça e o erro. A ira de Deus, escreveu John Stott, "é, de fato, a sua reação santa ao mal".[3]

Acho difícil assimilar isso. Frequentemente, avalio o pecado e a injustiça por uma escala. O pecado é menos pecaminoso se todos o praticam. A injustiça é menos problemática se não é contra mim ou contra alguém que eu amo. Se não posso vê-la ou sentir os seus efeitos, não perco o sono.

Deus é tão diferente de mim. Ele vê o pecado como ele é – uma afronta ao seu reino e seu padrão. Todo pecado humano – até quando praticado contra outra pessoa – é, em última análise, também um pecado contra Deus. É uma violação de suas leis (Sl 51.4). Ele vê a morte, a destruição e tristeza causadas pelo pecado na vida das pessoas. Você e eu não temos a menor idéia quanto às conexões e às consequências de nosso pecado. Na maioria das vezes, vemos

3 Ibid. p. 103.

o nosso pecado como insignificante – um pequeno fósforo caindo em nossa grama ou, no pior, um pequeno fogo num arbusto. Deus vê ao que as pequenas chamas levam. Ele vê o incêndio da floresta que devora o interior, destrói casas e mata pessoas.

Deus vê a devastação que o pecado humano realiza no mundo. E, em sua justiça perfeita, ele prometeu punir todo pecado.

Isso é bastante confortador; contudo, é a verdade mais terrível no mundo. Porque Deus é santo e justo, ninguém ficará impune de qualquer coisa errada feita nesta vida. No fim do tempo, haverá uma prestação de contas final e perfeita diante dele (Rm 14.12). O que os tribunais e as cortes humanas não puderam processar nesta vida, o Deus todo-poderoso o processará. Não haverá nenhum crime sem solução. Nenhum caso arquivado. Ele julgará os vivos e os mortos (1 Pe 4.5). Todo pecado – desde o genocídio ao assassinato, desde a difamação à zombaria, desde o estupro ao tráfico humano para lascívia e imoralidade – será punido.

A ironia de tudo isso é que um Deus de justiça perfeita é tanto aquele por quem anelamos como aquele que tememos. Anelamos por alguém que corrija todas as coisas, que castigue aqueles que aterrorizam, molestam, matam e escravizam o inocente. Queremos um juiz que tenha todo o poder e um comprometimento inflexível com a justiça.

Mas, quando os olhos de Deus se voltam para nós, entendemos que somos, realmente, culpados. Também merecemos o seu julgamento.

Na noite em que tive meu sonho sobre a sala de fichários, acordei soluçando. Acendi a luz, peguei meu laptop e comecei a escrever sobre o sonho. Eu chorava enquanto escrevia. Às vezes, quase não podia ver a tela do laptop por entre as lágrimas.

Chamei a história de "A Sala" e, pouco meses depois, publiquei-a na pequena revista que eu editava na época.[4] Talvez você já a leu. Depois de ser impressa, a história transitou pela internet como um daqueles e-mails intitulados "Leia Isto!" que enchem as caixas de entrada de nossos e-mails.

Ainda me admiro do resultado que o sonho produziu. Recebi notícias dizendo-me que ele fora lido por capelães nas prisões e por pastores em suas igrejas e que fora até dramatizado. Desde então, ele já foi impresso em várias revistas e até se tornou um pequeno filme. Alguns anos depois, eu o inclui em um capítulo de meu primeiro livro. Esse capítulo foi o mais citado pelos leitores que escreveram para mim. O que mais me surpreende é a reação que ele produziu em não-cristãos. Vários desses leitores me contaram como foram comovidos pela história. Muitas vezes eles disseram: "Comecei a chorar quando o li".

4 A versão original da história "A Sala" (publicada inicialmente na revista *New Attitude*, na edição de abril de 1995), juntamente com a informação que esclarece as questões a respeito de sua autoria, pode ser acessada em: <http://www.joshharris.com/the_room.php>.

Por que o sonho se conecta, em nível profundo, com tantas pessoas? Creio que isso acontece porque o sonho lida com o tema universal de culpa e redenção. Todos portamos o mesmo senso de que fazemos coisas erradas, de que não satisfazemos os padrões dos outros, nem os nossos próprios padrões – muito menos, os padrões de Deus.

Muitos de nós tentamos achar paz quanto a pecados passados por tentarmos esquecer e seguir em frente. Achamos conforto na distância que vem com o passar do tempo. Quanto mais distantes estivermos de nossos pecados, tanto menos sentimos que eles marcam nossa vida e tanto menos nos sentimos culpados. Posso contar-lhe a história de ter visto pornografia há quatorze anos. Mas, quero confessar o pecado que cometi na semana passada? E, por acaso, lembro metade das coisas erradas que fiz na semana passada? A verdade é que tenho esquecido convenientemente muitas de minhas violações.

Em um jornal, li uma história de uma mulher chamada Jill Price, que tinha uma condição rara que os médicos chamam de "memória autobiográfica superior". Jill pode recordar em detalhes vívidos cada dia de sua vida desde os 14 anos de idade. Peritos da universidade da Califórnia estudaram-na por seis anos para confirmar sua habilidade. Se você já desejou ter uma memória melhor, talvez você gostaria de reconsiderar esse desejo. Jill vê sua habilidade como uma bênção e uma maldição. Ela tem

recordações vívidas que a confortam em tempos difíceis, mas há também o lado sombrio. Ele recorda cada decisão má, cada insulto, cada embaraço angustiante. No decorrer dos anos, Jill disse, as recordações têm-na consumido. Ela se sente paralisada e atacada pelas recordações. O sono tranquilo é raro.[5]

Todos queremos pensar sobre nós mesmos como pessoas naturalmente boas. Contudo, podemos acreditar nessa ilusão somente porque esquecemos muitas de nossas decisões, ações e pensamentos passados. O que aconteceria se as lembrássemos perfeitamente? Deus as lembra.

Esse é um pensamento incômodo, não é? Acho que essa é a razão por que meu sonho sobre a sala cheia de arquivos tem impacto emocional nas pessoas. Todos temos, em nossa vida, coisas que não desejamos recordar, coisas que sabemos precisam ser corrigidas, coisas que devem ser expiadas.

A Bíblia ensina que o pecado exige morte. Quando Adão e Eva se rebelaram contra Deus, o julgamento de Deus sobre eles e toda a humanidade foi a morte física (Gn 3.19).

No entanto, mesmo no jardim Deus falou sobre o seu plano de redimir e restaurar a humanidade (Gn 3.15). Ele não revelou seu plano e propósito. Em vez disso, no decorrer dos séculos, Deus começou a ensinar ao seu povo o princípio de expiação por meio da morte substitutiva.

---

5 Marilyn Elias, A mind haunted from within. *USA Today,* McLean, 8 May 2008. Section D, p. 1-2.

Quando Deus libertou seu povo da escravidão no Egito, ele puniu o orgulho de Faraó por matar os primogênitos de cada família egípcia. Mas ele manifestou misericórdia para com o povo de Israel, por dar-lhes um meio de escapar da morte. Por intermédio de Moisés, o Senhor instruiu seu povo a que sacrificasse um cordeiro sem defeito e manchas e marcasse com o sangue do cordeiro os umbrais de suas casas. Em Êxodo 12.13, Deus falou: "O sangue vos será por sinal nas casas em que estiverdes; quando eu vir o sangue, passarei por vós, e não haverá entre vós praga destruidora, quando eu ferir a terra do Egito". Julgamento e morte passaram por sobre as casas cujos umbrais estavam marcadas com sangue, o símbolo de vida derramada. Um cordeiro já havia morrido. Um substituto fora oferecido.

Depois que Deus tirou seu povo do Egito, ele estabeleceu um sistema elaborado de sacrifícios de animais que proveram o meio de perdoar e remover o pecado deles. O sistema de sacrifícios ensinava ao povo que o pecado é sério e só pode ser coberto pelo derramamento de sangue. Levítico 17.11 diz: "Porque a vida da carne está no sangue. Eu vo-lo tenho dado sobre o altar, para fazer expiação pela vossa alma, porquanto é o sangue que fará expiação em virtude da vida".

O sangue simboliza a vida de uma pessoa. Derramar sangue significa dar a vida, morrer. Quando um cordeiro ou um

boi era morto nos sacrifícios de sangue do Antigo Testamento, isso era uma figura vívida e gráfica de pagar os pecados pelo sacrifício da vida. Um homem israelita escolheria um cordeiro sem defeito e o traria diante do Senhor. Colocaria as mãos sobre o animal, o que era um símbolo de o animal levar a culpa do homem. Em seguida, o animal seria sacrificado, e seu sangue seria aspergido sobre o altar.

Além dos sacrifícios contínuos prescritos na lei, havia também um dia especial, em cada ano, chamado o Dia da Expiação (Levítico 16). Um dos ritos desse dia envolvia dois bodes. O primeiro bode era sacrificado à maneira normal. Mas o sumo sacerdote impunha as mãos sobre o segundo bode, confessava os pecados da nação e, depois, enviava o bode para fora do arraial, ao deserto. O segundo bode simbolizava o que o sacrifício do primeiro bode realizava. Deus tinha provido uma maneira pela qual o pecado do povo fosse removido, levado pelo sacrifício de um substituto. Isso é origem da expressão *bode expiatório*, que se refere a alguém que é culpado pelos erros e obras más de outros, de modo que estes escapem da punição.

Os dois bodes no Dia da Expiação e todo os sacrifícios de sangue, realizados por séculos, deram ao povo de Deus uma linguagem e figuras vívidas quanto à sua necessidade de expiação. Deus queria que eles entendessem que precisavam ser purificados, ser perdoados. Mas o sacrifício de novilhos,

cordeiros e bodes eram apenas sombras do único sacrifício que poderia remover verdadeiramente a culpa. Esses sacrifícios de sangue apontavam para Jesus. Foram dados para que um dia o povo de Deus compreendesse o significado de Jesus Cristo e de sua morte sangrenta na cruz.

Jesus foi traído na noite da celebração da Páscoa. Naquela noite, ele deu a seus discípulos um nova cerimônia para recontar a obra redentora de Deus (Mt 26.17-29). Eles não derramariam o sangue de um cordeiro; em vez disso, lembrariam o corpo de Jesus partido e seu sangue derramado.

Assim como o bode expiatório que levava os pecados do povo, Jesus foi levado para fora da cidade quando foi crucificado. Ele tomou os nossos pecados e os removeu. Hebreus 13.12 diz: "Por isso, foi que também Jesus, para santificar o povo, pelo seu próprio sangue, sofreu fora da porta".

E de todos os nomes usados para designar a Cristo, poucos são tão poderosos como "o Cordeiro de Deus". Por que Jesus é chamado por esse nome? Não é porque Jesus era belo, delicado e adorável. Ele é chamado de "Cordeiro de Deus" porque foi sacrificado por Deus em favor de nossos pecados. João Batista disse a respeito de Jesus: "No dia seguinte, viu João a Jesus, que vinha para ele, e disse: Eis o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo" (Jo 1.29). E, em sua visão do céu, o apóstolo João viu Jesus sendo adorado por multidões incon-

táveis. Como Jesus aparece em sua glória? Como um cordeiro, como tendo sido morto (Ap 5.6).

Esse é um pensamento surpreendente. Por que Deus precisa de um cordeiro? Ele não tinha nenhum pecado em si mesmo pelo qual tinha de pagar. Por que Deus ofereceria um sacrifício? A resposta é que Deus oferece seu Filho, e seu Filho entrega espontaneamente sua vida, para expiar os pecados da humanidade. Não podemos jamais pagar por nossos pecados. O débito que temos para com Deus e a culpa que temos diante de Deus são grandíssimos. Somente Deus mesmo pode remover a mancha de culpa e vergonha.

Na morte de Jesus, Deus proveu o cordeiro. Em vez de você e eu enfrentarmos a ira e a punição que nossos pecados merecem, Jesus assumiu nosso lugar. Ele é nosso substituto. Ele derramou seu sangue, deu sua vida, para que nossos pecados fossem removidos e a ira de Deus fosse desviada.

O romance *The Kitter Runner* (O Caçador de Pipas), de Khaled Hosseini, é um representação ponderosa do anelo humano por expiação. O livro conta a história de Amir, um imigrante afegão recém-casado que vive na Califórnia, perseguido por um ato de traição cometido na infância. Sendo ainda um jovem que crescia em Cabul, ele não fez nada quando seu melhor amigo, Hassan, foi espancado e violentado por um perverso rapaz mais velho chamado Assef. Em vez de socorrer o amigo, Amir escondeu-se com temor e ficou vendo de seu abrigo.

Depois Amir ficou angustiado de culpa. Sua vergonha foi aumentada pela constante bondade e lealdade do amigo. Hassan, cujo pai trabalhava como servo do abastado pai de Amir, continuou a servi-lo sem egoísmo. Embora tivesse consciência da traição de Amir, Hassan recusou-se a retaliar ou mesmo a proferir uma palavra severa. Consumido por sua culpa, Amir acusou falsamente Hassan de roubar um relógio novo. Por fim, o comportamento de Amir forçou Hassan e seu pai a deixarem a casa de Amir.

A história continua anos mais tarde quando Amir, agora crescido, vive nos Estados Unidos com seu querido pai. Está muito distante da terra de sua infância, mas aquele momento na viela ainda o inquieta. "Isso foi há muito tempo", ele diz, "mas é errado o que dizem a respeito do passado, eu aprendi, a respeito de como você pode sepultá-lo. Porque o passado sai do sepulcro. Olhando para trás, compreendo que tenho estado espreitando naquela viela deserta durante estes últimos vinte e seis anos".[6]

Quando um de seus velhos amigos, que tinha conhecimento de seus atos vergonhosos, lhe telefonou do Paquistão e lhe pediu que o visitasse, Amir soube que não era apenas seu amigo que estava na linha, mas também o seu "passado de pecados não expiados". Antes de seu amigo

6 Khaled Hosseini, *The kite runner*. New York: Riverhead, 2007. p. 1.

terminar a chamada, ele disse: "Há uma maneira de ser bom novamente".[7]

Uma maneira de ser bom novamente. Não é isso que todos nós anelamos? Queremos perdão e purificação – um maneira de compensar ou cobrir nossos atos errados e ações egoístas. Em *The Kitter Runner*, Amir encontra sua oportunidade quando, por fim, retorna ao Afeganistão para encarar seu passado. Fica sabendo que seu amigo Hassan está morto, mas que seu filho órfão está vivo e precisa ser regatado. Todavia, para salvar o menino, era necessário que Amir enfrentasse o sádico Assef que violentara Hassan muitos anos antes.

A história tem solução quando Amir restabelece os momentos de seu passado em que falhou horrivelmente. Desta vez, quando enfrenta Assef, ele não se esquiva. Para resgatar o filho de seu velho amigo, ele recebe um golpe brutal de Assef. Suas costelas são quebradas. Sua mandíbula é quebrada. Sufoca-se em seu próprio sangue. Mas, em meio às pancadas, começa a sorrir. Ele sorrir enquanto é espancado e machucado. Sente finalmente que está pagando por seus erros.

Amir arrisca sua vida para salvar o filho de seu velho amigo Hassan. Por mostrar bondade ao menino e adotá-lo, Amir acha uma maneira de "ser bom novamente".

---

7 Ibid. p. 2.

No entanto, qualquer de nós pode expiar dessa maneira os seus erros passados? E o que faremos se as pessoas que ofendemos já tiverem morrido? Como podemos fazer reparação? O que acontecerá se não tivermos condições de pagar pela coisa que roubamos? E se o espancamento não for suficiente para salvar nossa consciência? O que podemos dar para pagar os erros que cometemos?

A Bíblia ensina que em nosso caso o problema é muito mais sério. Nosso pecado não é cometido apenas contra nossos amigos e familiares. Em última análise, todo erro que praticamos é um ato de ódio e desobediência para com Deus. Nosso pecado é transgressão da lei de Deus. Não é apenas a nossa consciência que precisa ser satisfeita; é a ira santa de Deus que exige pagamento. Nosso problema é muito mais sério do que imaginamos. Como pode ser perdoado um ato de rebelião contra um Deus infinitamente santo, que, por sua própria natureza tem de julgar a impiedade e removê-la de sua boa criação? 1 Samuel 2.25 diz: "Pecando o homem contra o próximo, Deus lhe será o árbitro; pecando, porém, contra o Senhor, quem intercederá por ele?" A ira de Deus se inflama contra nós.

Ainda que pudéssemos, de algum modo, reordenar e compensar todos os erros que temos cometido (mas não podemos), ainda teríamos de lidar com Deus. Como fazemos as pazes com um Deus de retidão e justiça perfeitas?

Como Deus nos torna bons novamente diante dele

mesmo? Como ele lida com nossa culpa e pecado? A mensagem inimaginável da Bíblia é que o amor de Deus por nós é tão grande que ele preparou um meio para que sejamos bons novamente por intermédio da vida e da morte expiatória de seu Filho.

Jesus fez por nós o que nós mesmos não podíamos fazer. Ele veio para interceder em favor da raça humana que pecou contra Deus. Jesus viveu e morreu em nosso favor.

Nós desobedecemos a lei de Deus, Jesus lhe obedeceu perfeitamente. Assim como o pecado de Adão tornou o mundo culpado, a obediência de Jesus torna justos todos os que confiam nele (Rm 5.19). Isso é a "justiça que procede de Deus, baseada na fé" (Fp 3.9).

Em vez de abandonar-nos e condenar-nos, Deus veio compassivamente até nós. Ele amou tanto o mundo que enviou seu único Filho para salvar o mundo (Jo 3.16-17). Jesus veio para reconciliar-nos com Deus.

Como ele nos reconcilia com Deus? Por sofrer a penalidade devida aos nossos pecados? Isso é o que os teólogos chamam de *substituição penal*. Na cruz, Jesus se tornou nosso substituto e sofreu a nossa penalidade. Assim como Jesus obedeceu em nosso lugar, assim também ele morreu em nosso lugar. Gálatas 3.13 diz que Jesus se fez maldição "em nosso lugar". O profeta Isaías descreveu a morte substitutiva e expiatória de Jesus quando escreveu:

> Mas ele foi traspassado pelas nossas transgressões
> e moído pelas nossas iniquidades;
> o castigo que nos traz a paz estava sobre ele,
> e pelas suas pisaduras fomos sarados.
> Todos nós andávamos desgarrados como ovelhas;
> cada um se desviava pelo caminho,
> mas o SENHOR fez cair sobre ele
> a iniquidade de nós todos (Is 53.5-6).

Nós transgredimos. Cometemos iniquidade. Jesus, porém, foi traspassado por nós. Foi moído em nosso lugar. Deus lançou sobre ele a nossa culpa, para que fôssemos perdoados. 2 Coríntios 5.21 diz: "Aquele que não conheceu pecado, ele o fez pecado por nós; para que, nele, fôssemos feitos justiça de Deus".

O que estava acontecendo quando Jesus foi pendurado entre o céu e a terra? 1 Pedro 2.24 diz que Jesus estava "carregando ele mesmo em seu corpo, sobre o madeiro, os nossos pecados". Além do indescritível sofrimento físico da crucificação, Jesus suportou o tormento da ira de Deus contra o pecado.

O resultado da obra substitutiva de Cristo é que a ira de Deus foi satisfeita e removida. Isso é chamado de propiciação. Romanos 3.25 diz que Deus propôs a Cristo "como propiciação", no seu sangue. A justiça de Deus exige morte pelo pecado.

O sangue de Jesus derramado, sua vida entregue em nosso lugar, satisfaz essa exigência. 1 João 4.10 afirma: "Nisto consiste o amor: não em que nós tenhamos amado a Deus, mas em que ele nos amou e enviou o seu Filho como propiciação pelos nossos pecados".

"É Deus mesmo que, em ira santa, precisa ser propiciado", escreveu John Stott. "Deus mesmo que, em amor santo, planejou realizar a propiciação, e Deus mesmo que, na pessoa de seu Filho, morreu em favor da propiciação de nossos pecados."[8]

Na cruz, a ira de Deus foi satisfeita. Nossos pecados foram pagos, para que fôssemos perdoados e aceitos por Deus. 1 Pedro 3.18 diz: "Cristo morreu, uma única vez, pelos pecados, o justo pelos injustos, para conduzir-vos a Deus".

Há poucos anos, disseram-me que havia uma versão islâmica de minha história "A Sala", em vários websites islâmicos.[9]

Uma moça chamada Jenny, que cresceu em uma família islâmica, religiosa e fundamentalista, escreveu-me para contar que como havia lido a história de meu sonho em uma acampamento de fim de semana para moças mulçumanas. Na noite final e emocionante, ao redor de uma fogueira, pediram a Jenny que lesse para moças mulçumanas a história da sala

8 John R. Stott, *The cross of Christ*. Downers Grove, IL: InterVarsity, 1986. p. 68.

9 Um exemplo de versão islâmica da história pode ser achado em: <http://www.themodernreligion.com/index2.html>.

cheia de arquivos. Mas ela disse que a versão islâmica de meu sonho havia sido editada. Jesus nunca apareceu. Não havia segurança de perdão. Terminava com este parágrafo.

> Então, lágrimas brotaram. Comecei a chorar. Soluços tão profundos que a dor começou em meu estômago e se espalhou através de mim. Caí de joelhos e chorei. Chorei de vergonha, de grande vergonha por tudo que eu fizera. As fileiras de prateleiras de arquivos giravam em meus olhos cheios de lágrimas. Ninguém jamais, jamais deve saber sobre esta sala. Tenho de trancá-la e esconder a chave.

Depois que ela leu a história, as outras moças saíram chorando da reunião ao redor da fogueira. Mas o efeito foi mais profundo em Jenny. Ela foi consumida por um senso de desespero e infelicidade. Durante toda a sua vida, ele fora uma seguidora dedicada do islamismo. Juntamente com sua família, ela memorizava o Alcorão, fazia suas preces cinco vezes ao dia e já tinha visitado Meca. Ela fazia o seu melhor, mas estava constantemente consciente de seu erros. Ficava distraída durante as orações. E às vezes mentia.

No Ensino Médio, Jenny começara a ter pesadelos vívidos sobre o inferno. Acordava suando frio com um terrível senso de desespero. “Não tinha mais confiança em minha admissão no céu”, ela disse.

A versão islâmica de "A Sala" fora lida no acampamento, ao redor da fogueira, para estimular as moças a serem melhores e levarem vidas de moralidade, mas deixou Jenny exausta e desiludida. *Não posso tentar qualquer coisa mais rígida*, ela pensou, *pois sei que não sou suficientemente boa*. Ela começou a olhar para Deus fora do islamismo.

Alguns anos mais tarde, depois de muitas histórias da misericórdia de Deus na vida de Jenny, ela chegou à fé salvadora em Jesus Cristo, reconhecendo-o como seu Salvador. Depois que ela se tornou cristã, alguém enviou-lhe um e-mail contendo toda a versão cristã completa de "A Sala". Quando ela abriu o e-mail, reconheceu de imediato o começo da história. Ficou curiosa por saber como se sentiria ao ler a história agora como cristã.

"Quando cheguei ao fim da parte que eu recordava, não senti a tristeza profunda que eu havia sentido antes", disse-me Jenny. Contudo, ela ficou surpresa com o fato de que a versão original tinha um final diferente. A versão que ela lera no acampamento terminava com terror e temor. No entanto, na conclusão da versão original, Jesus entrava na sala. Jenny leu as palavras sobre Jesus que haviam sido retiradas da história:

Ele olhou para mim com compaixão nos olhos. Mas foi uma compaixão que não me enraiveceu. Inclinei a cabeça, cobri o rosto com as mãos e comecei a chorar. Ele andou até mim e colocou os braços ao meu redor. Poderia ter dito muitas coisas.

Mas não disse nenhuma palavra. Somente chorou juntamente comigo.

Ele se levantou e andou até a parede de fichários. Começando no fim da sala, abriu um fichário e, pegando os cartões de registro, começou a assinar, em cada um deles, o seu nome em cima do meu.

"Não!", eu gritei correndo até ele. Tudo que pude dizer foi: "Não, não", enquanto pegava dele o cartão. Seu nome não deveria estar nos cartões. Mas estava, escrito em vermelho tão forte, tão escuro, tão nítido. O nome de Jesus cobria o meu. Estava escrito com o seu sangue.

Ele pegou de volta o cartão, gentilmente. Deu um sorriso triste e começou a assinar os cartões. Achei que jamais entenderia como ele o fez tão rapidamente, mas, no próximo instante, eu parecia ouvi-lo fechando o último fichário e caminhando de volta para o meu lado. Colocou sua mão em meu ombro e disse: "Está consumado".

Levantei-me, e ele me levou para fora da sala. Não havia fechadura na porta da sala. Havia ainda cartões a serem escritos.

Você percebe quão essencial é a expiação à fé cristã? Sem a cruz de Jesus Cristo, o labirinto de nossa vida é desespero e terror. Permanecemos culpados diante de um Deus que não podemos agradar. Sabemos que nossos melhores esforços são inadequados. E a culpa angustiante por nossos erros não pode ser removida.

Essa é a situação em que nos deixa a religião criada pelo homem – não somente o islamismo, mas todo sistema religioso (incluindo alguns que dizem ser cristãos) que excluem o sacrifício expiatório da cruz. Sem o sangue de Jesus Cristo, derramado pelos pecados, não há expiação, nem perdão, nem reconciliação. Não há esperança.

No entanto, a história não termina com nossa culpa. Não é incrível? Jesus entra em cena. Ele se introduz na realidade de nosso fracasso, vergonha e culpa. Pense sobre o pior cartão de registro em sua sala cheia de fichários e considere isto: Jesus morreu para que seus piores momentos fossem cobertos. Ele tomou a culpa para que você possa permanecer diante de Deus perdoado e aceito.

Há uma maneira de ser bom novamente: crer em Jesus e em sua morte expiatória; receber, pela fé, o livramento da parte dele. Não há nada que você e eu possamos fazer para pagar a culpa por nossos pecados. Nossas boas obras não podem cobri-los. O tempo não os fará desaparecer. Somente o sangue do Cordeiro de Deus pode purificar-nos, cobrir-nos e livrar-nos do julgamento.

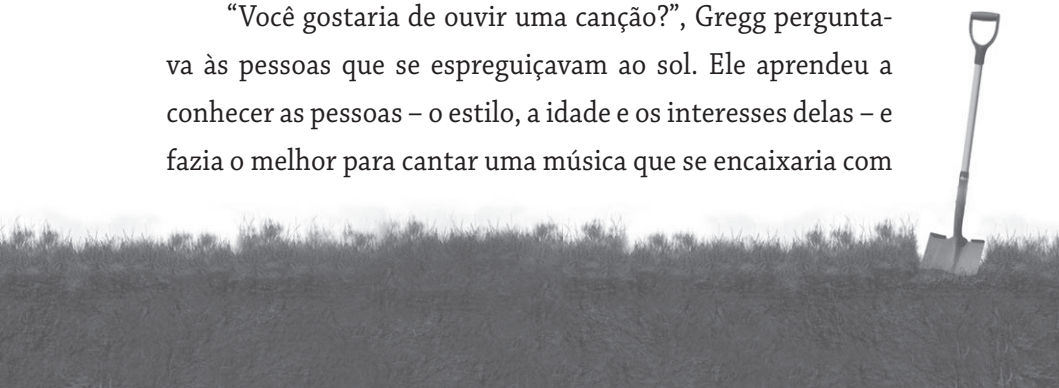
CAPÍTULO 7

Como Jesus salvou Gregg Eugene Harris

"Como a redenção realizada fora de Jerusalém deu vida a um jovem em uma praia da Califórnia?"

Gregg tocava violão e cantava na praia em troca de gorjetas. Vestindo sua calça jeans esfarrapada, boca-de-sino, tendo bigode e cabelo castanho fino que se estendia até aos ombros, ela era o trovador hippie típico. Em 1970, Laguna Beach, no Estado da Califórnia, era um imã para artistas e músicos. Eles vinham de todas as partes do país. Paz, amor e um constante suprimento de drogas tornavam a cidade litorânea um ambiente idílico.

"Você gostaria de ouvir uma canção?", Gregg perguntava às pessoas que se espreguiçavam ao sol. Ele aprendeu a conhecer as pessoas – o estilo, a idade e os interesses delas – e fazia o melhor para cantar uma música que se encaixaria com



as pessoas. Ele cantava somente melodias originais. Sua música era a sua arte; ele se recusava a ser uma vitrola humana que apenas tocava canções ouvidas no rádio.

Certa vez, ele tocou uma canção para José Feliciano, o brilhante violonista cego cuja música "Light My Fire" fora um grande sucesso. Gregg não reconheceu a estrela de rock, mas depois Feliciano o chamou a vir ao seu concerto naquela noite. Ele disse que queria comprar a canção de Gregg.

Mas Gregg não apareceu naquela noite, porque não deseja "prostituir" sua arte. Além disso, ele planejava tornar-se um sucesso com sua própria música. Ele não sabia que Deus tinha um plano para ele, um plano diferente do estrelato musical.

Um dia, na praia, Gregg foi abordado por outros hippies. "Hei, cara, o que você sabe sobre Jesus?", um deles lhe perguntou. Era a última pergunta que Gregg esperava ouvir. Ele tinha deixado o distante Estado de Ohio para fugir de Jesus e da sufocante religião de sua infância. Sabia tudo sobre Jesus e o rejeitara.

Decidiu ter um pouco de divertimento com os dois fanáticos. Usaria seu conhecimento bíblico para espetá-los. Faria perguntas que eles não seriam capazes de responder. Ele os venceria com seus argumentos. Assim, Gregg se lançou numa arenga ali mesmo na praia.

Mas os rapazes não foram vencidos. Apenas ouviram

e sorriram. Então, quando Gregg se cansou, os dois rapazes falaram sobre Jesus de um modo que Gregg jamais ouvira. Disseram que Jesus era um rei que viera redimir um mundo arruinado pelo pecado. Em Jesus, Deus mesmo invadiu o planeta. Jesus morrera na cruz, não como vítima, mas como conquistador da própria morte. Ele havia mostrado o verdadeiro significado do amor. E disseram que, um dia, esse mesmo Jesus voltará. Julgará o mundo todo e regerá as nações. Hoje é o dia de abandonar o pecado e crer em Jesus.

Apesar de ser como era, Gregg ouviu. As palavras, as respostas às perguntas e a descrição que eles apresentaram de Jesus penetraram em sua alma e tocaram o profundo de seu íntimo. Era como se alguém estivesse chamado-o de longe.

Quando a conversa terminou, Gregg tentou fingir que tudo estava bem. Não mostrou como fora profundamente afetado pelas palavras dos rapazes. Ele não se ajoelhou, nem orou, nem mesmo disse que pensaria mais sobre o que tinha ouvido. Os dois rapazes disseram "tchau" e seguiram praia afora.

"De algum modo", diz Gregg, "sabia que minha vida nunca mais seria a mesma".

Se alguém cava um poço e abre uma fonte de água pura, isso não terá nenhum proveito se a água não for canalizada para regar o solo e levada a lábios ressecados. Ser informado de que essa fonte existe ou apenas vê-la à distância não matará a sede. Você mesmo tem de beber dela.

Jesus descreveu a salvação que ele oferece como água viva. Ele disse a uma mulher, junto a uma fonte, disse que, se ela bebesse da água que ele lhe daria, ela jamais teria sede (você pode ler a história em João 4). Disse que a sua água se tornaria no interior dela uma fonte a jorrar ininterruptamente e lhe daria vida eterna. Ele estava falando sobre a nova vida espiritual que ele viera trazer.

É claro que ela não entendeu a princípio. Pensou que Jesus estava falando sobre a água normal. Ela gostou da idéia de não sentir sede e de não prejudicar suas costas erguendo os baldes de dentro do poço.

Mas, por fim, a mulher chegou a entender que a água sobre a qual Jesus falou era uma metáfora que representava a vida espiritual – representava conhecer e crer em Jesus. Ela realmente bebeu dessa água viva. Creu em Jesus como o Salvador prometido.

A Bíblia nos diz que Jesus morreu e ressuscitou para que pecadores pudessem ter o perdão de seus pecados e fossem reconciliados com Deus (1 Coríntios 15.1-4). Essa mensagem é o que os cristãos chamam de evangelho, que significa "boas novas". Muitas pessoas têm ouvido essa mensagem de boas novas, mas não tem sido salvas por ela. É possível alguém aprender sobre os acontecimentos da vida, da morte e da ressurreição de Jesus – ser ensinado quanto ao seu significado, seu poder e sua esperança – e,

apesar disso, não receber qualquer benefício pessoas desses acontecimentos.

A grandiosa obra de salvação realizada por Jesus tem de alcançar-nos. Não somente as notícias dessa obra, mas também o seu verdadeiro poder espiritual tem de tocar-nos e mudar-nos. Como isso acontece?

O teólogo John Murray tem uma poderosa maneira de descrever a obra salvífica de Deus. Ele usa os termos *redenção consumada* e *redenção aplicada*. *Redenção consumada* é o que Jesus já fez por nós – sua vida de obediência perfeita, sua morte vicária na cruz e sua ressurreição.

É o segundo aspecto da redenção de Deus – a parte aplicada – que desejo considerar agora. Redenção aplicada é como a realização de Jesus se conecta conosco. Como ela nos alcança e salva. Outro nome para isso é a *doutrina da salvação*.

A doutrina da salvação responde à pergunta "como a obra salvadora de Jesus se transforma em nossa salvação? O que significa ser salvo? Como saímos da condição de espiritualmente mortos para a de espiritualmente vivos, filhos de Deus santos?

Ou, apresentando o assunto em termos que são mais pessoais para mim, como a redenção consumada por Jesus em um monte, fora de Jerusalém, atravessa os séculos até ao ano 1970 e alcança um rapaz que toca violão numa praia da Califórnia?

Há várias maneiras de explorar a doutrina da salvação, mas gostaria de considerá-la por compartilhar a história de como Jesus aplicou sua salvação poderosa a uma pessoa. Seu nome é Gregg Harris, que é meu pai.

Os meus avós o chamaram de Gregg Eugene. Seu primeiro nome é escrito com dois "gês" no final porque foi essa a maneira como vovó o viu em uma placa no consultório de um médico. O segundo nome, Eugene, era o nome de meu avô. Papai nunca gostou de seu segundo nome, mas, por alguma razão, ele o passou para mim. Já o perdoei por isso.

Papai nasceu em 23 de outubro de 1952, em Dayton, no Estado de Ohio, no Miami Valley Hospital. Ele parecia ser um bebê normal e saudável, mas o médico compartilhou um notícia devastadora com Gene e Francis. Ele disse: "A natureza esqueceu de terminar sua obra", ele disse. O menininho tinha três defeitos internos bastante sérios. Para que houvesse alguma esperança de sobrevivência, ele teria de passar por três importantes cirurgias nas primeiras 48 horas de nascimento. Em 1952, os procedimentos cirúrgicos eram perigosos, limitados ou experimentais. Se ele sobrevivesse, disseram os médicos, não passaria dos seis anos de idade. E, se passasse, ficaria confinado a uma cadeira de rodas e precisaria de cuidado permanente.

Vovó nunca deixou de orar. Ela era um cristã dedicada que entregara sua vida a Jesus quando tinha oito anos de

idade. Sua família morava a um quilômetro e meio da igreja. Ela lia a Bíblia e estava na igreja toda vez que as portas eram abertas. Seu pai tocava o órgão. Ele podia fazer o órgão falar. Todo dia vovó pediu a Deus que fizesse sua fé crescer "diária, mensal e anualmente".

Seu grande erro na vida cristã foi namorar e casar com Gene. Meu avô era um sossegado veterano da Segunda Guerra que trabalhava na fábrica da Frigidaire em Dayton, amava cavalos e tinha sempre consigo um pacotinho de tabaco de mascar Red Man. Nascera no Estado de Alabama e vivera maior parte de sua vida no Tennessee. Vovó sabia que ele não era um cristão genuíno. Durante o namoro, ele foi à igreja e fingiu bastante interesse na Bíblia, a ponto de convencê-la a casar-se com ele. Mas, depois do casamento, sua frequência à igreja diminuiu lentamente. A igreja parecia deixá-lo louco. Quando, ia com vovó, eles discutiam sobre a reunião quando voltavam para casa. Por fim, ele parou de ir.

No entanto, a fé de vovó sustentou-a nos anos difíceis depois do nascimento de papai e das cirurgias. As cirurgias resolveram em parte os problemas; papai não podia evacuar sólidos normalmente. Vovó gastava horas todo dia enchendo-o de óleo, tentando ajudá-lo a ir ao banheiro.

Cuidar dele consumia quase toda a energia de vovó, deixando-a física e emocionalmente exausta. E o pior de tudo era que ela estava sozinho na tarefa. Vovô não podia lidar com a

incapacidade de seu filho. Fingindo e procurando desculpas para sair de casa, ele gastava maior parte de seu tempo livre em jogos e pistas de corridas.

O estresse diário era quase demais para vovó suportar. Ela pensou em suicidar-se. "Sei que é errado", vovó disse para Deus. E, quando ela pensou no pequeno Gregg, sabia que tinha de continuar viva, se fosse apenas por ele. "Mina vida é um quebra-cabeça todo confuso, e não posso harmonizá-lo", ela orou, "ó Deus, só o Senhor pode arrumar isso".

Outra cirurgia foi planeja quando papai tinha sete anos de idade. Os médicos disseram que a cirurgia poderia tornar as coisas piores, em vez de melhorá-las, mas tinham de tentar algo. Entretanto, no dia da cirurgia, enquanto esperavam no hospital, ele foi ao banheiro por si mesmo. Isso nunca acontecera naturalmente. A cirurgia foi suspensa. Vovó sabia que aquilo era um milagre de Deus.

No entanto, apesar desse progresso, papai ainda enfrentava desafios significativos. Sua infância foi remodelada por conta de sua deficiência. Por temerem que alguma pancada em seu estomago poderia matá-lo, ele foi isolado e mantido distante de qualquer tipo de brincadeira ou esporte rude. "Eu era tratado como um ovo", papai recorda. E, porque muitos dos seus anos foram gastos com sua mãe, ele tinha um visão distorcida de seu lugar no mundo. Vovó possuía tão grande intenção de mantê-lo de bom humor que o tratava como

um pequeno príncipe. Ela o fez acreditar que todas as suas palavras eram brilhantes e todas as suas piadas eram extremamente engraçadas.

Quando ele foi para a escola, a ilusão foi desfeita. Ele não era brilhante ou engraçado. E, quando as outras crianças não riam de suas piadas, Gregg tentava fazer melhor. E, para piorar as coisas, sua deficiência causou várias ocasiões em que ele sujou a si mesmo na classe. No ensino elementar, esse não é o tipo de coisa que você esquece. Durante anos, ele foi zombado e ignorado.

Uma história da quinta série exemplifica os anos de ensino elementar de Gregg. Um dia, um menina popular chamada Marilyn anunciou na cafeteria que ela teria uma festa em sua casa na tarde daquele dia. Todos estavam convidados. Gregg pensou "todos" inclui a mim. Depois da escola ele se apressou a ir para casa, rosado de entusiasmo. Vestiu o melhor de domingo – uma viçosa camisa branca e uma gravatinha borboleta – e marchou para a casa de Marilyn. Ela estava à porta, sorrindo enquanto dava boas-vindas aos meninos e às meninas. Quando ela viu Gregg, seu sorriso se tornou uma carranca. "Não me lembro de que convidei você", ela disse com desdém.

"Eu sei", ele respondeu imediatamente, "vim aqui apenas para encontrar-me com um amigo".

"Oh!", ela respondeu friamente. Foi para dentro da casa e fechou a porta.

Gregg ficou ali por um momento ouvindo os sons da festa na casa. Os meninos e as meninas conversavam e riam. Ele tinha certeza de que estavam rindo dele. Gregg se virou e correu para casa, entrou em seu quarto e se atirou na cama. Escondeu seu rosto no travesseiro e chorou.

Durante toda a sua infância, Gregg foi uma criança de igreja. Cada semana, vovó levava-o, com o irmão e a irmã, à Primeira Igreja Batista de Centerville. Olhando para trás, papai diz que a exposição à religião agiu como uma vacina – imunizou-o contra a fé genuína. Ele teve o suficiente para desenvolver um desdém profundo quanto ao cristianismo e a igreja.

No entanto, como criança, ele tentou agradar sua mãe por aprender a ecoar frases religiosas e recitar fatos bíblicos. Ele foi obedientemente "salvo" dezenas de vezes. Frequentar a Escola Dominical toda semana e participar da Escola Bíblica de Férias todo verão deu-lhe inúmeras oportunidades de fazer a oração do pecador. Seu coração não estava em nenhuma delas; e isso não lhe fez nenhum bem. Ele não tinha verdadeiro entendimento do que significava crer em Jesus. Também não tinha nenhum desejo genuíno de receber o que a igreja oferecia.

O pastor Snoddy era um bom homem, mas a esposa era quem realmente administrava a igreja. Aos olhos de Gregg, Jesus era apenas uma versão do pastor Snoody com cabelos longos – um homem manso, gentil e fácil de ser vencido.

O Jesus que Gregg via no quadro pendurado na parede de sua classe de Escola Dominical tinha rosto macio e olhos inocentes. Era agradável demais para dar conforto.

A professa de Escola Dominical de Gregg lhe dissera que Jesus o amava e queria vir para o seu coração. Mas isso fez apenas que Jesus parecesse mais dependente e desesperado. E o que significa realmente Jesus vir para o nosso coração?

Talvez você ache que algo tão importante como a maneira pela qual uma pessoa é salva deveria ocupar mais a atenção dos cristãos. Contudo, acho que muitos de nós compartilhamos da idéia confusa de meu pai quanto à salvação. Para muitos, ser salvo é apenas uma questão de fazer uma oração e atender a uma chamada para vir à frente. Mas, se insistirmos em que os cristão sejam específicos quanto ao que significa a nossa oração ou ao que acontece realmente no íntimo quando alguém crê, nosso entendimento começa a entrar em colapso. Nossa "doutrina de salvação" é presumida em uma corrente de clichês religiosos indefinidos: Deus me ama, entreguei minha vida a Jesus, tenho um relacionamento pessoal com Jesus, convidei-o a entrar em meu coração, fui salvo, tornei-me um cristão.

Parece que a maioria dos cristãos acham que ser salvo é algo que *nós* fazemos. Conduzimos a ação. Fazemos a escolha. Achamos a Deus. Convidamos a Jesus e nos tornamos cristãos.

Nos Estados Unidos, a salvação é muito semelhante a visitar lojas para comprar uma nova televisão de tela plana.

A coisa estranha no que concerne a essa ênfase "nós fizemos", em nosso ponto de vista sobre a salvação, é como essa ênfase é diferente do que a Bíblia fala sobre a salvação. As escrituras realmente ordenam que respondamos a Jesus, nos convertamos a Deus, em fé, e nos arrependamos do pecado (At 2.38). Mas, quando a Bíblia fala sobre a poderosa e misteriosa obra de salvação na alma humana, ela sempre enfatiza o que Deus faz. Ela sempre fala sobre o poder e a graça de Deus.

A graça de Deus, como a define Jerry Bridges, é "a bondade de Deus mostrada para quem merece o mal".[1] Por causa de nossa desobediência e rebelião para com Deus, não somos apenas indignos de bondade; somos realmente merecedores do mal. Somos culpados. A única coisa que merecemos é punição. A salvação não é algo que ganhamos por merecimento ou compramos. Efésios 2.8-9 diz: "Pela graça sois salvos, mediante a fé; e isto não vem de vós; é dom de Deus; não de obras, para que ninguém se glorie". A salvação não é uma realização nossa. É um dom. Somente Deus pode pagar o preço de nossos pecados e tornar-nos dignos de relacionar-nos com ele. E foi isso

1 Extraído de um sermão de Jerry Bridges sobre Efésios 4.7-13, intitulado "Gifts of Grace to Build the Church", pregado na Convenant Life Church, em Gaithersburg, MD, em 23 novembro de 2008. Disponível em: <http://www.covlife.org/resources>.

que ele fez por meio da morte de seu Filho. Essa é a razão por que a bondade de Deus para conosco pode ser descrita como graça maravilhosa.

Poder é a capacidade de fazer ou realizar algo. A Bíblia nega com insistência que temos o poder espiritual de salvar a nós mesmos ou mesmo de contribuir para a salvação. Não somos apenas fracos, somos espiritualmente mortos, não temos vida (Ef 2.1). A salvação é realizada não por nosso esforço, e sim pelo poder de Deus. Em Romanos, o apóstolo Paulo afirma que a obra de Jesus em morrer e ressuscitar é "o poder de Deus para a salvação" (1.16). Em outra epístola, Paulo diz que, embora a mensagem de um Salvador crucificado seja loucura para muitos, para os que são salvos ela é o "poder de Deus" (1 Co 1.18).

Até as analogias que Deus usa na Bíblia para descrever a salvação enfatizam que ela é obra de Deus. Observe como Deus descreve as maneiras pelas quais ele redime o seu povo. Pense no grande livramento de Israel sendo resgatado do Egito, narrado no livro de Êxodo. Aquele poderoso ato de salvação da escravidão era uma figura da salvação dos pecadores realizada por Cristo. Quem operou a libertação? Os poderosos israelitas? Não, o poder de Deus agindo por meio de seu servo Moisés.

Ou considere o profeta Ezequiel, no Antigo Testamento. Deus lhe deu a incrível visão de um vale cheio de ossos secos

(Ez 37.1-14). Aquilo era um cemitério aberto de esqueletos humanos. Os ossos estavam secos, sem vida. Deus perguntou: "Poderão reviver estes ossos?" (v. 3). Em seguida, Deus falou a Ezequiel que profetizasse aos ossos, que anunciasse a palavra de Deus sobre eles. Ezequiel falou, e, quando ele falou, a poderosa palavra de Deus introduziu vida nos ossos. Eles se ajuntaram harmoniosamente. Foram revestidos de nervos, músculos e carne. A palavra de Deus transformou aquele vale de ossos secos em um poderoso exército de pessoas vivas.

Ossos mortos trazidos à vida. Isso é uma figura de como Deus salva pessoas. Não temos vida em nós mesmos. Nenhum desejo ou esforço humano pode transmitir vida. Como podemos ter vida? Somente pela ordem de Deus. Somente pela poderosa Palavra de Deus soprando vida em pessoas mortas.

Jonas 2.9 diz: "Ao SENHOR pertence a salvação!" É verdade. A salvação é a obra sobrenatural de Deus na alma humana. Ela pertence a Deus. Somente ele pode dá-la. Depende unicamente do poder e da graça de Deus.

Essa perspectiva da salvação é incrivelmente humilhante. Se a salvação não é, em última análise, resultado de minha perspicácia espiritual, minha descoberta, minha bondade interior, meu esforço ou minhas obras religiosas, não posso salvar a mim mesmo. Não importa em que família ou em que igreja eu nasci. Não importa quão religioso, moral ou respeitado eu

sou. Nesse sentido, a mensagem do evangelho é más notícias para a ingenuidade e orgulho humano.

Mas, ao mesmo tempo, a mensagem do evangelho é boas notícias para aqueles que Jesus descreveu como "humildes de espírito" (Mt 5.3) – pessoas que não podem salvar a si mesmas, pessoas que admitem sua pobreza e desamparo. Para essas pessoas, o evangelho transmite esperança. Porque, se Deus é verdadeiramente o personagem e o ator central na salvação – se a sua escolha, a sua busca, a sua chamada, a sua graça, o seu poder regenerador dando vida nova é o que torna a salvação possível – então, *ninguém* está além da esperança.

E isso é, inacreditavelmente, boas notícias. Significa que Deus pode salvar qualquer pessoa, inclusive você, eu... e meu pai.

As coisas melhoraram para papai depois do ensino elementar. A família mudou-se de Kettering para Miamiburg. E o mais significativo é que papai ganhou um violão.

Ele teve algum sucesso escrevendo poemas quando era mais jovem. Um de seus poemas foi publicado em um jornal. Isso ganhou a atenção das moças. Agora, ele tentava usar suas mãos para colocar seus poemas em música. Aprendera alguns acordes e tinha uma voz decente. Finalmente, achara o seu lugar. Tinha sempre sido um solitário. Agora, era um solitário que tinha um violão. Esse não era uma mística ruim para alguém possuir.

A contracultura dos anos 1960 estava em plena atividade. Os Beatles tinham invadido a América. As bandas Jefferson Airplane e Big Brother and the Holding Company, com Janis Joplin, estavam no rádio. Milhares se reuniram em Haight-Ashbury para o Verão do Amor. Papai começou a frequentar a cafeteria em Bigger Road. Ele começou a fumar maconha. Deixou crescer seu cabelo. Achou identidade entre os excêntricos e os hippies. A canção que se ouvia no rádio dizia: "Se você vai a São Francisco, assegure-se de usar algumas flores no seu cabelo".[2] Papai sonhou em escapar da sufocante cidade interiorana de Miamisburg e viajar para o oeste.

Se ele não tinha ainda bastante razões para deixar Miamisburg, ele conseguiu uma quando se tornou alvo da Orchard Hill Boys. Essa gangue de caipiras era conhecida por roubar, bebedeira, revender peças de carros e bater maliciosamente em qualquer que se intrometesse no caminho deles. Papai cometeu o erro de cantar uma música para uma moça admirada por um dos rapazes dessa gangue. Depois disso, sempre que eles viam papai, eles o agrediam. Um dia, na feira do condado, um rapaz chamado Marvin Boleyn o golpeou por trás com uma alavanca de pneu.

Isso foi a gota d'água. Sob o pretexto de levar a irmã para assistir a um filme, ele foi ao centro de Dayton. Livrou-se da

2 John Phillips, *San Francisco*. Copyright © 1967, MCA Music Publishing.

irmã no cinema e, com o violão à mão, dirigiu-se para a rodoviária. Achou uma passagem usada, no chão, colocou seu polegar sobre o buraco perfurado na passagem e pegou a estrada. Ele tinha dezesseis anos de idade.

O ônibus o levou a Cincinnati. De lá, viajou para Chicago; depois, para Saint Louis, onde ganhou dois dólares por hora carregando engradados para uma companhia de transportes. Escreveu para seus pais durante a viagem, para abrandar os temores de sua mãe. Estava comendo bem. Estava feliz. Disse que agora, quando não tinha alguém para dizer-lhe o que fazer, estava fazendo tudo que sempre lhe haviam dito. (Isso era uma mentira.) Ele disse a sua mãe que teria os domingos livres e que iria à igreja. (Isso era também uma mentira.) Ele disse à sua irmã, Leslie, que sentia muito por tê-la deixado esperando na porta do cinema. (Isso era sincero.)

Depois de trabalhar por algumas semanas em Saint Louis, um caminhoneiro o levou até Colorado Springs. Foi nessa ocasião que ele viu sua primeira montanha: Pikes Peak. Um policial o encontrou pedindo caronas e perguntou: "Para onde você está indo, filho?"

"Para casa", respondeu papai.

"Onde você mora?"

"Do outro lado daquelas montanhas".

"Não há nada do outro lado daquelas montanhas", replicou o policial.

Ele foi apanhado. Mandaram-no de volta para Ohio.

Papai fugiu de novo alguns meses depois. Ele pediu o carro emprestado, mas vovô não o permitiu. Papai ficou indignado. "Não preciso de um carro para chegar aonde desejo", ele disse para si mesmo. Dois dias depois, ele telefonou para seus pais de Clearwater Beach, no Estado da Flórida.

Em Clearwater, papai encontrou no píer um ambiente de hippies vibrante. Sobreviveu mendigando e tocando violão para conseguir alguns trocados. Também roubou carteiras. Depois de esvaziar o conteúdo das carteiras, ele as enterrava na areia.

Sua vida de crimes pequenos na Flórida foi interrompida quando ele foi pego furtando em uma loja de conveniência. Papai não era um ladrão esperto. Ele caminhou até à loja com dinheiro no bolso, mas decidiu roubar um doughnut coberto de açúcar. A evidência de seu crime foi percebida facilmente pelo dono da loja. A polícia chegou, e papai foi posto na cadeia por três dias.

Seu breve tempo na cadeia o abalou. Esteve cercado de bêbados e alcoólatras indigentes que roncavam à noite e brigavam durante o dia. Ele ficou absolutamente miserável e terrificado.

Um pregador batista visitou a cadeia e pergunto a papai de onde ele era e se seus pais sabiam onde ele estava. O pregador compartilhou o evangelho com papai, que,

embora ele tenha ouvido, não o achou convincente. Eram as mesmas palavras que ele tinha ouvido centenas de vezes, enquanto crescia. Mas o pregador fez algo que conquistou a atenção de papai. Ele pagou a fiança pelo furto de papai, tirou-o da cadeia e lhe comprou uma passagem área para voltar a Dayton, em Ohio.

Esse ato de bondade teve um efeito profundo em papai. Fez com que desejasse ser bom. Ele estava tão cheio de gratidão que decidiu haveria de mudar e se tornaria um cristão. Não apenas qualquer cristão; ele seria um grande cristão.

O único problema de seu plano era que ele não podia tornar a si mesmo um cristão, assim como ossos secos não podem querer dar vida a si mesmos.

Jesus disse que, para sermos salvos, para fazemos parte de seu reino, temos de "nascer de novo" (Jo 3.3).

Ele gostava de falar de maneiras que despertava a curiosidade das pessoas e, às vezes, as deixava chocadas. Dois mil anos depois do ministério terreno de Jesus, temos aparado as arestas da maior parte das afirmações chocantes de Jesus, alisando-as como pedras em um esmeril. Portanto, quando ouvimos a expressão *nascer de novo*, imaginamos certo tipo de pessoa ou pensamos em uma classe de eleitores. Pessoas que acompanharam as notícias nos anos 1970 podem pensar em Jimmy Carter, um ex-fazendeiro que cultivava amendoim,

da Geórgia, que se tornou presidente e ficou famoso por declarar que era um cristão nascido de novo.

No entanto, quando Jesus disse "nascer de novo", ninguém pensaria em Jimmy Carter ou qualquer outro estereótipo cristão. Em vez disso, as pessoas imaginavam o processo do nascimento humano, pensando que tinha de passar por ele novamente.

Foi assim que o fariseu Nicodemos reagiu quando ouviu Jesus falar sobre nascer de novo. Ele perguntou: "Como pode um homem nascer, sendo velho? Pode, porventura, voltar ao ventre materno e nascer segunda vez?" Jesus explicou que a vida espiritual exigida para que alguém viva em seu reino é um *novo tipo* de vida. Exige uma mudança tão radical, tão transformadora, que pode ser descrita como um novo nascimento. A mudança é tão poderosa e nova como a entrada de um bebê no mundo.

O novo nascimento que Jesus descreveu é chamado de regeneração. John Frame escreveu que a regeneração é "um ato soberano de Deus, começando uma nova vida espiritual em nós".[3] Na regeneração, Deus outorga à pessoa uma nova natureza, um novo coração e uma nova vida espiritual.

Sem a regeneração, somos todos espiritualmente mortos (Ef 2.1-2). Não doentes. Não fracos. Não incapacitados. Somos

3 John M. Frame, *Salvation belongs to the Lord:* an introduction to systematic theology. Phillipsburg, NJ: P and R Publishing, 2006. p. 185.

mortos. Mortos como ossos secos. Isso significa que somos incapazes de conhecer a Deus ou responder-lhe. Não precisamos apenas de um pequeno empurrão, um estímulo inicial ou uma reanimação; precisamos de uma ressurreição e regeneração espiritual.

Paulo fala sobre a regeneração em termos de um cristão ser uma "nova criatura" (2 Co .17). Essa nova vida foi o que Deus anunciou ao profeta Ezequiel centenas de anos antes da vinda de Jesus. Deus falou: "Dar-lhes-ei um só coração, espírito novo porei dentro deles; tirarei da sua carne o coração de pedra e lhes darei coração de carne" (Ez 11.19).

Novo Nascimento. Nova criação. Transplante de coração. Você não pode deixar de ver a ênfase de que a salvação é uma obra de Deus. De fato, o principal ensino da expressão *nascer de novo*, empregada por Jesus, é não somente nova vida, mas também nova vida produzida pela obra do Espírito de Deus. Em João 3.6-8, Jesus disse: "O que é nascido da carne é carne; e o que é nascido do Espírito é espírito. Não te admires de eu te dizer: importa-vos nascer de novo. O vento sopra onde quer, ouves a sua voz, mas não sabes donde vem, nem para onde vai; assim é todo o que é nascido do Espírito".

Somente o Espírito Santo transmite vida. Isso está além de nosso controle. Como o vento, o Espírito Santo sopra onde quer. Vemos o efeito do vento, ouvimos o seu som, mas não

sabemos de onde ele vem, nem podemos controlar a sua direção. Portanto, o novo nascimento, o ato de poder regenerador da parte de Deus, depende unicamente da vontade de Deus. Não podemos, nós mesmos, querer ser nascidos de novo, assim como não podíamos ter desejado, nós mesmos, ser nascidos pela primeira vez. Nenhum de nós teve qualquer controle sobre o tempo de nossa concepção e nascimento físico. De modo semelhante, o nosso nascimento espiritual é total e completamente uma obra do Espírito Santo de Deus. Antes que Deus faça essa obra em nós, não possuímos o desejo interior de crer nele, buscá-lo, arrepender-nos do pecado ou orar genuinamente por salvação.

O problema na decisão de papai de tornar-se um "bom cristão" aos 16 anos de idade era que ele ainda não sofrera o milagre da regeneração. Não tinha sido nascido de novo. Sua falsa conversão, depois do confinamento na cadeia foi uma tentativa de auto-reforma. Foi um esforço de ser, pelo poder de sua própria vontade, uma pessoa melhor, que tinha mais moralidade.

Não aconteceu como resultado do poder de Deus; não era nem mesmo relacionada a Deus. Papai não reconhecia o seu pecado e culpa diante de Deus. Ele não se arrependeu. Não pôs sua confiança em Jesus, que morreu para absorver a ira de Deus pelo pecado de papai. Em vez disso, papai decidiu parar de ser mau e começar a ser bom. Ele faria "religião" como não

a fizera antes. Tentaria com empenho, mais do que o fizera alguém antes dele.

Quando voltou para casa, vindo da Flórida, retornou à escola e começou a ir a igreja. Cortou o cabelo. Parou de fumar cigarros e consumir drogas. Parou de sair com as moças. Até começou, em sua escola, um clube cristão chamado Adolescente para Cristo. Sua mãe e todas as senhoras da igreja ficaram emocionadas.

Tudo correu bem... por um tempo. Então, como as sementes descritas na parábola que Jesus contou, o crescimento de papai foi interrompido e se comprovou superficial.

Seu clube cristão organizou um show de talentos na escola.

Eles o prepararam de um modo que uma banda cristã da região se apresentasse e compartilhasse o evangelho. Visto que era um acontecimento patrocinado pela escola, outras bandas, não-cristãs, foram também convidadas a fazer apresentações. Quando algumas das bandas seculares se divertiam durante o concerto e zombavam cordialmente do evento de temática cristã, os membros da banda cristã se ofenderam e recusaram-se a participar.

Papai ficou tão bravo, tão ofendido em ser desapontado por esses cristãos, que decidiu nunca mais ter nada com o cristianismo. (Esse ofender-se de papai talvez estava relacionado com uma moça que ele admirava.) E, assim como acendeu o seu cristianismo auto-regenerado, ele o apagou.

Depois de rejeitar o cristianismo, papai voltou aos velhos caminhos. Pegou a estrada de novo e pegou caronas até a Flórida. Muitos de seus amigos tinham partido; por isso, ele foi para Califórnia. Em sua viagem, passou seis meses em Austin, no Texas, onde se juntou ao Youth International Party, ou yppies, como eles eram chamados. Tornou-se instantaneamente popular com os yppies porque escrevia e cantava músicas de protesto. Papai se uniu a eles quando invadiram a Biblioteca LBJ, um ato que os colocou na televisão em rede nacional. Mas o clima em Austin era muito quente; por isso, papai mudou de lugar.

Ele chegou a San Diego. Dali, segui pelo litoral até parar em Laguna Beach. A pequena e sonolenta cidade litorânea tinha surfistas esquisitos, mas era também conhecida como uma comunidade de artes que recebia dois dos principais festivais de arte. Era habitada por dançarinos, pintores, joalheiros, cantores e poetas. Papai sentiu que, por fim, achara um lar onde estava com sua própria tribo. Conseguiu um quarto por três dólares a noite no Laguna Hotel e começou a trabalhar.

Nesse tempo, ele tinha um rotina fixa. Iria para um ótimo restaurante e perguntaria se poderia trabalhar como trovador, andando por entre as mesas e cantando canções. Tudo que ele queria era uma refeição no final da noite e quaisquer gorjetas que recebesse por cantar. Ele escreveu

canções para crianças, para casais idosos e para casais. Se cantasse a canção correta, poderia, às vezes, ganhar uma gorjeta de vinte dólares. O dinheiro que ele ganhava capacitou-o a comprar um Volvo P 1800 e alugar, com um amigo, um quarto em uma ótima casa. Até tinham uma piscina. Ele e um amigo fundaram a Laguna Beach Free Poets Society, um pequeno grupo que se reunia em uma cafeteria local e lia suas poesias. Papai nunca se sentira tão feliz, nem experimentara tanto sucesso.

Então, aconteceu a conversa fatídica na praia. Papai estava assentado sobre uma de suas rochas favoritas, trabalhando em uma nova canção, quando os dois hippies cristãos se aproximaram dele.

Papai lembra-se que a maneira como eles falaram foi diferente de qualquer outra coisa que ele já tinha ouvido. Não sei se o que eles disseram naquele dia, na praia, foi uma apresentação do evangelho mais clara e mais poderosa do que o que papai já tinha ouvido na Escola Dominical ou do pregador batista na cadeia, na Flórida. Talvez foi. Mas, em última análise, a eloquência ou a persuasão do mensageiro não salva nenhuma pessoa. Naquele dia, na praia, o Espírito de Deus abriu o coração de papai para que ouvisse. Deus o chamou por meio da mensagem do evangelho. Isso é a "vocação celestial" a que se refere Hebreus 3.1 e que distingue todos os verdadeiros cristãos. Não importa o modo como

uma pessoa ouve ou quem lhe anuncia a mensagem de Jesus crucificado pelos pecados e ressuscitado dos mortos, por trás de tudo está Deus, chamando para si mesmo o pecador. Chamando homens, chamando mulheres "à comunhão de seu Filho Jesus Cristo, nosso Senhor" (1 Co 1.9).

Papai não acha que foi salvo naquele dia, na praia; mas, como ele mesmo o diz, "a isca foi mordida". Como um peixe numa linha, ele sentiu Deus atraindo-o a partir daquele momento.

Poucos dias depois de ouvir o evangelho na praia, houve uma batida por drogas na casa em que ele morava. Ele estava fora quando a polícia vasculhou a casa e deteve vários de seus colegas. Embora a polícia tenha vasculhado a casa, não achou o pacote de maconha escondido embaixo de uma lixeira em seu quarto. Mas papai achou que os policiais poderiam voltar e detê-lo por sua conexão com os colegas. Por isso, arrumou seu carro naquele dia e partiu da cidade.

A ocasião da batida policial logo depois de ouvir o evangelho não foi ignorada por papai. Ele estava certo de que era mais do que coincidência. Ele sentiu que Deus o estava buscando. A pergunta que ele guardava no coração era: *e se for verdade? Se Jesus for realmente o Filho de Deus?*

As canções que ele escreveu naquele dia foram diferentes. Estavam cheias de perguntas e anseios por significado na vida. Uma se chamava "Não Há Palavras a Dizer".

O que posso dizer a uma montanha?
Posso falar-lhe de um tempo que ela não conheceu?
O que posso dizer a uma vigorosa sequóia?
Dizer-lhe quão pouco tenho crescido?
Eu tenho tantas histórias,
Histórias de minha vida como barro vivo,
Eu tenho tantas historias, mas não tenho palavras
a dizer.

Ele rumou para o Colorado e achou em Vail um restaurante no qual podia trabalhar. Mas nada parecia dar certo. Sob os efeitos de uma bebedeira, seu patrão atirou um tijolo pela janela de seu carro. Somente depois que papai reportou o incidente à polícia, descobriu que seu patrão era um grande empreiteiro que construíra metade da cidade. No dia seguinte, ele perdeu seu trabalho no restaurante.

Continuou viajando em direção ao leste. Em Indianápolis, ele começou a cantar e a tocar guitarra em uma banda. O grupo precisava de um cantor, e gostaram das canções que papai escreveu. Conseguiram um bom trabalho de músicos que pagava a cada membro da banda 125 dólares por noite. Contudo, papai pegou uma gripe terrível e começou a perder a voz depois da primeira apresentação. De repente, os colegas de sua banda pararam de ser tão amáveis. Eles o pressionaram a que cantasse. Estavam perdendo dinheiro e detestavam sua condição enferma.

Esso foi o ponto de ruptura de papai. Ele e os outros membros da banda viviam juntos em uma casa antiga. Uma noite, papai foi ao banheiro – o cômodo em que se poderia ficar sozinho –, fechou a porta e fez algo que não fizera por muito tempo. Ele orou.

"Deus", ele disse, "se você realmente está aí, eu quero saber. Não quero confundir a mim mesmo crendo em algo que não é verdadeiro. Mas, se você realmente está ai, então, você é a coisa mais importante e a razão por que estou aqui. Não sei se lhe é permitido fazer isso, mas, por favor, poderia mostrar-me?"

Papai disse que ele nasceu de novo ali, no banheiro. "Sei que Deus não faz isso sempre", ele me disse recentemente, "mas, quando orei naquela noite, foi como se milhares de vozes todas começassem a exultar: 'Surpresa! Bem-vindo ao lar!' Estava apenas em minha mente, mas era ensurdecedor. Foi como se eu tivesse andado em direção a uma casa, e lá houvesse uma festa surpresa para mim".

Ele começou a chorar. O bem-vindo e o profundo senso de aceitação que ele sentiu eram o extremos oposto de toda a rejeição que experimentara em sua vida. Naquele momento, papai conheceu o amor de Deus. Ele creu que Jesus era o Filho de Deus que morrera por seus pecados. Quando ele se assentou no chão do banheiro, em Indiana, Deus mudou o seu coração. Em resposta, papai se arrependeu de seus pecados e entregou toda a sua vida a Jesus.

A Bíblia ensina que temos de responder ao evangelho com arrependimento e fé (At 3.19). Muitos de nós entendemos a parte da fé. Cremos no que Jesus fez por nós e confiamos a ele nossa vida. Todavia, esquecemos frequentemente a parte do arrependimento. Arrepender-se significa afastar-se de algo, renunciá-lo. O arrependimento genuíno envolve tristeza em relação ao pecado como ofensa contra Deus. Mas essa tristeza não é desesperadora. É uma tristeza que abandona o pecado e crê que Jesus pode perdoar e, por sua morte, purificar-nos de toda a nossa culpa.

Quando Deus salvou meu pai naquela noite, no Estado de Indiana, a opinião de papai sobre o pecado tornou-se tão diferente do que era antes. Poucos anos antes, quando ele tentara fazer de si mesmo um cristão, ele apenas queria ser bom. Agora, porém, houve uma tristeza autêntica e mesmo ódio pelo pecado. Houve também uma humildade recém-encontrada.

Por muito tempo, ele não quis tornar-se cristão em grande parte porque ele não queria que sua mãe vencesse. Ela talvez parecesse muito segura em sua confiança de que Deus o salvaria um dia. Papai sabia que, se ele se tornasse um cristão, ela diria: "Sempre soube que você se tornaria um cristão". No passado, o pensamento de vê-la exultando de triunfo deixava-o inquieto. Mas agora isso não importava mais. Deus o tinha salvado. Papai não se preocupava se isso

confirmava que sua mãe estava certa. Ele estivera errado. Queria viver para Jesus. Seu arrependimento era genuíno.

Arrependimento e fé são inseparáveis – os dois lados de uma mesma moeda. Quando pessoas são verdadeiramente convertidas, elas não somente se afastam do pecado e do mau comportamento; elas se voltam para Jesus Cristo e seu senhorio. Elas crêem que a morte de Jesus expiou seus pecados. Crêem que somente ele pode salvar. Elas se voltam para ele como Rei e, ao fazerem isso, dão as costas para uma vida de pecado e de autogoverno.

É fácil pensarmos erroneamente que, se somos ordenados a ter fé, a nossa fá nos salva. Mas isso não é verdade. A fé não é o fundamento de nossa salvação. A salvação é sempre e tão-somente pela graça (Ef 2.8-10). Nossa fé não merece nada; é apenas o instrumento pelo qual a graça de Deus flui até nós. "A fé", escreveu Jerry Bridges, "é meramente a mão que recebe o dom de Deus; e Deus, por meio de seu Espírito, abra a nossa mão para receber o dom".[4]

Jesus ganhou tudo para nós. É a sua obra, sua obediência, sua morte em nosso lugar que nos salva. Somos chamados a crer nele, a descansar em sua obra e, por meio desse crer, receber tudo que ele realizou.

Papai não foi salvo porque se purificou moralmente e se

4 Jerry Bridges, *The discipline of grace:* God's role and our role in the pursuit of holiness. Colorado Springs: NavPress, 1994. p. 51.

apresentou a Deus. Ele não foi salvo porque fez atos de bondade como penitência por seus erros.

Não, assim como todo outro pecador que é salvo da destruição, papai foi salvo pela graça, por meio da fé. Foi salvo por Jesus Cristo, a quem ele se apegou. É assim que Deus salva pessoas. Isso é o que significa ser um cristão, conhecer a salvação. Deus salva pessoas por juntá-las ou uni-las a Cristo. Todas as bênçãos espirituais da salvação – redenção do pecado, nova vida, perdão da culpa – vêm por Cristo, em Cristo e por causa de Cristo (Ef 1.3-14).

Jesus fez toda a obra. A salvação vem por receber o que ele fez. Essa é a maneira pela qual a realização da redenção por parte de Cristo se aplica a nós. Pela fé e pela obra do Espírito Santo, somos unidos com Cristo e recebemos todos os benefícios salvíficos da vida, morte e ressurreição de Cristo.

Quando meu pai creu em Jesus, Deus passou a vê-lo como se tudo que Jesus ganhara e realizara pertencesse a ele. Deus o declarou justo, porque Jesus é justo. E Deus o adotou como filho, porque Jesus é seu Filho. Esses aspectos importantes da obra salvadora de Deus são chamados de *justificação* e *adoção*.

Na justificação, Deus outorga ao pecador um novo status legal. Por causa de nosso pecado, somos culpados diante de Deus. No seu tribunal de justiça, merecemos corretamente a punição. Temos violado a verdade de Deus por meio de mentiras. Por meio de imoralidade, adultério e homos-

sexualidade, temos desonrado o plano de Deus para nossa sexualidade. Temos ignorado o seu mandamento de honrarmos os pais. Temos rejeitado o seu lugar como o único Deus, por adorarmos falsos deuses. Temos roubado, enganado e prejudicado os outros. E o pior de tudo: temos vivido como se fôssemos cruciais – colocamos a nós mesmos no lugar de Deus. Todos esses atos de pecado, todas essas violações de sua lei, nos tornam culpados.

Se Deus ignorasse esses pecados concretos, isso o tornaria injusto. A justiça tem de ser satisfeita. Alguém tem de pagar, tem de receber a punição pelo pecado.

Essa foi a razão por que Cristo teve de morrer. Só podemos ser justos se Deus nos der uma justiça que não possuímos em e de nós mesmos. A única maneira de nossos pecados serem pagos (exceto se passarmos a eternidade no inferno) é se Deus mesmo, em Cristo, receber a punição.

Isso tem sido chamado de troca bendita. Todos que confiam em Jesus recebem a justiça de Jesus, que, por sua vez, toma a culpa do pecado deles. Somos "justificados gratuitamente, por sua graça, mediante a redenção que há em Cristo Jesus, a quem Deus propôs, no seu sangue, como propiciação, mediante a fé" (Rm 3.24-25).

A cruz mostra que Deus é justo, no fato de que ele pune todo pecado. A cruz mostra que Deus é o gracioso "justificador" de todos que crêem em Jesus (Rm 3.26).

Quando meu papai creu em Jesus, Deus o declarou justificado. Ele não era mais o Gregg Eugene Harris mentiroso, imoral e ladrão egoísta. Ele se tornou o Gregg Eugene Harris que está unido, pela fé, a Jesus Cristo – o Santo, o perfeito cumpridor da lei, o Justo.

Enquanto a justificação utiliza uma linguagem de tribunal para ajudar-nos a entender a obra de salvação de Deus, a *adoção* usa a linguagem de família para ajudar-nos a ver que, por trás de toda obra salvífica de Deus, há um motivo de amor profundamente relacional e pessoal. Deus nos diz que, por crermos em Jesus, ele nos adota como seus filhos e filhas (Ef 1.5). Mais do que qualquer outra coisa, isso deveria nos convencer do amor de Deus. "Vede que grande amor nos tem concedido o Pai, a ponto de sermos chamados filhos de Deus; e, de fato, somos filhos de Deus" (1 Jo 3.1).

A justificação nos dá um novo status legal. A adoção nos dá uma nova família e um novo pai. Essa é outra expressão de nossa união com Cristo. Pelo fato de que Jesus é o Filho unigênito de Deus, quando cremos nele, recebemos o seu status e nos tornamos filhos de Deus. João 1.12 afirma que Jesus dá a todos os que o recebem, a todos os que crêem no seu nome, "o poder de serem feitos filhos de Deus, a saber, aos que crêem no seu nome".

Em Cristo, não somos servos perdoados. Recebemos todos os direitos e privilégios de filhos naturais. Somos adotados e introduzidos no caloroso relacionamento com Deus,

como nosso Pai amoroso. Romanos 8.15-16 descreve o Espírito Santo como "o Espírito de adoção" que nos capacita a clamar a Deus como nosso "Aba" – uma palavra íntima hebraica semelhante à nossa palavra *pai*. Ela combina intimidade e respeito. O Espírito Santo dá testemunho com o nosso espírito de que "somos filhos de Deus".

"O que é um cristão?", pergunta J. I. Packer. "Essa pergunta pode ser respondida de muitas maneiras, mas a resposta mais rica que eu conheço é que um cristão é alguém que tem Deus como Pai".[5] Sinclair Ferguson escreveu: "Você não pode abrir as páginas do Novo Testamento sem reconhecer que uma das coisas que o torna tão 'novo', em todos os aspectos, é que nele homens e mulheres chamam a Deus de 'Pai'. Esta convicção, de que podemos falar com o Criador do universo em termos tão íntimos, está no âmago da fé cristã".[6]

A primeira pergunta que papai fez a Deus, depois de ser salvo, foi esta: "O que queres que eu faça?" A inconfundível impressão que ele sentiu foi: "Vá para casa". Assim, papai obedeceu seu novo Senhor.

Se houve uma evidência segura de que Gregg Harris se tornou uma nova criatura, essa evidência é o fato de que ele voltou alegremente para Miamisburg, em Ohio. Começou a

5 J. I. Packer, *Knowing God*. Downers Grove, IL: InterVarsity, 1973. p. 200.
6 Sinclair B. Ferguson, *Children of the living God*. Colorado Springs: NavPress, 1987. p. xi.

frequentar a Primeira Igreja Batista. Havia um novo pastor e um novo grupo de jovens que Deus salvara. Uma das jovens era uma linda moça nipo-americana chamada Sono Sato. Ela fora salva no verão daquele ano.

O primeiro compromisso de papai e mamãe foi testemunhar de Cristo, juntos, em um parque. Papai estava verdadeiramente transformado. Ele tinha um novo amor pela Bíblia. Nunca fora um bom estudante, mas agora, embora ainda fosse um leitor vagaroso, não deixava de obter o suficiente da Bíblia. Ele amava falar de Jesus ao outros. Teve até um distúrbio com a polícia quando ele e um amigo estavam em um shopping lotado e começaram a pregar o evangelho. Foram eficazes em atrair bom número de ouvintes, e a polícia chegou para retirar os zelotes.

Mamãe diz que se apaixonou por papai porque sua fé em Deus era a coisa mais importante de sua vida. Em menos de um ano após eles se casaram, eu nasci. Papai tinha 21 anos de idade, e mamãe, 20. Haviam sido salvos há pouco tempo, mas proveram-me um lar cristão.

Às vezes, desejo voltar no tempo e ouvir a conversa que houve em Laguna Beach, quando os dois hippies cristãos falaram de Jesus para meu pai. Como gostaria de ouvir os argumentos de papai como um ateísta amador e, depois, ouvi-los apresentando-lhe o evangelho! É impossível avaliar como aquele momento tem moldado a minha vida.

Mas ainda, eu gostaria de encontrar aqueles dois homens e agradecer-lhes. Eu lhes agradeceria por serem ousados naquele dia e falarem a verdade a papai, quando ele nem queria ouvi-la. A Bíblia diz que sem a proclamação do evangelho, sem o testemunho diário sobre Jesus por parte dos cristãos, as pessoas não podem ouvir as boas-novas; não podem crer e não podem invocar a Deus (Rm 10.14).

Eu lhes diria o quanto Deus usou a fidelidade deles em compartilhar o evangelho. Eu lhes contaria as grandes coisas que Deus fez por meio de papai nos anos posteriores ao testemunho deles. Eu lhes falaria como, no decorrer dos anos, papai tem ensinado milhares de pais sobre a importância de ensinar os filhos a conhecer a Deus e a amá-lo. Eu lhes falaria sobre as milhares de pessoas que me têm dito que Deus usou papai para dar-lhes visão para estabelecerem de lares cristãos piedosos.

Eu lhes diria que tudo que tenho sido capaz de fazer como pastor e escritor está ligado diretamente a papai e à herança piedosa que ele transmitiu para mim e meus seis irmãos. Ele nos criou para buscar a Jesus e confiar nele.

Acho que essa conversa terá de esperar até chegarmos ao céu. Anseio por isso.

Recentemente, papai e meus irmãos mais novos vieram a Maryland. Nossa igreja realizou uma conferência em que apresentava meu dois irmãos mais novos, Alex e Brett, que são

habilidosos preletores e escritores. Eles desafiaram os adolescentes a fazerem "coisas difíceis" para a glória de Deus. Meu irmão Joel liderou o povo na adoração.

O prédio estava lotado com mais de 1.500 adolescentes e seus pais. As pessoas assentaram-se nos corredores e no assoalho. Sentei na fileira da frente com Shannon e nossos filhos. Em todo o tempo, senti-me como se fosse explodir de alegria e gratidão. Estava tão orgulhoso de meus irmãos. Estava tão grato pela bondade de Deus para com nossa família. Ele nos permitia encorajar outros cristãos e compartilhar a verdade de sua Palavra.

Meu pai se levantou e falou. Compartilhou uma mensagem simples e profunda sobre o que significa ser salvo, ser um verdadeiro cristão. Falou-lhes como pessoas podem ser salvas somente pelo poder de Deus, quando ele lhes dá um novo coração e uma nova natureza. Pregou como eu nunca o ouvira pregar.

Enquanto eu estava assentado lá, não pude deixar de pensar quão poderosa é realmente a salvação de Deus. Eu tinha visto o seu poder em operação na vida daquele homem, meu pai. Durante os anos, como qualquer criança, vi suas fraquezas e imperfeições. Sendo honesto, nem sempre tínhamos o melhor relacionamento. Visto que eu era o filho mais velho, papai ainda estava procurando meios de sair-se bem na paternidade. Em seu próprio reconhecimento, ele cometeu muitos erros.

É claro que devo acrescentar meu próprio pecado ao relacionamento. Não o honrei, nem o apreciei da maneira como deveria.

Temos conversado sobre isso e perdoado um ao outro. Todavia, o que é mais importante: ambos conhecemos o perdão de Deus. Papai e eu somos diferentes em muitas maneiras. Discordamos sobre diversos assuntos, mas temos uma coisa – a mais importante – em comum. Ambos fomos salvos tão-somente pela graça.

Enquanto ouvia papai pregar o maravilhoso evangelho da salvação pela graça, eu me regozijei na verdade de que os pecados deles e os meus foram tratados na cruz. A poderosa obra de Jesus que trouxe meu pai à vida e o tornou filho de Deus é o mesmo poder que me salvou.

E a obra de Deus se realizou tanto em papai como em mim.

A história de papai me encoraja. Recorda-me a fidelidade e a bondade de Deus, não somente para com papai, mas também para comigo e todo aquele que olhar para Jesus em busca da salvação.

Contei a história de meu pai. Mas ela é apenas uma entre inúmeras histórias.

Escolha um crente e considere a história desse crente. Conte novamente a sua própria história. E considere o quanto Deus nos amou.

Ele nos escolheu.

Ele nos chamou.

Ele regenerou nosso coração.

Ele nos justificou.

Ele nos adotou.

Ele nos santifica dia a dia.

Um dia, quando Jesus voltar, receberemos corpos glorificados. Subiremos com ele, e nossos corpos frágeis e corruptíveis serão transformados. A poderosa salvação de Jesus será completada.

Um dia, um homem chamado Gregg Eugene Harris subirá para encontrar-se com seu Salvador. Um homem nascido com um corpo frágil e defeituoso – um homem nascido morto em pecado – subirá com um corpo perfeito, sem pecado, glorificado.

Ele subirá como um filho de Deus para viver com seu Pai no céu, por toda a eternidade.

CAPÍTULO 8

Mudado, mudando, a ser mudado

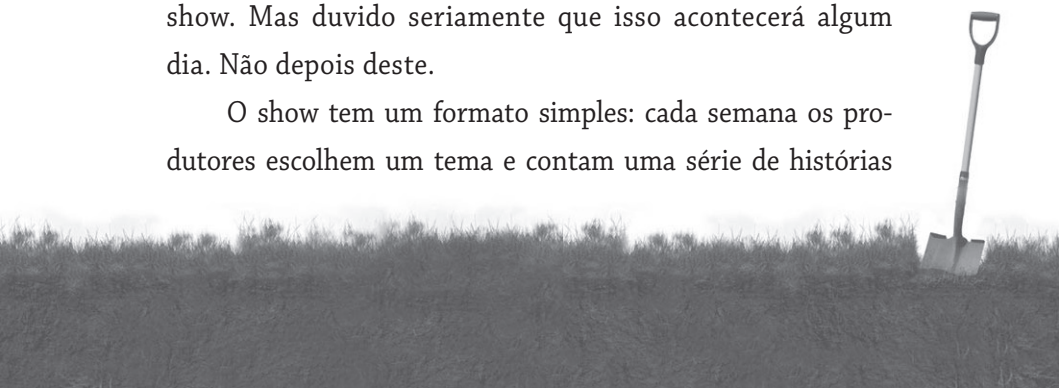
"A santificação é uma obra;
mas é uma boa obra,
o privilégio do redimido."

Um amigo enviou-me um e-mail dizendo: "Você está no mais recente episódio de *This American Life*".

Meu coração palpitou. Não podia acreditar.

This American Life é um programa de rádio semanal produzido pela Chicago Public Radio. Eu gosto realmente do programa. Bem, a verdade é mais do que isso. Sou um fã levemente obcecado. Uma das minhas fantasias é escrever algo suficientemente bom para que seja apresentado no show. Mas duvido seriamente que isso acontecerá algum dia. Não depois deste.

O show tem um formato simples: cada semana os produtores escolhem um tema e contam uma série de histórias



sobre aquele tema. As histórias são pequenos acontecimentos da vida real – às vezes, cômicos; às vezes, trágicos, mas sempre intrigantes. A redação é de alto nível. A produção e a narração são brilhantes. O apresentador, um homem chamado Ira Glass, possui uma aparência de fanático por tecnologia. Não sei como explicar isso. Ele é um nerd de maneira realmente legal. Ele usa óculos grande e largo (sei isso porque ele tem um programa na televisão). Sua voz é nasal, até chorosa, mas, de algum modo, ele se sai bem. Sua elocução é tão natural, sua cadência tão normal, que, se estou dirigindo e ouvindo-o, sinto como se ele descesse do céu, tomasse o assento do carona e conversasse comigo. Ele é brando na maneira mais brilhantemente imaginável.

Como disse, sou um fã. Quando ouvi que estaria no show, fiquei estático.

Acessei a internet, no site do show, e comecei a assistir ao mais recente episódio. O tema era os Dez Mandamentos.

Soube imediatamente em qual dos mandamentos eu teria parte: não adulterarás. Dois anos antes, eu escrevera um livro cristão sobre lascívia e tentação sexual. Foi nesse momento que fiquei impressionado com o fato de que ser veiculado no rádio podia não ser uma coisa boa. Um sentimento de pavor espalhou-se pelo meu corpo, enquanto eu pensei na parte de meu livro que seria citada. Não me importei em ouvir o começo do programa; em vez disso, pulei para a parte que falava sobre adultério.

Aquela parte apresentava um rapaz chamado Dave contando a sua história. Dave crescera como um cristão evangélico em Tucson, no Arizona. Os cristãos evangélicos, Dave explicou, crêem que olhar lascivamente para uma mulher é tão mau quanto cometer adultério com ela em seu coração. Ele falou dos evangélicos como se estivesse narrando um especial da *National Geographic* e descrevendo uma tribo exótica de canibais nus.

Dave afirmou que, enquanto crescia, ele tentava desesperadamente agradar a Deus. Visto que não queria cometer adultério, decidiu como jovem adolescente, cheio de hormônios, que tentaria nunca alimentar um pensamento lascivo. Ele não se saiu bem. De fato, isso quase o deixou louco.

Dave se tornou cada vez mais preocupado com sexo. Começou a gastar horas vagueando pelo campus de sua universidade e até no supermercado local, procurando mulheres na esperança de conseguir um vislumbre de uma mulher inclinada, para ver-lhe os seios. Como ele mesmo disse, ele era semelhante a um andarilho muito tímido com padrões incrivelmente baixos. Suas notas começaram a baixar. Por fim, ele procurou o seu pastor para obter ajuda. Felizmente, seu pastor o enviou à reunião de Anônimos Viciados em Sexo. Ele tinha 22 anos e era virgem. Nenhuma das pessoas daquele grupo era semelhante a ele.

Minha parte na história aconteceu quando Dave come-

çou a falar sobre a abundância de livros cristãos sobre sexo. "A primeira coisa que esses livros sempre lhe dizem", Dave argumentou, "é que sexo é um belo dom de Deus. Mas, embora seja um dom de Deus, eles não querem que você toque nesse dom ou mesmo pense nele, porque você o arruinarás com suas patas imundas".[1]

Eu sorri ao ouvir essa descrição, sabendo que era parcialmente verdadeira. Contudo, eu estava achando dificuldade para alegrar-me com a história de Dave, porque estava me preparando para a minha própria aparição na história. Sabia que ele citaria algo sobre lascívia que extraíra de meu livro – um livro que Dave, sem dúvida, considerou idiota, repressivo e a causa de muitos viciados em sexo que vagueavam pelos supermercados. Na realidade, ele fez pior do que isso. Dave não citou meu livro. Ele tocou um clipe radiofônico de *mim mesmo* lendo um trecho do livro.

Quando ouvi a minha voz, fiquei certo de que Dave, cheio de malícia, tinha selecionado as piores sentenças possíveis para veicular. Eu falava sobre controlar seus próprios olhos e afastá-los de mulheres na rua. Em seguida, Dave mostrou-me falando sobre a tentação que pode ser apresentada pelos catálogos de roupas que retratam mulheres mal vestidas com lingeries. Disse aos homens que pedissem a

1 The Ten Commandments. This American Life, episódio 332. Disponível em: <http://www.thisamericanlife.org/radio-archives/episode/332/the-ten-commandments>.

sua esposa ou sua mãe que os ajudasse guardando esses catálogos quando eles chegassem.

Meu tom de voz era indignante. E, sem qualquer contexto, minhas palavras pareciam bastante irritáveis e retrógadas – como algumas velhas senhoras de igreja que atacavam severamente os perigos da bebida alcoólica e da música rock. E minha voz parecia terrível. Lembro que tivera uma gripe branda no dia em que gravei o livro. Minha voz era nasal. Mas não era um tom nasal agradável, como a de Ira Glass. Era apenas nasal.

Estive no *This American Life*. Meu sonho se tornou realidade. E foi um pesadelo.

Depois de recuperar-me do trauma de parecer terrivelmente desagradável em meu programa de rádio favorito, fui capaz de achá-lo divertido e ri de mim mesmo. Foi bom para mim. Deus sabe que levo muito a sério as coisas de minha vida.

Posteriormente, voltei a ouvir o programa. Em vez de inquietar-me a respeito de como eu parecia, apenas ouvi Dave e sua história. Pensei nas perguntas que ele levantou e na luta real que enfrentava. Tive compaixão daquele rapaz. Pude entender o conflito dele. Ele disse que queria agradar a Deus. Mas, infelizmente, não parecia entender o conceito de graça e perdão. Em vez disso, era consumido pelo senso de culpa porque não podia parar de se "M", como ele mesmo o chamou. E nenhuma das sugestões e atitudes para ser bom

– tentar controlar seus pensamentos, olhar apenas para o rosto da moças, ter um tempo de devoção toda manhã – parecia funcionar com ele. Dave parou de tentar. Concluiu que uma pessoa podia tentar obedecer a Deus, "que isso o levaria a desviar-se por seguir as regras bíblicas". Por fim, ele achou um conselheiro cristão que lhe sugeriu dar a si mesmo permissão de fazer a grande "M", para satisfazer seu coração. Por isso, Dave foi para casa com um exemplar da revista Playboy. Ele disse que sua vida foi mudada para sempre. Estava livre. "Pareceu um milagre", Dave afirmou. "Foi tão rápido e mudou tanto a minha vida, que foi semelhante a me converter de novo."

A história de Dave me entristeceu. Não sei o que ele crê sobre Deus hoje ou se ele ainda se considera um cristão. Duvido que essa conversão fundamentada em Playboy o levou a satisfação duradoura. Minha própria experiência de satisfazer a lascívia é que isso só me deixa insatisfeito e desejoso por mais. Oro para que um dia Dave escape da escravidão dessa suposta liberdade.

Você entende a história de Dave? Cada um de nós temos partes de nossa vida em que obedecer a Deus parece realmente difícil. Você já se perguntou por que ainda quer pecar? Ou talvez já começou a pensar que a promessa bíblica de mudança parece exagerada. Será que é um engano? Deus muda realmente as pessoas?

Sim, ele muda. A Palavra de Deus o promete. E a vida de todo verdadeiro crente prova isso. Se você é um cristão, a sua vida comprova essa promessa. Talvez você não tenha observado como Deus mudou a sua vida, porque está preocupado com sua fraqueza e áreas de fracasso. Não ignore o que Deus tem feito em você.

Vivemos em um mundo que anseia constantemente por mudança pessoal, física, relacional e política. As pessoas procuram mudança em todo lugar. Mas, em última análise, só o evangelho de Jesus Cristo pode oferecer esperança genuína de mudança radical e duradoura, porque somente por meio da fé em Jesus Cristo a *natureza* de uma pessoa pode ser mudada. 2 Coríntios 5.17 diz: "E, assim, se alguém está em Cristo, é nova criatura; as coisas antigas já passaram; eis que se fizeram novas". Todas outras mudanças operadas pelos homens são exteriores e superficiais. Somente Deus pode dar a um homem ou a uma mulher um novo coração espiritualmente vivo (Ez 36.36). Somente Deus pode fazer uma pessoa nascer de novo (Jo 3.3.-8).

Mas, se somos novas criaturas, por que agimos frequentemente com frieza? Se somos mudados pela fé em Cristo, por que tantas partes de nossa vida ainda precisam de renovação? Por que ainda enfrentemos tentações? Por que ainda pecamos?

As perguntas concernentes a como lidamos com o pecado, obedecemos a Deus e nos tornamos mais santos estão,

todas, relacionadas ao que a Escritura chama de *santificação*. A santificação é o processo contínuo de mudança que começa no momento em que uma pessoa é salva e prossegue até ao último suspiro da pessoa salva. A santificação é a jornada de tornar-se santo, tornar-se semelhante a Deus. Wayne Grudem define a santificação como "uma obra progressiva de Deus e do homem que nos torna cada vez mais livres do pecado e mais semelhantes a Cristo em nossa vida atual".[2]

Gosto desta expressão "vida atual". Se meditarmos nela, entenderemos que, embora haja no íntimo uma mudança espiritual e radical no momento em que uma pessoa é salva, em sua "vida atual" nada foi alterado. A moça salva pode estar morando com seu namorado. O homem salvo pode ainda ter uma vocabulário malicioso. Eles ainda terão, definitivamente, velhos hábitos de pensar e de falar que desenvolveram durante os anos. O processo de santificação não termina nos dramáticos rompimentos iniciais que fazemos em relação ao pecado quando cremos – mas continua pelo resto de nossa vida. O processo de tornar-se mais semelhante a Jesus não é uma realização feita de uma única vez. É progressivo e envolve nosso esforço. Deus não nos deixa sozinhos nessa obra; ele nos dá poder e capacita-nos pelo seu Espírito. Mas a santificação ainda produz os efeitos designados.

2 Wayne Grudem, . *Bible doctrine:* essential teachings of the christian faith. Grand Rapids: Zondervan, 1999. p. 493.

Embora eu creia que todas as doutrinas cristãs sejam práticas a ponto de afetar a maneira como pensamos e vivemos, acho que é seguro dizer que nenhuma doutrina é mais prática do que a da santificação. Vivemos e respiramos na santificação. Não importa quão velhos ou novos sejamos, não importa há quanto tempo somos discípulos de Jesus, se ainda estamos vivos, ainda estamos sendo santificados.

Entender a santificação é importante por causa de sua relevância cotidiana. Mas também é importante porque, se a entendemos de modo errado, poderemos terminar sendo desviados por múltiplos problemas – desde a indolência e a apatia até à auto-suficiência e o legalismo. E, se as nossas expectativas não são formadas pelas Escrituras, podemos terminar nos sentindo desestimulados, até tentados a renunciar completamente a nossa fé. Quantas pessoas têm voltado as costas ao cristianismo – agarrado uma *Playboy* e saído do caminho estreito – porque não entenderam a doutrina da santificação? Muitos.

Eu costumava pensar na santificação como uma questão de estilo pessoal. Como algum tipo de hobby espiritual em que certos cristãos se envolviam. Alguns cristãos se envolvem em santidade, enquanto outros podem ter como seu objetivo a evangelização e a memorização das Escrituras.

No entanto, não é isso que as Escrituras falam sobre a santificação. A Palavra de Deus ensina que a santificação não é

opcional para o crente. Hebreus 12.14 diz: "Segui... a santificação, sem a qual ninguém verá o Senhor". Esse versículo sempre me impressiona. Ele me diz que, se não existe algum nível de santidade em nossa vida, há uma dúvida autêntica quanto ao fato de que já experimentamos verdadeiramente a obra salvífica de Deus. Se não amamos o que Jesus ama, se não queremos ser semelhantes a ele, então, talvez nunca o conhecemos.

Isso não significa que nossas obras ganham a salvação – somos salvos somente pela graça (Ef 2.8). Contudo, a maneira como vivemos prova a realidade de nossa salvação. Se uma pessoa foi verdadeiramente salva, verdadeiramente justificada pela graça, ela mostra isso em um novo estilo de vida. Todo cristão genuíno está sendo santificado. O processo pode ser lento, pode avançar aos trancos, mas, se fomos justificados, também começaremos a ser santificados.

A obra salvadora de Deus por meio da vida, morte e ressurreição de Cristo tem implicações práticas e concretas em nossa vida no mundo. É a verdade que não pode ser guardada em páginas ou em uma casa de adoração. Ela nos acompanha no lar, na escola, no trabalho, no quarto. Ela se apropria de todos os detalhes de nossa vida: pensamentos, sexualidade, dinheiro, lazer, relacionamentos, desejos, sonhos.

Uma pergunta importante que todos nós temos é esta: por que este processo de mudança é tão difícil? Por que é tão doloroso? Por que os cristãos ainda lutam com o pecado?

Enfrentar o pecado, como crente, pode ser um dos aspectos mais desconcertantes e potencialmente mais decepcionantes da experiência cristã. Você se torna um cristão e está se deleitando no fato de que nasceu de novo, foi transformado, perdoado, justificado e cheio do Espírito Santo. Mas, um dia, acorda e percebe que ainda é tentado a algum tipo de pecado. Ficar irado. Beber. Ver fotos de pessoas nuas. Mentir. Fofocar. Dormir com sua namorada. Praguejar como um marinheiro. Ou talvez você pareça reto no exterior, mas no íntimo sabe que não tem paixão autêntica pela oração e pela Palavra de Deus. Falta-lhe paixão e cuidado genuíno para com os outros. Seu coração está cheio de orgulho. A lista de potenciais comportamentos do "velho eu" parece interminável.

Como você pode ainda querer alguma dessas coisas? Você voltou as costas para o seu "velho eu". De fato, você o odeia, bem como seu antigo modo de viver inútil. Então, por que você ainda é seduzido pelo que deixou para trás?

Esse paradoxo torna importante saber o que a Escritura ensina a respeito do que muda e do que não muda no relacionamento de uma pessoa com o pecado, depois que ela é salva. A Bíblia ensina e nossa experiência confirma que, embora a morte de Jesus nos liberte do reino e do domínio absoluto do pecado em nossa vida (Rm 6.11-14), não somos ainda completamente livres da presença e da influência do pecado.

Tiago 3.2 afirma: "Todos tropeçamos em muitas coisas". E 1 João 1.8 diz: "Se dissermos que não temos pecado nenhum, a nós mesmos nos enganamos, e a verdade não está em nós".

A analogia é imperfeita, mas somos como prisioneiros de guerra que foram libertos do cativeiro e ainda permanecem por trás das linhas inimigas. Em um sentido real, fomos resgatados – não estamos mais presos e à mercê do inimigo. Todavia, ao mesmo tempo, a guerra não acabou. Estamos esperando o retorno de nosso capitão e a derrota completa do inimigo. O mundo caído, o Diabo e nossos próprios corações instáveis nos colocam em risco. Como nunca antes, temos de manter-nos em vigilância.

Em sentido semelhante, vivemos em dois momentos na história da salvação – entre a chegada da salvação por meio da primeira vinda de Jesus e o cumprimento final de nossa salvação que ocorrerá quando ele retornar e estabelecer seus reino eterno. Os teólogos chamam essa realidade intermediária de aspectos "já" e "ainda não" de nossa salvação.

Jesus *já* comprou a salvação por meio de sua morte vicária na cruz e de sua ressurreição. Jesus *já* nos tornou novas criaturas que têm novos desejos e poder de obedecer (2 Co 5.17). Ele *já* nos libertou da escravidão ao pecado (Rm 6.6).

No entanto, *ainda não* somos completos. Jesus *ainda não* destruiu completamente o pecado e Satanás. Jesus *ainda não* nos livrou da presença e das consequências do pecado.

Ele *ainda não* baniu a morte, enxugou toda lágrima, puniu toda injustiça e estabeleceu a paz eterna (Ap 21.1-7).

As realidades *já* e *ainda não* de nossa salvação ajudam-nos a manter as coisas em perspectiva. Não devemos ficar surpresos com o fato de que, embora tenhamos sido mudados, ainda temos de lutar com fraquezas e imperfeições. Ainda temos de lidar com a hediondez da vida em um mundo caído, no qual as pessoas nos desanimam, nos desapontam e no qual a morte e a enfermidade partem nosso coração. Portanto, não devemos desesperar em relação às lutas constantes com o pecado. Isso faz parte da vida cristã. Jesus já realizou a salvação, mas ainda não nos levou para o lar.

Isso me ajuda a pensar nesse processo em três partes. Primeira, Deus nos *mudou*. Quando cremos, recebemos vida nova, novos desejos e nova identidade como filhos de Deus (Ef 2.4-5; Jo 1.12). Segunda, vivemos agora mesmo a vida cristã; ainda estamos *mudando*. À medida que cooperamos com o Espírito de Deus, fugimos do pecado e aprendemos a obedecer a Deus, estamos sendo conformados à imagem de Deus e nos tornando santos (Cl 3.8-10). Mas não esperamos perfeição impecável nesta vida. Há uma terceira e final realização da obra de Deus em mudar-nos: os crentes aguardam a volta de Jesus *para serem mudados* totalmente, para sempre. Naquela ocasião, seremos tornados semelhantes a Cristo, com corpos glorificados livres do pecado e de todos os seus efeitos corruptores.

"A trombeta soará, os mortos ressuscitarão incorruptíveis, e nós seremos transformados" (1 Co 15.52).

Fomos mudados, mas ainda estamos mudando. E aguardamos ser mudados.

Até ao dia final, até que sejamos mudados e livres para sempre de nossa luta contra o pecado, temos de lidar com a presença e influência permanentes do pecado – o que os teólogos chamam de *pecado interior* ou *pecado remanescente*. *Pecado remanescente* refere-se ao fato de que mesmo como cristãos podemos ainda ser seduzidos e tentados por nossos velhos desejos, o que a Bíblia chama de "a carne". Gálatas 5.17 diz: "Porque a carne milita contra o Espírito, e o Espírito, contra a carne, porque são opostos entre si; para que não façais o que, porventura, seja do vosso querer".

Romanos 13.14 diz: "Revesti-vos do Senhor Jesus Cristo e nada disponhais para a carne no tocante às suas concupiscências". Certa vez, quando estava preparando um sermão sobre Romanos 13.14, comecei a rabiscar algumas coisas em meu bloco de notas (esse hábito me ajuda a pensar, mas, às vezes, irrita outras pessoas quando eu deveria estar prestando atenção em uma reunião). De qualquer modo, desenhei algumas caricaturas para tentar ilustrar o relacionamento do cristão com a carne. Meus filhos gostaram dos desenhos. Por isso, a ilustração seguinte é minha agradável explicação da "carne". (Fique à vontade para dar-lhe de cores.)

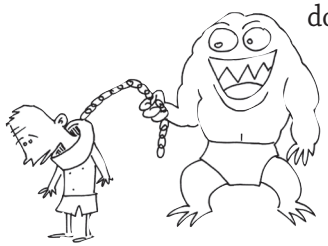


1. Isto é você. Ou nós. Somos humanos feitos à imagem de Deus (Gênesis 1.26-27). Mulheres, desculpem-me por identificá-las com um menino. Não sei por que ele está sem camisa. Foi assim que o desenhei.

2. Isto é a carne. É um tipo de lutador. A carne representa os desejos corruptos e pecaminosos de nosso coração. Não é uma referência a nossos corpos – nossos corpos foram criados por Deus e são bons. E, embora este meu desenho não possa explicar isso, a carne não é algo que está fora de nós ou apenas à parte de nós. A carne é o que somos sem Cristo. A carne representa nossos anseios pecaminosos de viver por nós mesmos e desobedecer às leis e aos mandamentos de Deus (Romanos 7.).



3. Antes de Jesus salvar-nos, todos estamos relacionados desta maneira com a carne. A Bíblia diz que somos escravos de nossos desejos pecaminosos (João 8.34; 2 Pedro 2.19). A nossa carne é o chefe. Ela nos controla (Provérbios 5.22). Até as coisas boas que fazemos estão manchadas por pecado e egoísmo.

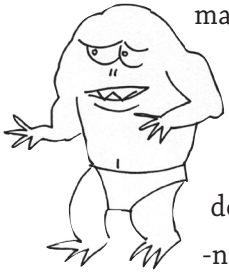


4. Isto é o que acontece quando cremos em Jesus. Pelo fato de que Jesus morreu na cruz e venceu o pecado e ressuscitou, somos livres do poder ou do domínio do pecado (Gálatas 2.20).



O pecado não mais nos domina (Romanos 6.22). Ele não é mais nosso chefe. Você vê como a algema é quebrada? E ganhamos roupas, o que é realmente magnífico.



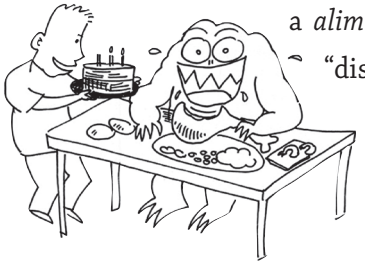


5. Mas nossa carne não desaparece. Ela não reina mais, mas ainda é uma realidade (Gálatas 5.16-17). Ainda perambula ao nosso redor para nos seduzir. Depois de nos tornarmos cristãos, não somos mais escravos do pecado, mas a carne ainda pode tentar-nos. Podemos decidir render-nos à tentação e satisfazer à carne. Jesus destruiu o poder do pecado, mas, até que estejamos no céu, ainda vivemos na presença e na influência de desejos pecaminosos. Não pense que isso é um beco sem saída. O Espírito Santo habita os crentes e nos capacita a dizer não à carne. Ele está agindo em nós, transformando-nos para sermos semelhantes a Jesus (2 Coríntios 3.18).

6. Essa é a razão por que a Bíblia está cheia de encorajamentos para que combatamos nossos desejos pecaminosos. Não podemos viver em paz com a carne. Temos de atacá-la, negá-la, mortificá-la (Romanos 8.13; 13.12). Em discernimento tardio, acho que desenhar uma espada, do Espírito, teria sido mais bíblico. Ok! Bem, este é o "bastão" do Espírito.

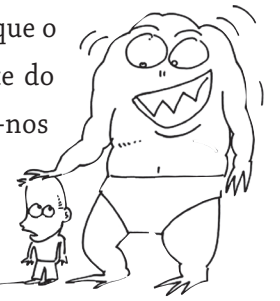


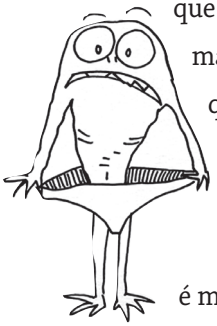
7. O problema é que muito frequentemente os cristãos tornam-se amigos de sua carne. De fato, eles a *alimentam*. Isso é o que significa a expressão "dispor para a carne" (Romanos 13.14).



Alimentamos nossa carne quando fazemos coisas que estimulam ou fomentam nossos velhos desejos pecaminosos. Isso implica escolher vivermos como costumávamos viver. Ceder à tentação, abrigar pensamentos pecaminosos e gastar tempo com pessoas e lugares que celebram o pecado são como dar à nossa carne três refeições balanceadas ao dia, com salgadinhos e sobremesa. Podemos pensar: visto que fomos libertos pela cruz, não faz mal satisfazer á carne; mas isso não é verdade (Gálatas 5.13, 24). E há um problema. Quando alimentamos a carne...

8. Nossa carne pode crescer! E, antes que o saibamos, a carne se torna maior e mais forte do que nós. Em seguida, ela começa a dominar-nos (Romanos 6.12). Essa é a razão por que até os crentes genuínos, que não estão mais presos pela algema do pecado, podem sentir-se como se a sua carne os estivesse ameaçando (Gálatas 6.7-8). É por isso que Paulo nos diz em Romanos 13.14 que precisamos...





9. Matar de fome a nossa carne. Isto é o que desejamos que a nossa carne seja. Queremos que nossa carne seja magra e fraca (2 Co 7.1). Não devemos jamais esperar que ela se vá completamente enquanto Jesus não volta e nos livrar da presença do pecado. Até uma carne fraca e doente pode tentar derrubar-nos (1 Coríntios 10.12). Mas, quando não alimentamos a carne, é mais fácil resistir à tentação e andar em obediência.

Preciso dizer novamente que um dos problemas de minhas caricaturas é que elas podem dar a impressão de que a carne é uma força exterior que está sempre nos atacando. Mas ela é chamada de pecado interior porque está *em* nós. Reside em nosso coração.

A realidade do pecado remanescente deve levar-nos a andar humildemente, a viver em dependência de Deus, a procurar a ajuda de outros crentes. A verdade é: podemos ser enganados. Nossos motivos não são perfeitamente inocentes. Precisamos que o poder do Espírito e a Palavra nos perscrutem.

Eu li o transcrito de uma entrevista televisiva que Tom Brokaw fez com o pastor Ted Haggard há alguns anos.[3] Na época, Haggard estava no auge de sua popularidade e influência. Sua igreja e ministério eram florescentes. Brokaw

3 Ted Haggard, *In God we trust:* NBC's Tom Brokaw goes inside the world of christian evangelicals. October 28, 2005. Disponível em: <http://www.msnbc.msn.com/id/9804232>.

perguntou-lhe por que havia tão pouca referência ao pecado em sua igreja. Haggard disse que, uma vez que Jesus resolveu o problema de nosso pecado na cruz, a ênfase da igreja estava em cumprir o destino para o qual a havia chamado.

Infelizmente, alguns anos depois, Haggard foi obrigado a renunciar, quando foi revelado um sério padrão de imoralidade sexual em sua vida. Sua atitude indiferente e, até, petulante em relação ao pecado à luz dessa revelação desanimadora ressalta o perigo de negligenciar a luta permanente contra o pecado. Sim, Jesus tratou do nosso pecado na cruz; aqueles que crêem nele jamais enfrentarão a ira de Deus. Mas isso não significa que podemos ignorar a luta contra o pecado remanescente. Nós o ignoramos ao risco de nossa própria vida espiritual.

Você e eu não somos melhores do Ted Haggard. Podemos ser enlaçados no pecado tão facilmente. Todos somos suscetíveis à tentação. A realidade da graça de Deus nunca deve ser uma desculpa para sermos desinteressados quanto à santidade. A Bíblia diz que a graça de Deus está "educando-nos para que, renegadas a impiedade e as paixões mundanas, vivamos, no presente século, sensata, justa e piedosamente" (Tt 2.12). A graça de Deus não ilude à indiferença para com a retidão. Ela nos treina e nos compele ao autocontrole e à piedade.

Certa vez ouvi John Piper dizer em um sermão que a santificação não é necessariamente progressiva. Se não somos cuidadosos, ela é regressiva. Se resolvemos alimentar nossos

desejos pecaminosos e satisfazer aos nossos anseios, nós os tornamos fortes. Podemos regredir em santidade.

Essa é a razão por que não somos igualmente santos. Embora um cristão não seja mais justificado do que outro, alguns cristãos são mais semelhantes a Jesus do que outros. Aqueles que ouvem a Palavra de Deus e se esforçam por obedecer-lhe no poder do Espírito serão mais semelhantes a Jesus. Aqueles que se despem ativamente do pecado e se vestem do comportamento do Salvador crescerão em santidade. Aqueles que dão atenção à comunhão com Deus por meio da oração e do estudo da Palavra de Deus serão mais conformados à imagem de Jesus Cristo. Todos nós precisamos desesperadamente da ajuda de Deus para fazermos isso. Filipenses 2.12-13 exorta-nos: "Desenvolvei a vossa salvação com temor e tremor; porque Deus é quem efetua em vós tanto o querer como o realizar, segundo a sua boa vontade".

Tenho amigos que pensam ser derrotista falar sobre e dar atenção aos detalhes da luta contra o pecado. Sei que é possível ser morbidamente introspectivo quanto ao pecado. E não estou advogando isso. Acho que devemos, todos, ser mais conscientes da obra salvífica de Jesus do que de nossas imperfeições. O conselho de Robert Murray McCheyne é digno de ser repetido: "Para cada vez que olharmos para o nosso próprio pecado, devemos olhar dez vezes para Cristo".[4]

4 Citado em: John Piper, ; Justin Taylor (Ed.). Suffering and the sovereignty of God. Wheaton, IL: Crossway, 2006. p. 212.

No entanto, não creio que estar consciente do pecado tem de ser um exercício de desespero. De fato, embora isso pareça contrário à intuição, tenho descoberto que encarar a realidade do pecado remanescente dá esperança quando conectado com o evangelho. Primeiro, isso explica a vida. Explica por que o tornar-se um cristão não significa que somos livres da tentação. Também produz paciência em relação aos outros cristãos. O pecado remanescente explica por que até na igreja e entre os cristãos deixamos os outros desanimados e experimentamos conflitos de relacionamento. Nenhum de nós já atingiu a perfeição. Todos ainda estamos sendo santificados. Todos nós temos deficiências e aspectos em que podemos crescer. Todos nós precisamos de misericórdia e paciência uns dos outros.

Entender o que a Bíblia ensina sobre a carne e nossa constante propensão ao pecado também nutre um senso saudável de humildade. Não estou me referindo a um senso doentio de indignidade total que nos leva a duvidar do amor de Deus. Estou falando de uma humildade que nos permite reavaliar e corrigir a nós mesmos em face dos resultados, quando necessário. Não para admitir que estamos certos, e sim para ouvir o criticismo construtivo da outra pessoa, porque há uma boa chance de que entendemos alguma coisa de modo errado.

Se alguma coisa tem feito o mundo se afastar do cristianismo, isso tem sido a nossa auto-retidão e arrogância que transmitem a falsa idéia de que as nossas observâncias

religiosas nos tornam melhores do que as outras pessoas. Mas um ponto de vista biblicamente instruído quanto ao pecado remanescente e a santificação destrói a auto-retidão. Os cristãos que estão sendo santificados não têm tempo para serem santarrões. Estão cientes de quanto ainda precisam ser transformados. São cientes de suas fraquezas e da permanente graça de Deus para com eles. Isso é o que os capacita a serem misericordiosos para com os outros.

Nossa busca por santificação é complicada pela realidade de que vivemos em um mundo que tem dissimulado eficazmente o pecado. Perdemos o ponto de vista claro e bíblico do pecado. Não pensamos no pecado como uma transgressão das leis e do caráter de Deus. Não o definimos como uma rejeição da norma de Deus para a nossa vida. Não reconhecemos que o pecado é rebelião, uma escolha obstinada do coração para fazer de alguma outra coisa, e não de Deus, o nosso principal interesse. Não chamamos o pecado por seu verdadeiro nome – "pecado". Nós o justificamos. Nós o ignoramos e lhe damos outro nome.

Pense em como apresentamos desculpas para o pecado. Quão raro é, mesmo entre os cristãos, uma pessoa dizer: "Eu estava errado. Pequei e sou totalmente responsável. Meus desejos pecaminosos motivaram-me, e o que fiz desonrou a Deus e prejudicou você. Por favor, perdoe-me".

Quando foi a última vez que alguém lhe pediu perdão com palavras como essas?

A maneira normal de agirmos é falar sobre nós mesmos e nossas ações em categorias livres de pecado. Gostamos de pensar em nós mesmos como vítimas. Culpamos os outros. Acrescentamos um "mas..." depois de "eu sinto muito". "Sinto muito por ter feito isso, mas você me deixou tão irritado". Ou dizemos: "Sinto muito por ter quebrado nossos votos de casamento, mas tenho problemas de auto-estima e obsessões sexuais". E uma desculpa cristã ainda mais sutil é: "Sinto muito por que você o entendeu dessa maneira". Gostamos de manter o problema fora de nós mesmos. O problema é a falha do outro. Não é algo do que precisamos arrepender-nos; é uma condição que precisa ser entendida e, talvez, medicada.

Se você dissimular, culpar outros e desculpar o pecado dessa maneira, a santificação é substituída por terapia. A santificação se torna uma busca vaga e egocêntrica de auto-melhoria. E todos somos deixados com a esperança de novas drogas, nova terapias, melhores circunstâncias, para que nosso ego possa emergir.

A Palavra de Deus nos oferece um quadro radicalmente diferente acerca de nós mesmos. Ela destaca o nosso coração como a fonte do problema. Tiago 1.14 diz: "Cada um é tentado pela sua própria cobiça, quando esta o atrai e seduz". E Tiago 4.1-2 pergunta: "De onde procedem guerras e contendas que há entre vós? De onde, senão dos prazeres que militam na vossa carne? Cobiçais e nada tendes; matais, e invejais, e nada podeis obter; viveis a lutar e a fazer guerras".

Reconhecer o pecado e nossa culpa fere o nosso orgulho, mas, se não somos tão honestos que chamamos o pecado pelo que ele realmente é, nunca receberemos o poder que Deus provê para que vençamos o pecado. 1 João 1.8-10: "Se dissermos que não temos pecado nenhum, a nós mesmos nos enganamos, e a verdade não está em nós. Se confessarmos os nossos pecados, ele é fiel e justo para nos perdoar os pecados e nos purificar de toda injustiça. Se dissermos que não temos cometido pecado, fazemo-lo mentiroso, e a sua palavra não está em nós". Quando pensamos e falamos como se fôssemos apenas vítimas e nunca pecássemos, estamos mentindo para nós mesmos. E deixamos de beneficiar-nos da graça de Deus purificadora que está disponível a cada dia.

Martinho Lutero disse que "toda a vida dos crentes deve ser marcada por arrependimento".[5] Arrependimento não é algo que praticamos apenas para sermos salvos. Deve ser algo normal e cotidiano na vida do cristão. Todos os dias pecaremos de várias maneiras. O arrependimento é apenas concordar com Deus quanto ao pecado, abandonar o pecado e aceitar a graça de Deus redentora por meio da cruz.

Quando você conhece a graça de Deus purificadora, o arrependimento não tem de ser uma coisa traumática. O autor Tim Keller comenta que algumas pessoas vêem o admitir que

5 Martinho Lutero, a primeira das 95 Teses escritas em 1517. Citado em: Bruce Demarest. *The cross and salvation:* the doctrine of God. Wheaton, Il: Crossway, 2006. p. 270.

estão erradas como uma experiência chocante.[6] Isso não deve se aplicar aos cristãos. Já admitimos que estávamos errados quando cremos em Jesus e reconhecemos que não tínhamos nenhum meio de salvar a nós mesmos. Portanto, não deve ser difícil praticar o arrependimento, dia após dia, quando nos tornamos mais semelhantes a Jesus.

O que fazemos quando os cristãos discordam sobre o que é obediência? Tudo à nossa volta são opiniões e padrões diferentes, e estes podem ser desvios significativos da santificação.

Quando criança, aprendi que os cristãos têm padrões diferentes para inúmeras questões. Por exemplo, alguns de nossos amigos cristãos maios conservadores achavam que todos os filmes eram ímpios. Quando eu estava perto deles, deveria refrear-me de mencionar que nossa família assistia a filmes. Tinha de agir como se nunca tivesse ouvido falar de Darth Vader ou de Indiana Jones.

Outros amigos cristãos estavam no outro extremo. Eles assistiam a tudo – até os filmes péssimos aos quais nunca tive permissão de assistir. Quando estava com esses amigos, deveria refrear-me de mencionar que eles eram um bando de pagãos sujos que estavam suspensos sobre as chamas do inferno.

Penso nos muitos cristãos que olham ao seu redor, consideram a diversidade de padrões e supõem que, se ninguém

6 Timothy Keller. *All life is repentance.* Disponivel em: <http//www.pcabakersfield.com/resources_articles.php>.

concorda, talvez isso não seja realmente importante. Então, fazem o que dá certo para eles. Infelizmente, poucos avaliam as coisas pela Palavra de Deus.

Outras pessoas adotam os padrões e práticas dos cristãos que vivem ao seu redor. Isso pode dar aparência de santidade e crescimento, mas é superficial e pode levar a problemas maiores. Eles podem desviar-se em sua fé porque não tomaram tempo para cultivar convicções pessoais sobre a obediência cristã. Nunca separam tempo para examinar por si mesmos a Palavra de Deus. Em algum ponto, seguir uma regra sem uma referência genuína da Palavra de Deus se torna um fardo indesejável, e tais pessoas começam reclamar das restrições. A obediência se torna desagradável e fatigante.

Elas conhecem as regras, mas não conhecem realmente a Deus. É possível alguém conhecer as restrições e nunca aprender a apreciar a beleza e a bondade da retidão. É claro que o problema é que a obediência de tais pessoas não é motivada pelo desejo de agradar a Deus. Elas não estão sendo guiadas pela Palavra de Deus. Estão apenas se conformando à pratica de alguém outro. Como Deus qualifica em Isaías 29.13, esse tipo de adoração "consiste só em mandamentos de homens".

Por fim, pessoas que praticam mandamentos ensinados por homens se desgostam e reagem descartando toda restrição. Conheço muitas pessoas que estavam tão queimadas

pelo que chamavam de sua formação fundamentalista, que gastavam sua vida se opondo a toda regra que podiam achar. Começam vendo legalistas em todo lugar. Se antes não viam tudo que as Escrituras dizem sobre a graça e a liberdade, agora fecham os olhos para tudo que a Bíblia diz sobre o perigo de pecar e a prioridade da santificação.

Qualquer atitude que nos leva a *fazer acréscimos* à nossa Bíblia ou *editá-la* e a viver em reação às pessoas, e não a Deus, é imprópria. O crescimento cristão não pode ser definido por pessoas com as quais não queremos parecer. Tem de ser definido por tornar-nos semelhantes a Jesus. Tem de ser arraigada no relacionamento com ele. Tem de ser edificado sobre convicções verdadeiras, fundamentadas na Bíblia.

Quando uso a palavra convicção, estou falando da crença sincera e firme diante de Deus, uma crença que não muda conforme o ambiente. A convicção é algo que cremos, não porque alguém está nos impelindo a crer, não porque temos de crer, mas porque estamos convencidos do que Deus deseja que creiamos.

Aquiescência não é convicção. Conformidade com os padrões de outras pessoas não é convicção. Adaptar-se à cultura de uma igreja não é convicção. A convicção bíblica é o resultado de estudo da Escritura, de pensamento cuidadoso, de discussão e da busca por sabedoria. Exige trabalho. Exige a humildade de avaliarmos os resultados de nossas escolhas e mudarmos

nossas ações quando necessário. E o mais importante: exige um focalização permanente em Deus.

A solução neste caso não é descartar todas as regras. É adotar as regras de Deus e obedecer-lhes motivado pelo desejo de honrá-lo. Se há uma regra em sua vida que você obedece somente por causa de alguém e da opinião dessa pessoa, separe tempo para estudar as Escrituras por si mesmo. Verifique se a sua regra é verdadeiramente bíblica. Às vezes, você pode descobrir que ela é bíblica – ou porque a Escritura ordena isso de modo direto ou porque os princípios bíblicos o convence da sabedoria dessa regra. Mas, outras vezes, você pode descobrir que a regra foi criada por homens e que você deve abandoná-la.

Em alguns momentos, faço o meu relacionamento com Deus mais vinculado ao pecado que preciso evitar do que ao bem que fui chamado a seguir. Recentemente, escrevi Gálatas 5.22-23 na página frontal de meu diário: "Mas o fruto do Espírito é: amor, alegria, paz, longanimidade, benignidade, bondade, fidelidade, mansidão, domínio próprio".

Escrevi essas palavras em letras grandes. Essas são as palavras que têm de definir e marcar a minha vida. Quero que elas me desafiem cada vez que tenho comunhão com Deus. Esse é o tipo de pessoa que Deus me chamou a ser. Isso é o que o Espírito quer produzir em mim. Quero gastar o quanto puder de meu tempo procurando ser definido por amor, alegria

e paz, enquanto procuro igualmente remover de minha vida a ira, maledicências e lascívia.

Tornar-se semelhante a Jesus não é apenas não fazer coisas erradas. É praticar ativamente a retidão. É seguir a obediência. Romanos 13.14 (a passagem que caricaturei antes) nos diz que evitemos alimentar a carne, mas começa aconselhando-nos a revestir-nos "do Senhor Jesus Cristo". Paulo está dizendo que a vida cristã é uma vida de constante dependência, confiança e identificação com Jesus Cristo. Assim como o vestir uma roupa pode identificar nosso seu trabalho ou nacionalidade, assim também nosso comportamento mostra nossa identificação com Jesus. Temos de "vestir-nos" de um comportamento santo que se harmoniza com o de Cristo. Devemos viver de uma maneira que nos identifica como discípulos dele. A vida cristã é vestir-nos de um novo comportamento, vestir-nos do próprio Senhor Jesus.

Aprendi recentemente quão importante é que a santificação seja fomentada por meu status como filho de Deus. Efésios 5.1 diz: "Sede, pois, imitadores de Deus, como filhos amados". A santificação é imitarmos nosso Pai. É não conformar-nos com um grupo ou uma cultura religiosa. É modelar nossa vida e ações de acordo com o caráter de nosso Pai celestial e de Jesus, nosso irmão e co-herdeiro (Rm 8.17).

Quando Deus nos salva, ele não apenas nos perdoa ou nos resgata do pecado; ele nos adota (Ef 1.4-5). Em amor,

Deus nos tornou seus filhos. Ele nos dá todos os direitos e privilégios de filhos nascido na família. O apóstolo João viu essa verdade como uma das maiores provas do profundo amor de Deus por seu povo. Ele escreveu: "Vede que grande amor nos tem concedido o Pai, a ponto de sermos chamados filhos de Deus; e, de fato, somos filhos de Deus. Por essa razão, o mundo não nos conhece, porquanto não o conheceu a ele mesmo" (1 Jo 3.1).

Certa vez, meu colega pastor Mark comentou que, ao ouvir-me orando, eu raramente dirijo-me a Deus como Pai. "Tenho observado que você diz habitualmente 'Senhor' ou 'Deus' quando ora", ele me falou. A princípio, pensei que Mark tinha se unido à polícia da oração ou algo semelhante. Eu não estava certo por que ele estava criticando minhas palavras. Todavia, quando conversamos e como aprendi, não era uma questão de argumentar sobre palavras. Jesus mesmo nos ensinou a orar a Deus chamando-o de Pai (Mt 6.9). A maneira como nos dirigimos a Deus revela o que pensamos a respeito dele. E o que pensamos sobre ele molda o modo como nos relacionamos com ele. E o modo como nos relacionamos com ele determina como interpretamos sua obra em nós e seu propósito para nós.

Conhecer a Deus como Pai é importante porque ele deseja que saibamos o quanto ele nos ama verdadeiramente e saibamos que seu amor por nós não é um amor profissional, mutável e imprevisível. É real, profundo e familiar.

Todas as figuras que Deus usa para referir-se à salvação têm o propósito de assegurar-nos quão real é seu amor por nós, quão abrangente é sua restauração em nós. Portanto, quando nos sentimos dominados por culpa, Deus usa a linguagem jurídica de tribunal e nos diz que, por meio de Cristo, somos justificados e declarados completamente justos diante dele (Rm 5.8-9). Quando nos sentimos escravizados e indignos, Deus usa a linguagem de mercado de escravos para nos dizer que nos comprou e nos libertou do pecado (1 Pe 1.18-19).

E Deus usa a linguagem de adoção para encorajar-nos na obra árdua e permanente de aprender a obedecer e seguir a Jesus, enquanto aguardamos a sua volta. Deus não somente nos faz lembrar seu amor em perdoar-nos e redimir-nos no passado. Ele usa a linguagem de família para dizer: "Amo você *agora mesmo*. Você tem um relacionamento comigo que não muda por causa de seu desempenho. Sou seu pai. Você é meu filho. Você é minha filha. Nada pode mudar isso. Eu o amo. Sempre sou o seu Pai".

Essa é a verdade de que necessitamos quando caímos. Quando fazemos bagunça de novo. Quando fazemos pela milionésima vez o que dissemos não faríamos de novo.

Vivermos na realidade presente de ter a Deus como nosso Pai mudará radicalmente o nosso ponto de vista sobre a vida cristã. Quanto a isso, ainda estou em processo. Não posso dizer que já o aprendi completamente. Estou aprendendo a ver

a minha obediência e minha luta com o pecado através das lentes de ser um filho de Deus. Tem um Deus no céu que me prometeu dar o seu Espírito Santo (Lc 11.11-13). Prometeu prover-me todo o poder necessário para que eu lhe obedeça (2 Pe 1.3).

A santidade não é uma lista de regras. É imitar a Deus como Pai (1 Pe 1.15-16). E, porque sou filho de Deus, quero parecer com ele e agradá-lo.

Afastar-se do pecado não diz respeito ao que eu não tenho permissão de fazer. Eu não quero desagradar meu Pai. Quero amar o que ele ama. Como posso alegrar-me no que entristece aquele que me amou com amor eterno (Jr 31.3)?

Retidão no relacionamento é que agrada meu Pai. Não estou tentando me conformar a um padrão de uma igreja ou um padrão auto-imposto. Quero crescer em honrar, conhecer e bendizer o amor de meu Pai.

A verdade do amor adotivo de Deus por mim significa que eu não estou obedecendo para entrar em sua família, nem mesmo para permanecer nela. Eu obedeço porque já estou na família de Deus. Por causa de Jesus, faço parte da família. Nisso há incrível segurança.

Jesus disse: "Se me amais, guardareis os meus mandamentos" (Jo 14.15). Essas palavras sempre trazem-me de volta à simplicidade da santificação. Essa é a razão por que obedeço a Deus. Isso tem de ser minha motivação. Pessoas que amam a

Jesus fazem o que ele diz. Aprendem a obedecer-lhe nas grandes e pequenas coisas de sua vida.

Dave, o rapaz do programa de rádio, decidiu que poderia tentar obedecer demais a Deus. Isso talvez seja verdade se você está perseguindo a perfeição ou obedecendo a regras ensinadas por homens. Mas o obedecer concentra-se em amar a Jesus. Você pode amá-lo demais? Quando, por fim, estivermos face a face com Jesus, algum de nós se arrependerá das vezes em que disse não para seus próprios desejos e disse sim para ele?

Sei que nunca obedecerei perfeitamente a Deus neste lado do céu. Embora eu tenha sido mudado, ainda estou mudando. Tenho um longo caminho a percorrer. Falharei muitas vezes durante a jornada. Precisarei arrepender-me e buscar o perdão de meu gracioso Pai, inúmeras vezes, entre hoje e o dia final – o dia em que serei, por fim, mudado para sempre, pelo poder de Deus.

Estou anelando por aquele dia.

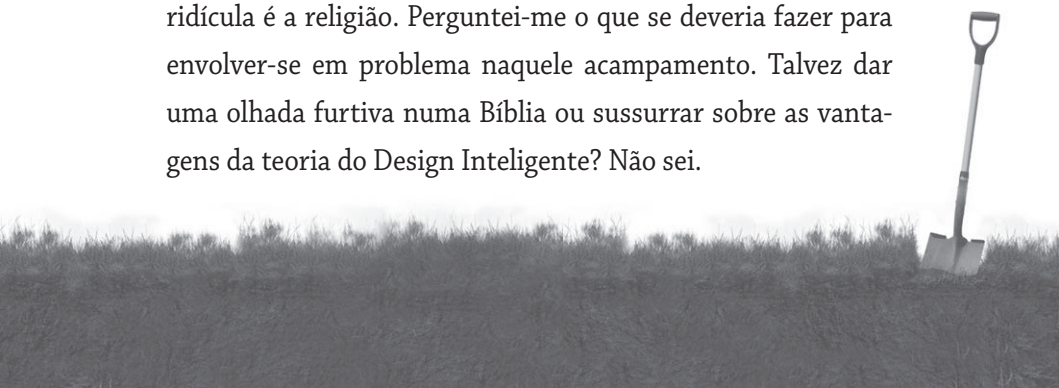
Até que ele chegue, tenho uma obra a fazer. Sim, a santificação é uma obra. Mas é um boa obra. É uma obra capacitada pelo Espírito Santo. É o privilégio dos redimidos. A grande honra dos filhos adotados de Deus é trabalhar para serem semelhantes a seu Pai.

CAPÍTULO 9

O INVISÍVEL TORNADO VISÍVEL

"O plano de Deus sempre foi um plano de grupo: Ele se revela por meio de seu povo."

Ouvi no rádio uma história sobre um acampamento de verão para crianças ateístas do ensino básico. Um homem decidiu que não era justo as crianças religiosas terem seus acampamentos e programas divertidos, enquanto as crianças ateístas nãos os tinham. Por isso, ele realizou o acampamento. Achei isso fascinante. Era um lugar em que os estudantes podiam brincar, nadar, desenvolver a criatividade e sentar ao redor da fogueira para conversar sobre a evolução e sobre quão ridícula é a religião. Perguntei-me o que se deveria fazer para envolver-se em problema naquele acampamento. Talvez dar uma olhada furtiva numa Bíblia ou sussurrar sobre as vantagens da teoria do Design Inteligente? Não sei.



Uma parte da história apresentava algumas das crianças ateístas falando severamente contra a religião. Uma menina estava bem agitada. Ela disse algo assim: "E, se existisse um Deus, por que ele não vem e mostra a si mesmo? Por que ele não aparece e diz: 'Olá, eu sou Deus'? Por que ele não faz isso? Não faz qualquer sentido."

Eu ri porque pude me relacionar à pergunta dela. Às vezes, desejo que Deus fizesse isso. Uma vez por ano, ele poderia fazer uma grande exibição para todo o mundo, com cobertura de televisão, transmissão via satélites e internet, vindo e – *Bum!* – fazendo algo realmente estupendo. Talvez ele poderia transformar um ateísta famoso, bravo e sórdido em um jumento ou algo semelhante. Mas precisaria ser tão impressionante que todos diriam: "Uau! Deus existe! Quero unir-me a ele".

No entanto, quando penso realmente nisso, sei que essa idéia é insensata. Em parte, porque sei que, se Deus não abrir os olhos espirituais das pessoas, ele não crerão, nem mesmo se ele fizesse tal exibição nesta semana. Jesus disse que, se as pessoas não aceitam o testemunho da Palavra de Deus, ainda que alguém retorne de entre os mortos, elas não crerão (Lc 16.31). E isso é verdadeiro. Jesus retornou dentre os mortos, mas isso não foi o bastante para seus inimigos ou mesmo alguns de seus amigos. Alguns ainda duvidaram (Mt 28.17).

Além disso, que tipo de histórias teríamos de contar nos céus se Deus apenas aparecesse e fizesse que todas as pessoas cressem?

Imagine as conversas.

"Então, quando Deus salvou você?"

"Oh! Foi no dia em que ele apareceu e transformou Christopher Hitchens em uma tartaruga!"

"Uma tartaruga mordedora, não foi?"

"Oh! sim. Aquilo foi muito esperto. Sim, foi naquele dia em que eu cri."

Esse não é o tipo de conversa que leva à adoração. Não é uma história que faz você balançar a cabeça em admiração. Deus é sublime demais para se acomodar a algo tão insignificante.

Em vez disso, ele resolveu escrever uma história na história do homem que, no final dos tempos, deixará o universo em silêncio. É a história de sua grande missão de resgate em Jesus. A história de como ele redimiu – tornou novo – tudo que o pecado humano arruinou.

Mas essa é a parte incrível. Deus está escrevendo sua história por meio de seu povo. Por meio de seus filhos. Por meio de sua igreja. Por meio de nós.

Portanto, Deus não surge em um grande palco, uma vez por ano, para mostrar a si mesmo para o mundo. Ele faz algo muito mais arriscado e mais ousado, algo tão absurdo que faz

você morder os lábios – ele *nos* torna o show. Ele prova a sua existência e se revela por meio da igreja.

Muitos cristãos negligenciam a doutrina da igreja. Isso não é surpreendente. Por necessidade, esse assunto envolve pessoas. Pessoas reais, irritantes, bravas, odiosas, teimosas, cuja preferência, estilo e gostos podem injuriar conceitos teológicos elevados.

Você pode estudar a doutrina da justificação e pensar somente no perfeito Salvador e em sua cruz. Mas, se você pensa na igreja, há chances de que você começará a pensar em grupos específicos de pessoas, um pastor específico, uma denominação específica e todos os erros e problemas específicos que os acompanham. E neste ponto que muitos de nós fracassamos. Não ouvimos o que Deus tem a dizer a respeito da igreja porque sua voz é abafada pelo barulho de nossas experiências, percepções e desilusões.

Lançar para trás tudo isso pode ser difícil. Mas devemos tentar. Precisamos cuidar da igreja, por causa de nosso próprio bem espiritual e por causa do mundo que necessita de que sejamos a igreja. Uma motivação ainda mais simples para cuidarmos da igreja é o fato de que Deus cuida da igreja. Toda metáfora usada na Bíblia para descrever a igreja mostra quão profundamente Deus cuida da igreja. Ele a chama de sua *esposa* (Ef 5.25-32). Deus a chama de sua *casa* ou *família* (Ef 2.19). Ele diz que somos o *templo* em que

ele habita por meio de seu Espírito (Ef 2.21-22). Ele diz que somos o seu *corpo* (Ef 1.22-23).

Como podemos afirmar que conhecemos e amamos a Jesus, se, apesar disso, somos indiferentes para com sua esposa, seu templo, sua família ou seu próprio corpo? Posso dizer que amo a Jesus, mas odeio a sua esposa, da qual ele cuida? Posso dizer que gasto tempo com ele, mas recuso-me a entrar em sua casa? Posso declarar que tenho amizade com Jesus, mas considero o seu corpo repulsivo? Isso não é possível.

Nas duas primeiras décadas de minha vida, não dei muita importância ao aspecto "coletivo" da fé cristã. Eu via a fé de maneira bem individualista. Era a *minha* fé e em *meu* Jesus. Não levava em conta o cristianismo corporativo ou a natureza grupal da fé cristã.

É claro que eu *ia* à igreja. Isso é o que os cristãos fazem – temos reuniões. Mas eu o fazia apenas por tradição. Era uma hábito como dormir, respirar e todas as outras coisas que fazemos sem pensar. Em meus momentos mais cínicos, eu via a igreja com suspeita, como um meio de os pastores terem trabalho e exercerem poder. Mas eu não me importava muito com a igreja. Portanto, enquanto a frequência nas reuniões tinha um grande lugar em meu crescimento, a igreja não tinha muito de meu coração.

Eu tratava a igreja como um posto de gasolina. Todos precisamos de um posto de gasolina, certo? Você para no posto

(geralmente quando está com pressa) para abastecer o carro. Você vai ao posto que lhe é mais conveniente. Você consegue o que precisa e segue em frente. Eu parava na igreja para obter combustível espiritual que vinha da adoração, do ensino e dos relacionamentos com os outros cristãos. Mas, depois, eu tomava a rua e voltava aos meus próprios planos – meu próprio destino.

Acho que isso descreve um bom número de cristãos contemporâneos. E eles estão abandonando a igreja. Alguns a abandonam completamente. Outros frequentam as reuniões mas falta-lhes compromisso autêntico e envolvimento com uma igreja. Isso leva à síndrome de pular de igreja. Conheço um rapaz que costumava ir a uma igreja para o tempo de cânticos e, depois, ia a outra igreja para ouvir o sermão. Ele cronometrava isso tão bem, que entre um coisa e a outra podia parar no McDonald para tomar um cafezinho e comer um sanduiche. Acho que a única coisa que ele perdia em ambas as igrejas era o momento de ofertas.

Então, por que isso está acontecendo? Se somos o corpo de Cristo, por que tantas partes do corpo não aparecem para cumprir o seu papel? Sem dúvida, alguns estão queimados e desiludidos pela corrupção ou pela pobre liderança que têm visto. Outros sentem que a igreja é embaraçosa e que há maneiras mais eficazes de fazer as coisas.

No entanto, penso que uma vasta maioria de cristãos que

perderam a sua visão da igreja são como eu era: nunca tomaram tempo para estudar o que a Bíblia diz sobre o propósito e o plano de Deus para a igreja. Em vez disso, eles estão vivendo suas vidas guiados pelos seus sentimentos ou suas experiências. Eles são pragmáticos, por isso se focalizam mais no que "funciona" do que nas diretrizes das Escrituras. São consumidores que se achegam à igreja perguntando: "O que ela tem a me oferecer?"

Entretanto, o que faríamos se víssemos que a igreja é mais do que um programa humano, mais do que aquilo ao que, de maneira desprezível, nos referimos como religião organizada? O que faríamos se víssemos que o cristianismo se originou na mente e no coração do próprio Deus e que seu plano começou antes do alvorecer da história da humanidade e se estende até à eternidade? O que faríamos se aprendêssemos que a igreja era tão preciosa para Jesus que ele se mostrou disposto a derramar seu próprio sangue para obtê-la? O que faríamos se aprendêssemos que a igreja é o meio pelo qual Deus escolheu realizar seu propósito para conosco e para com o mundo? E se aprendêssemos que nisso ela é insubstituível?

Se pudéssemos assimilar tudo isso, então compreenderíamos que rejeitar a igreja significa rejeitar o próprio Deus.

O plano de Deus para glorificar a si mesmo no mundo sempre foi um plano de grupo. Ele sempre planejou redimir um *povo*. E tem-se revelado ao mundo sempre por meio de uma

nação. Isso era a perfeição passada que encontramos nas primeiras páginas de Gênesis. Isso é o futuro descrito nas páginas finais de Apocalipse – Deus habitando entre seu povo.

Não tenho certeza de como passei tanto tempo sem aprender isso. Parte de meu problema era que eu lia a minha Bíblia como uma coleção de histórias sobre indivíduos notáveis e isolados. Mas, quando você examina-a mais atentamente, compreende que, embora a Bíblia conte realmente a história de pessoas como Abraão, Sara, José, Moisés, Rute e Davi, suas histórias e a importância de suas vidas estão vinculadas diretamente ao que Deus estava fazendo na família e na nação da qual eles faziam parte.

A história da nação judaica, no Antigo Testamento, é um vislumbre do propósito final de Deus em salvar um povo para si mesmo por meio de Jesus. Através de séculos de história, Deus esteve dando indicações e apontando para a vinda de Cristo e o estabelecimento de seu reino eterno ao que pertenceriam pessoas de cada tribo e língua.

Quando ele chamou Abraão, prometeu-lhe que um dia sua família seria uma grande nação. Ele disse que por meio dos descendentes de Abraão todas as nações do mundo seriam abençoadas (Gn 12.2-3). Deus estava anunciando a natureza mundial de seu propósito em Cristo.

Centenas de anos mais tarde, Deus usou Moisés para libertar os descendentes de Abraão, os israelitas, da escravidão

no Egito. Deus demonstrou seu poder salvador, libertou-os da servidão e os levou à Terra Prometida. Por meio de um povo fraco e insignificante, Deus manifestou seu poder às nações.

Deus congregou o povo de Israel aos pés do Monte Sinai e falou com eles em uma voz de trovão (Ex 19-20). Ele anunciou que, se os israelitas obedecessem aos seus mandamentos e fossem fiéis à aliança que fizera com eles, eles seriam, dentre todos os povos, "a propriedade peculiar" de Deus, um "reino de sacerdotes" e um "nação santa" (Êx 19.5-6).

Deuteronômio 9.10 descreve o dia em que Deus falou como o povo de Israel como o dia em que estava "reunido todo o povo". No hebraico, a palavra traduzida por "reunido" é *qahal*, que, às vezes, é traduzida por *congregação*. A versão grega dessa palavra, *ekklesia*, é a base de nossa palavra *igreja*. John Frame ressalta que isso era, em um sentido importante, o começo da igreja. Ele escreveu: "Foi neste dia que a nação de Israel se tornou, por aliança, a nação santa de Deus, distinta de todas as outras nações do mundo".[1]

Isso me deixa maravilhado. Um Deus eterno, invisível escolheu se unir a um grupo de seres humanos desprezíveis. Ele os separou como seu povo especial e lhes deu o privilégio de representá-lo para o mundo.

Se você vivesse nos dias de Moisés e quisesse saber

1 John Frame . *Salvation belongs to the Lord:* an introduction to systematic theology. Phillipsburg, NJ: P and R Publishing, 2006. p. 234.

como era Deus, você não acharia as respostas nos templos do Egito ou na feitiçaria dos cananeus. A única maneira de contemplar o Deus vivo era ir ao deserto, a um grupo de nômades inexpressivo chamado israelitas. Em sua adoração a Deus, em sua obediência às leis de Deus, em seus rituais e em seu compromisso com a santidade, o caráter de Deus era manifestado.

O mesmo pode ser dito a respeito da igreja hoje. Frame observa que milhares de anos mais tarde, depois da vinda de Jesus Cristo, o apóstolo Pedro usou as mesmas palavras de Êxodo 19.4-6, proferidas sobre Israel, para descrever os cristãos na igreja do Novo Testamento. 1 Pedro 2.9 diz: "Vós, porém, sois raça eleita, sacerdócio real, nação santa, povo de propriedade exclusiva de Deus, a fim de proclamardes as virtudes daquele que vos chamou das trevas para a sua maravilhosa luz".

O que é a igreja? É o cumprimento da promessa de Deus feita a Abraão, a promessa de abençoar todas as nações do mundo. A igreja, constituída de homens e mulheres de cada nacionalidade e etnia, é agora o povo de Deus no mundo. A igreja é o meio pelo qual Deus se torna conhecido no mundo.

Voltando ao tempo em que vivi em Oregon e estava aprendendo a preocupar-me com teologia, um das primeiras séries de sermões que ouvi de C. J. Mahaney dizia respeito ao

propósito de Deus para a igreja. Eu tinha vinte anos na época e pela primeira vez fora confrontado com uma visão impactante, histórica e bíblica da igreja. Eu amava a Jesus e queria fazer grandes coisas para Deus, mas ainda tratava a igreja como um posto de gasolina. Em minha mente, a ação real e a empolgação espiritual estavam em outras coisas.

Então, ouvi aquela série de sermões. Chamava-se *Paixão pela Igreja*. Lembro-me de haver pensado que o título era um arranjo de palavras muito bizarro. Em minha mente, paixão e igreja não tinham qualquer conexão. A série de sermões também poderia ter sido chamada de *Paixão pela Lavanderia*. Mas, por alguma razão, eu a ouvi.

C. J. Mahaney pregou com base no livro de Efésios, um livro que tem sido descrito como a obra-prima do apóstolo Paulo sobre a igreja. Ele mostrou que, na igreja, Deus estava criando uma nova humanidade – aqueles que foram reconciliados com ele e uns com os outros (Ef 2.13-16). Mostrou, com base em Mateus 16.18, que a igreja é a única instituição que Jesus prometeu sustentar para sempre. A igreja é o que Deus está usando para ensinar os cristãos a conhecê-lo, a obedecer-lhe e dar prosseguimento a sua missão ao redor do mundo.

C. J. Mahaney leu uma citação de John Stott que me impactou grandemente: "Se a igreja é central nos propósitos de Deus, conforme vemos tanto na história como no evangelho, ela deve também ser central em nossa vida. Como podemos

tratar com leviandade o que Deus trata com tanta seriedade? Como ousamos relegar à periferia aquilo que Deus colocou no centro?"[2]

Não pude fugir dessa pergunta. Como eu podia tratar com leviandade o que Deus trata com tanta seriedade? Como eu podia ser tão indiferente, tão depreciador em relação à igreja que, como diz o Senhor Jesus em Atos 20.28, ele "comprou com o seu próprio sangue".

Pela primeira vez, comecei a entender que o propósito de Deus quanto ao envolvimento dos cristãos na igreja era muito diferente de minha abordagem "posto de gasolina". A igreja não era meramente um lugar de visita ocasional para ser obter um abastecimento. A jornada da fé cristã foi planejada para ser feita *juntamente com* outros crentes.

A igreja não é um posto de gasolina, eu compreendi. É o ônibus no qual eu deveria estar viajando.

Algumas pessoas minimizam a palavra *igreja* por acharem que, se dois cristãos estiverem reunidos no mesmo cômodo, eles são a igreja. Exatamente, o que faz com que uma igreja seja uma igreja? Tenho ouvido cantores de concertos cristãos dizerem: "Teremos uma igreja aqui nesta noite", como se a igreja fosse meramente uma questão de cristãos cantando certas músicas juntos. Há cristãos que descrevem seu ministério

2 John R. Stott. *The message of Ephesians:* God's new society. Downers Grove, IL: InterVarsity, 1979. p. 129.

em campus universitário, ou o ministério de estudo bíblico na vizinhança, ou mesmo um grupo de contatos online como uma igreja. Todos esses grupos podem ser bons e maravilhosamente encorajadores, mas isso não os torna uma igreja.

Desde a Reforma, os cristãos protestantes têm concordado em que a igreja exige dois elementos essenciais: a pregação correta da Palavra de Deus e a observação correta do batismo e da Ceia do Senhor.[3] Essas duas características de uma igreja verdadeira nos dizem várias coisas importantes sobre o caráter e o propósito da igreja.

Primeiramente, aprendemos que a igreja deve ser uma congregação de pessoas que estão sujeitas à verdade e à autoridade da Bíblia, a fim de serem ensinados, treinados, repreendidos e corrigidos (2 Tm 3.16). E o ensino correto da Palavra de Deus implica apresentar como sua mensagem central as boas-novas da morte vicária e ressurreição de Jesus por pecadores (1 Co 15.1-3). Portanto, a igreja é edificada em uma mensagem específica e não em idéias ou filosofias aleatórias.

Em segundo, a prioridade do batismo e da Ceia do Senhor enfatiza a necessidade de a igreja ser uma comunidade *definida*, firmada sobre o evangelho de Jesus Cristo. Ambas as ordenanças são meios do povo de Deus vivenciar e lembrar o

3 Wayne Grudem, citando João Calvino: "Onde quer que vejamos a Palavra de Deus sendo pregada e ouvida com pureza e as ordenanças sendo ministradas de acordo com a instituição de Cristo, ali, não há dúvida, existe uma igreja de Deus". (*Bible doctrine:* essential teachings of the christian faith. Grand Rapids: Zondervan, 1999. p. 369.)

que nós somos por meio da fé na morte e na ressurreição de Jesus por nós. E ambas distinguem quem é e quem não é parte do povo de Deus.

O batismo é o ponto de entrada à igreja. Simboliza a morte do cristão para o pecado; simboliza a ressurreição com Jesus para um nova vida e a entrada na família de Deus (Mt 28.19). Ocorre somente uma vez, quando a pessoa crê pela primeira vez.

A Ceia do Senhor é repetida muitas vezes durante toda a vida cristã. Jesus instruiu seus seguidores a partirem o pão e beberem o cálice em lembrança de seu corpo partido e seu sangue derramado em seu morte expiatória na cruz (1 Co 11.23-26). Quando os membros de uma igreja local celebram a Ceia do Senhor, eles proclamam juntos que a morte de Jesus é a fonte de sua salvação. E dizem uns aos outros e ao mundo que os observa: "Ainda estamos aqui. Ainda estamos prosseguindo pela fé. Estamos conectados com Jesus e uns aos outros porque ele morreu por nossos pecados e nos tornou filhos de Deus".

O Novo Testamento está cheio de instruções práticas sobre o que uma igreja local deve ser e fazer. Vemos que as igrejas são organizadas sob a liderança de homens que satisfazem qualificações de caráter claramente definidas. Têm de governar bem sua própria família, praticar e ensinar sã doutrina (1 Tm 3; Tt 1.5-9). Essas qualidade são importantes porque um dos

propósitos primários da igreja é ensinar e treinar os cristãos a conhecerem a Deus e obedecer-lhe. A igreja é também o lugar em que os cristãos recebem cuidado e encorajamento uns dos outros. Na igreja local, os cristãos põem em prática os mandamentos bíblicos de amar, servir, honrar, encorajar uns aos outros e orar uns pelos outros (Jo 13.34; Gl 5.13; Rm 12.10; Tg 5.16; 1 Ts 5.11).

É importante que pertençamos a uma igreja local? Claro que sim. Isso é ilustrado em passagens bíblicas que estimulam os cristãos a honrarem e obedecerem aos líderes na igreja local (Hb 13.17), a aceitarem a disciplina da comunidade (Mt 18.15-19; Gl 6.1) e a não negligenciarem o ajuntamento com os outros crentes (Hb 10.25).

Tudo isso significa que o Novo Testamento pressupõe que os crentes participarão de uma igreja local em que recebem o batismo, participam da Ceia do Senhor, recebem o ensino da Palavra de Deus, adoram, usam seus dons para servir, são cuidados espiritualmente por líderes qualificados, são responsáveis a uma comunidade de amor e dão aos incrédulos testemunho da morte salvadora de Cristo. Os cristãos devem reunir-se e congregar-se não somente para o bem de sua própria saúde espiritual, mas também para que o mundo ao redor deles possa ver claramente a realidade de Jesus Cristo.

Tomar o ônibus do plano de Deus para a igreja envolveu

para mim uma mudança de curso mais dramática do que para a maioria das pessoas. Terminei mudando-me para outra parte de nosso país, para fazer parte da igreja de C. J. Mahaney. Reduzi minha agenda de palestras, para que pudesse dedicar-me à vida da igreja. Parei de publicar minha revista, para que pudesse trabalhar como estagiário no ministério de jovens e ser treinado como pastor.

Olhando para trás, compreendo que meu estágio não foi apenas um treinamento para o ministério. Foi um treinamento no entendimento do que é a vida da igreja. Em muitas maneiras, foi uma experiência árdua. Aprendi que a vida em uma igreja local não era, de modo algum, como uma conferência. Nas conferências, era relativamente fácil ir a uma cidade num fim de semana, parecer impressionante às pessoas que não me conheciam e parecer bom quando ensinava uma mensagem que havia apresentado centenas de vezes.

Ser um pastor em uma igreja local era totalmente diferente. Não parecia impressionante, quando as pessoas me viam diariamente. Não bastava eu ter algumas poucas mensagens inspiradoras. Eu precisava estudar a Palavra de Deus e ajudar as pessoas a aplicarem-na às situações da vida real. Tinha de aprender como a morte e a ressurreição de Jesus faziam a diferença nos vales de sofrimento sombrios – coisas que eu não tinha encarado quando ia de uma cidade para outra realizando conferências.

A vida na igreja local é muito mais difícil e menos glamorosa. Entretanto, é mais prazerosa e mais recompensadora do que qualquer coisa de que tenho participado. Vi o evangelho mudando pessoas. Não somente lágrimas e promessas de mudança nas respostas aos apelos ao final de cultos, mas também mudança verdadeira e permanente em pessoas e famílias.

Vi o corpo de Cristo vivendo, respirando e agindo. Vi o amor de Jesus tornado real à medida que os membros choraram uns com os outros devido à morte de uma criança, socorreram uns aos outros em tempos de necessidade, encorajaram uns aos outros em tempos de tentação e dúvida. Como diz um antigo ditado, a igreja não é um edifício ou uma reunião – é um povo. Mas você nunca consegue ver isso se o seu envolvimento limita-se às reuniões em um prédio. A verdadeira beleza de pessoas sendo uma igreja só é vista quando você permanece por tempo suficiente para vê-los amando e servindo uns aos outros.

Embora eu tenha perdido a adulação que resultava de ser um palestrante e autor visitante, ganhei algo muito melhor. Ganhei amigos que me conheciam realmente – minhas virtudes e minhas fraquezas. Ganhei irmãos e irmãs que estavam dispostos a desafiar-me quando estava orgulhoso e confortar-me quando estava desanimado.

Pela primeira vez, compreendi que ser um cristão que

cresce não era algo que eu podia fazer sozinho. Progresso como discípulo exigia relacionamentos e comunidade. Estudar a Bíblia por mim mesmo e até ouvir boa pregação não era, em si mesmo, suficiente. Eu precisava de relacionamentos na igreja para praticar o que tinha aprendido. Precisava de relacionamentos na igreja para ajudar-me a ver todas as maneiras pelas quais eu não estava praticando aquilo em que eu dizia crer. Não tinha qualquer idéia de quão incorretamente eu via a mim mesmo. Eu não tinha apenas visão obscura, eu era realmente quase cego neste assunto.

Sou um homem orgulhoso. Gosto de supor que qualquer maturidade que eu possuo é o resultado de minha sabedoria, boa instrução e esforço espiritual superior. Mas posso dizer que todo crescimento e mudança em minha vida espiritual teve sua origem na ajuda de meus irmãos em Cristo. E muito frequentemente eles eram membros de minha igreja local. Isso não é surpreendente, é? As pessoas que nos conhecem melhor são aquelas que podem nos ajudar mais. É impossível calcular tudo que ganhei do exemplo, da correção amorosa, do encorajamento e das orações deles em meu favor.

Aprendi que o propósito de Deus para mim está ligado inseparavelmente ao seu povo. Minha fé não diz respeito a mim mesmo. Não diz respeito apenas à minha história e à minha peregrinação. Ser um cristão é pertencermos a Deus

e uns aos outros juntos, cumprindo, assim, juntos, a missão de Deus no mundo.

Qual é a missão de Deus para a sua igreja? "A tarefa da igreja", escreveu J. I. Packer, "consiste em tornar visível o reino invisível por meio do viver e do testemunho cristão fiel".[4]

Amo essa afirmação. A igreja torna visível o reino invisível. O mundo não pode ver a Deus. O mundo não pode ver o reino de Deus em nosso coração. Mas unimos nossas vidas nas igrejas para que eles vejam a Deus. O mundo vê a Deus quando obedecemos aos seus mandamentos. Quando amamos uns aos outros. Quando pregamos a Palavra de Deus e proclamamos seu evangelho. Quando fazemos boas obras e servimos aos pobres e aos desprezados. Tudo que fazemos na terra – nossa adoração, nossa edificação da comunidade cristã, nosso culto, nosso trabalho –, devemos fazê-lo com os olhos na propagação da fama e da glória de Jesus Cristo, para que as nações possam conhecer e adorar a Deus conosco.

Em João 20.21, Jesus disse aos seus discípulos: "Assim como o Pai me enviou, eu também vos envio". E, em suas palavras finais, antes de ascender ao céu, Jesus deu aos seus discípulos um compromisso que chamamos de Grande Comissão:

4 J. I. Packer *Concise theology:* a guide to historic christian beliefs. Wheaton, Il: Tyndale, 1993. p. 194.

> Toda a autoridade me foi dada no céu e na terra. Ide, portanto, fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo; ensinando-os a guardar todas as coisas que vos tenho ordenado. E eis que estou convosco todos os dias até à consumação do século.

O propósito da comunhão cristã na igreja é não somente nosso gozo e crescimento espiritual. O propósito é também missões – manifestar e promover o avanço o reino e governo de Deus no mundo.

Serei honesto. A missão que Jesus nos deu me assusta. Sinto-me mais tranquilo em ser chamado para fora do mundo do que em ser enviado ao mundo. Como pastor, posso dedicar-me aos interesses da igreja, gastar maior parte de meu tempo com outros cristãos e enclausurar-me na segurança da vida de uma igreja, como um hamster em uma bola de plástico rolante.

Mas esse impulso de enclausurar-me do mundo não é motivado por amor à santidade. Muito frequentemente eu me separo do mundo porque tenho medo ou por causa de indolência. As pessoas incrédulas pensam que sou esquisito. Elas são diferentes de mim, e ser diferente pode ser incômodo.

Nesses momentos, tenho de recordar a mim mesmo:

não basta ser santo. Quando Jesus subiu ao céu, ele não disse: "Fiquem neste monte e sejam santos". Ele disse aos seus seguidores que sejam santos e saiam para compartilhar o evangelho com o mundo. Para que a igreja seja fiel, precisamos tanto de um interesse por santidade como de um coração disposto a alcançar o mundo. Todos nós temos de avaliar, pessoal e continuamente, os motivos, as escolhas e os esforços para alcançarmos as pessoas que não conhecem a Jesus.

Certa vez, ouvi John Piper compartilhar a história de ser convidado, quando era jovem, para assistir a um filme com seus colegas. Seus pais, bastante piedosos, mas conservadores, não favoreciam o assistir a filmes. Mas, embora sua mãe preferisse que ele não fosse ao cinema, ela não o proibiu. Em vez disso, ela explicou suas convicções e deixou que ele fizesse a escolha. "Faça o que você acha que é certo", ela lhe disse. "Filho, nós temos padrões, mas eles têm de vir do interior". Refletindo sobre a história, Piper disse: "Há uma enorme diferença entre separação e consagração. O fator determinante não são regras de separação, e sim corações consagrados".[5]

Há muitas sabedoria para a igreja nessas palavras, quando lutamos com problemas de envolver-nos e influenciar uma cultura ímpia. Consagrar algo significa separar para o uso de

5 John Piper, Evangelist Bill Piper: Fundamentalist Full of Grace and Joy. 2008 Desiring God Conference for Pastors. February 5, 2008. Disponível em: <www.desiringgod.org/ResourceLibrary/Biographies/2594_Evangelist_Bill_Piper_Fundamentalist_Full_of _Grace_and_Joy>.

Deus. A verdadeira consagração é uma realidade interior, e não uma questão de proximidade física ou regulação exterior.

Não há qualquer contradição entre consagração e missão evangelística. Se nossos corações são consagrados, podemos viver na cultura mais entenebrecida e resplandecer a verdade do evangelho. Se nossos corações não são consagrados, nenhuma quantidade de separação ou regras criadas pelo homem nos guardará da influência do mundanismo (1 Jo 2.15-17). O mundanismo estará em nós, não importando quão elevadas sejam as muralhas que erguemos ao redor de nós mesmos.

Jesus disse que os cristãos devem ser sal e luz no mundo (Mt 5.13-16). John Stott escreveu: "Jesus chama os seus discípulos a exercerem dupla influência na comunidade secular, uma influência negativa por deter a sua decadência e uma influência positiva por trazer às trevas. Pois uma coisa é cessar a propagação do mal; e outra coisa é promover a propagação da verdade, beleza e bondade".[6] A igreja é chamada a envolver o mundo à sua volta com vidas contraculturais e com a verdade contracultural da Palavra de Deus – para deter a decadência produzida pela rebelião humana e propagar a luz da Palavra de Deus, que dá vida.

Observe que ambas as analogias que usa pressupõem con-

6 John R. Stott. *The message of the Sermon of the Mount*. Downers Grove, IL: InterVarsity, 1985. p. 64-65.

tato. Sal é um preservador natural. Ele impede a decadência. Mas não funciona se é diluído. E não tem nenhum efeito se é isolado. O sal tem de entrar em contato. Isso também acontece com a igreja. Temos de estar no mundo, envolvendo e influenciando cada aspecto da cultura com a verdade do evangelho.

Da mesma maneira, Jesus não chama seu povo para ser apenas uma cidade. Devemos ser uma cidade em um monte e brilhar nossa luz em mundo que está em trevas. "Fugir para o invisível é uma negação do chamado", escreveu Dietrich Bonhoeffer. "Uma comunidade de Jesus que procura esconder-se parou de segui-lo."[7]

Se queremos obedecer a Jesus, temos de ir ao mundo. Tenho sido desafiado pelo exemplo de outras igrejas a estudar a minha comunidade local com a intencionalidade evangelística de um missionário. Tenho sido desafiado a fazer perguntas como estas: se eu fosse um missionário enviado a outra nação, como eu veria minha própria vida? Que decisões eu faria sobre onde viver e quanto precisaria para viver em tal lugar? Onde eu gastaria meu tempo, de modo que pudesse formar amizades com pessoas incrédulas? O que eu procuraria aprender sobre a cultura para que eu pudesse ser amigos das pessoas e comunicar-lhes o evangelho? Quais são os ídolos ou os falsos deuses que as pessoas estão adorando?

7 Citado em: *ibid.*, p. 62.

Faça essas perguntas e aplique-as ao lugar em que você está. O campo missionário está bem à sua frente. Imagine como esse tipo de urgência evangelística seria usada por Deus para tocar as pessoas em sua universidade, lugar de trabalho, vizinhança e comunidade.

O povo de Deus jamais alcançará o mundo, se nos escondermos. E não podemos alcançar o mundo se não formos diferentes do mundo. Precisamos resgatar a conexão entre santidade e missões. Deus chama seu povo a ser diferente e santo, não para que nos sintamos superiores aos nossos vizinhos que ainda estão na incredulidade. Ele nos chama a sermos santos para que nossos vizinhos vejam o poder transformador de Jesus Cristo crucificado e ressuscitado.

Não basta apenas ir ao mundo. No relato de Gênesis, o sobrinho de Abrãao, Ló, foi para a cidade de Sodoma. As Escrituras nos dizem que Ló era um homem justo (2 Pe 2.7). Mas ele perdeu sua família para a cultura pecaminosa daquela cidade. Quando Deus visitou Sodoma com julgamento, nenhum dos futuros parentes e dos vizinhos de Ló quiseram sair com ele. Mesmo depois que o fogo caiu do céu sobre Sodoma, a esposa de Ló olhou para trás com olhos saudosos e foi punida (Gn 19).

O mundo precisa de uma igreja que se envolva nele, que vá até ele. Mas como iremos ao mundo? Ló foi ao mundo, mas o mundo remodelou sua vida. Jonas foi um missionário, mas

ele pregou a Nínive sem amor e compaixão. Ele ficou irado quando Deus mostrou misericórdia à cidade (Jn 4.1).

Jesus é nosso modelo de evangelização motivada por amor e compaixão. Ele chorou por causa dos pecados de Jerusalém (Mt 23.37-39). Jesus abençoou cegos, paralíticos e desprezados. Ele comeu com pecadores. Escandalizou os líderes religiosos por ser amigos de prostitutas e coletores de impostos. Ele alcançou o mundo com amor e uma mensagem salvadora que venceu tudo que o mundo defendia. Jesus se mostrou disposto a sofrer e morrer às mãos das pessoas que ele viera salvar.

Foi o amor que motivou Deus a enviar seu Filho em uma missão de salvação (Jo 3.16). Também devemos ter essa mesma atitude. Somente os grandes mandamentos de amar a Deus com todo coração, alma, mente e força e amar o próximo como a nós mesmos podem nos impelir para fora de nós mesmos e de nossos restritos interesses pessoais (Mc 12.18-34). Somente esse amor pode nos compelir a sacrificar nossas vidas cuidando dos pobres, dos marginalizados e dos oprimidos do mundo.

Somente esse amor nos dará a coragem inabalável de ir ao mundo e pregar a mensagem tola, indesejável, mas salvadora, de um Messias crucificado. O amor tem de ser o combustível de missões. Não podemos ir ao mundo porque queremos a aprovação das pessoas; não podemos ir ao mundo em busca de

poder, nem para provarmos que estamos certos. Missões tem de ser o transbordamento de um amor por Deus que deseja ansiosamente ver outros experimentando a sua graça, o seu amor e a sua compaixão por pessoas que estão perdidas e destinadas ao inferno.

Sem dúvida, a missão que Jesus nos deu seria mais fácil se não tivéssemos de amar, se não tivemos de nos interessar. Seria muito mais fácil se pudéssemos odiar o mundo ou não nos preocupar com ele.

Quando leio sobre o segmento radical e violento do islamismo que tem levado ao terrorismo, sinto repulsa por ele. Mas também posso ver seu apelo. Há algo muito sincero, muito praticável no que diz respeito ao compromisso de odiar o mundo moderno, lutar contra ele e tentar explodi-lo. Essa é uma descrição de trabalho relativamente simples. Eu poderia fazer isso. Explodir a mim mesmo, depois morrer e ir para o céu.

Mas Jesus pede algo mais difícil de seus discípulos – algo que exige muito mais coragem e sacrifício. É uma missão que requer capacitação divina. Jesus nos diz que devemos morrer para nós mesmos e viver por ele. Jesus nos diz que devemos sacrificar nossa vida em servir a pessoas que nos desprezam. Ele nos diz que devemos engajar-nos plenamente em um mundo que deseja seduzir-nos e que nos odeia quando lhe resistimos. Ele manda sua igreja a apelar a uma cultura que ama o pecado.

Jesus nos pede que morramos. Mas ele nos pede um tipo de morte lenta. Não é uma morte que tira a vida de outros, e sim uma morte que lhes dá vida. É a morte de tomar a cruz e andar nos passos de nosso Senhor crucificado. É sofrer pela mensagem do evangelho. É morrer para a popularidade e ser uma igreja que defende a retidão. Isso é algo muito mais doloroso e terrível do que a decisão de apertar um botão e tornar-se uma bomba humana. Mas esse é o caminho de Jesus e leva à vida eterna.

Qual é a sua definição de sucesso para a igreja? Números? Poder político? A aceitação do cristianismo na cultura popular? Todos nós possuímos algum conceito de como seriam as coisas se a igreja estivesse realmente fazendo progresso.

Todo ano uma revista cristã publica uma lista das cem maiores igrejas, bem como das cem igrejas que crescem mais rapidamente nos Estados Unidos. Ora, não há nada errado nessa idéia, e estou certo de que ela é útil para muitas pessoas. Mas tive de parar de ler aquele exemplar específico porque percebi que não era bom para mim. Comecei a sentir-me como se estivesse namorando outras igrejas em nosso país. Senti-me como se estivesse cobiçando o sucesso, números, louvor e achei que isso estava distorcendo minha motivação de ser pastor. Por isso, deixei de lado a revista.

Quando me vejo desanimado em relação à igreja, tenho de parar e pensar sobre a definição de Deus quanto ao sucesso.

Isso me ajuda a lembrar o que Jesus ensinou sobre a natureza de seu reino e como ele cresceria. Jesus disse que o reino era como a menor das sementes que cresce e se torna a maior das plantas (Lc 13.18-19). A princípio, ela não parece impressionante. Ninguém se preocupa com ela. Mas, com o passar do tempo, ela cresce e se expande, lentamente, quase sem ser notada.

Para os cristãos que desejam que o reino de Deus venha com convicção e poder aterrorizador, uma semente pequena e de crescimento lento pode ser um desapontamento. Você já se assentou e tentou assistir ao crescimento de uma planta? O reino de Deus é assim. Está crescendo, mas você só percebe depois de longos períodos de tempo.

Jesus disse que o reino de Deus é como fermento usado para fazer pão (Lc 13.20-21). O fermento é pequeno e aparentemente insignificante em quantidade, se comparado com os outros ingredientes. Mas, quando o fermento age na massa, ele faz com que toda a massa cresça. Ele muda fundamentalmente a composição de toda a massa.

O reino de Deus não é impressionante aos olhos humanos. É pequeno. De certo modo, ele parece ser engolido pela mundo ao seu redor. Todavia, ele está permeando o mundo tão lentamente e produzindo efeitos transformadores de maneiras que ninguém prevê.

O avanço do reino de Deus exige tempo. E contato.

O fermento não faz nada em uma vasilha, se estiver removido da massa e não for misturado com ela. As pessoas do reino de Deus não fazem nada quando estão separadas e não têm contato com o mundo ao nosso redor.

Jesus contou outra história sobre sementes sendo plantadas em diferentes tipos de solos (Mt 13.1-23). A maior parte das sementes não cresceu. Foram comidas, pisadas, sufocadas ou murcharam. Mas algumas cresceram e produziram uma grande colheita. Crescimento e avanço no reino de Deus deve ser esperado em meio a reveses e fracassos aparentes. Às vezes, Deus atrai grandes multidões. Mas não faz isso sempre, talvez nem frequentemente.

Jesus ensinou que o reino era como um banquete celebrado por um rei do qual nenhuma pessoa de respeito ou de sucesso quis participar (Lc 14.15-24). Todas as pessoas nobres rejeitaram o convite e apresentaram desculpas para sua ausência. Por isso, o rei mandou seus servos saírem às ruas e reunirem, dentre a plebe, os pobres, os iletrados e os menosprezados do mundo. Isso não constituiria uma grande campanha de publicidade, mas essa é a sua descrição básica da igreja. A igreja é uma grande festa para os perdedores, os perdedores que compreenderam que Jesus pode salvá-los.

Penso que nós, os cristãos, ao falarmos sobre alcançar a cultura, às vezes queremos alcançá-la não por amor a Deus, e sim por amor a nós mesmos. Queremos ganhá-los pelos

simples prazer da ganhar. Queremos aceitação porque estamos cansados de parecer tolos. Queremos sucesso como o mundo o define. Queremos uma igreja livre de perdedores que é moderna e sofisticada.

Mas nada disso se enquadra no que Jesus nos fala sobre o seu reino. Ele não nos disse que o nosso alvo deve ser números, ou multidões adoráveis, ou aceitação cultural. Jesus nos disse que devemos amá-lo, amar uns aos outros, amar as pessoas do mundo por lhes falarmos sobre ele.

Quero aprender a ser fiel aos dois grandes mandamentos e à Grande Comissão, deixando os resultados com Deus. Quero alcançar o mundo porque amo realmente a Deus e o meu próximo.

Quero ser parte de uma igreja que integra a lista das mais fiéis de Deus.

Paulo disse que, "por meio da igreja", Deus está tornando conhecidas as verdades que ele manteve ocultas por séculos. Disse também que os céus se inclinam para assistir, admirados, a "multiforme sabedoria de Deus" sendo manifestada na igreja (Ef 3.9-11).

Essa parte do plano de Deus me deixa sem palavras. Ele escolheu incluir-nos. Com nossas falhas – com todas as nossas fraquezas, ciúmes, falta de discernimento e ignorância – ele nos permite realizar uma parte de sua história.

Por que ainda estamos aqui? Por que Deus ainda não nos

levou para o lar? Por que ele nos deu uma missão que parece tão difícil? Tão impossível? Porque ele quer nos dar histórias a contarmos no céu. Histórias a respeito de como ele nos capacitou quando pensávamos que não podíamos prosseguir. Histórias de como ele nos capacitou a amar em face de oposição, ódio e, até, morte. Histórias de como ele usou nossas vozes frágeis para anunciar a mensagem salvadora do evangelho. Histórias de como ele salvou pessoas que pensávamos estavam além do alcance da salvação. Histórias de como ele orquestrou o deprimente caos da história do mundo, para que no dia final pessoas de toda nação, tribo e língua estivesse presente na família de Deus. Histórias de como nossas igrejas ineficazes ainda conseguem manifestar a glória de Deus.

CAPÍTULO 10

Ortodoxia humilde

"Isto é o que reduz a minha arrogância mais rapidamente do que qualquer outra coisa: tentar viver a verdade que possuo."

Alguns anos atrás, estive em Seattle com um velho amigo que escrevera um livro popular sobre as suas reflexões e experiências pessoais com a fé cristã. Ele começou a falar-me das cartas que estava recebendo dos leitores. Disse que as mais severas eram aquelas que vinham de leitores que se apresentavam como pessoas que "se preocupavam com a doutrina". Seus e-mails eram severos, destacando os erros e as incoerências teológicas do que ele havia escrito.

Meu amigo não é um pastor nem um erudito bíblico. Ele é um poeta e escritor de histórias. Isso é o que torna seus escritos apelativos. Sinceramente, ele escreveu coisas erradas em seu livro. Acho que ele sabe disso. Mas percebi como



foi difícil para ele admitir isso quando a informação veio de pessoas cujas palavras e atitudes eram desagradáveis.

Como já aprendemos, *ortodoxia* significa pensar corretamente sobre Deus. É o ensino e a crença baseada nas verdades da fé, amadas, estabelecidas e provadas. E *doutrina* é simplesmente ensino cristão. Mas um dos problemas das palavras *ortodoxia* e *doutrina* é que elas têm sido citadas usualmente quando alguém está sendo repreendido. Por isso, ganharam má reputação, como um irmão mais velho que está sempre espiando pelos cantos, para pegar você fazendo algo errado.

Acho que essa é a razão por que cada geração de cristãos se depara com a tentação de resistir à ortodoxia. Mesmo que saibamos que algo é verdadeiro e certo, não gostamos que os outros nos digam que temos de crer em tal coisa. E, se o orgulho juvenil não fosse o bastante, a tentação de abandonar a ortodoxia realmente se intensifica quando seus advogados são antipáticos e egoístas.

Não sei outra maneira de dizer isto: às vezes, parece que muitas pessoas que se preocupam com ortodoxia são ignorantes.

Mas, por quê? A sã doutrina leva a pessoa necessariamente a ser argumentativa, irritante e arrogante?

Chegamos ao fim deste livro. Se você é novo na fé cristã, algumas das crenças da fé cristã que consideramos podem lhe

ter sido estranhas. Ou, se você estudou doutrina antes, talvez os capítulos tenham sido mais uma revisão. Mas, seja o nosso conhecimento teológico grande ou pequeno, todos nós precisamos fazer esta pergunta vital: o que *faremos* com o conhecimento de Deus que possuímos?

Ele nos levará a um desejo sempre crescente de conhecer e amar o Senhor? Afetará de maneira prática o que pensamos e como vivemos? Teremos a coragem de firmar-nos na verdade mesmo quando isso não é popular? E como expressaremos nossas crenças? Com humildade – ou com orgulho?

Não quero ser como as pessoas que escreveram cartas severas para meu amigo. Ao mesmo tempo, não quero ser como pessoas mal intencionadas que sei não se interessam e quase não se preocupam com as verdades cristãs. Elas nunca fazem os outros se sentirem incomodados com suas crenças, mas isso acontece porque dificilmente elas mesmas crêem em alguma coisa.

Temos de fazer uma escolha entre zelo pela verdade e amabilidade? Aceitar crenças profundas exige que percamos a humildade?

A maioria das pessoas quer escolher entre as duas. Mas a Bíblia não nos dá essa opção. Ela nos diz que precisamos de ambas. Precisamos de convicção, mas também precisamos de gentileza. Precisamos de ortodoxia, mas também precisamos de humildade.

Ele era jovem e temeroso. O que ele estava fazendo no pastorado? Ele se perguntava muitas vezes. Como ele poderia liderar uma igreja que estava arruinada por oposição? Ele queria ser ousado. Queria ser destemido. Orou pedindo a Deus que o tornasse assim. Mas sentiu-se tão isolado, tão completamente sozinho. Então, chegou-lhe uma carta. A mensagem da carta deve tê-lo atingido como um soco no estômago, deixando-o sem fôlego.

Seu amigo, mentor e pai na fé estava escrevendo para dizer adeus. Seu fim estava próximo.

Hoje chamamos essa carta de 2 Timóteo. Nós a lemos como um dos 27 livros do Novo Testamento. Vemos o seu texto nitidamente impresso, dividido em quatro capítulos, com versículos numerados e subtítulos descritivos. Nós a lemos como a história de alguém que viveu em um tempo e um lugar distantes.

Mas pergunto-me o que significou para Timóteo a leitura daquela carta. Para ele a carta não era a história de outra pessoa. Era a *sua* história. Não era uma história de um passado distante. Timóteo a leu no presente incerto e amedrontador. "Quanto a mim, estou sendo já oferecido por libação", escreveu o apóstolo Paulo, "e o tempo da minha partida é chegado" (2 Tm 4.6).

Paulo não seria mais liberto da prisão. Ele seria executado.

Poucas coisas que removem a confusão da mente como as

palavras de um homem piedoso que está prestes a morrer. Em 2 Timóteo, Paulo estava revendo uma vida que terminaria em breve. Ele olhou para diante, para o futuro desconhecido da igreja inexperiente, que tinha de agora continuar lutando sem a sua orientação. Não é surpreendente que haja tanta urgência e emoção nas palavras de Paulo.

E o que ele resolveu colocar em sua mensagem final? A preocupação norteadora de Paulo era a preservação do evangelho – o âmago da ortodoxia cristã. Para ele isso não significava provar que alguém estava errado, vencer uma argumentação ou acrescentar pessoas ao seu pequeno grupo. Para o apóstolo Paulo, ortodoxia faz a diferença entre vida e morte, céu e inferno. Se o evangelho é ou não é fielmente comunicado, isso determina se o mundo conhecerá a verdade salvadora a respeito de Jesus Cristo.

Paulo exortou Timóteo a não se envergonhar da verdade sobre a vida, o sofrimento e a ressurreição física de Jesus. "Lembra-te de Jesus Cristo, ressuscitado de entre os mortos, descendente de Davi, segundo o meu evangelho", escreveu Paulo (2 Tm 2.8).

Talvez você pense que dizer a um cristão: "Lembra-te de Jesus Cristo" é desnecessário. Os cristãos podem realmente esquecê-lo? Paulo sabia que eles podem. E, o que é pior, ele sabia que eles podem afirmar lealdade a Jesus, mas perder de vista o real significado de sua vida e sua morte.

A verdadeira mensagem do evangelho estava sob ataque. Os falsos mestres que se exibiam como cristãos negavam o evangelho, distorciam-no e o mudavam para servir aos seus desejos egoístas. Paulo comparou os ensinos deles a gangrena (2 Tm 2.17-18)– uma doença que degenera a carne humana tornando-a uma ferida aberta, de cor esverdeada, frequentemente curada pela amputação. Para Paulo, a comparação não era exagero. Um evangelho distorcido degenera a alma.

O único antídoto para Timóteo, disse Paulo, era continuar ensinando as verdades ortodoxas da fé que lhe haviam sido confiadas. "Mantém o padrão das sãs palavras que de mim ouviste com fé e com o amor que está em Cristo Jesus", instou Paulo. "Guarda o bom depósito, mediante o Espírito Santo que habita em nós" (2 Tm 1.13-14).

Algumas pessoas pensam na ortodoxia como algo sem vida e restritivo – um guia de pintura por números que inibe a criatividade. Mas Paulo viu a ortodoxia como um tesouro. Não era uma tela para auto-expressão. Era um "bom depósito", algo tão precioso que precisava ser guardado e protegido.

O trabalho de Timóteo era colocar em exibição a beleza de seu tesouro, preservá-lo e passá-lo adiante, inalterado, para aqueles que viriam depois. Paulo escreveu: "O que de minha parte ouviste através de muitas testemunhas, isso mesmo transmite a homens fiéis e também idôneos para instruir a outros" (2 Tm 2.2).

Ler 2 Timóteo me recorda a triste realidade de falsidade

e mentiras. Gostaria de viver num mundo em que as crenças fossem como diferentes sabores de um sorvete – nenhuma resposta errada, apenas opiniões diferentes. Mas esse não é o mundo em que vivemos. Vivemos em um mundo de verdades e mentiras. Vivemos num mundo em que a verdadeira revelação de Deus e as palavras agradáveis de charlatães e falsos profetas competem por nossa atenção. Um mundo em que há assassinatos, genocídio e a adoração de ídolos. Um mundo em que professores e escritores oferecem esperança vazia na realização humana e nas posses materiais (2 Tm 3.1-9). Um mundo cheio de mal e do Maligno, que está determinado a distorcer e destruir a verdade e aqueles que crêem nela (1 Pe 5.8).

Amor a Deus e amor ao próximo exigem opor-se à falsidade. Não há nada mais insensível do que ficar calado diante das mentiras que arruinarão outras pessoas. Às vezes, o amor exige que digamos: "A filosofia, embora popular e plausível, não é a verdade. Esta pessoa, embora seja agradável, talentosa e bem intencionada, está ensinando algo que contradiz a Palavra de Deus; portanto, o que ela ensina é mentira".

Paulo foi um exemplo desse tipo de coragem infundida por amor – coragem que estava disposta a contender pela verdade imutável de Deus que "uma vez por todas foi entregue aos santos" (Jd 3).

Você e eu precisamos estar dispostos a contender pela verdade. Mas existe uma linha delicada entre contender pela

verdade e ser contencioso. Penso que isso foi a razão por que, em sua instrução final a Timóteo, o velho apóstolo faz um esforço especial para dizer a Timóteo que, embora a ortodoxia seja importante, não é suficiente por si mesma.

A verdade é importante, mas a nossa atitude também é importante. Temos de viver, de falar e de interagir com os outros em um espírito de humildade. Paulo escreveu:

> E repele as questões insensatas e absurdas, pois sabes que só engendram contendas. Ora, é necessário que o servo do Senhor não viva a contender, e sim deve ser brando para com todos, apto para instruir, paciente, disciplinando com mansidão os que se opõem, na expectativa de que Deus lhes conceda não só o arrependimento para conhecerem plenamente a verdade, mas também o retorno à sensatez, livrando-se eles dos laços do diabo, tendo sido feitos cativos por ele para cumprirem a sua vontade.
>
> *2 Tm 2.23-26*

Acho essas palavras admiráveis à luz das circunstâncias de Paulo, que estava prestes a morrer. Ele viu que os falsos mestres estavam trabalhando para destruir a igreja. Havia sido traído e abandonado. Você esperaria que ele dissesse: "Destrua os hereges e não se preocupe os efeitos colaterais". Mas Paulo não diz isso. Em lugar disso, ele diz: "Não seja um ignorante".

> Não seja conflitante.
> Não seja distraído por questões secundárias.
> Seja amável.
> Seja paciente.
> Quando outras pessoas são más, suporte isso enquanto você confia em Deus.
> Quando você precisar corrigir alguém, faça-o com mansidão.

Mesmo quando Paulo estava se opondo aos falsos mestres – os inimigos da ortodoxia – ele esperava que sua correção os trouxesse à sensatez. Talvez ele imaginou a si mesmo estando presente quando Estêvão foi assassinado (At 7.54-60). Naquele dia ninguém pensava que Saulo, o destruidor da igreja, se tornaria Paulo, o defensor da igreja e um apóstolo de Jesus Cristo. Mas o Senhor ressurreto o resgatou e o comissionou a anunciar o evangelho no mundo.

A graça do Senhor foi manifestada a Paulo. Por isso, ele fez o mesmo para os outros, até para os seus oponentes. Ele se interessava genuinamente por pessoas que discordavam dele. Mesmo quando se opunha vigorosamente a tais pessoas, o que Paulo desejava não era vencê-las na argumentação, e sim ganhá-las para a verdade.

Meu colega Eric diz que o que os cristãos precisam nestes dias é ortodoxia humilde. Gosto dessa expressão. Acho que ela é uma boa descrição do que Paulo estava instruindo Timóteo a praticar. Os cristãos precisam ter um compromisso sério com a

sã doutrina. Precisamos ser corajosos em nossa posição em favor da verdade bíblica. Mas também precisamos ser graciosos em nossas palavras e interação com as outras pessoas.

Eric diz que muitos cristãos contemporâneos estão indiferentes para com a ortodoxia porque nunca a viram sendo defendida com humildade. Acho que isso é verdade. Muitos cristãos, especialmente os mais novos, estão fugindo da ortodoxia, não tanto por causa de doutrina, e sim por causa da arrogância e divisionismo associados com os que a promovem.

Então, por que as pessoas que se preocupam com ortodoxia e doutrina têm frequentemente uma aparência severa? Por que há tanta ortodoxia arrogante na igreja? A Bíblia diz que o "conhecimento" ensoberbece e que o amor edifica (1 Co 8.1). Desde que o primeiro homem e a primeira mulher, no jardim, afastaram-se de Deus para obterem o conhecimento agradável e proibido que a serpente lhes ofereceu, tem havido em todo coração humano uma inclinação de buscar o conhecimento para exaltar o ego, em vez de glorificar a Deus.

Tim Keller, em seu livro *The Reason for God* (A Razão para Deus), diz que todo pecado tenta achar um senso de identidade e significado sem Deus. "Portanto, de acordo com a Bíblia", escreveu Keller, "a maneira primária de definir o pecado não é o fazer coisas más, e sim o tornar as coisas boas em coisas *essenciais*".[1]

1 Timothy Keller, . *The reason for God:* belief in an age of skepticism. New York: Dutton, 2008. p. 162.

Aplicando isso ao tema que estamos abordando, o argumento de Keller é que, se tornamos essencial uma coisa boa, como a teologia correta – se para nós ser correto é mais importante do que Deus – então, nossa teologia não é mais, realmente, centralizada em Deus; é centralizada em nós. Ela se torna a fonte de nosso senso de valor e de identidade. E, se a teologia se centraliza em nós, desprezaremos e endemoninharemos aqueles que se opõem a nós.[2]

Conhecimento de Deus que não se traduz em exaltá-lo em nossas palavras e ações logo se tornará auto-exaltação. E atacaremos qualquer um que ameace nosso minúsculo Reino do Ego.

Se, quando estamos diante do majestoso conhecimento do caráter de Deus, nosso primeiro pensamento não é: *"Eu sou indigno e insignificante para conhecer o Criador do universo"*, devemos nos preocupar. Muitos de nós recebem um vislumbre do caráter de Deus e dizemos: *"Olhem* para mim, *assimilando tudo isso. Pensem em todos os coitados que nunca viram isso. Deus, o Senhor é certamente muito feliz em ter-me a contemplá-lo"*.

É lastimável que o pecado humano possa distorcer o ensino correto, assim como pode estragar tudo mais que é bom no mundo. Mas, isso deve nos fazer abandonar a busca e a defesa da verdade bíblica?

Paulo não pensava assim. Ele gastou os últimos momentos

2 Adaptei uma citação de Keller na qual ele aborda o assunto de política: "Se obtemos nossa identidade, nosso senso de valor, de nossa posição política, então, a política não se centraliza realmente em política, e sim em nós. Por meio de nosso caso, estamos obtendo um eu, nosso valor. Isso significa que temos de desprezar e endemoninhar a oposição" (*ibid.*, p. 168).

de sua vida exortando Timóteo a apegar-se à verdade sobre Jesus. E os problemas de orgulho e contendas não desapareciam mesmo que evitássemos a ortodoxia. Acharíamos outra coisa para lançarmos uns contra os outros. Acharíamos algo mais do que nos orgulharmos.

A solução para a ortodoxia arrogante não é menos ortodoxia; é mais ortodoxia. Se conhecemos e aceitamos a verdadeira ortodoxia, ela deve humilhar-nos. Quando sabemos a verdade sobre Deus – seu poder, sua grandeza, sua santidade, sua misericórdia – ela não nos leva ao orgulho. Ela nos deixa extasiados. Não nos leva à preocupação com sermos corretos, e sim à admiração quanto ao fato de fomos salvos.

A ortodoxia genuína – o âmago da qual é a morte do Filho de Deus em favor dos pecadores indignos – é a mensagem mais humilhante e mais esmagadora do orgulho humano. E, se conhecemos verdadeiramente o evangelho da graça, ele criará em nós um coração de humildade e graça para com os outros. Francis Schaeffer, um escritor e pensador cristão do século XX, foi um exemplo desse tipo de compaixão profunda. Ele amava genuinamente as pessoas. E, mesmo quando analisava e criticava a cultura, ele o fazia com "lágrimas nos olhos".[3]

Isso é ortodoxia humilde. É defender a verdade com "lágrimas nos olhos". É dizer a uma amiga que vive em pecado

3 D. A. Carson. *The gagging of God:* christianity confronts pluralism. Grand Rapids: Zondervan, 1996. p. 439.

sexual que nós a amamos e, ao mesmo tempo, que sua atividade sexual é desobediência a Deus. É lembrar que os oponentes do evangelho, irados e cruéis, são seres humanos criados à imagem de Deus e precisam da mesma misericórdia que Deus nos mostrou. É lembrar que, ao sermos arrogantes e cheios de justiça própria na maneira como representamos a ortodoxia, estamos realmente contradizendo com nossas vidas o que afirmamos crer.

Mas, embora não devamos ser rudes e detestáveis em representar a verdade bíblica, também não devemos pedir desculpas por crermos que Deus tem sido muito claro em sua Palavra. A humildade de que necessitamos em nossa teologia é primeira e principalmente a humildade diante de Deus. Como disse o pastor Mark Dever: "Teologia humilde é teologia que se submete à verdade da Palavra de Deus".[4] Isso é um bom lembrete para mim. Acho que é possível para mim, ou qualquer outra pessoa, reagir à ortodoxia arrogante com um tipo de teologia sentimental que crê que os outros são arrogantes se pensam que a Bíblia lhes ensina alguma coisa com clareza.

Mas a verdade pode ser conhecida. E o que a Bíblia ensina deve ser obedecido. O fato de que não podemos conhecer a Deus exaustivamente não implica que não possamos

4 Mark Dever. *Humble dogmatism.* Together for the Gospel. Disponível em: <http://t4g.org/2006/02/humble-dogmatism/>.

conhecê-lo verdadeiramente (Sl 19.7-10; Jo 17.17). O fato de que há mistérios na Palavra de Deus não significa que podemos imaginar que Deus não falou com clareza na Bíblia.

"Humildade cristã", Dever escreveu, "é aceitar com simplicidade o que Deus revelou em sua Palavra. Humildade é seguir a Palavra de Deus aonde quer que ela nos guie, aonde quer que ela nos leve, não indo além dela, nem ficando aquém dela... A humildade que desejamos em nossas igrejas é ler a Bíblia e crer nela... Não é humilde ser hesitante onde Deus tem sido claro e inconfundível".[5]

Não quero dar a impressão de que já cheguei à ortodoxia humilde. Quando obtenho certa medida de conhecimento teológico, muito frequentemente encho-me de orgulho. Mas eu lhe direi o que reduz a minha arrogância e justiça própria mais rápido do que qualquer outra coisa: tentar viver a verdade que possuo.

Você quer manter a sua ortodoxia humilde? Tente vivê-la. Não gaste todo o seu tempo formulando teorias sobre a ortodoxia, debatendo sobre ela ou fazendo blogs a respeito dela. Gaste mais energia vivendo a verdade do que se preocupando com o que o seu colega sabe ou não sabe. Não avalie a si mesmo pelo que você sabe. Avalie a si mesmo por sua prática do que você sabe.

5 Ibid.

Sei alguma coisa sobre a doutrina de Deus? Posso alistar os seus atributos de soberania, onipotência e amor? Então, devo viver essa verdade e parar de me preocupar, reclamar e ficar ansioso.

Sei alguma coisa sobre a doutrina da justificação? Posso dizer-lhe que sou justificado pela graça por meio da fé somente em Cristo? Muito bem. Então, deve viver essa verdade por arrepender-me de meus esforços indignos para merecer a aprovação de Deus. Devo chorar por causa de minha justiça própria quando penso e ajo para com os outros como se não fosse recipiente de graça pura e imerecida.

Sei alguma coisa sobre a doutrina da santificação? Conheço a prioridade da santificação e a realidade do pecado remanescente em minha vida? Então, por que atacar ou menosprezar outro cristão que parece menos santificado? Tenho muitas áreas em que preciso crescer. Devo orar para que Deus me dê mais do poder do Espírito Santo para capacitar-*me* a crescer em obediência.

Eis um exercício proveitoso. Considere novamente as doutrinas que estudamos neste livro e, no que diz respeito à sua vida, pense nas implicações de cada uma dessas doutrinas no mundo real, na vida real. Como seria o viver a verdade? O que mudaria em seus relacionamentos, suas palavras, suas atitudes e suas ações?

Penso que era isso que Paulo estava dizendo a Timóteo quando escreveu: "Tem cuidado de ti mesmo e da doutrina.

Continua nestes deveres; porque, fazendo assim, salvarás tanto a ti mesmo como aos teus ouvintes" (1 Tm 4.16). Não basta ter doutrina correta. Vida e doutrina não podem ser separadas. Nossas vidas revelam a beleza da verdade de Deus ou obscurecem-na.

O que me ajuda é lembrar que um dia, no céu, haverá apenas uma pessoa certa.

Desculpe-me, mas não será você. Nem eu.

Será Deus.

No céu, todos estarão errados em milhões de maneiras diferentes, no que diz respeito a milhões de coisas diferentes. A Bíblia nos diz que somente aqueles que crêem em Jesus Cristo, que se converteram do pecado e creram nele, estarão na presença de Deus. Mas, em inúmeras coisas secundárias, todos descobriremos quão errados estávamos.

Talvez algumas pessoas imaginem o céu como um lugar onde todas as pessoas "certas" celebram o fato de que chegaram lá. Mas acho que isso não é verdade. Penso que o céu será um lugar de humildade belíssima.

O fato engraçado é este: estou anelando por esse aspecto do céu. Mal posso esperar por aquela consciência de que todas as opiniões, atitudes, idéias e estratégias que eu tive nesta vida estavam simplesmente erradas.

Ninguém será orgulhoso. Ninguém se gabará. Todos desejaremos falar sobre quão errados fomos a respeito de tantas

coisas e quão amável foi Deus para conosco. Posso imaginar alguém dizendo: "Com toda seriedade, sou a pessoa mais indigna aqui".

Depois, outra pessoa dirá: "Não, amigo, muito mais graça foi necessária para que eu estivesse aqui. Você precisa ouvir minha história".

E diremos: "Não se ofenda, rei Davi, mas já ouvimos a sua história. Deixe outra pessoa contar a sua própria história". (É claro que o deixaremos compartilhar sua história depois.)

No fim da cada conversa, concordaremos em que, estando na velha terra, realmente não tínhamos a menor idéia de quão imerecida a graça realmente é. Nós a chamávamos de graça, mas, na verdade, não pensávamos que era totalmente graça. Pensávamos que tínhamos acrescentado uma pequena quantidade de alguma coisa boa. Que tínhamos feito algo para merecer. Para nossa vergonha, compreenderemos que, em graus diferentes, confiávamos em nossa inteligência, em nossa moralidade, na exatidão de nossa doutrina e em nosso desempenho religioso, quando em todo o tempo tudo era completamente graça.

"Porque pela graça sois salvos, mediante a fé; e isto não vem de vós; é dom de Deus; não de obras, para que ninguém se glorie" (Ef 2.8-9).

Cada um de nós terá muito do que se desculpar.

Estimo que nos dez mil primeiros anos no céu estaremos com o povo redimido de Deus nos desculpando, uns para os

outros, por todas as maneiras como julgamos um ao outro, brigamos por posições, fomos orgulhosos, causamos divisões e fomos arrogantes uns para com os outros. (É claro que isso é apenas uma estimativa; talvez isso demande os primeiros vinte mil anos.)

Imagino Paulo dizendo a Barnabé que sente muito por haver dividido o grupo por causa de Marcos. E admitindo para Marcos que ele, Paulo, deveria ter sido mais disposto a dar-lhe outra chance. Depois, todos os cristãos da Corinto do século I dirão a Paulo quão mal se sentem por haverem sido grande sofrimento para ele.

Todas as pessoas de igrejas que se dividiram por causa de coisas insignificantes, como instrumentos musicais, ficarão juntas e abraçarão uma às outras. Os batistas e os presbiterianos ficarão juntos, e um grupo terá de reconhecer para o outro que estava errado quanto ao batismo. Depois, o grupo que estava certo dirá que sente tristeza por seu orgulho e todos os comentários maldosos que fizeram. Então, não haverá mais divisão, e todo o assunto será esquecido.

Todos nos sentiremos felizes em perdoar uns aos outros. E diremos: "Mas Deus usou tudo isso para o bem. Não podíamos ver isso naquele tempo, mas ele estava agindo mesmo em nossa fraqueza e pecado".

Enquanto estamos neste mundo, devemos nos esforçar para sustentar nossas crenças com uma amabilidade e uma cordialidade que não nos embaraçarão no céu.

A atmosfera do céu removerá a falta de clareza que tão frequentemente obscurece a nossa percepção neste vida. Na eternidade, veremos a tolice da justiça própria e de contender por coisas não essenciais. Mas também veremos com profunda nitidez quão essenciais são realmente as coisas essenciais. Veremos quão preciosas são realmente as verdades do evangelho.

Olharemos nos olhos uns dos outros e não pararemos de dizer: "Era tudo verdade! Era tudo verdade!" Cada palavra. Cada promessa.

Veremos que a cruz conquistou realmente a morte e o inferno e purificou os nossos pecados. Veremos a recompensa eterna de crer em Jesus e o sofrimento eterno de rejeitá-lo. Olharemos para trás e veremos que Deus nunca nos abandonou, nem mesmo por um milésimo de secundo. Que ele esteve conosco em cada momento, mesmo naqueles momentos mais sombrios de desespero e de aparente abandono. Saberemos, de maneira mais profunda do que podemos agora imaginar, que Deus fez todas as coisas operarem juntas para o nosso bem. E veremos que Jesus foi realmente preparar um lugar para nós, como ele disse.

E tudo que fizermos por Jesus nesta vida valerá a pena. Toda vez que nos posicionamos a favor da verdade e parecemos insensatos. Toda vez que compartilhamos o evangelho. Todo ato de serviço. Todo sacrifício.

Conheceremos homens e mulheres de toda nação da velha terra os quais perderam sua vida na causa do evangelho – mártires que morreram, em vez de abandonarem as verdades imutáveis da fé. Conheceremos pessoas que perderam lares e famílias e cujos corpos foram açoitados e queimados porque se recusaram a renunciar o nome de Jesus. E os honraremos, e todos entenderemos que o que eles perderam e sofreram não era nada em comparação com o que ganharam.

Ninguém dirá: "Gostaria de ter crido menos. Gostaria de ter me importado menos com o evangelho".

Jesus disse que pessoas que vêm a ele e ouvem suas palavras e as colocam em prática são semelhantes a um homem que, ao edificar sua casa, cavou uma profunda vala e lançou o alicerce sobre a rocha. Quando veio a enchente e o rio arrojou-se contra a casa, ela não pôde ser abalada (Lc 6.46-49).

À medida que saímos para cumprir a vida diária – comendo, dormindo, estudando, trabalhando, nos apaixonando, estabelecendo famílias e criando filhos – todos nós cremos em coisas específicas sobre o que é importante na vida, sobre qual é nosso propósito neste mundo. De uma maneira ou de outra, todos cremos algo a respeito de Deus.

Nossas vidas são como casas. E cada uma delas é edificada sobre algum alicerce de crença. E a questão é se o que cremos é verdadeiro – se resistirá à enchente de sofrimento nesta vida, o rio da morte e o julgamento final diante de nosso Criador.

Jesus disse que um alicerce inabalável para a vida se acha somente em conhecê-lo, em crer em suas palavras e viver por sua verdade. A pergunta mais importante que alguém pode fazer é: estou edificando a minha vida sobre quem Jesus é e o que ele fez? A minha vida está edificada sobre a rocha de um verdadeiro conhecimento de Deus?

Ser alicerçado nesta rocha não nos torna melhores do que as outras pessoas. Deve nos torna cientes de quão dependentes somos. A única coisa que nos capacita a permanecer firmes é Jesus e suas palavras. A única coisa que nos capacita a conhecer e habitar com Deus é a rocha sólida do Salvador.

A mensagem da ortodoxia cristã não é que eu sou certo e que a outra pessoa está errada. A mensagem é que sou errado, mas, apesar disso, Deus encheu-me de sua graça. Sou errado, mas Deus preparou um meio pelo qual eu posso ser perdoado, aceito e amado por toda a eternidade. Sou errado, mas, apesar disso, Deus mandou seu Filho, Jesus, para morrer em meu lugar e receber minha punição. Sou errado, mas por meio da fé em Jesus posso ser tornado justo diante de um Deus santo.

Isto é o evangelho. Isto é a verdade que toda a doutrina cristã celebra. É a verdade que todo seguidor de Jesus é chamado a amar e preservar. E até morrer por ela. É a única verdade sobre a qual podemos edificar nossa vida e fundamentar nossa esperança eterna.



A Editora Fiel tem como propósito servir a Deus através do serviço ao povo de Deus, a Igreja.

Em nosso site, na internet, disponibilizamos centenas de recursos gratuitos, como vídeos de pregações e conferências, artigos, e-books, livros em áudio, blog e muito mais.

Oferecemos ao nosso leitor materiais que, cremos, serão de grande proveito para sua edificação, instrução e crescimento espiritual.

Assine também nosso informativo e faça parte da comunidade Fiel. Através do informativo, você terá acesso a vários materiais gratuitos e promoções especiais exclusivos para quem faz parte de nossa comunidade.

Visite nosso website

www.editorafiel.com.br

e faça parte da comunidade Fiel

Editora Fiel

Esta obra foi composta em Chaparral Pro (12/18-90%)
e impressa por Imprensa da Fé sobre o papel Lux Cream 70g/m^2,
para Editora Fiel, em dezembro de 2011.

Sobre o que você edificará sua vida?

As reflexões sérias, envolventes e até cômicas de Harris sobre as crenças cristãs mostram que a ortodoxia não é apenas para eruditos. Como Harris escreve: "Cheguei a aprender que a teologia é importante. É importante porque o que sabemos a respeito de Deus molda a maneira como pensamos e vivemos. A teologia é importante porque, se a entendermos de modo errado, toda a nossa vida será errada".
Enquanto Harris o desfia a arraigar sua fé e sentimentos para com Deus na pessoa, obra e palavras de Jesus, ele responde a perguntas como estas

- **Como é Deus e como ele fala comigo?**
- **O fato de que Jesus é tanto humano como divino faz alguma diferença?**
- **Como a morte de Jesus, na cruz, paga a penalidade dos meus pecados?**
- **Quem é o Espírito Santo e como ele opera em minha vida?**

Se você está apenas começando no cristianismo ou já é um crente veterano, este livro o ajudará a descobrir as verdades eternas da Escritura.



"Esta é uma leitura humilhante, inspiradora e revigorante."
J. I. PACKER, autor de *O Conhecimento de Deus*

"Quando Joshua e a ortodoxia humilde se unem, como vemos neste livro, o resultado é um testemunho proveitoso, humilde e corajoso da verdade bíblica".
JOHN PIPER, *Desiring God Ministries*

"Josh foi muito bem-sucedido em nos dar um livro que é claro, envolvente, direto, consistente, fácil de ler, correto, teocêntrico, equilibrado e engraçado – e tem figuras!"
MARK DEVER, *9Marks Ministries*

EDITORA FIEL

ISBN 978-8581320090

9 788581 320090

Categorias: Vida Cristã